VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XI

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Junho

17.º DIA DE JUNHO

O BEM-AVENTURADO PAULO D'AREZZO

Cardeal-arcebispo de Nápoles

O bem-aventurado Paulo D'Arezzo, nascido, como seu amigo Santo André Avelino, no reino de Nápoles, em 1511, em Itri, pequena cidade da diocese de Gaeta, doutor em direito pela universidade de Bolonha, distinguiu-se, durante longo tempo, como advogado e conselheiro real. Com a idade de quarenta anos renunciou às esperanças que tinha de progredir no mundo, entrou para os Teatinos, fêz o seu noviciado com Santo André, sob o bem-aventurado Marino, e tornou-se superior da casa de Nápoles. Empenharam-se, em vão, em arrancá-lo do retiro: ofereceram-lhe dois bispados, que recusou. Não aceitou uma embaixada na Espanha senão por ordem formal do papa, transmitida por São Carlos Borromeu. Pio V obrigou-o a aceitar o bispado de Placência. Para ali se dirigiu imediatamente após a sagração. Teve a dor de verificar que pouco se freqüentavam os sacramentos, que as práticas da piedade eram negligenciadas, que a corrupção havia penetrado até no santuário. Para coibir tais abusos, empregou todos os meios que lhe sugeria o zêlo

esclarecido. Mas entre êsses meios, o mais eficaz foi o exemplo. O fervor, a modéstia, a afabilidade, a doçura, o amor pela simplicidade, o rigor e a continuidade de penitência, as esmolas, mereceram-lhe a confiança e a veneração de todos os seus diocesanos.

Criado cardeal por Pio V, tomou parte na promoção de Gregório XIII, que o consultou freqüentemente, bem como o seu sucessor, sôbre os negócios mais importantes. Assistiu ao terceiro concílio provincial de São Carlos Borromeu, e apoiou, com o seu voto, as úteis regras estabelecidas. Construiu em Placência diversos estabelecimentos, e fundou entre outras, duas casas, uma para os órfãos e outra às mulheres penitentes. Manteve dois sínodos, em que publicou as regras que serão um monumento eterno de seu zêlo pela disciplina eclesiástica. Transferido de Placência em Nápoles, por Gregório XIII, ali continuou suas obras de reforma e edificação, e morreu santamente em 17 de junho de 1578, em conseqüência de um acidente que lhe fraturou a perna. Tinha a idade de sessenta e sete anos, e era estimado de todos os santos da época, particularmente de São Carlos Borromeu e de São Filipe de Neri. (1)

* * *

---

(1) Godescard, 17 de junho.

SÃO MARCIANO E SÃO NICANDRO

Mártires

Eram ambos oficiais do exército romano e casados. Serviram dez anos numa guerra contra os bárbaros, numa época em que havia mais de um imperador, como Marco Aurélio, por exemplo, que reinou varios anos com o irmão Lúcio Vero. Tendo chegado a conhecer Jesus Cristo, Nicandro disse a Marciano:

— Meu irmão em Jesus Cristo, sabei que resolvi servir doravante o Rei do reis, porque a figura dêste mundo passa, como disse o Apóstolo.

— Caríssimo irmão, respondeu Marciano, vossa palavra penetrou até o mais íntimo de minha alma. Se julgais conveniente, abandonaremos a milícia e anunciaremos a Cristo nas cidades, a fim de recebermos, um dia, a recompensa.

Abandonaram a milícia do século e começaram a anunciar o Salvador nas cidades da Campanha. Os pontífices dos ídolos ficaram alarmados e fizeram ver ao imperador que, se deixasse agirem os dois, o culto dos deuses seria em breve abandonado pelo culto de Jesus Nazareno, que foi crucificado. Os imperadores enviaram imediatamente o presidente Máximo para obrigá-los a sacrificar aos ídolos e sofrer a morte.

O presidente mandou vir à sua presença Nicandro e Marciano, dizendo-lhes:

— Se não ignorais as ordens dos imperadores, que vos ordenam sacrificar aos ídolos, aproximai-vos e fazeis o que vos é mandado.

— Essa ordem de sacrificar, respondeu Nicandro, diz respeito aos que o querem; mas nós somos cristãos, e não podemos estar sujeitos a ordens dessa espécie.

— Por que não recebeis o sôldo de vossa dignidade? perguntou Máximo.

— Porque, retrucou Nicandro, o dinheiro dos ímpios é um contágio aos homens que querem servir a Deus.

— Honrai os deuses com incenso.

— Como poderá um cristão adorar pedras e madeira, abandonando o Deus imortal que adoramos, que fêz do nada tôdas as coisas, e que pode salvar-me, bem como aos que nêle esperam!

A mulher de São Nicandro, chamada Daria, que estava presente, encorajava-o dizendo:

— Não faças o que te pedem; não renegues a Cristo. Olha para o céu e verás aquêle que te guarda a fé e a consciência; porque êle é teu sustentáculo.

Máximo gritou:

— Ó perversa cabeça de mulher! Por que desejas a morte de teu marido?

— Para que viva eternamente junto de Deus, disse ela, e para que não morra jamais.

— Não é por isso; é por desejares um marido mais robusto, que queres que êste seja privado da vida mais ràpidamente, tornou Máximo.

— Se me suspeitais capaz de tais sentimentos, retrucou ela, fazei-me morrer por Jesus Cristo, suposto, todavia, que tendes ordens no tocante a mulheres.

— Não as tenho, respondeu Máximo. Assim, não farei como desejas. Irás, contudo, para a prisão. E êle mandou conduzi-la ao calabouço.

Voltando-se para Nicandro, disse-lhe:

— Não escuteis as palavras de vossa mulher, a fim de que não sejais, em breve, privado da luz. Se quiserdes, tomai um prazo para deliberar sôbre se vale mais morrer ou viver.

Nicandro retrucou:

— O prazo que prometeis conceder-me, suponde-o já passado; já deliberei e tomei a firme resolução de nada desejar, além da salvação.

O presidente disse em alta voz, ao mesmo tempo que Nicandro: *gratias Deo*, graças a Deus. O presidente acreditava que o mártir falava da salvação desta vida e que estava pronto a sacrificar. Levantou-se por isso muito contente com o assessor. Mas Nicandro rendia graças a Deus e lhe pedia em voz alta fôsse libertado da corrupção e das tentações do mundo. Então, Máximo lhe disse:

— Como? Há pouco pedíeis para viver, e eis que desejais novamente morrer?

Nicandro replicou:

— Desejo viver a vida eterna, não a vida corporal dêste mundo; eis porque vos entreguei o meu corpo. Fazei o que quereis: sou cristão.

— E vós, Marciano, disse Máximo ao outro mártir, que pensais?

Marciano redarguiu:

— Sustento absolutamente as mesmas coisas que o meu companheiro de armas.

— Pois bem! concluiu o presidente. Ireis ambos para a prisão, com a certeza de sofrer a pena.

Vinte dias após, o governador Máximo mandou-os comparecer novamente:

— Tivestes suficiente tempo para saber se quereis obedecer às ordens imperiais.

Marciano respondeu:

— A multidão de vossas palavras não nos fará renegar a fé nem a Deus. Porque nós o vemos presente, e sabemos que nos chama. Não vos detenhais; é hoje que nossa fé será completa em Jesus Cristo. Enviai-nos imediatamente, a fim de que vejamos o Crucificado, que vós não hesitareis em amaldiçoar com vossa bôca culpada, mas que nós veneramos e adoramos.

— Eis que, conforme vosso desejo, sereis entregues à morte, falou o governador.

— Pedimo-vos, pela salvação dos imperadores, que nos envieis prontamente, não por temermos os suplícios, mas para que possamos gozar mais depressa do que desejamos.

— Vós não sois meus adversários, e não sou eu que vos persigo, mas as ordenações dos imperadores. Se sabeis, pois, com certeza, que ireis para um lugar de bem, felicito-vos: que vosso desejo seja satisfeito. E pronunciou contra êles a sentença capital. Os santos mártires do Cristo responderam ao mesmo tempo: A paz esteja convosco, governador humano! E partiram, alegres, e bendizendo a Deus.

Nicandro era seguido de sua mulher Daria e de Papiniana, irmã do mártir Pasicrato: levava o jovem filho de Nicandro, e felicitava aquêle por sua felici-

dade. Marciano era seguido dos parentes e de sua mulher, que com as vestes rasgadas, assim se lamentava: Eis, Marciano, o que vos dizia na prisão, temendo e implorando o que acontece agora. Infeliz de mim! Vós não me respondeis. Tende compaixão de mim, senhor, olhai vosso bem amado filho; voltai-vos para nós e não nos desprezeis.

Marciano volveu os olhos para ela, e olhando-a severamente, disse: Até quando Satanás cegará a tua inteligência? Afasta-te de nós. Deixa-me cumprir o martírio em honra de Deus.

De outro lado, o cristão Zótico tomou-lhe a mão e disse: Tende coragem, senhor, meu irmão. Combatestes o bom combate: a nós outros, mesquinhos, de onde nos virá fé tão grande? Lembrai-vos das promessas do Senhor, promessas que irá cumprir em vós. Sois verdadeiramente cristãos perfeitos e bem-aventurados.

Como a mulher do mártir continuava a aproximar-se dêle chorosa, agarrando-o por trás, Marciano pediu a Zótico que a retivesse. Quando chegaram ao local do suplício, êle mandou que a trouxessem à sua presença, e, beijando-a, lhe disse: Retira-te no Senhor. Não poderás ver-me celebrando o martírio; teu espírito está obcecado por um espírito do maligno. Depois, abraçando o filho, e levantando os olhos aos céus, disse:

— Senhor Deus, todo-poderoso, protegei meu filho.

Então os dois santos se abraçaram e foram cada qual para o seu lugar de martírio.

"Marciano viu que a mulher de Nicandro não podia aproximar-se, por causa da multidão. Esten-

deu-lhe a mão e levou-a para junto do marido. Nicandro disse à mulher: Que Deus esteja contigo, minha irmã. Ela respondeu: Meu senhor, tende coragem. Coroai vosso combate. Passei dez anos na pátria sem vós. Em todos os momentos pedia a Deus para ver-vos. Vi-vos e felicito-vos agora que partis para a vida. Eis que me glorificarei de vós mais do que nunca, sendo espôsa de um mártir. Tende, pois, coragem, senhor, e prestai testemunho a Deus, a fim de livrar-me também da morte eterna. São Nicandro interrompeu-a: Onde está nosso filho? Quero abençoá-lo. Eis Papiniana que o carrega nos braços, disse a mãe. São Nicandro, tomando-o nos braços, beijou-o longamente, abençoou-o, e devolveu-o à mãe. O carrasco separou, em seguida, os dois mártires, vendou-lhes os olhos e cortou-lhes a cabeça, em 17 de junho. Os corpos repousam na cidade de Venafre, na Campanha, com Santa Daria, mulher de Nicandro e seu filho. (1)

* * *

(1) Ruinart et Acta SS., 17 junho.

SÃO BESSARION (*)

A n a c o r e t a

Século IV

Bessarion, contemporâneo de João de Licópolis, era egípcio. Segundo a tradição, foi discípulo de Santo Antônio e de São Macário de Sceta.

Velho e sem nada de seu, era caridosíssimo, sempre trazendo consigo o santo Evangelho, que "era tôda a sua biblioteca". Conta-se de São Bessarion que, um dia, encontrando um morto completamente nu, envolveu-o no seu casacão. Mais adiante, deparou com um mendigo, também nu. Disse o Santo para si mesmo:

— Renunciei a tudo, mas estou vestido e meu irmão regelado. Se êle morrer de frio não serei eu um homicida? Que fazer? Cortar minha túnica ao meio? Mas êste lado assim rasgado não servirá nem a um nem a outro. Darei tôda inteira àquele que Deus criou à sua imagem? Que mal haveria se me excedesse um pouco na caridade?

E São Bessarion chamou o pobre nu, ocultou-se, despiu-se, deu-lhe a túnica e saiu, muito satisfeito, nu e nu, com o Evangelho debaixo do braço.

Quando esbarrou com um conhecido, perguntou-lhe êste:

— Que te aconteceu, meu pai?

E Bessarion, apontando o Evangelho, sempre debaixo do braço, respondeu com tôda a sinceridade:

— Tudo por causa disso.

O conhecido, sorrindo, deu-lhe o próprio casaco que trazia.

Continuando a caminhada que fazia, não tardou a encontrar outro pobre. Que lhe daria agora? Pensou um momento, chamou o mendigo, correu com êle ao mercado, vendeu o Evangelho e o apurado deu-o ao coitado.

Quando Doulas, o discípulo, reuniu-se a Bessarion, estranhou:

— Que foi feito, perguntou, curioso, de teu livro, meu pai?

Tranqüilamente o Santo respondeu:

— Não te zangues comigo, se to disser, irmão. Vendi-o.

— Vendeu-o?

— Sim, vendi-o. Vendi o livro em que se lê: *Vende tudo o que tens e dá-o aos pobres.*

* * *

SANTO HIPÁCIO (*)

Abade

A vida de Santo Hipácio foi escrita por um discípulo, Calínico, sendo a narrativa um dos primeiros monumentos da história monástica grega.

Nascido na Frígia, Santo Hipácio foi educado pelo pai, um letrado que ao filho quis incutir o gôsto da retórica. Hipácio, ùnicamente, desejava, e com ardor, fazer-se monge, daí ser constantemente surrado pelo velho erudito.

Um dia, resolveu fugir. E fugiu, passando para a Trácia, onde, por uns tempos, fêz-se pastor. Satisfeito da vida, a cantar, guardava o rebanho. Certa vez, ouviu-o um sacerdote. Maravilhou-se com a bela voz, forte e sonora, do pastor.

Disse consigo mesmo:

— Ah, se se ensinasse o saltério àquele jovem e o fizessem chantre na igreja de Deus!

Hipácio, com efeito, aprendeu, e "era maravilhoso ouvi-lo". Contudo, pouco depois, procurava um velho asceta, que fôra soldado, chamado Jonas, e, com êle, fundou um mosteiro, mosteiro deveras procurado pelos recrutas e que, assaltado pelos hunos, galhardamente resistiu, com o velho Jonas a comandar os homens e a dirigir a luta.

Anos mais tarde, ambos os dois se encontravam em Constantinopla, à cata de víveres para o povo do

país devastado pelos bárbaros. Aqui, Hipácio encontrou o pai. E a reconciliação foi tocante.

De Constantinopla, conta-nos Calínico, Hipácio buscou a Calcedônia, na Ásia, indo instalar-se nas ruínas de um mosteiro fundado por Rufino. O *Rufiniano* tinha péssima reputação. Ali, nos escombros, habitavam demônios. Hipácio ocupou o lugar e afugentou a todos os maus espíritos.

Ora, perto vivia uma diaconisa que, sabendo das virtudes do Santo, desejou prová-lo. Foi procurá-lo e propôs viver com êle.

Hipácio afastou-se, olhando-a severamente e disse, contundente:

— Afasta-te de mim, Satanás!

Ela, cheia de admiração, afastou-se, e, desde aquêle dia, caridosamente, ao Santo enviava alimento.

Com Santo Hipácio o *Rufiniano* transformou-se: grande número de discípulos passou a viver sob a direção do santo abade, tornando-se célebre e muitíssimo procurado.

Começava-se, naqueles tempos, a propagação dos erros nestorianos. Santo Hipácio combateu-os rigorosamente. Vendo nos jogos olímpicos uma como continuação ou sobrevivência pagã, lutou contra êles com grande afinco. Ao falecer, contando possìvelmente oitenta anos, disse, com calor:

— Vamos, rejubilemo-nos todos em honra do Senhor!

Santo Hipácio tornou-se célebre pelos milagres e profecias. A êle muito se recorria contra os animais depredadores.

* * *

SANTO HERVÊ (*)

A b a d e

Século VI

Santo Hervê, segundo a lenda, era filho de Hyarnion e de Rivanone.

Hyarnion, o bardo, piedoso e casto homem, deixou a côrte do rei Childeberto para retirar-se à terra natal, a Bretanha. A caminho, adormeceu, e um anjo a êle em sonhos apareceu, ordenando-lhe que se casasse com uma jovem, a pura Rivanone.

Desperto, impressionado pelo sonho, Hyarnion não tardou encontrar a mulher que o anjo lhe propusera.

Do casamento de ambos nasceu Hervê, que, pouco depois, tornou-se cego. Menino predestinado, buscou com avidez a solidão. Conta-se que um lôbo o guiava.

Santo Hervê dirigiu um mosteiro em Plouvien, depois transferido para Lanhouarneau, onde faleceu e foi sepultado.

Consta que Santo Hervê participou do concílio do Menez-Bré, reunido contra o tirano Conomor.

* * *

SÃO BOTULFO E SANTO ADOLFO (*)

Confessores

Século VII

Botulfo e Adolfo foram irmãos, nascidos de nobres saxões, no princípio do século VII, na diocese de Ely, segundo uma *Vida* escrita por um abade de Thorney. O breviário de Slesvig, contudo, dá-os como irlandeses.

Educados com esmêro no cristianismo, terminaram os estudos na Gália bélgica ou na Germânia.

São Botulfo foi o fundador do mosteiro chamado de Ikanhoe, erguido por volta de 654, num terreno cedido na Grã-Bretanha pelo príncipe daquele país, que foi muito instado pelas irmãs.

Falecido em 680, em paz, viu a fundação florescer e crescer.

Quanto a Adolfo, teria sido elevado ao episcopado de Maestricht ou Utrecht.

As relíquias de ambos repousavam em Ikanhoe. Tomado o mosteiro pelos dinamarqueses, foram salvaguardadas, sendo, mais tarde, distribuídas pelas abadias de Thorney, de Ely e de Westminster.

* * *

SÃO MOLING (*)

Bispo

Século VII

São Moling nasceu na Irlanda, no distrito de Kensellagh, condado de Wexford, numa família que vinha dos reis de Leinster.

Tendo tomado o hábito no mosteiro de Glendalough, que se situava a oeste de Wicklow, deixou-o mais tarde para ser o abade de Aghacainid.

Aghacainid sofreu, sob o Santo, grande transformação, tanto no espiritual como no temporal, por isso que ficou conhecido como Teghmolin, nome que veio honrar o Santo.

Dado ao jejum, à oração e às mortificações de tôda sorte, diz-se dêle que viveu, por vários anos, no ôco de um vasto carvalho.

Quando o bispo Aidan, de Ferns, faleceu, foi Moling eleito para preencher a vaga deixada na sé, tendo sido, depois, proclamado arcebispo de Leinster.

Falecido a 17 de junho, possìvelmente no ano de 697, foi enterrado em Teghmolin. Perpetuou-se-lhe o nome na cidadezinha de Mullins, surgida na vizinhança do mosteiro.

* * *

SANTA TERESA DE PORTUGAL

Rainha

e SANTA SÂNCIA (*)

Virgem

Teresa e Sância eram filhas do segundo rei de Portugal Sancho I, apelidado de o Povoador, e de Aldonça.

Teresa nasceu em 1176, no palácio real, então em Coimbra, onde se levava vida muito simples, em que a rainha e as filhas passavam o tempo a fiar e a bordar, e os meninos a brincar. Aldonça teve de Sancho I três filhos e cinco filhas, das quais, como já vimos em maio, no dia 2, Mafalda é honrada com o título de bem-aventurada.

Teresa notabilizou-se pela piedade e pela beleza fora do comum. Em 1189, ou no ano seguinte, casou-se com o primo, Afonso IX, rei de Leão, sem a dispensa do papa, que, logo mais, declarou nula a união. Sòmente em 1192, sob Celestino III, que convocou o concílio de Salamanca para resolver a questão, decidiu-se da sorte dos esposos, ainda vivendo em comum. Obedecendo a decisão pontifical de 1195, separaram-se, quando já tinham três filhos.

Teresa deixou a terra que governava com o espôso e voltou a Portugal. Depois da morte do pai, ocorrida em 1212, recolheu-se a um mosteiro de Lorvão, fundado antes da época moura, introduzindo-lhe a reforma cisterciense.

Acompanhada da mais moça das irmãs, Branca, Sância, que ficara só, deixou o castelo que possuía aos franciscanos, fundou o mosteiro de Celas, perto de Coimbra, e ali viveu com outras reclusas, operando milagres. Faleceu em 1229, a 11 de abril. Conduzido por Teresa, foi o corpo sepultado em Lorvão.

Santa Teresa, que também operou milagres, faleceu a 17 de junho de 1250, a abraçar o crucifixo. Sepultada ao lado de Sância, muitos prodígios foram por Deus realizados à beira do túmulo de ambas as irmãs. Tantos foram então os peregrinos, que houve necessidade de lhes transportar o corpo para o interior do mosteiro.

No martirológio cisterciense Santa Teresa é festejada no dia 17 de junho e Santa Sância a 11 de abril.

* * *

SÃO RANIERO (*)

Confessor

São Raniero era natural de Pisa, tendo sido convertido por Alberto da Córsega, homem de grande santidade que a tudo abandonara para seguir Nosso Senhor Jesus.

Vivendo solitàriamente, depois de um certo tempo perdeu a vista. Os pais, consternados, foram procurá-lo, e tanta era a dor que lhes ia na alma que Raniero, comovidíssimo, obteve de Deus a própria cura.

A uma ordem do Senhor, demandou os Lugares santos. Alimentando-se sòmente duas vêzes por semana, embora se desse a rudes trabalhos, nem por isso perdeu o vigor que sempre teve.

Quatro anos depois da ordem recebida, satisfez o ardente desejo que lhe consumia a alma: tomou o hábito de peregrino. Com mais ardor do que então, revisitou os santos Lugares, e passou a viver de esmolas.

Favorecido na Terra santa com numerosas visões, Nosso Senhor, por secreta inspiração, fê-lo tornar à cidade natal.

Em Pisa, procurou os cônegos regulares, os quais, pouco mais tarde, deixava para se estabelecer no mosteiro de São Guido.

Em São Guido, Raniero foi mais humilde e mais dado às mortificações. Operou milagres, expulsou demônios e predisse a morte, que o levou desta para melhor vida no dia 17 de junho de 1160, numa sexta-feira.

Enterrado pelo cônsul de Pisa, depois de 1591 foi o corpo do bem-aventurado Raniero depositado, com grande solenidade, na catedral da cidade.

Pouco antes da morte, São Raniero formulou uma bênção para o pão e a água, que, bentos por êle ou por qualquer outro, mas empregando a fórmula, apaziguavam tempestades, curavam numerosas doenças, livravam possessos e libertavam prisioneiros.



BEM-AVENTURADO PEDRO GAMBACORTA (*)

Confessor

Nascido em Pisa, no dia 11 de fevereiro de 1355, Pedro, quando contava três anos de idade, foi, com os pais, expulso da cidade pelos inimigos, e levado ao exílio.

Feito moço, tocado pela morte do irmão e da mãe, retirou-se à solidão, num lugar perto de Urbino, chamado Montebelo, por causa do panorama que dali se descortinava sôbre o Adriático.

Vivendo de esmolas, economizando o que recebia, conseguiu construir um mosteiro e uma igreja em honra da Santa Trindade, acabada no ano de 1380.

Os primeiros companheiros de Pedro foram ladrões e salteadores que converteu pela paciência e piedade. Vivendo debaixo de uma regra que o bem-aventurado estabelecera, levavam os dias em duras penitências e em longas horas de oração.

Depois de 1384, fundou êle mais dois conventos: um segundo em Urbino e outro em Fano, dando aos religiosos o nome de pobres de São Jerônimo. Depois da morte, em lembrança do fundador, a congregação passou a chamar-se do bem-aventurado Pedro de Pisa.

Em 1393, tomando conhecimento do assassínio do pai, à instigação de Giacomo Appiano, da morte ou desaparecimento de três irmãos, sentiu-se violentamente tentado a realizar contra o inimigo terrível vingança. Contudo, dominando-se, orando mais e mais jejuando, soube vencer tão diabólico arroubo.

Falecido em 1435, desconhece-se o local em que foi enterrado.



No mesmo dia, em Chambon, São Justo (século III).

Em Chatillon-sur-Loire, São Pozan.

Em Sezanne, São Blier, confessor (século VII).

Em Forest, Bélgica, Santa Alena, virgem, nascida de pais pagãos em Dielbeck perto de Bruxelas, falecida em 640.

Em Avinhão, São Veredêmio, bispo, também chamado Vrimo, falecido em 720 ou 722. Muitas das antigas igrejas rurais da região foram dedicadas a êste santo bispo.

Em Orléans na Gália, Santo Avito, padre, depois abade de Micy. Faleceu em 530 (?)

No mesmo dia, em Roma, a festa de duzentos e sessenta e dois santos mártires, que morreram pela fé de Jesus Cristo, durante a perseguição de Diocleciano, e que foram enterrados na antiga via Salaria, no sopé da colina do Concombro.

Em Terracina, São Montano, soldado, que sob o imperador Adriano e o cônsul Leôncio, recebeu, após tormentos vários, a coroa do martírio.



Estátua de São Avito, na Igreja de Nossa Senhora, em Corbeil.

Na Calcedônia, os santos mártires Manuel, Sabel e Ismael. Haviam vindo ao encontro de Juliano, o Apóstata, na qualidade de embaixadores do rei da Pérsia, para concluir com êle a paz. Juliano quis constrangê-los a adorar os ídolos. Recusando-se, pereceram pelo gládio.

Em Apolônia, na Macedônia, os santos mártires Isauro, diácono, Inocente, Félix, Jeremias, e Peregrino, todos atenienses, que, após haverem sido torturados de mil maneiras pelo Tribuno Tripôncio, foram decapitados.

Em Amélia, na Úmbria, Santo Himério, bispo, cujo corpo foi transportado para Cremona.

No Berri, São Godulfo, bispo.



18.º DIA DE JUNHO

SANTA ISABEL

Abadêssa de Schoenaug

Santa Hildegarda, cuja festa a Igreja celebra em 17 de setembro, estava ligada por laços de amizade a outra santa da Alemanha que a visitava algumas vêzes e que havia feito revelações semelhantes. Trata-se de Santa Isabel, abadêssa de Schoenaug, isto é Bela Vista, na diocese de Treves, a dezesseis milhas da de Santa Hildegarda. Em 1152, com a idade de vinte e três anos, Isabel começou a ter êxtases e visões, o que lhe acontecia ordinàriamente aos domingos e dias de festa, nas horas do ofício divino. Como muitas pessoas desejassem saber o que Deus lhe revelava, ela manifestou-o, por ordem do abade Hildelino, a um irmão que tinha, chamado Ecberto, cônego da igreja de Bonn; mas teve muita dificuldade em resolver-se a tal, temendo que alguns a tomassem por santa e outros por hipócrita que queria impor-se, ou por louca. Enfim, para não resistir à vontade de Deus. relatou ao irmão o que via e ouvia de dia a dia, e êle escreveu-o em estilo simples, onde parece não acrescentar nada de seu.

Compôs o irmão quatro livros, o terceiro dos quais, intitulado **Caminhos do Senhor**, contém várias exortações úteis para as diferentes condições dos cristãos: a vida contemplativa, a vida ativa, o casamento, a continência perfeita. Isabel fêz terríveis censuras aos prelados de seu tempo, que viviam a maior parte no fausto e pompa seculares, nas riquezas e delícias, esquecendo-se dos deveres essenciais e nem pensando mais na condição de sucessores de Jesus Cristo e dos apóstolos; mas no quarto livro da compilação, encontram-se, sôbre a história de santa Úrsula, erros históricos que vêm não se sabe de onde; se da santa, que misturou suas opiniões particulares às revelações sobrenaturais; se do irmão, que as acrescentou à narração da irmã, ou se inseridas por mão estranha. Mas, de onde quer que venham tais erros ou dificuldades, prejudicam muito a autoridade da obra. Em geral, as revelações particulares não foram examinadas nem aprovadas de maneira especial pela Igreja, e não se pode, de maneira alguma, afirmar se trate de dogmas teológicos, ou fatos históricos.

Temos ainda de Santa Isabel quinze cartas, das quais a mais importante é a endereçada a Santa Hildegarda. Escreveu-a pelo ano de 1160, já como superiora das religiosas de Schoenaug. Queixa-se dos falatórios que sôbre ela correm, inclusive entre as suas religiosas, de algumas cartas falsas que circulavam com o seu nome; assegura que não revelou as graças que lhe havia feito senão por ordem expressa de um anjo, muitas vêzes reiterada. Após haver recebido tais graças sobrenaturais, durante

treze anos, morreu em 18 de junho de 1165, com trinta e seis anos. Conquanto não esteja formalmente canonizada, seu nome foi inserido no martirológio romano, em 1584, e, desde então, é honrada como santa no mosteiro de homens de Schoenaug, porque o mosteiro de freiras foi destruído pelos suecos. (1)

* * *

(1) Acta SS., 18 junii.

SANTOS MARCOS e MARCELINO (*)

Mártires

Século III

Êstes dois santos mártires romanos fazem parte do ciclo lendário de São Sebastião. Irmãos, fervorosos cristãos, foram presos durante a perseguição de Diocleciano, pelo juiz Fabiano.

Ligados a um poste, tiveram os pés selvagemente atravessados por longos pregos pontiagudos, e, como não se dessem por vencidos e não cessassem de louvar a Nosso Senhor Jesus Cristo, vararam-lhes o flanco a lançadas.

São Marcos e São Marcelino, assim, entraram no reino dos céus, com a glória do martírio.

Sepultados no cemitério de Balbina, na via Ardeatina, em Roma, quase clandestinamente, tal o furor da perseguição, quando foi da paz da Igreja, a cripta em que ambos repousavam viu-se embelezada e ricamente decorada. Mais tarde, foram os corpos transferidos para Roma, na igreja de São Cosme e São Damião.

* * *

SÃO LEÔNCIO (*)

Mártir

Século IV

O mártir mais ilustre da Fenícia, São Leôncio de Trípoli era soldado. Filho de pais cristãos, sempre levou vida piedosa, exemplaríssima. Constantemente lia as santas Escrituras, principalmente os Salmos, e não se atemorizava com pregar o Evangelho aos amigos de armas.

Denunciado, foi levado ao tribunal. Interrogado por um oficial, declarou-se cristão, sendo encarcerado.

No dia seguinte, tornou à presença daquele oficial, que lhe perguntou:

— Que fôrças te levam a contrariar o imperador e persuadir os demais a não adorar os deuses?

São Leôncio respondeu:

— É o bom direito que me leva a persuadir os meus camaradas a obedecer o Messias. Se tu mesmo, abandonando o êrro em que jazes, adorá-lo, receberás como herança o reino eterno.

Espancado e torturado de diversas maneiras, foi reenviado à prisão, onde, pouco depois, faleceu.

Diz-se que uma rica mulher, cristã fervorosa, comprou o corpo do santo mártir ao carcereiro, sepultando-o com grandes honras.

A fama de São Leôncio espalhou-se com rapidez impressionante e muitas igrejas e abadias escolheram-no como principal padroeiro. A mais célebre das igrejas é a que traz seu nome — São Leôncio de Trípoli.



BEM-AVENTURADA MARINA DE ESPOLETO (*)

Virgem

Marina de Espoleto entrou na casa das cônegas regulares de Santo Agostinho quando era ainda menina-moça.

Anos depois, em companhia de seis irmãs, passou para o hospital de São Mateus de Espoleto, dirigido pelos terciários de São Francisco. Ali fundou a bem-aventurada um mosteiro da observância dos ermitães de Santo Agostinho, em 1265.

Falecida em 1300, houve uma translação das relíquias em 1648, e, em 1660, ainda permanecia intata.

* * *

BEM-AVENTURADA OSANA DE MÂNTUA (*)

Virgem

Osana (1) Andreasi, que nasceu em Mântua no dia 17 de janeiro de 1449, num esplendoroso palácio, pertencia a nobilíssima família vinda da Hungria. Desde pequenina, caracterizou-se pela piedade e humildade.

Um dia, estava com seis anos, passeava, sòzinha, pelas margens do Pó, quando ouviu uma voz que, clara, dizia-lhe com firmeza:

— Menina, a vida e a morte consistem em amar a Deus.

Extasiada, viu-se erguida do solo, por um grande e belo anjo, e entrou no Paraíso.

E ouviu o anjo dizer-lhe:

— Para entrar no céu é necessário que a Deus muito se ame. Vê, tôdas as coisas cantam-lhe a glória e gritam aos homens: Ama-o! Ama-o! Êle a tudo criou para que o amem!

Diante de Deus, disse-lhe ela:

« — Ó meu Deus, Deus meu (2) por amor tu me criaste, e antes de que existisse para te amar e ser reconhecida pelas imensas e inumeráveis bonda-

---

(1) Ou Hosana, Salve! **Sê propício!**

(2) No original: **O mio Dio, Dio mio...**

des! Ó meu doce Senhor, inclina os ouvidos de tua bondade, escuta só um pouco meu pedido, não desdenhes da minha intenção e meu santo desejo. Eu tremo, ó meu Senhor, porque tenho mêdo de não te amar e não te conhecer como deves ser amado e conhecido. Eis, ó bondade eterna, estou disposta no meu espírito a te amar só a ti. Oh, eu queria saber, ó meu doce Senhor, queria encontrar o modo e a maneira de poder, com afeição, abraçar-te só a ti. Por isso, rogo-te, ilumina-me muito com o fogo do Espírito Santo, ensina-me, estabeleça-me de tal sorte que, perfeitamente, possa amar-te, e só a ti meu Deus, e de coração perfeito poder servir-te!»

Um grande desejo de ser teóloga invadiu-a avassaladoramente, mas o pai achava que aquilo não convinha a uma jovenzinha. Proibiu-lhe leituras, as santas leituras. Então, com calor, Osana recorreu à oração. E Nossa Senhora ensinou-a, ministrou-lhe lições. E a bem-aventurada, dominando o latim, chegou a um sólido conhecimento da santa Bíblia, podendo citar Padres da Igreja. E a proibição paterna, a pouco e pouco, caiu por terra.

Osana de Mântua foi noviça por trinta e sete anos. Só em 1501 fêz profissão. Habitualmente, recitava o ofício da Virgem.

Falecida em 1505, teve magnífico mausoléu na igreja de São Domingos. Transformada a igreja em estabelecimento militar, o corpo de Osana de Mântua, intato depois de quatrocentos anos, acha-se atualmente na catedral, no transepto esquerdo.

A bem-aventurada Osana de Mântua deixou cartas belíssimas, escritas no mais puro e cantante italiano.

No mesmo dia, em Bordéus, Santo Amando, bispo de Bordéus e confessor (século V). Segundo São Paulino, que o preparou e encaminhou ao batismo, o santo bispo começou a servir a Deus desde menino. Elevado ao sacerdócio por São Delfino, à morte dêste foi escolhido como o sucessor, em 404. Entre Santo Amando e São Paulino houve farta correspondência. Numa das cartas, diz São Paulino: «Por ti, nasci para Jesus. Deves ter comigo o maior cuidado». Santo Amando foi inscrito no martirológio por Barônio.

Em Chelles, São Fortunato, bispo e confessor, falecido em 569.

Em Caltagirona, na Sicília, São Gerlando, confessor (século XIII?).

Em Málaga, na Espanha, os santos mártires Ciríaco e Paula, virgem, que morreram apedrejados.

No mesmo dia, Santo Etério, que, após haver sofrido a pena do fogo e vários outros tormentos, foi decapitado durante a perseguição de Diocleciano.

Em Alexandria, o martírio de Santa Marina, virgem.

Em Sciaca, na Sicília, São Calógero, eremita, cuja santidade resplandeceu principalmente na libertação dos energúmenos.

* * *

19.º DIA DE JUNHO

SANTA JULIANA FALCONIERI

Na cidade de Florença havia dois irmãos, nobres e ricos, Caríssimo e Aléssio Falconieri; exerciam o comércio como a maior parte das mais ilustres famílias de Florença e de outras cidades da Itália. O bem-aventurado Aléssio Falconieri tinha devoção particular pela mãe de Deus. Foi um dos sete comerciantes de Florença, todos bem-aventurados, que, com São Filipe Beniti, seu compatriota, fundaram a ordem dos Servitas. Como vimos, chamam-se *Servitas* pessoas religiosas que se consagram ao serviço de Deus sob a proteção especial da Santa Virgem. Caríssimo Falconieri, avançando em idade, impressionou-se com o exemplo e as exortações do piedoso irmão. Passando uma acurada revista na vida, muito se inquietou com a possibilidade de ter adquirido algo por vias injustas. Pediu esclarecimentos a Deus, fêz restituições e esmolas. Enfim, em 1263, suplicou ao papa Urbano IV lhe concedesse uma absolvição geral por todos os erros que poderia ter cometido sem saber. O soberano Pontífice concedeu-lha sob certas condições, que Caríssimo cumpriu com zêlo. Além das restituições e das esmolas, mandou construir em Florença uma igreja da Anunciação, que, pela riqueza e beleza de arquitetura, é ainda hoje conside-

rada uma maravilha. Foi recompensado de mais de uma maneira. Era já velho, quando lhe nasceu uma filha, que foi Santa Juliana Falconieri. Era pelo ano de 1270: a alegria foi grande para tôda a família.

Juliana perdeu o pai pouco depois; apenas se lembrava de tê-lo visto. Mais tempo conservou o bem-aventurado tio Aléssio, que foi seu pai na piedade. As primeiras palavras que Juliana aprendeu a balbuciar foram os nomes de Jesus e Maria. Pronunciava-as tão freqüentemente, que a ama muito se admirava, e sua piedosa mãe a via com alegria. O bem-aventurado Aléssio dizia à cunhada que ela havia dado à luz não uma menina, mas um anjo. À medida que crescia, Juliana ocupava-se muito mais nos exercícios de devoção que lhe ensinava o santo tio, do que nos afazeres das mulheres, a que sua mãe se empenhava por habituá-la. Em lugar de manejar as agulhas e o fuso, construía pequenos altares, lia livros de piedade, cantava os louvores da santa Virgem, recitava orações. Sua mãe com ela ralhava por vêzes, dizendo que não sabia manter um ofício e difìcilmente encontraria um marido. Juliana contentava-se em responder: Quando vier o tempo, a santa Virgem providenciará. Como se tornasse muito bela com o correr dos anos, e virtuosa, a mãe alimentava dia por dia maiores esperanças em vê-la encontrar um dos mais honrosos partidos: já falava disso com o pessoal de casa. Mas Juliana tinha pensamentos inteiramente outros. De acôrdo com as inspirações do santo tio, havia resolvido guardar a virgindade, e consagrar-se ao serviço da Santa Virgem. Eis porque, nada obstante as exortações de sua mãe, nada obstante as carícias da família e do mundo, ligou-se pelo voto de continência, pronta a renunciar

ao mundo e à família, para seguir Jesus Cristo pobre, desde que obtivesse permissão.

Completados, pois, seus dezesseis anos, recebeu das mãos de São Filipe Beniti o hábito da ordem terceira dos servitas. Meditou piedosamente nos mistérios durante o ano de provação. A túnica negra representava-lhe a tristeza de Maria sôbre o Calvário, e a grandeza de seu martírio entre os sofrimentos do filho; a cintura de pele representava-lhe a pele do Salvador, dilacerada pelos açoites, pelos pregos e pela lança; o véu branco a pureza da Virgem; a coroa os louvores que lhe foram rendidos pelo arcanjo. O livro lhe sugeria as meditações sôbre a paixão de Jesus Cristo; o manto lhe recordava a proteção da mão de Deus, a quem se rejubilava em pertencer; o círio esta lâmpada acesa que devia trazer pronta, como virgem prudente, para ir ao encontro do espôso. Meditando assim sôbre o seu piedoso hábito, Juliana foi uma edificação constante para a mãe, a família e tôdas as irmãs. No ano seguinte, 1285, fêz profissão diante de São Filipe, que morreu pouco após.

A lembrança dêsse santo homem despertava nela de dia para dia, maior desejo de perfeição. Continuou junto de sua mãe, mas aumentou muito as austeridades precedentes. Nas quartas e sextas-feiras tomava por alimento apenas a santa comunhão. Jejuava ainda no sábado, a pão e água, em honra da Virgem Santa, em cujas sete dores meditava. Empregava as sextas-feiras na meditação da paixão do Salvador. Para tornar-se semelhante a êle, macerava a carne até o sangue, com rudes disciplinas. Muitas vêzes foi arrebatada em êxtases, pelo veemente desejo de ser crucificada com Jesus sofredor. À

sua morte encontraram-lhe uma cintura de ferro sôbre os rins e tão fundo tinha penetrado na carne, que não puderam retirá-la sem lesar o corpo: isso faz crer que ela a carregasse desde a juventude. Aspirava sobretudo à pobreza e à humildade. Seu tio, o bem-aventurado Aléssio Falconieri, dava-lhe o exemplo; recusou sempre ser promovido nas ordens sacras, e permaneceu a vida inteira na ordem leiga, dedicando-se aos mais humildes misteres, e mendigando todos os dias o pão para os irmãos. Da mesma maneira a sobrinha, em lugar de viver nobremente de seus bens, preferia ganhar a vida com o trabalho das mãos e partilhar o lucro com as irmãs. Imitou principalmente Filipe Beniti, no zêlo pela conversão das almas.

Com a morte da mãe, entrou no convento de suas irmãs da ordem terceira, e atraiu para lá várias nobres jovens de Florença. Em 1316, foi mister dar a esta casa uma regra definitiva e uma superiora. Juliana foi eleita prioresa unânimemente. Recusou por longo tempo, julgando-se incapaz e indigna, e acabou aceitando por lembrar-se das palavras de São Filipe Beniti, que lhe recomendara a congregação nascente, como prevendo que ela seria, um dia, a segunda fundadora. Foi-o menos pela autoridade do que pelo exemplo. A longevidade era como que um privilégio hereditário na família: seu tio, o bem-aventurado Aléssio, tinha cento e dez anos quando morreu, em 17 de fevereiro de 1310. Se Juliana não ultrapassou os setenta, deve-se atribuir o fato às grandes austeridades. As religiosas da ordem terceira dos servitas devotavam-se particularmente ao serviço dos enfermos e a outras obras de caridade. Juliana sofreu também longa e penosa enfermidade, que suportou

com paciência inalterável. Um vômito contínuo não permitia lhe administrassem o santo viático nos últimos momentos. O Salvador dignou-se fazer um prodígio para unir-se à espôsa: a santa hóstia, colocada sôbre o seu coração, desapareceu sùbitamente. No mesmo instante ela faleceu. Era no dia 19 de junho de 1340. A verdade de diversos milagres, operados por sua intercessão, foram juridicamente provados, e Bento XIII beatificou-a em 1729, e Clemente XII terminou o processo da canonização. (1)

* * *

(1) Acta SS., in appendice, t. III, 19 junii. Item, Godescard, 19 de junho.

SÃO BRUNO ou SÃO BONIFÁCIO

Apóstolo das Rússias e Mártir

Bruno, ou Bonifácio, pertencia à primeira nobreza da Saxônia e era parente dos reis. Sua mãe mandou-o a Magdeburgo estudar com Gido, o Filósofo; e, após Santo Adalberto de Praga, êle governou esta escola. O imperador Oton III mandou chamá-lo para a côrte, onde serviu durante algum tempo, em sua capela; o imperador estimava-o tão ternamente, que o chamava de sua alma; mas Bruno abandonou em breve a côrte, e abraçou a vida monástica, pelo ano de 997. Vivia do trabalho das mãos, e freqüentemente não comia senão duas vêzes por semana, no domingo e quinta-feira. Andava sempre descalço, rolando de vez em quando, entre as urtigas e os espinhos, testemunhando grande ardor pelo martírio.

Deixando o imperador Oton, uniu-se a São Romualdo, a quem seguiu primeiramente ao monte Cassino, depois a Perea, perto de Ravena; e, após haver levado vida eremítica, desejou pregar aos infiéis. Dirigiu-se a Roma para pedir permissão ao Papa. Fêz a viagem não sòmente a pé, mas descalço, andando longe, à frente dos outros, e cantando os salmos. Comia todos os dias para agüentar o trabalho da viagem; mas sòmente meio pão, e adicionando, nos dias de festa, frutas e raízes; não bebia senão água.

O papa concedeu-lhe permissão não sòmente para pregar, como também para fazer-se consagrar bispo, dando-lhe com antecedência o pálio. Regressando à Alemanha, foi a cavalo, mas sempre descalço, mesmo durante os grandes frios, de sorte que foi necessária, por vêzes, água quente para desprender-lhe o pé gelado do estribo.

Foi a Merseburgo encontrar o santo rei Henrique, e, com sua permissão, Tagmon, arcebispo de Magdeburgo, sagrou-o e lhe deu o pálio, que êle mesmo trazia. Desde a consagração, recitava todos os dias o ofício monástico e o ofício canônico, e continuava a mortificar o corpo com jejuns e vigílias, não obstante as grandes viagens. Boleslau, duque da Polônia, e outros senhores, fizeram-lhe grandes presentes; mas êle deu-os todos às igrejas, aos amigos e aos pobres, sem nada reservar para si.

Enfim, doze anos após a conversão, foi pregar na Prússia, mas sem proveito. Avançou para as fronteiras da Rússia, e começou a anunciar o evangelho, sem se importar com a proibição dos habitantes que queriam impedi-lo. Por fim, como continuasse sempre, prenderam-no e cortaram-lhe a cabeça, e a dezoito dos seus, em 14 de fevereiro de 1009. Os corpos dêsses mártires permaneceram insepultos, até que Boleslau os comprasse, por um preço considerável, para serem a proteção de sua casa. A Igreja honra êsse mártir sob o nome de Bruno, em 15 de outubro e em 19 de junho, sob o nome de Bonifácio. (1)



(1) Act. Bened., sect. VI, Dtim., 1. VI.

SANTOS GERVÁSIO e PROTÁSIO (*)

Mártires

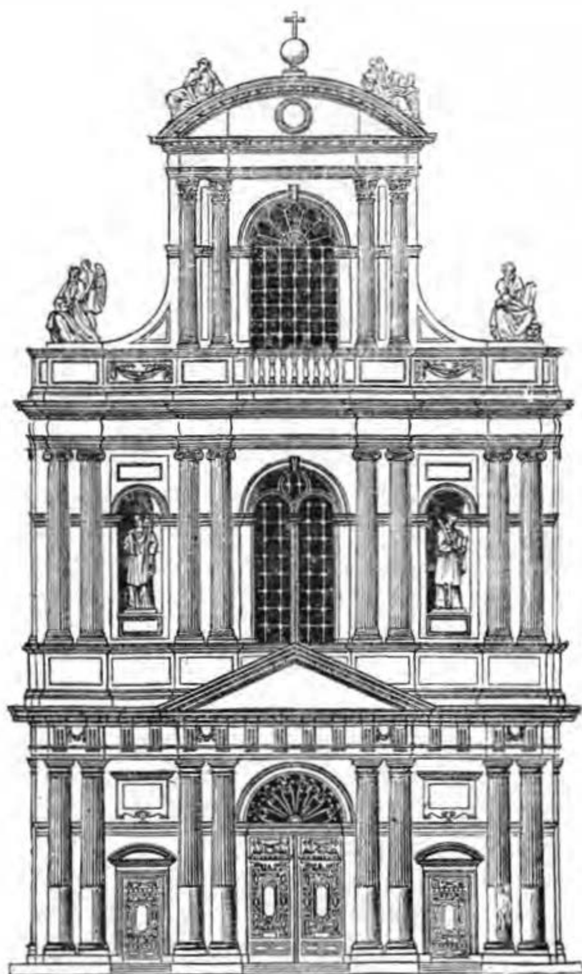
Século III (?)

Santo Ambrósio, numa carta à irmã, Marcelina, escreveu:

"Feita a dedicação da basílica, muitos dos habitantes vieram incorporados procurar-me para dizer que eu fizesse aquela cerimônia com a mesma solenidade levada a efeito na dos Apóstolos, à Porta Romana. Respondi-lhes: "Eu o farei se encontrar relíquias de mártires". No mesmo instante, senti ao redor de mim um calor que pareceu ser um feliz presságio.

"Numa palavra, Deus concedeu-me esta graça, porque meus clérigos, estando temerosos, fiz com que se cavasse a terra no lugar que está defronte à chancela dos santos Félix e Nabor.

"Encontrei sinais alentadores, e tendo feito aproximar-se os possessos sôbre os quais devia impor as mãos, os santos mártires começaram de tal sorte a aparecer que, enquanto guardava ainda o silêncio e antes de iniciar os exorcismos, descobriu-se uma urna no lugar sagrado da tumba. Encontramos dois homens de grandeza prodigiosa, tais quais eram êles antigamente. Todos os ossos estavam inteiros. Havia



Fachada da igreja de São Gervásio e São Protásio, em Paris. Século XVII.

muito sangue. A afluência do povo foi grande nestes dois dias. Para resumir: arranjamos todos os ossos segundo a ordem e os transferimos para a basílica de Fausta. Lá, celebraram-se vigílias durante tôda a noite. Impus as mãos sôbre os possessos. No dia seguinte, levamo-los à basílica que se chama Ambrosiana".

Durante a translação dos santos corpos de Gervásio e Protásio, descobertos por Santo Ambrósio a uma divina inspiração, aproximaram um cego das relíquias, o qual, tomando do véu que recobria os mártires, levou-o aos olhos e, incontinenti, recuperou a vista. Êste cego chamava-se Severo e era lenhador, profissão que teve de abandonar quando foi empolgado pela cegueira.

Tal milagre concorreu de modo decisivo para multiplicar o entusiasmo do povo católico já todo na alegria da descoberta: combatido pelos arianos constantemente, jazia em perpétuo sobressalto; Justina mesma, a imperatriz, lançava mão de todos os recursos para expulsar de Milão, e, pois, da sé, o grande Santo Ambrósio.

Assim, o culto dos dois santos mártires propagou-se com grande rapidez. Deixou a Itália, ganhou a Gália e depois todo o Ocidente.

Como se deu o martírio dos santos Gervásio e Protásio? Eis como vem resumido no martirológio:

"Em Milão, os santos mártires Gervásio e Protásio, irmãos. Por ordem do juiz Astásio, o primeiro foi batido sem interrupção com azorragues guarnecidos de chumbo, até que rendeu o espírito; o segundo foi espancado com bastão e depois decapitado. Santo

Ambrósio, a uma revelação do Senhor, encontrou aquêles corpos ensangüentados e sem qualquer traço de corrupção, como se fôra no próprio dia do martírio. No decurso da translação, um cego, tocando-lhes o relicário, recuperou a vista, e muitos possessos foram libertados (século III?).

Na época do descobrimento das relíquias, Santo Agostinho visitava a cidade de Milão.

* * *

BEM-AVENTURADO ODON DE CAMBRAI (*)

Bispo e Confessor

Odon, antes da conversão, foi professor. Realista, ou seja, tendo o mundo exterior como realidade objetiva, considerando as idéias gerais como sêres reais, e, pois, opondo-se ao nominalismo, que nega a existência aos *universais,* quer dizer, aos gêneros e às espécies, que não existiriam senão em *nome,* aceitando sòmente a existência do individual e do particular, Odon, um dia, estudando certa passagem do livro de Boécio, *A Consolação da Filosofia,* ali deparou com a questão do livre-arbítrio. Cismando, deixou a leitura, e, para maior esclarecimento da questão, recorreu ao tratado de Santo Agostinho, e pôs-se a lê-lo atentamente.

Quando terminou, estava debulhado em lágrimas, tocado, emocionadíssimo — e convertido. E aqui cabe, muitíssimo bem, lembrar que o grande bispo de Hipona, um dia, também se desmanchara todo em quentes lágrimas sôbre uma das epístolas do apóstolo São Paulo.

Foi assim que o bem-aventurado Odon disse solene adeus ao século, tornou-se cônego regular, fundou uma abadia, a de São Martinho de Tournay (seguindo a observância de Cluny), e em 1105 foi

feito bispo de Cambrai — uma turbulenta diocese, que soube governar com tôda a retidão, humildade e a maior boa vontade.

Odon deixou um poema que gira em tôrno da guerra de Tróia; um trabalho sôbre os sofismas, o *Sofista;* um estudo filosófico sôbre o ser e a coisa: um *Tratado sôbre o Pecado Original,* colocando a questão sob o ponto de vista filosófico; um opúsculo que trata os pecados contra o Espírito Santo; e outros escritos.

Faleceu o bem-aventurado bispo no dia 19 de junho de 1113.



BEM-AVENTURADA MIQUELINA DE PESARO (*)

Viúva

Miquelina Metelli casou-se com doze anos, com um jovem da casa Malatesta, da família ducal de Rimini, enviuvando aos vinte anos.

Vivia com o único filho advindo da união quando, um dia, passando por Pesaro uma peregrina, que era terciária de São Francisco, chamada Siriana, Miquelina hospedou-a.

Desde os primeiros momentos as duas mulheres se entenderam maravilhosamente, tanto que Siriana conviveu com a bem-aventurada por algum tempo.

Morto o filhinho, Miquelina tomou o hábito dos terciários franciscanos, levada pela boa amiga. Transferiu aos pobres tudo aquilo que possuía, e pôs-se a mendigar. E a viver na pobreza, na humildade, a tratar de leprosos, levou o resto da vida. Diz-se que a alguns leprosos, cujas chagas beijou, fê-las desaparecer imediatamente, confortando-os sobremodo.

Santamente, no domingo da Trindade — 19 de junho de 1356 — faleceu.

Em 1580, as relíquias foram colocadas num belo e novo monumento, na igreja que se edificou na casa em que viveu em Pesaro.

O culto da bem-aventurada Miquelina foi aprovado pelo papa Clemente XII.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS WOODHOUSE (*)

Mártir

Tomás Woodhouse, ordenado padre quando de Maria Tudor, dirigiu uma paróquia, pequenina, no condado de Lincoln.

Quando Isabel sucedeu a Maria, Tomás, rezando a santa missa, foi prêso em flagrante delito, que rezar a santa missa era delito passível de grande pena. Assim, foi o bem-aventurado encarcerado, e na prisão permaneceu por doze anos.

Quando a peste se declarou na Inglaterra, em 1563, os presos foram enviados ao campo. Ali, censurando o uso que se fazia da carne na Quaresma, foi perseguido pelos protestantes.

Em 1572, obteve, por correspondência, a admissão na Companhia de Jesus. Escrevendo uma carta a Lord Burleigh, em que dizia que a rainha Isabel devia submeter-se ao papa — Pio V — apressou o próprio fim, exacerbando o ânimo dos juízes.

Culpado de alta traição, foi condenado à fôrca. E, da fôrca, ainda vivo, foi descido, jogado ao chão, e impiedosamente estripado.

Era em Tyburn, no ano de 1573.

No mesmo dia, em Jointures, atualmente São Deodato, São Deodato, bispo de Nevers, que, supõe-se, faleceu em 679.

Em Werden, Santo Hildegrin, bispo e confessor. Irmão de São Ludgero, bispo de Munster, faleceu em 827.

Em Ravena, Santo Ursicino, que, tendo suportado tormentos sem conta sob o juiz Paulino, e permanecendo firme na confissão de Nosso Senhor, cumpriu o martírio perdendo a cabeça.

Em Sozópolis, São Zósimo, mártir, que durante a perseguição de Trajano, sofreu primeiramente cruéis torturas sob o presidente Domiciano; em seguida, tendo sido decapitado, entrou vitorioso no céu.

Em Arezzo, na Toscana, os santos mártires Gaudêncio, bispo, e Culmácio, diácono, que, no tempo de Valentiniano, foram massacrados pelo furor dos gentios.

No mesmo dia, São Bonifácio, mártir, discípulo de São Romualdo que, enviado a pregar o evangelho nas Rússias, passou pelo fogo sem sofrer qualquer mal, e batizou o rei com todo o povo. O irmão do rei tornou-se tão furioso que matou o santo e lhe proporcionou a coroa do martírio, tão ardentemente desejada.

Em Ravena, São Romualdo, cuja festa também se celebra em 7 de fevereiro, como vimos na sua biografia.

* * *

20.º DIA DE JUNHO

SANTA FLORENTINA ou FLORÊNCIA

Virgem

Era de ilustre família de Cartagena, na Espanha, e viveu pela metade do século décimo. O pai chamava-se Severiano, e a mãe Turtura ou Teodora. A família foi uma família de santos. O filho primogênito foi São Leandro, bispo de Sevilha, e amigo do papa Gregório Magno. O irmão seguinte foi Santo Isidoro, seu discípulo e sucessor na sede episcopal de Sevilha. Tinham outro irmão que foi São Fulgêncio, bispo de Eccija e de Cartagena, e uma irmã consagrada a Deus, que foi Santa Florentina. Muitos autores supõem que outra irmã de São Leandro, Teodósia, contraiu núpcias com Levigildo, rei dos visigodos, e foi mãe de Santo Hermenigildo e do rei Recaredo.

Santa Florentina perguntou um dia ao irmão, São Leandro, que herança lhe deixaria ao morrer. Leandro, depois de refletir, nada encontrou entre os bens terrenos que fôsse digno dela, porque todos são perecíveis. Foi, pois, necessário procurar algo nos céus, de onde lhe viera a graça da virgindade; e pareceu que o melhor que poderia deixar-lhe era ensinar-lhe a unir-se inteiramente àquele que é heran-

ça dos justos e espôso das virgens. Não é pensar prudentemente preferir o mundo que foi remido pelo sangue de Jesus Cristo a Jesus Cristo mesmo; aquêle que redime é superior ao que é remido. As virgens têm a vantagem de serem tais quais foram formadas pelas mãos de Deus. O primeiro homem perdeu-se e com êle o gênero humano, por querer ser mais do que Deus o havia feito. As virgens são as primícias da Igreja. Que glória poderão esperar no século futuro, por não se terem inspirado na carne, nem no sangue, e por se conservarem puras de tôda corrupção!

São Leandro explana pormenorizadamente as vantagens da virgindade, e os perigos a que se expõem as que procuram agradar aos homens, com vãos ornamentos. Convém que o casamento também tenha as suas prerrogativas, porque é dêle que nascem as virgens e os filhos do céu. Mas êle sustenta que os perigos são grandes e numerosos, seja para esta vida, seja para a outra. Descreve tais perigos e dá, a Florentina e às virgens que com ela viviam em comunidade, uma regra de vida que distribuiu em vinte e um capítulos, cujo resumo veremos a seguir:

"Evitai a conversação das mulheres casadas; não vos falarão senão das coisas que amam e que desejam: em vão parecerão aprovar vosso instituto; será apenas fingimento da parte delas para seduzir-vos mais fàcilmente, como sereias. Se deveis fugir das mulheres do século, quanto mais dos homens! Não tenhais familiaridade com nenhum dêles, fôsse mesmo um santo. Freqüentes visitas difamariam a santidade de um e outro, ou mesmo a fariam perecer. É um mal dar motivo a que os outros falem de nós.

Pessoas de diferentes sexos não estão juntas sem perigo: é como colocar fogo perto da estôpa. Se a virgem deve evitar a companhia mesmo dos santos, quanto mais dos jovens, cuja vista pode produzir sôbre ela impressões perigosas!

Com relação à bebida e à comida, é necessário usá-las com moderação, não além da necessidade, nem procurar iguarias, sem as quais se pode viver. Se a fraqueza da saúde exigir abrandamentos, que não se dê descanso ao espírito. Daniel não manifestou senão desprêzo pelas iguarias que se serviam à mesa do rei: viveu de legumes. Quando tiverdes de falar a um homem, que seja em presença de duas ou três de vossas irmãs. Jesus Cristo não teria falado a sós com a Samaritana, se os apóstolos não tivessem sido obrigados a ausentar-se para comprar o que comer. Não se teriam admirado, ao vê-lo a sós com uma mulher, se tivesse o costume de assim proceder.

"Dividi vosso tempo entre a prece e a leitura. Quando trabalhardes com as mãos, ou quando tomardes vossas refeições, que alguém vos leia durante êsse tempo. Procurai na leitura do Antigo Testamento um sentido espiritual, sobretudo no *Cântico dos Cânticos*, que é figura do amor de Jesus Cristo pela sua Igreja, e no Heptateuco, vale dizer nos cinco livros de Moisés, e nos de Josué, e dos Juízes, e de Rute, que se evitavam outrora às pessoas demasiadamente carnais, como sendo prejudiciais. Proporcionai o jejum à fôrça do temperamento e à violência das paixões; o jejum é um meio de dominar a carne e de submetê-la ao espírito. Se vossas enfermidades não vos permitirem observar um jejum tão rigoroso, não pecareis por isso, mas considerareis mais perfeitas do que vós as que, conquanto enfêrmas, não se dis-

pensarem do jejum. De resto, a que por sua saúde estiver em condições de seguir a lei do jejum, não se escandalize ao ver que outras não o podem cumprir nos mesmos têrmos; que estas, por outro lado, se humilhem da enfermidade e que sintam não poder fazer como as outras. O excesso no vinho é um crime mortal: uma virgem que estiver de saúde, dêle se abstenha; a que estiver fraca ou doente pode usá-lo com a moderação que São Paulo prescreve a Timóteo; ela deve também usar do banho ùnicamente para restabelecimento da saúde: todos os outros motivos o tornam perigoso, principalmente se o toma para manter a carne mais bela. A alegria adveniente de uma boa consciência, eis o que deve procurar: nenhuma alegria mundana deve constituir o seu gôzo; a tristeza que é segundo Deus, é preferível: é a que torna feliz e merece consolação."

São Leandro quis que sua irmã tivesse um amor igual por tôdas as irmãs, sem distinção de pessoas, devendo a qualidade de servas de Jesus Cristo ser comum a tôdas, uma vez que tôdas eram batizadas e recebiam juntas o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Mas, com respeito às necessidades, aconselha-a a proporcioná-las às enfermidades de cada qual, dando mais à que maior enfermidade apresenta, permanecendo os bens comuns a tôdas. A mãe de Jesus Cristo não era rica, senão no Senhor, e José, seu espôso era constrangido a ganhar a vida trabalhando em obras de ferro.

Não permite, nem proíbe o uso de carne, sabendo que ela era de compleixão fraca, mas ordena, às que se acham de boa saúde, que dela se abstenham; é de alvitre que passe o resto dos dias no mosteiro onde havia entrado, porque, ainda que ali encon-

trasse algo que a entristecesse, ou motivo de discordância, ou murmurações que pudessem surgir, encontraria sempre exemplos de virtude a imitar. A vida comum dos mosteiros tomou a origem nos primeiros fiéis, que tinham tudo em comum; esta vida é preferível à vida privada que levam muitas virgens que permanecem a sós nas cidades, onde não deixam de estar ocupadas com a limpeza do hábito e dos cuidados da subsistência, que as afastam das coisas de Deus. Chama de roubo que uma religiosa possua algo de próprio, à revelia da comunidade, porque ninguém deve apropriar-se do que pertence igualmente a tôdas. Se é permitido aos homens carnais jurar para tirar tôda a suspeita de fraude, não o é para as pessoas espirituais, mesmo quando estão certas de dizer a verdade; devem limitar-se a dizer: isto é, isto não é; tudo o que acrescentarem mais poderá vir de um espírito maligno. Não faleis nada a uma religiosa em particular, com exclusão das outras; o que é útil para uma saber, não o é menos às outras; se o que disserdes é bom, por que não comunicá-lo às outras? Se é mau, não deveis pensar nem em dizê-lo.

São Leandro termina a regra conjurando a sua irmã a perseverar no estado que havia abraçado; e após haver abandonado a família e o país, à imitação de Abraão, não olhar para trás, a exemplo da mulher de Lot, a fim de que as irmãs não se sentissem tentadas a imitá-la.

Tal é a sucessão que São Leandro deixou a santa Florentina, sua irmã: nós podemos herdá-lo também, e sobretudo dela tirar proveito.

* * *

O BEM-AVENTURADO BENINCOSA

Servita

O bem-aventurado Benincosa, nascido em Florença, em 1376, deve os dias a piedosos pais. Consagrou-se ao serviço de Deus desde a primeira juventude, e escolheu a ordem dos servitas. Tendo, após a profissão, obtido dos superiores permissão para seguir a vocação pela solidão, retirou-se para um montanha da diocese de Siena, onde levou vida de grande penitência, não se alimentando senão de pão e água. O temor que experimentou de entregar-se à vã glória do mundo, por causa da alta idéia que o povo fazia de sua santidade, levou-o a decidir-se a abandonar o retiro em que morava, e ir esconder-se numa espécie de gruta que parecia uma sepultura, situada na diocese de Pienza. Dedicou-se, nesse lugar, à contemplação das coisas divinas, e, após haver operados muitos milagres, morreu em 9 de maio de 1426.

A gruta do bem-aventurado Benincosa foi transformada em capela, que lhe foi dedicada, e o culto que se prestava ao santo religioso foi confirmado pelo papa Pio VIII, em 23 de dezembro de 1829. Celebra-se-lhe a festa em 20 de junho.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMAS WHITEBREAD e COMPANHEIROS (*)

Mártires

Um pretendido conluio papista, eclodido no ano de 1678, motivou violenta perseguição religiosa na Inglaterra, perseguição essa que culminou com a morte de cinco católicos, pertencentes à Companhia de Jesus. Supliciados em Tyburn, no ano seguinte, ganharam a palma sublime do martírio.

Tomas Whitebread era provincial na Ilha. Originário de Essex, estudara no seminário de Santo Omer, na França. Em 1635, estava entre os jesuítas e era enviado à terra natal. Por trinta anos, deu-se ao ministério apostólico. Prêso, a 13 de junho de 1679, foi transferido a Old Bailey, onde seria julgado.

Quatro companheiros acompanhavam-no. Eram os padres Guilherme Harcourt, João Fenwick, João Gavan e Antônio Turner.

Guilherme Harcourt.

O padre Guilherme era do Lancaster, entrara para a Companhia com trinta e dois anos e estava com quase oitenta. Quando foi prêso, era superior em Londres, e sempre suplicara a Deus pelo martírio.

João Fenwick.

Do condado de Durham, rompera com os pais e os parentes, que eram protestantes, e entrara na Companhia de Jesus, em 1656. Em 1675, enviaram-no à Inglaterra.

João Gavan.

Apelidado o *Anjo,* pelos colegas de estudo, em Santo Omer, Gavan fêz-se jesuíta aos vinte anos, operando várias conversões em Londres, onde nascera.

Antônio Turner.

Antônio Turner era um convertido, natural do condado de Leicester, onde o pai era pastor. Estudado em Cambridge, tornou-se católico e foi terminar os estudos em Roma. Aos vinte e quatro anos, era jesuíta. Ordenado padre, voltou a Inglaterra. Como Guilherme Harcourt, suspirava pelo martírio, e, quando a perseguição principiou, apresentou-se corajosamente a um magistrado, dizendo-se padre jesuíta.

Acusados todos de quererem matar o rei, foram condenados à fôrca por alta traição. Pendidos do patíbulo, receberam a gloriosa coroa do martírio e subiram aos céus, que àvidamente desejavam.

* * *

SÃO JOÃO DE MATERA (*)

Abade

São João de Matera foi o fundador da congregação beneditina de Pulsano. Nascido em Matera, na província de Basilicata, bem cedo deixou a família e entrou num mosteiro, perto de Tarento. Um tanto arredio, insociável, não se sentiu satisfeito na comunidade. Deixou-a, e partiu para a Calábria, na Sicília.

Pouco mais tarde, irrequieto, também dali saía. Tornou à península, estabelecendo-se em Ginosa.

Um dia, São Pedro, aparecendo-lhe numa visão, ordenou-lhe que reparasse uma igreja arruinada. Dedicada em honra do Príncipe dos Apóstolos, jazia em escombros, completamente abandonada.

João meteu-se ao trabalho com ardor incomum. E tal era o afinco e a disposição de ânimo que levantou suspeitas. Acusado de ter encontrado um tesouro escondido, fabuloso, foi prêso pelo governador e encarcerado.

Um dia, evadiu-se, ajudado por um anjo, e demandou Cápua, donde, instigado por uma voz do céu, partiu para Monte Laceno.

Em Monte Laceno encontrou-se São João de Matera com São Guilherme de Montevergino. Passando ao Monte Gargano, em Pulsano, perto do lugar

onde aparecera o arcanjo São Miguel, São João de Matera ali estabeleceu um mosteiro.

Prudente, arguto, profeta e taumaturgo, a 20 de junho de 1139, falecia e era enterrado na igreja de Santa Maria, que erigira.



No mesmo dia, na ilha de Ponza, a morte de São Silvério, papa e mártir. Enviado ao exílio, sob a ímpia Teodora, por Belisário, por não querer confirmar um bispo herético, faleceu, depois de atrozes sofrimentos, em 537. São Silvério foi papa, de junho de 536 a 11 de novembro de 537. Adon escolheu a data de 20 de junho para inscrevê-lo no martirológio, que diz ter o santo papa, no exílio, comido "o pão da tribulação e bebido a água da angústia".

No Mans, Santo Inocente, bispo e confessor, o qual assistiu aos concílios de Orléans de 533 e 541, falecendo em 559.

Na Gália, São Gobain, sacerdote e mártir. Irlandês, estudou na escola de São Fursy, ao qual ajudou nos trabalhos de evangelização do Este inglês. Decapitado pelos bárbaros vindos da Germânia, recebeu a coroa do martírio no ano de 670.

Em Fécamp, Santa Hildemarca, abadêssa, falecida em 682.

Em São Wandrilo, São Bain, bispo e confessor, desaparecido em 710. Monge de Fontenelle, depois bispo de Thérouanne (698), foi quem transferiu os corpos de São Wandrilo, Santo Ansberto e São Wulfran da basílica de São Paulo para a igreja de São Pedro.



Justiniano, imperador do Oriente, prosternado aos pés de Jesus Cristo.
Segundo um mosaico de Santa Sofia em Constantinopla. Século VI.

Na Germânia, Santo Adalberto, arcebispo de Magdeburgo, grande missionário, que tentou, ardorosamente, estabelecer a civilização cristã entre os bárbaros que se fixavam a leste da Germânia. Faleceu em 981, quando numa visita de inspeção.

Em Saintonge, Santa Gemma, virgem e mártir (?). Segundo as *Atas*, destituídas de valor, Gemma era filha de pai rico e pagão, que lhe impôs um noivo também pagão. Diante da recusa da jovem cristã, espancou-a tão brutalmente que a matou.

Em Séez, São Latuino, bispo (?). Em tôrno dos antigos bispos de Séez reina a mais completa escuridão.

Em Roma, falecimento de São Novato, filho do bem-aventurado Pudente, senador, e irmão de São Timóteo, sacerdote e das santas virgens Pudenciana e Praxedes, a quem os apóstolos haviam ensinado os princípios da fé. Sua casa, mudada em igreja, leva o nome *do Pastor*.

Em Tomes, na província do Ponto, os santos mártires Paulo e Ciríaco.

Em Petra, na Palestina, São Macário, bispo, que, após haver sofrido da parte dos arianos tôda a sorte de maus tratos, foi desterrado para a África, onde adormeceu no Senhor.

* * *

21.º DIA DE JUNHO

SANTO EUSÉBIO

Bispo de Samosata e Mártir

Do ano de 363 a 378, o imperador Valente, instrumento dos arianos, perseguiu cruelmente os católicos em todo império do Oriente. A conselho de São Basílio, os bispos do Oriente escreveram aos do Ocidente para pedir-lhes auxílio. No cabeçalho lemos os nomes de trinta e dois bispos, dos quais os mais importantes são: São Melécio de Antioquia, Santo Eusébio de Samosata, São Basílio, São Gregório de Nazianzo, Eustato de Sebasta, Antimo de Tiana, Narses ou Nerses, patriarca da Armênia. Esta carta é das mais patéticas e das mais insistentes; após haverem reconhecido que tinham merecido os males que sofriam, os bispos dizem aos do Ocidente:

"Conjuramo-vos a que vos deixeis enternecer, e vos entregueis, sem detença de um só momento, ao zêlo que a caridade vos deve inspirar. Não vos excuseis, alegando o longo caminho, vossos afazeres domésticos, nem outro pretexto que seja. Não é uma igreja que está em perigo; não são duas ou três que estão expostas a esta furiosa tempestade. A peste da heresia grassa e assola, pouco falta, dos confins da Ilíria até a Tebaida. O infame Ário lançou

funestas sementes; enraigadas profundamente pelo grande número daqueles que depois cultivaram com ardor a impiedade, produziram agora os seus frutos corruptores. Os dogmas da piedade estão abolidos, as leis da Igreja estão confundidas; a ambição dos que não temem a Deus invadiu as prelaturas; o primeiro lugar é o preço notório da impiedade; quem profere as mais horríveis blasfêmias é julgado o mais digno de ser bispo de um povo. A gravidade sacerdotal pereceu; não há mais quem, com ciência, apascente o rebanho do Senhor; os ambiciosos consomem para seu uso, e em faustosas prodigalidades, o bem dos pobres. A exatidão dos cânones evanesceu; grande é a liberdade de pecar. Porque os que chegaram ao govêrno pelo favor humano, para testemunhar o reconhecimento, concedem aos pecadores tudo o que lhes agrada. Em vez da justiça nos julgamentos, cada qual anda conforme a vontade do coração. A corrupção é sem limites, os povos sem leis, os chefes sem autoridade porque são escravos dos que os tornaram poderosos. A defesa da ortodoxia já se tornou, para alguns, pretexto de uma guerra de uns contra os outros; escondendo os ódios particulares, fazem crer que odeiam pela verdade. Outros, empreendendo a fuga para não serem convencidos dos crimes mais vergonhosos, excitam o povo a discórdias intestinas, a fim de esconder na sombra das desgraças públicas o que cometeram. É, pois, uma guerra implacável, temendo os maus a paz comum, porque ela poria a nu as suas secretas infâmias. Em meio a tudo isso, os infiéis se riem, os de pouca fé vacilam, a fé é incerta, a ignorância se alastra nos espíritos, porque os que falseiam a doutrina imitam a verdade. A bôca dos cristãos piedosos permanece muda, a

língua blasfema rejubila-se; as coisas santas são profanadas, as populações mais sãs evitam a casa de oração, como escolas de impiedade, e, dispersas nas solidões, elevam as mãos, com gemidos e lágrimas, para aquêle que habita os céus. Tereis certamente ouvido o que se passa na maior parte das cidades. As populações, com as mulheres, as crianças, os anciãos, saem dos muros da cidade, e oram ao ar livre, sofrendo com incrível paciência tôdas as injúrias da estação, e esperando o auxílio do Senhor.

"Que lamentação igualará estas calamidades! Que fontes de lágrimas serão suficientes para tão grandes males! Eis porque, enquanto ainda permanecer alguém de pé, enquanto ainda restar um vestígio do que houve outrora, e antes que as Igrejas sofram um naufrágio completo, apressai-vos, nossos verdadeiros irmãos, apressai-vos, e estendei a mão aos que vos suplicam de joelhos. Que vossas entranhas se enterneçam e façam derramar sôbre nós lágrimas de comiseração. Não permiti que a metade do universo seja absorvida pelo êrro; não tolereis que a fé se extinga entre aquêles em que começou a luzir. O que é necessário fazer para vir em nosso auxílio, como testemunhareis vossa compaixão pelos aflitos, não tendes necessidade de aprender de nós. O Espírito Santo vos inspirará. Mas, em todo caso, para salvar o que resta, é mister muita pressa e a presença de muitos irmãos, a fim de que, em aqui chegando, apresentem a plenitude de um concílio; para que, não sòmente a majestade dos que os enviam, mas ainda o seu número, lhes empreste pêso e autoridade suficientes para reorganizar as coisas, restaurar a fé de Nicéia, proscrever a heresia, recomendar a paz às Igrejas e reunir os que alimentam os mesmos senti-

mentos. Porque o que há de mais deplorável é que a parte mesma que parece sã está dividida entre si. E estamos ameaçados, ao que tudo indica, de calamidades semelhantes às que experimentou Jerusalém durante o cêrco de Vespasiano. Premidos pela guerra no exterior, êles se consomem no interior por sedições. Igualmente entre nós, além da guerra aberta dos heréticos, há outra entre os que pareciam ortodoxos, e que reduziu as Igrejas à extrema fraqueza. É por isso, por isso principalmente, que temos necessidade de vosso auxílio, a fim de que os que professam a fé apostólica ponham fim às suas dissensões e se submetam à autoridade da Igreja; de sorte que o corpo místico de Cristo, restaurado em seus membros, seja perfeito, e nós não sejamos constrangidos, como agora, a louvar a felicidade dos outros, mas vejamos nossas próprias igrejas retomar a antiga glória da ortodoxia.

"Com efeito, não se pode louvar suficientemente a felicidade que o Senhor concede à vossa piedade de discernir o falso do verdadeiro, o impuro do puro, e de pregar a fé dos Padres, sem qualquer reticência ou dissimulação; esta fé nós a recebemos, nós a reconhecemos pelos seus caracteres apostólicos, e a ela aquiescemos, bem como ao que foi canônica e legìtimamente estabelecido em vossa carta sinodal. (1)

Êste quadro da Igreja do Oriente é bem triste, a realidade era talvez mais triste ainda. Inflado pelos êxitos contra os godos, Valente pretendia fazer do arianismo uma lei para todo império. Mas encontrou mais firmeza, entre os católicos, do que esperava, notadamente nas cidades de Cesaréia, na Capadócia,

---

(1) Basil. epist. 92.

de Antioquia, de Edessa e de Samosata, por causa dos santos bispos Basílio, Melécio, e Eusébio.

São Barses, bispo de Edessa, na Mesopotâmia, foi desterrado primeiramente para a ilha de Arade na Fenícia. Mas Valente ouviu que os doentes ali se curavam com a sua palavra que atraía o povo em multidões, e enviou-o para o Egito, para a cidade de Oxirinque; e como sua reputação ali ainda atraía grandes multidões, enviou-o para Tebaida, num local chamado Filo, na fronteira dos bárbaros.

Edessa viu chegar um bispo ariano da parte do imperador, mas todo o povo saiu da cidade e se reunia no campo. Valente foi disso testemunha pessoal quando visitou a famosa igreja de Edessa, dedicada ao apóstolo Santo Tomás. Encolerizado, esbofeteou o prefeito Modesto, porque não providenciara a dissolução de tais assembléias, e ordenou-lhe reunisse soldados que tinha sob suas ordens, para dispersar a multidão. Modesto, conquanto ariano, mandou secretamente avisar os católicos que não se reunissem no dia seguinte no lugar onde tinham o costume de orar, porque recebera ordem do imperador de punir os que lá se encontrassem. Esperava com tal ameaça impedir a assembléia e apaziguar o imperador. Mas os fiéis de Edessa mais ansiaram, com isso, em reunir-se. Informado o prefeito Modesto, não sabia que partido tomar. Contudo, dirigiu-se para o lugar de reunião, fazendo com a sua comitiva um clamor extraordinário, para atemorizar o povo. Passando pela cidade, viu uma pobre mulher que saía repentinamente de casa, sem mesmo fechar a porta, levando um filho pela mão, e deixando arrastar negligentemente o manto, em lugar de cobrir-se, à maneira do país. Atravessou a fila de soldados que marchavam

diante do prefeito e passou com extrema pressa. Êste mandou detê-la e perguntou-lhe para onde se dirigia com tanta pressa.

— Apresso-me em chegar ao campo onde os católicos estão reunidos.

— És a única, então, que não sabes que o prefeito para ali marcha e que fará morrer todos os que encontrar, falou Modesto.

— Sim, respondeu ela, ouvi falar, e é por isso que me apresso, pois temo perder a oportunidade de sofrer o martírio.

— Mas por que levas esta criança? indagou o prefeito.

— A fim de que tenha a mesma glória, volveu ela.

Admirado com a coragem da mulher, Modesto voltou ao palácio, e, havendo confabulado com o imperador, persuadiu-o a desistir de uma emprêsa cujo êxito seria vergonhoso e infeliz. (1)

Valente resolveu poupar o povo, e ordenou ao prefeito Modesto que prendesse os sacerdotes e diáconos e os persuadisse a sujeitar-se ao bispo ariano, ou então, os expulsasse da cidade e enviasse aos confins do império. Modesto, tendo-os reunido, tentou persuadi-los, dizendo:

"É preciso ser insensato para querer resistir a tão grande príncipe." Como permanecessem calados, o prefeito dirigiu-se ao sacerdote Eulogo, que era o seu chefe, e lhe perguntou por que não respondiam: Eulogo retrucou:

— Vós nada me perguntastes.

---

(1) Theod., l. IV, c. XII et XVII, Ruf., l. II, c. v., Soc. l. IV, c. XVIII. Soz, L. VI, c. XVIII.

— Contudo, redarguiu o prefeito, já há longo tempo que vos falo.

— Faláveis a todos. Se houvésseis interrogado a mim em particular, ter-vos-ia dito o meu pensamento.

— Pois bem, volveu o prefeito, sujeitai-vos ao imperador.

— Teria o imperador recebido o sacerdócio com o império?

— Não disse isso, impertinente! gritou Modesto, encolerizado. Exorto-vos a seguir a mesma religião que o imperador.

— Temos um pastor, disse Eulogo, e seguiremos as suas ordens.

Então o prefeito enviou-os à Trácia, em número de oitenta.

As grandes honras que lhes foram testemunhadas durante a viagem despertaram a inveja dos inimigos. Porque as cidades e as aldeias lhes vinham ao encontro para felicitá-los pela vitória. Valente recebeu queixas e mandou separá-los, dois a dois, tendo o cuidado de não deixar juntos os que eram parentes. Uns continuaram até a Trácia, outros foram enviados aos confins da Arábia, outros dispersos pelas pequenas cidades da Tebaida. Eulogo e Protogênio foram enviados à cidade de Antínoo. Eram os primeiros do clero de Edessa, que haviam longo tempo praticado a vida monástica e feito grandes progressos na virtude. Descobriram que o bispo de Antínoo era católico, e assistiram às suas assembléias. Mas vendo que eram pouco numerosas, e que a maior parte dos habitantes da cidade eram pagãos, empenharam-se em convertê-los. Eulogo encerrou-se numa cela, onde orava dia e noite. Pro-

togênio, instruído nas santas letras e exercitado em escrever em notas, encontrando um lugar cômodo, estabeleceu uma escola, onde mostrava às crianças a maneira de escrever, e os fazia aprender os salmos de Davi, bem como as passagens do Novo Testamento que mais lhes convinham. Caindo enfêrma uma dessas crianças, Protogênio foi até sua casa e, tomando-a pela mão, curou-a por meio de suas orações. Os pais das outras crianças ouviram o fato, e levando-o às suas casas, pediam-lhe socorresse os doentes; mas êle recusava-se a orar antes que estivessem batizados, e o desejo da cura fazia-os consentirem. Quando alguém recuperava a saúde, levava-o a Eulogo, batia à porta e pedia-lhe que o batizasse. Eulogo tolerava, com pesar, que lhe interrompessem a prece: mas Protogênio fazia-lhe ver que nada era preferível à salvação das almas. Todos se admiravam de um homem, que sabia instruir tão bem e que fazia tais milagres, ceder a outro a honra de ministrar o batismo. Concluíram que a virtude de Eulogo era ainda mais eminente. Mas talvez Protogênio lhe fazia esta deferência porque era sacerdote mais velho. Foi assim que os dois santos aproveitaram o exílio. (1)

Quanto a Santo Eusébio de Samosata, eis como se fêz conhecer sob o imperador Constâncio. Em 860, elegeram Melécio bispo de Antioquia; o decreto foi lavrado, todos o subscreveram, mesmo os arianos, e, de comum acôrdo, colocaram o depoimento nas mãos do bispo de Samosata, que o levou consigo quando regressou de Antioquia à sua Igreja. Os arianos, que haviam subscrito o decreto, temendo o

(1) Theod. l. VI, c. XVII et XVIII. Soz. l. VI, c. XXXIII et XXXIV.

testemunho de sua má fé, persuadiram o imperador a ab-rogá-lo. O imperador mandou um mensageiro reclamar-lhe a restituição; mas Eusébio retrucou:

— Não posso restituir um documento público, a não ser que estejam reunidos todos aquêles de quem o recebi. Irritado com esta resposta, o imperador escreveu-lhe ainda, instando para que devolvesse a ata, e acrescentou que, se não o fizesse, mandaria cortar-lhe a mão direita. Mas era apenas para atemorizá-lo; porque havia proibido ao portador da carta de fazer qualquer coisa. Eusébio leu a carta, apresentou ambas as mãos e disse ao portador: Cortai-me ambas; porque não restituirei o decreto que é uma convicção tão clara da maldade dos arianos. O imperador Constâncio não pôde deixar de reconhecer tão grande coragem, e admirou-o desde então. (1)

Durante a perseguição de Valente, como havia muitas igrejas privadas de pastôres, Santo Eusébio de Samosata percorreu a Síria, a Fenícia e a Palestina, disfarçado de soldado; ordenava sacerdotes e diáconos, e outros clérigos às igrejas a que faltavam; e, quando encontrava bispos católicos, ordenava bispos católicos, ordenava mesmo bispos. Êsse zêlo tornou-o insuportável aos arianos. Resolveram então bani-lo e enviá-lo à Trácia. O que trazia a ordem chegou pela tarde. Santo Eusébio lhe disse: Não façais ruído e escondei o objetivo de vossa viagem; porque se o povo o ouvir, lançar-vos-á no rio, e me acusarão de vossa morte. Assim falando, celebrou como de ordinário o ofício da tarde; quando todos foram dormir, saiu a pé com o doméstico em quem mais confiava e que o seguia levando sòmente um

(1) Theodoret. l. II, c. XXXII.

travesseiro e um livro. Quando chegou às margens do Eufrates, que passa perto das muralhas da cidade, entrou num barco e se transportou a Zeugma, outra cidade, vinte e quatro léguas mais abaixo, sôbre o Eufrates. Raiando o dia, a consternação foi grande em Samosata, porque o doméstico havia transmitido aos amigos de Eusébio as ordens que êste dera no tocante às pessoas que deveriam seguir e os livros que deviam levar-lhe. Todos deploravam a perda de seu pastor; o rio cobriu-se em breve de barcos, e, tendo descido até Zeugma, onde êle ainda se encontrava, conjuraram-no, suspirando e derramando abundantes lágrimas, a que não os abandonassem aos lôbos. Em resposta, êle leu-lhes a passagem do Apóstolo, que ordena obedecer aos poderosos. Quando viram baldados os esforços em persuadi-lo, ofereceram-lhe, para as necessidades de tão grande viagem, ouro, prata, vestes, e escravos. Êle contentou-se com pouca coisa, que recebeu dos amigos particulares, e encorajou os assistentes com suas instruções e preces, exortando-os a combater pela doutrina apostólica. Em seguida, tomou o caminho do Danúbio para chegar ao lugar de seu exílio.

Os arianos enviaram a Samosata, para preencher o seu lugar, um homem doce e modesto chamado Eunômio. Mas ninguém, de que condição fôsse, vinha reunir-se a êle na igreja. Deixavam-no só, sem querer falar-lhe nem sequer vê-lo. Um dia, estando no banho, viu que os criados haviam fechado as portas e que muitas pessoas esperavam fora. Mandou, então, abri-las e convidar todos a que fôssem banhar-se livremente. Mas vendo ainda que os que haviam já entrado se detinham e não entravam no banho, pediu-lhes que entrassem com êle; como permaneces-

sem silenciosos, acreditou que era por respeito, e para não constrangê-los, retirou-se prontamente. Então esvaziaram a água onde se havia lavado, como se estivesse infectada de sua heresia, e encheram os banhos com nova água. Informado disso, Eunômio deixou a cidade, julgando uma loucura ali permanecer com tal aversão da população. Em seu lugar os arianos enviaram outro, chamado Lúcio, orgulhoso e violento. Quando passava pela cidade, uma bola com que as crianças brincavam passou entre as pernas do asno em que montava. Lançando um grande grito, as crianças julgaram que a bola estivesse amaldiçoada. Lúcio apercebeu-se do que se passava e mandou um de seus acompanhantes averiguar. As crianças acenderam um fogo e fizeram a bola passar por êle, para purificá-la. Tal era a aversão do povo de Samosata por Lúcio. Êste não se impressionou; pelo contrário, desterrou vários eclesiásticos, entre outros o sacerdote Antíoco, sobrinho de Santo Eusébio e filho de seu irmão. Mas tudo isto não aconteceu ao mesmo tempo. Porque Antíoco estêve algum tempo com o tio, e São Basílio, escrevendo-lhe, felicita-o pelo exílio, que lhe proporcionava oportunidade de desfrutar de algum repouso que não lhe permitia o govêrno da Igreja. (1)

Com a morte de Valente, e com o advento de Teodósio, pela generosidade do imperador Graciano, os bispos católicos voltaram do exílio. Uma ordem do imperador Graciano prescrevia que se restituíssem as igrejas aos que estivessem em comunhão com o bispo de Roma, o papa São Dâmaso. Em 379, celebrou-se um concílio em Antioquia, onde São Me-

(1) Theod., l. IV, c. XIII, XIV, XV. Basil., epíst. 168.

lécio, e Santo Eusébio de Samosata, com cento e cinqüenta bispos do Oriente, subscreveram a exposição de fé enviada pelo papa Dâmaso, no tocante à consubstancialidade do Verbo, a divindade do Espírito Santo e aos erros de Apolinário. A subscrição autêntica dos bispos orientais foi enviada a Roma e guardada nos arquivos. A questão da divindade do Espírito Santo e os erros de Apolinário estava desde então irrevogàvelmente terminada, não sòmente pela definição expressa da sé apostólica, mas ainda pelo pleno consentimento do Oriente e do Ocidente. (1)

Após êste concílio, Santo Eusébio de Samosata ocupava-se, bem como Melécio, em dar bispos católicos às igrejas que não os tinham. Acabava de ordenar para a cidade de Dólica, na Síria, então infectada pelo arianismo, um homem de mérito e grandes virtudes, chamado Maris. Mas como entrasse pessoalmente na cidade para instalá-lo, uma mulher ariana lançou do alto do telhado uma telha que lhe quebrou a cabeça. Vendo-se à morte, fêz os assistentes jurar que não perseguiriam a mulher. E de fato, os oficiais da justiça quiseram abrir inquérito, mas os católicos obtiveram que não fôsse punida. (2)

* * *

(1) Const. Dams. pist.

(2) Theodoret, l. V. c. IV.

SÃO LUÍS GONZAGA

Filho primogênito de um príncipe da Itália, mas educado santamente, foi batizado apenas nascido, de maneira que pareceu mais ter nascido no céu, do que na terra. Essa primeira graça, guardou-a tão constantemente que se acreditou tivesse sido confirmado. Desde o primeiro uso da razão, ofereceu-se a Deus, e levou uma vida cada vez mais santa. Com nove anos, estando em Florença diante do altar da santa Virgem, que honra sempre como sua mãe, fêz o voto de castidade perpétua; e, por uma graça especial de Deus, conservou-a sem necessidade de defender-se contra qualquer tentação do espírito ou do corpo. Quanto às outras perturbações da alma, reprimiu-as tão fortemente desde a primeira idade, que não se ressentiu nem de seus primeiros movimentos. Guardava tão bem os sentidos, em particular o da vista, que não olhava jamais para o rosto da princesa Maria da Áustria, a quem saudava quase todos os dias durante vários anos, como pajem do príncipe da Espanha; não olhava jamais fixamente a própria mãe. Chamaram-no com justeza homem sem carne ou anjo encarnado. À guarda dos sentidos, ajuntava as mortificações corporais. Jejuava três vêzes por semana, o mais freqüentemente a pão e água. Pode-se mesmo dizer que seu jejum era perpétuo, não passando o alimento de uma onça. Freqüentemente,

castigava-se até o sangue três vêzes por dia, com cordas e correntes; algumas vêzes substituía as cordas por grossas correias e o cilício por esporas de cavaleiros. Tinha um leito macio, mas tornou-o duro colocando pedaços de madeira, e isso também com o fito de acordá-lo mais cedo para orar; porque empregava grande parte da noite na contemplação das coisas celestes, vestido sòmente com uma camisa, de



As armas dos Gonzaga. Baixo-relêvo do Museu de Mântua.

joelhos sôbre o pavimento ou prostrado de fraqueza. De dia, ali permanecia três, quatro e cinco horas imóvel, até que tivesse passado ao menos uma sem distração. O preço dessa constância foi tal estabilidade de espírito na oração que não se afastava jamais de Deus, permanecendo como que em perpétuo êxtase. Para unir-se a Deus sòmente, após haver obtido a permissão de seu pai, em seguida a três anos de solicitações, transmitiu ao irmão o direito ao principado da família e entrou, em Roma, na sociedade de Jesus, à qual uma voz celeste o havia chamado desde Madri. No noviciado, revelou-se modêlo de tôdas as virtudes. Observava com escrupulosa pontualidade as menores regras, mostrava grande desprêzo do mundo e ódio de si mesmo. Mas um amor tão ardente, que o próprio corpo nêle se consumia insensìvelmente. Tendo recebido ordem para

distrair um pouco o espírito das coisas divinas, fazia vãos esforços para evitar Deus que se apresentava a êle de tôda parte. Abrasado de maravilhosa caridade para com o próximo, servia com amor nos hospitais, e contraiu uma moléstia contagiosa. Consumindo-se lentamente, emigrou ao céu, no dia em que havia predito, vinte e um de junho de 1591, com a idade de vinte e quatro anos começados, após ter pedido para receber, pela última vez, a disciplina e morrer estendido sôbre uma tábua. Bento XIII canonizou-o e deu-o à juventude cristã por patrono e modêlo de inocência e castidade. Sua mãe vivia ainda quando foi beatificado, em 1621, e pôde invocá-lo sôbre os altares. Feliz mãe! (1)

* * *

(1) Acta SS. 21 junii.

SÃO RAUL (*)

Bispo e Confessor

São Raul pertenceu à família de alta nobreza. Era filho do conde de Cahors, também Raul.

Educado por um abade de Solignac, foi feito bispo de Bourges entre 840 e 841, tendo concorrido para a fundação da abadia de Dèvres. É autor duma *Instrução Pastoral*, por onde se vê com que solicitude administrou a diocese. Embora não seja original, contém prescrições que se encontravam entre os bispos do tempo. Mostra, na *Introdução*, todavia, o cuidado em se fazer observar as regras canônicas. Quarenta e cinco capítulos giram em tôrno da fé, dos costumes, dos sacramentos, das penitências a serem impostas aos pecadores, e doutros títulos. Notável é o item em que se exorta os fiéis a comungarem diàriamente.

Falecido a 31 de junho de 866, foi São Raul enterrado na igreja de Santo Ursino.

* * *

SÃO RAIMUNDO DE BARBASTRO (*)

Bispo e Confessor

Raimundo de Barbastro nasceu em Orban, tendo seguido, por algum tempo, a carreira militar.

Jovem ainda, solicitou admissão entre os cônegos da igreja de São Sermino de Tolosa, onde foi prior, anos mais tarde.

Pedro I, rei de Aragão, em 1104, visitando-o e elogiando-o, levou-o consigo, colocando o santo homem na sede episcopal de Barbastro.

Recebido com entusiasmo pelos diocesanos, sagrado solenemente na catedral pelo bispo de Tolosa, Bernardo, legado da Santa Sé, Raimundo foi bispo simples, humilde, caridoso e solícito.

À medida que os cristãos iam reconquistando o país, arrancando-o do poder árabe, ia o santo prelado tratando da hierarquia católica. Data daqueles tempos da reconquista, o duplo título que conservou: bispo de Barbastro e de Roda.

Embora passando por duras provas, Raimundo deu exemplos de tôdas as virtudes: perseguido, mostrou-se sempre caridoso com o inimigo, ao qual bendizia.

Falecido a 21 de junho de 1126, de volta duma expedição a Málaga, da qual, ao lado do rei de Aragão, Afonso I, tomara parte ativa, São Raimundo de Barbastro foi enterrado na catedral de Roda. Dados os milagres à beira do túmulo em que repousava, o terceiro sucessor, Godofredo, transferiu-lhe o corpo para lugar mais em evidência.

São Raimundo de Barbastro foi canonizado pelo papa Inocêncio III.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO RIGBY (*)

Mártir

Filho dum gentil-homem de Lancaster, interrogado, um dia, sôbre religião, por um comissário, declarou-se católico, afirmando que não via qualquer supremacia religiosa na rainha. Assim, foi prêso e enviado à prisão de Newgate.

Julgado, condenado à morte, João ouviu a sentença com a maior calma. E, no dia da execução, quando lhe foram anunciar a proximidade do suplício, gritou, com euforia:

— *Deo gratias!* Jamais ouvi, desde que nasci, melhor notícia do que esta!

E, sôbre o cadafalso, estendendo ao carrasco um anjinho de ouro, disse-lhe:

— Toma-o para ti. Eu te perdôo de todo o coração e aos que contribuíram para a minha morte!

Ainda com vida, com os sentidos em plena atividade, foi duramente estripado.

Gritou:

— Deus te perdoe! Jesus, recebe minha alma!

Era no ano de 1600, e o bem-aventurado João Rigby contava trinta anos mais ou menos.

Pio XI beatificou-o a 15 de dezembro de 1939.

* * *

SÃO PALÁDIO (*)

Bispo e Confessor

Século VI (?)

São Paládio, segundo documentos cujo valor histórico deixam a desejar, nasceu em Embrun. Filho de pais nobres, mostrou, desde a infância, o desdém que solenemente votava às coisas dêste mundo.

Quando o bispo Catulino, ou, como querem alguns pesquisadores, Ingenuus, foi expulso da sé pelos arianos, Paládio acompanhou-o até Viena, sendo ambos recebidos por Santo Avito.

São Paládio sòmente retornou a Embrun quando São Galicano governava a diocese.

Com o falecimento daquele santo bispo, Paládio sucedeu-o.

Caridoso, sempre preocupado com a pobreza, São Paládio notabilizou-se pela devoção à Paixão do Salvador, pelo dom da profecia e pelos milagres que operou.

Bispo por cinco anos, faleceu em janeiro, no dia 6. O corpo, levado da França para a Espanha por um beneditino, supõe-se que no século XI, ficou na Catalunha. Depois de 1470, tornaram as relíquias à França.

* * *

SÃO MEVEN (*)

Abade

Século VI

São Meven era natural do País de Gales, da região de Gwent. Discípulo de São Sansão, sob êste santo principiou a vida monástica, seguindo-o até a Cornualha insular, donde passou para a Armórica. Ali, estabeleceu um mosteiro, no mais espêsso da floresta de Brocelianda, num vasto terreno que foi cedido por Caduon.

Tendo dedicado a nova fundação a São João Batista, anos mais tarde foi transferido para São Meven, tomando o nome do Santo fundador.

* * *

SÃO LEUFREDO (*)

Abade

Leufredo era filho de bem posta família de Evreux, onde, com o sacristão de São Taurino, fêz os primeiros estudos.

Para aperfeiçoar-se, buscou melhores mestres em Chartres, e, de volta à casa paterna, começou a lecionar às crianças.

Piedoso, logo suspirou por outra vida. E, um dia, oferecendo à família, tôda reunida, um excelente jantar, logo depois, às ocultas, desapareceu.

São Leufredo, que foi amigo e confidente de Santo Ausberto, bispo de Ruão, fundou o convento chamado Cruz de Santo Ouen, depois denominado Cruz de São Leufredo.

Abade daquela casa por quarenta e oito anos, o Santo faleceu no dia 21 de junho de 738.

A diocese de Paris comemora São Leufredo.



No mesmo dia, em Mayence, Santo Albano, mártir, que, depois de longos trabalhos e rudes combates pela fé cristã, mereceu receber a coroa de vida. Albano, com Teonesto e Urso, vieram da ilha de

Namsia a Milão, quando imperava Teodósio. De lá, foram à Gália. Urso morreu pela fé em Augusta. Teonesto e Albano fixaram-se em Mayence. Teonesto pregava. Albano, prêso, supliciado, deu a vida por Nosso Senhor, sendo enterrado perto da cidade, em fins do século IV.

Em Velsen, Países Baixos, Santo Engelmode, confessor, um dos melhores companheiros de São Willibroad. Faleceu em 720.

No mesmo dia, em Roma, Santa Demétria, virgem, que obteve a coroa do martírio sob Juliano, o Apóstata.

Em Siracusa, festa dos santos mártires Rufino e Márcio.

Na África, os santos Ciríaco e Apolinário, mártires.

Em Alcona, na Licaônia, São Terêncio, bispo e mártir.

Em Pavia, Santo Ursisceno, bispo e confessor.

Em Tongres, São Martinho, bispo.

* * *

22.º DIA DE JUNHO

SÃO PAULINO

Bispo de Nola

Santo Agostinho não era ainda mais que sacerdote, quando recebeu uma carta encantadora de suavidade, elegância, amizade e louvores, da parte de ilustre senador e cônsul romano, que, com a mulher, acabava de abraçar a vida monástica. A carta estava acompanhada de um pão bento, em sinal de união. No cabeçalho estava escrito:

Ao Senhor Agostinho, irmão unânime e venerável, Paulino e Teresa, pecadores. Tratava-se de São Paulino, nascido em Bordéus, em 353. Contava uma longa lista de senadores na família, tanto do lado paterno como do lado materno. Seu pai, Pôncio Paulino, era prefeito do pretório nas Gálias, e primeiro magistrado do império do Oriente. A esta nobre nascença Paulino ajuntava um espírito elevado e penetrante, um gênio rico e fecundo, uma facilidade maravilhosa de exprimir-se. Cultivou tais predicados desde a infância, por um estudo assíduo dos diferentes ramos da literatura. Teve por mestre de eloqüência e de poesia o célebre Ausono, que foi cônsul em

379. Foi elevado, conquanto jovem ainda, às mais altas dignidades, e declarado cônsul antes de Ausono, seu mestre. Desposou uma espanhola chamada Tereásia ou Teresa, que lhe trouxe vultosos bens, e que era sobretudo distinta pelo mérito pessoal e pela piedade. Fêz grande número de amigos na Itália, na Espanha e nas Gálias, onde havia exercido durante o espaço de quinze anos os seus raros talentos e a maravilhosa capacidade para administração dos negócios, tanto públicos como particulares. Mas a morte de um irmão, as revoluções políticas que se seguiram ao assassínio do imperador Graciano, e mais ainda os entretenimentos que teve com Santo Ambrósio de Milão, com São Martinho de Tours, com São Victrício de Rouen, com o Santo Delfim de Bordéus, da mão do qual recebeu o batismo pelo ano de 380, deram-lhe gôsto pelo retiro e inspiraram nêle o desejo sincero de levar uma vida mais cristã. Enfim, encorajado pela mulher, retiraram-se ambos para uma pequena propriedade que tinham na Espanha e ocuparam-se ùnicamente de sua santificação, desde o ano de 390 até 394. Foi lá que perderam o filho único que Deus lhes havia dado. Enterraram-no em Alcala, junto dos santos mártires Justo e Pastor. Desde êsse tempo obrigaram-se, com consentimento mútuo, a viver em continência perpétua. Em breve, Paulino mudou o hábito, a fim de anunciar ao mundo que nada tinha de comum com êle; tomou também a resolução de abandonar o senado, os pais, os bens, e ir sepultar-se num mosteiro ou no deserto. Os bens deviam ser consideráveis, pois Ausono testemunhou o pesar que sentia de ver partilhar entre cem pessoas diferentes *os reinos* de Paulino, seu pai.

O santo vendeu tôdas as possessões e distribuiu o preço entre os infelizes. Abriu os celeiros e paióis a todos os necessitados. Não contente com aliviar os pobres da vizinhança, chamou-os de tôdas as partes para nutri-los e vesti-los. Resgatou uma infinidade de cativos e de pobres devedores reduzidos à escravidão por não terem o que pagar. Vendeu igualmente os bens da mulher, que não aspirava com menos fervor à prática da pobreza voluntária. Tal ação foi louvada e admirada por todos os santos que se viam então na Igreja. Mas as pessoas do mundo tacharam-na de loucura. Paulino foi abandonado por todos, mesmo pelos parentes e escravos, que recusavam prestar-lhe os serviços mais comuns da humanidade. Ausono, seu mestre, que era cristão, mas apenas o suficiente para não ser pagão, queixou-se da transformação, por várias cartas em verso. O santo respondeu-lhe por diversos pequenos poemas transudando urbanidade delicada, onde lhe assegura que a sua conversão a Deus não fazia senão tornar mais íntima a antiga amizade.

Todavia, em meio a essa censura geral, viu dois de seus mais ilustres amigos seguirem-lhe o exemplo. O primeiro foi Sulpício; o segundo Santo Aper, vulgarmente Santo Evre, que foi bispo de Toul.

O propósito de Paulino, renunciando ao mundo, era ir passar os dias num êrmo próximo de Nola, na Campanha, e servir Jesus Cristo na tumba de São Félix, ser o porteiro da igreja, varrer o pavimento tôdas as manhãs, vigiar à noite para guardá-la, e terminar a vida no trabalho. Mas o povo de Barcelona, edificado com a pureza de seus costumes, apoderou-se dêle no Natal de 393, e pediu com insistente

calor que se tornasse sacerdote. Êle defendeu-se como lhe foi possível, e não consentiu na ordenação senão com a condição de que seria livre de ir para onde quisesse. Era contrário às regras da Igreja; mas se passava por vêzes por cima delas. Após a Páscoa do ano seguinte, 394, abandonou a Espanha para ir à Itália. Em Milão vivia Santo Ambrósio, que o recebeu com muitas honras e o agregou ao seu clero. Continuando a viagem, foi até Roma, onde melhor o recebeu o povo do que o clero. Alguns eclesiásticos e o Papa não queriam relações com êle. Paulino cedeu à inveja e retirou-se; mas escrevendo a seu amigo Sulpício Severo, não pôde deixar de queixar-se. Talvez o papa, que tinha muito zêlo pela observância das regras da Igreja, não achava bom que, contrariando tais regras, Paulino houvesse sido ordenado sacerdote sendo neófito leigo, e sem estar unido a uma igreja particular. Seja o que fôr, Paulino apressou-se em deixar Roma para dirigir-se a Nola, onde tinha escolhido o retiro junto da tumba de São Félix, que ficava a alguns passos da cidade.

Haviam construído uma igreja sôbre a sepultura; ao pé da igreja havia uma construção muito longa de dois andares com uma galeria dividida em celas, das quais Paulino se servia para receber eclesiásticos que iam visitá-lo. Do outro lado havia um alojamento para as pessoas do mundo, e também um pequeno jardim. Muitas pessoas piedosas tinham-se unido a êle, que formou então uma sociedade chamada companhia de monges. Todos se sujeitavam a uma regra, e praticavam diversas austeridades. Cada dia Paulino rendia a São Félix tôda a honra de que era capaz; mas tentava ultrapassar-se no dia de sua

festa. Todos os anos lhe celebrava os louvores com um poema, que chamava o tributo de sua homenagem voluntária. Temos ainda hoje quinze dêsses poemas, o primeiro dos quais foi composto na Espanha.

Paulino morreu em 431. Tinha sido eleito bispo de Nola em 409, e, nesse cargo, não procurou jamais fazer-se temido, mas amado de todos. Nos julgamentos, examinava com rigor e decidia com doçura. Conquanto houvesse distribuído tão liberalmente os bens, outrora, tomava grande cuidado dos da igreja para despendê-los fielmente. Dava a todos, perdoava, consolava, edificava uns pelas palavras, e pelas cartas, outros pelos exemplos. A reputação estendia-se-lhe por todo império, e também entre os bárbaros. Feito prisioneiro dos gôdos, que devastavam a Itália em 410, disse a Deus com confiança: "Não permitais, Senhor, que me torturem pelo ouro e pela prata; sabeis onde coloquei tudo o que me destes." Sua prece foi ouvida: os bárbaros não o torturaram, e também não os que haviam tudo abandonado por Jesus Cristo. Em seguida, nada mais tendo a dar, tornou-se escravo para resgatar os filhos de uma viúva, aprisionados na África pelos vândalos, depois de êstes haverem devastado a Campanha. Tinha a idade, como se crê, de setenta e oito anos, quando caiu enfêrmo de uma dor do lado; e como haviam desesperado da cura, dois bispos foram visitá-lo. Sua chegada proporcionou-lhe tanta alegria, que parecia ter esquecido a doença; e, estando prestes a entregar a alma a Deus, mandou trazer diante do leito os vasos sagrados, a fim de oferecer, com os bispos, o sacrifício, para recomendar a alma a Deus e restituir a paz aos que havia separado do santo ministério, segundo a disciplina da Igreja. Após haver cumprido

tudo com alegria, disse repentinamente, em voz alta: Onde estão meus irmãos? Um dos assistentes, persuadido de que falava dos bispos que estavam presentes, disse: Ei-los! São Paulino replicou: Refiro-me a meus irmãos Janeiro e Martinho, que acabam de falar-me, e que me disseram que vinham buscar-me. Ouvia São Janeiro, bispo de Cápua e Mártir, cujas relíquias estavam então em Nápoles, e São Martinho de Tours, que lhe tinham aparecido. Em seguida, estendeu as mãos ao céu e cantou o salmo: *Elevei as mãos às montanhas,* e terminou por uma oração. O sacerdote Postumiano advertiu-o de que devia quarenta moedas de ouro pelas vestes que havia dado aos pobres. São Paulino respondeu, sorrindo: Meu filho, não te preocupes, encontrar-se-á alguém que liquidará a dívida dos pobres. Pouco depois, entrou um sacerdote vindo de Lucânia, enviado pelo bispo Exuperâncio e seu irmão Ursaco, homens eminentíssimos, que lhe trouxeram cinqüenta moedas de ouro como presente; São Paulino recebeu-as e disse: Rendo-vos graças, Senhor, de não ter abandonado o que em vós espera. Deu duas moedas de ouro ao sacerdote que as havia trazido, e ordenou fôsse o resto pago aos mercadores que haviam dado as vestes aos pobres.

Caindo a noite, repousou até meia-noite; depois, a dor de lado recrudesceu com violência, sem contar o mal que lhe haviam feito os médicos, aplicando-lhe fogo diversas vêzes, inùtilmente. Sofreu também muito de opressão do peito, até uma hora da madrugada. Ao romper da aurora, segundo o seu costume, acordou todos, e rezou as matinas, ou melhor, as laudes, como de ordinário; clareando o dia, falou aos

sacerdotes, aos diáconos e a todo o clero, exortando-os à paz, ficando depois sem falar até à tarde. Em seguida, como que despertando, lembrou-se de que era tempo do ofício das lâmpadas, vale dizer, das vésperas, e, estendendo as mãos, cantou lentamente: Preparei uma lâmpada ao meu Cristo. Após algum tempo de silêncio, pela quarta hora da noite, vale dizer dez horas, todos os assistentes estavam bem acordados, foi a cela sacudida por um tremor tão grande de terra, que se prostraram a rezar, atemorizados, sem que os que estavam fora do quarto de algo se apercebessem. Êle entregou a alma, e o semblante e todo corpo pareceram brancos como a neve. Era o dia 22 de junho de 431, dia em que a Igreja lhe honra ainda a memória. As circunstâncias de sua morte foram escritas por um sacerdote chamado Urânio, que a havia presenciado. (1)

* * *

(1) Acta SS., 22 junii.

SANTO ALBANO (*)

Mártir

Santo Albano era homem de modesta condição. Ainda pagão, recebeu, um dia, em casa, um clérigo cristão, que o converteu.

Quando o governador soube do sucedido, mandou que prendessem o missionário. Albano, escondendo-o, tomou-lhe o hábito e vestiu-o. Prêso, foi levado ao tribunal, onde recusou sacrificar aos ídolos e revelar o paradeiro daquele que o convertera.

Condenado à morte, foi Santo Albano executado no dia 22 de junho.

Conta-se que grande multidão correu assistir à morte de Albano. Havia, porém, um rio que a separava do lugar do martírio, e o Santo, para não retardar a entrada no céu, que, com avidez, desejava, orou a Deus, pedindo-lhe que tal multidão pudesse aproximar-se. As águas do rio, então, separando-se, permitiram que a massa atravessasse a pé enxuto a larga corrente.

Diante daquela maravilha, o carrasco converteu-se. Convertido, foi decapitado. O que o substituiu, para acabar com o Santo, nem bem o fizera, foi tomado pela cegueira.

Era na Inglaterra, no ano de 287.

O culto de Santo Albano, mártir, é bastante antigo. Vários autores mencionam o fato de que, já em 429, São Germano de Auxerre e São Lôbo de Troyes peregrinaram ao túmulo do Santo, e agradeceram pelo êxito da missão que se haviam proposto.

O rei Offa de Mércia fundou sôbre o sepulcro de Santo Albano um mosteiro que, destruído pelos dinamarqueses, foi reedificado no século XII, permanecendo de pé até o ano de 1540.

* * *

SÃO JOÃO I DE NÁPOLES (*)

Bispo e Confessor

São João I é o décimo-quarto bispo de Nápoles. Teve a vida tão digna que São Paulino de Nola, morto recentemente, apareceu-lhe, convidando-o para contemplar a glória de Nosso Senhor.

Era no ano de 432, e João passou o dia em contritas orações, morrendo no dia seguinte, um sábado.

Na noite de Páscoa, um grande cortejo de neófitos e de fiéis acompanharam-lhe o corpo até a última morada terrena. São João I fôra bispo por vinte e sete anos. Falecido a 3 de abril, celebra-se-lhe a festa a 22 de junho em virtude da comemoração de São Paulino neste dia.

* * *

SÃO JOÃO IV DE NÁPOLES (*)

Bispo e Confessor

Êste São João, o Quarto, foi o quadragésimo-quarto bispo de Nápoles. Filho de pais pobres, teve, no entanto, a ventura de poder estudar sem preocupações. Aplicadíssimo, foi cognominado o Escriba.

Constituído bispo de Nápoles em 842 pelo papa Gregório IV, João faleceu em 849, tendo, durante o govêrno da diocese, reunido numa só igreja os corpos de nove dos predecessores.

Conta-se que São João IV era vulgarmente chamado *ad Acquarolam*.

* * *

SANTO EVRARDO (*)

Arcebispo de Salzburgo

Evrardo, ou Eberardo, nasceu em Nuremberg no ano de 1085, numa nobre família, e foi educado no mosteiro beneditino de Bamberg. Nesta cidade, anos mais tarde, teve um canonicato na catedral, ao qual deixou para ingressar na abadia de São Miguel.

Tal era a aplicação de Evrardo, que o bispo o enviou estudar em Paris. De regresso, suspirando pela vida monástica, enclausurou-se em Pruefening, perto de Ratisbona. Foi quando três irmãos do Santo principiaram a fundação do mosteiro que dedicaram à Virgem Mãe de Deus: Evrardo, chamado para administrá-lo, foi feito superior da nova fundação, que se erguia em Biburgo.

Em 1138, o futuro arcebispo acompanhou o bispo de Bamberg numa peregrinação ao túmulo dos Santos Apóstolos. Foi nesta ocasião que o papa, então Inocêncio II, fê-lo abade da casa de Biburgo.

Desde aquêle ano, o mosteiro entrou a desenvolver-se com grande rapidez, e o sucesso que o abade obteve foi tão brilhante, suscitou tantos elogiosos comentários, que se viu alçado à sede arquiepis-

copal de Salzburgo, da qual tomou posse em maio de 1147, precisamente no dia 31.

Foi de Santo Evrardo a idéia de honrar-se a santa Mãe de Deus, Maria, nas principais festas, com oitavas.

O santo arcebispo faleceu em 1164 na abadia cisterciense de Rein, na Estíria, quando de volta duma excursão de caráter diplomático.

* * *

SÃO JOÃO FISHER

Bispo de Rochester

Cardeal e Mártir

João Fisher nasceu no Yorkshire em 1469. Em 1483, estava em Cambridge. Bacharel, foi professor de artes. Ordenado padre em 1494, aos vinte e cinco anos de idade, logo depois era censor da Universidade.

Em 1504, elevou-se à chancelaria. Confessor da mãe do rei, Margaret Beaufort, condêssa de Richmond — a boa Lady Margaret — pôde, tal o crédito de que dispunha, empenhar-se na côrte pela religião católica.

Foi Lady Margaret que, a conselho do Santo, estabeleceu duas cadeiras de teologia, uma em Oxford e outra em Cambridge.

A Erasmo, o ironista do *Elogio da Loucura,* que traduzira o Novo Testamento do grego para o latim, denunciador das doutrinas de Lutero, Fisher encarregou-o duma das cadeiras, como teólogo.

Erasmo não escondia a admiração que tinha por São João Fisher, chegando a dizer que "não havia homem mais sábio, nem prelado mais santo".

Em 1504, o rei nomeou-o bispo de Rochester, ao sul da desembocadura do Tâmisa. Contava, então, trinta e cinco anos. Evitando as honrarias, das quais fugia sempre e sempre, entrou a lutar, com grande diligência, contra os abusos da diocese. Procurava os pobres, consolava os doentes, provia-os de tudo aquilo que se lhes fazia necessário.

Fisher combateu denodadamente o protestantismo. A Reforma, de início, não fôra um movimento político. Fôra tão-sòmente um movimento religioso.

Do ponto de vista da doutrina, a Reforma pretendeu estabelecer uma relação mais direta entre o Criador e o pecador, diminuindo a eficácia dos sacramentos ao lado da misericórdia divina, fonte de salvação das almas.

Assim, diziam, aproximavam-se dos ensinamentos de Jesus Cristo, que era quanto pode haver de democrático, cabendo ao livre exame a supremacia pela subordinação dos dogmas à interpretação individual.

A questão das indulgências proporcionou a discórdia, levou à separação.

Lutero, pùblicamente, na presença de doutôres, estudantes e povo, queimou a bula que vinha condená-lo como herético e sedicioso.

O protesto de Lutero foi feito por meio de noventa e cinco teses, as famosas *Teses* que São João Fisher criticou com bravura e brilho.

Depois que Henrique VIII, em 1522, ligou-se a Ana Bolena, dama de honra da espôsa Catarina de Aragão, declarou-se a luta entre Fisher e o monarca. E em 1533, foi êle aprisionado pela primeira vez.

Quando o rei, procurando assegurar a sucessão do trono aos filhos de Ana Bolena, buscou o jura-

mento de São João Fisher para uma fórmula que ia contra o papa (rejeição da jurisdição papal sôbre a Igreja), o Santo, com indignação, recusou-se a atender o soberano, rebelando-se.

Prêso de novo, desta vez foi enviado à fatídica Tôrre de Londres, tendo os bens confiscados e os livros e trabalhos dispersos.

Quando lhe varejaram a casa, encontraram um móvel que tinha, fechada a chave, uma única gaveta. Aquilo era suspeito. Que conteria ela? Forçaram-na. Arrombada, escancarada, os três objetos que encerrava decepcionaram os violadores: dentro, severos, estavam, como que acusadores, duas disciplinas e um cilício.

Importantíssima figura daqueles tempos foi a de Tomás More, amigo do santo arcebispo, o humanista e chanceler que a igreja canonizou em 1935. É, sem dúvida, a personalidade mais interessante da turbulenta Inglaterra de Henrique VIII, naqueles tempos de São João Fisher.

Como Fisher, era de ótima têmpera. Até o fim da vida, "defendeu sempre um bom entendimento com a Santa Sé, de preferência a um rompimento, que só serviria para reunir na pessoa do soberano o poder espiritual e o poder temporal. Demonstrou, pela vitalidade prodigiosa de seu ânimo, pelo ascetismo da sua doutrina, solicitada pelas exigências duma vida senhorial, pela sua natural propensão para a pobreza e para a humildade, que os exaltados combates que se travam entre os escrúpulos morais e o amor do próximo, são sempre pagos com o sacrifício da própria vida.

"Por esta razão mesma, a individualidade de Tomás More — o homem — não pode deixar de suscitar o mais vivo interêsse.

"É, sem dúvida, de todos os humanistas, o autor da *Utopia* aquêle que melhor sentido da ironia possuiu, de tal modo que só êle compreendeu o vácuo da existência, tanto que chegou por momentos a pensar em se recolher à Cartuxa.

"Ninguém mereceu de Erasmo os mais rasgados elogios do que Tomás More, a quem, aliás, dedicou o *Elogio da Loucura*.

"A história comovente e trágica do sábio inglês é, em grande parte, motivada pela sua perfeita integridade.

"Impressionado com a aura de sabedoria de que Tomás More se achava revestido, Henrique VIII, logo após ter subido ao trono, quis tê-lo ao seu serviço.

"More passou a preparar os discursos do rei, a exercer uma ação decisiva na vida intelectual do país; assinou o Tratado de Cambrai, a que se refere o seu epitáfio.

"Desejando sempre que Deus o guiasse nas emergências da vida, More rezava e meditava todos os dias.

"Apreciado pelo talento, tanto como pela piedade, More foi, sucessivamente, encarregado de defender o rei numa polêmica com Lutero, e de procurar trazer à razão Tyndale, que aceitara a heresia. Durante anos, foi considerado homem de espírito angélico e de inigualável saber — conforme o atestam os tratados de retórica da época, que consignam esta frase.

"Em 1529, Henrique VIII ofereceu a Tomás More o lugar de chanceler, procurando desta forma encontrar o apoio de alguém reputado pela piedade, para conseguir sancionar o repúdio de Catarina e casar com Ana Bolena.

"More aceitou e pretendeu afastar a anulação, sabendo perfeitamente que era para isso que tinha sido chamado.

"Vendo que nada conseguia fazer, jubilou-se, a pretexto de estar doente.

"Henrique VIII indignou-se, mas não exteriorizou as intenções. Convidou-o para assistir ao casamento com Ana Bolena. More recusou-se comparecer. Tomás Cromwell acusou-o pùblicamente. More solicitou audiência duma comissão de parlamentares, que lhe foi concedida, com a condição de aprovar a política do rei.

"Em presença desta exigência, desistiu de ser ouvido.

"Em seguida, foi instado para votar a lei de sucessão, a favor de Isabel, filha de Ana Bolena. Recusou ainda.

"Dois dias depois, a 17 de abril de 1535, foi conduzido à Tôrre de Londres, de onde só saiu para a fôrca.

"Vilipendiado, mal alimentado, tratado sem deferência ou consideração, More sofreu todos os tormentos possíveis. Escreveu, para se consolar, o *Diálogo do Reconforto nas Atribulações*, e meditou na Paixão do Salvador.

"Embora instado pelos amigos para se retratar, persistiu na decisão.

"O cardeal João Fisher, que tomara igual atitude em relação ao divórcio de Henrique VIII, foi decapitado.

"More defendeu-se magistralmente dentro da lei, mas condenado a ser esquartejado, dirigiu-se aos carrascos nestes têrmos:

"— Tenho confiança absoluta, e pedirei a Deus, com fervor, o céu para vossas senhorias, porque, embora tenhais sido os obreiros da minha condenação, é certo que ainda poderemos encontrar-nos no céu, todos juntos. . ."

"Morreu como um justo, pronunciando estas palavras:

"— Morro leal a Deus e ao Rei! Mas, a Deus, antes de mais nada!" (1).

A *Utopia*, uma obra como a *República* de Platão, descrevia uma sociedade idealmente perfeita, onde reinavam a ordem, o asseio, onde não havia analfabetos e ninguém trabalhava mais do que seis horas. Todos participavam do govêrno e pessoa alguma tinha que dar contas da religião que seguia.

O intuito de Tomás More era realçar as imperfeições e os crimes da sociedade de seu tempo, na qual o despotismo do trono não se preocupava com o bem-estar das classes menos favorecidas, com os pobrezinhos sem eira nem beira.

São João Fisher, no ano em que foi executado Tomás More, também se foi para Deus. Era, como se viu, em 1535, e o papa Paulo III nomeou-o, pouco antes da morte, cardeal.

---

(1) Alves de Azevedo, **Breve História da Literatura Inglêsa**, Liv. Clássica Ed., 1942.

Conta-se, então, que Henrique VIII, no paroxismo da fúria, gritou, apoplético, aos que lhe traziam a notícia:

— Envia-lhe, então, o papa o chapéu? Eu arranjarei de modo que, ao chegar, êle o coloque sôbre os ombros... porque não mais terá cabeça para acomodar chapéus!

Condenado à morte no dia 17 de junho, São João Fisher foi executado cinco dias mais tarde, isto é, a 22.

Acordado às cinco da madrugada, gentilmente suplicou que o deixassem repousar um pouco mais. Contentaram-no, e o Santo profundamente, dormiu mais duas horas.

Quando acordou, vestiu-se, tomou o Novo Testamento e leu, com grande consolação, estas palavras de São João:

Ora, a vida eterna é esta: "Que te conheçam a ti como um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Glorifiquei-te sôbre a terra; acabei a obra que me deste a fazer. E agora, Pai, glorifica-me junto de ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que houvesse mundo" (2).

Chegado que foi ao local do suplício, calma e dignamente dirigiu-se ao povo que se acotovelava para vê-lo, dizendo:

— Aqui vim para morrer pela fé, pela fé da Igreja católica e de Nosso Senhor Jesus Cristo.

(2) Jo. 17, 3-5.

Estava abatidíssimo, muito magro, "um esqueleto".

Decapitado, foi o corpo depois levado para o cemitério chamado de *Todos os Santos,* e a cabeça, fincada num alto poste esguio, por catorze dias ficou exposta na ponte de Londres.

São João Fisher foi canonizado junto com o amigo Tomás More, em 1935, graças ao zêlo de Dom Henrique Quentin.

* * *

BEM-AVENTURADO LAMBERT (*)

Abade

O bem-aventurado Lambert foi abade numa época agitada, em que o relaxamento era geral.

Eleito em 1096, conhecia a fundo a abadia de São Bertinho, mas não conseguiu qualquer êxito no sentido de melhorar a vida desorganizada que ali se levava.

Bastante doente em 1100, Lambert pôs-se a pensar nas contas que teria de prestar ao Senhor. Temeroso de ter sido um tanto fraco e pouco hábil, reuniu os monges na véspera de Natal e os repreendeu com grande severidade, pintando com fortes pinceladas a vida que viviam, depois do que, discorrendo sôbre a pobreza, concitou-os a abraçá-la por amor de Nosso Senhor. Proibiu-lhes continuar com os servidores que tinham, de dispor do que quer que seja, de receber ou dar coisas sem superior permissão.

Os monges, a princípio estáticos, tomados de surprêsa, acabaram, depois, por se enfurecer, forçando-o a tornar ao leito de enfêrmo, abatidíssimo, tristíssimo.

Logo depois que se sentiu com novas fôrças, curado de vez, secretamente saiu à procura do conde

de Flandres, Roberto, e, com aquela personalidade, entrou a tratar da filiação de São Bertinho a Cluny. Era, a seu ver, a única saída que tinha.

Ora, os monges, desconfiados de que algo se tramava, tantas as escapadas do abade, acabaram vigiando-o e seguindo-o, descobrindo o que intentava fazer o bem-aventurado. Então, reunidos, impondo-se, fizeram-no jurar que deixaria as negociações, que, aliás, já iam deveras avançadas.

Cheio da mais profunda tristeza, sofrendo pelos irmãos, achou que, agora, o que lhe restava era deixar o pôsto. E, pretextando uma viagem a Roma, que, disse, sempre desejara empreender, em companhia do bispo de Therouanne demandou Cluny, onde, despojando-se do cargo, fêz profissão de simples monge.

Ora, Santo Hugo considerou então a abadia de São Bertinho como uma dependência de Cluny. E, chamando Lambert, ordenou-lhe que para lá tornasse e tentasse levar os religiosos a melhor situação.

Obediente, o santo abade cumpriu o mandado. Voltou para São Bertinho. Pèssimamente recebido pelos monges, não foi, pela maior parte dêles, obedecido em nada. Ninguém se lhe submeteu, a não ser uns poucos, o que era risível.

Desesperado, usando do direito que lhe assistia, convocou aquêles poucos *vassalos*, e, com êles, à fôrça, expulsou os recalcitrantes, substituindo-os com outros monges, que vieram de Cluny.

Desde então, a abadia deu de prosperar, e logo tudo corria maravilhosamente.

Em paz, Lambert faleceu no dia 22 de junho de 1125.

Tendo recebido o título de bem-aventurado, Lambert jamais teve o culto aprovado oficialmente.

* * *

No mesmo dia, em Samaria, na Palestina, mil quatrocentos e oitenta mártires, que foram mortos pela fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob o rei dos persas Cosroas, em 625. Esta notícia comemora um massacre que teve lugar durante uma guerra de Cosroas contra o imperador Heráclio.

Em Roma, a traslação de São Flávio Clemente, personagem consular e mártir (96). Foi irmão de Santa Plautila e tio da bem-aventurada Flávia Domitila, virgem e mártir. Por ordem do imperador Domiciano, do qual era primo e com o qual exercera o consulado, foi morto pela fé. O corpo, encontrado na basílica do papa São Clemente, foi de novo sepultado com grande solenidade.

No monte Ararat, a paixão de dez mil santos mártires, crucificados (?). Nenhum traço dêstes mártires é visível no Ocidente ou no Oriente, para confirmar tal notícia, que é bastante suspeita.

São Nicetas, bispo de Remesiana, célebre pelo saber e pureza, cuja vida vimos a 7 de janeiro.

Em Roma, o bem-aventurado papa Inocêncio V, da ordem dos Irmãos pregadores, confessor, que trabalhou com grande e doce prudência para proteger a liberdade da Igreja e para manter a concórdia entre os cristãos. O soberano pontífice Leão XIII ratificou e confirmou o culto que se lhe rendia. Falecido em 1276.

Em Metz, os santos bispos Vítor e Hespério, séculos IV e V, respectivamente. A diocese de Metz honra neste dia dois dos antigos bispos: Vítor era festejado a 22 de setembro e Hispério a 22 de novembro. Ambos foram enterrados na cripta de São Clemente. Em 1142, as relíquias dêstes dois santos bispos foram subtraídas por um monge do priorado de Lixheim.

Em São Malo, na Bretanha, Santo Aarão, ermitão, no século VI. Era, como vem na *Vida de São Malo, um servidor de Deus, que vivia como ermitão.*

Em Metz, mais uma vez, Santa Prece, virgem, no século VII. As relíquias desta santa virgem eram veneradas no mosteiro de São Clemente de Metz. Dizia-se, então, que Santa Prece era filha do bispo de Metz, São Gueric, e que havia fundado um mosteiro no lugar em que se ergueu a cidade de Épinal (Espinheiro).

Em Lobbes, São Domiciano, confessor, que foi companheiro de São Landelino. Deixou Lobbes para ir fundar o mosteiro de Crespin, tendo sido abade dêste ou de Lobbes (século VII).

Em Santo Omer, Santa Rotruda, século X, ou Otruda, a qual, muitas vêzes, é confundida com Rotruda e Rotilda, filhas de Carlos Magno.

* * *

23.º DIA DE JUNHO

SANTA MARIA D'OIGNIES

Nascida em 1177, em Nivelle, Brabante, de uma família riquíssima, as riquezas jamais lhe impressionaram a alma, mesmo na mais tenra idade. Jamais, ou raramente, a viram tomar parte nos brinquedos da infância, não pela morosidade do caráter, mas porque desde então a graça divina a atraía para as coisas do céu. Desde a infância, levantava-se de noite, punha-se de joelhos ao pé da cama, e repetia as orações que havia aprendido de cor. A misericórdia e a piedade pareciam ter nascido com ela e nela cresciam com os anos. Criança ainda, quando via passar religiosos cistercienses diante da casa do pai, seguia-os às escondidas, cheia de admiração, e, não podendo fazer outra coisa, punha os pés nas suas pegadas. Os pais, como era costume das pessoas do mundo, quiseram adorná-la de vestes preciosas; ela usava-as com tristeza, como se lesse na alma o que os apóstolos São Pedro e São Paulo haviam dito contra os ornamentos femininos. Os pais, surpresos, zombavam dela: "Mas que será de nossa filha?" Casaram-na com a idade de quatorze anos a um jovem que muito lhe convinha pela doçura da natureza. Afastada dos pais, seu fervor e austeridades não

conheceram limites. Freqüentemente, após haver empregado parte da noite no trabalho manual e em oração, repousava sôbre tábuas que escondia sob o leito. Como não tinha liberdade de dispor do corpo abertamente, servia-se, em segrêdo, de uma corda rude que trazia sôbre a carne. O marido, de nome João, vivia primeiramente com ela como espôsa, mas em breve, conquistado por seu exemplo, não a considerava senão irmã e companheira na piedade. Desde então, não sòmente levou vida casta, mas foi o guardião fiel da castidade da espôsa, cuidando do que lhe faltava, a fim de que nada a afastasse da contemplação e dos exercícios de piedade que ocupavam tôdas as horas de sua vida. Como ela, deu aos pobres o que possuía e juntou-se a ela na oração e em tôdas as obras da caridade às quais podia tomar parte. De sorte que, quanto mais dela se separou corporalmente, renunciando a tôda afeição carnal, mais se lhe unia pelos laços de uma sociedade tôda espiritual. Não se contentaram em crucificar a carne em tão grande juventude; mas, esquecendo-se de si próprios, aplicaram-se em servir os leprosos na cidade de Nivelle.

Os homens do século não tardaram em censurar conduta que lhes parecia surpreendente; e os parentes de um e outra não mais podiam vê-los senão com despeito. Parecia que houvesse tido uma conspiração geral em todo o país para zombar dêles e dêles fazer o objeto das zombarias públicas. Do mesmo modo que todos os respeitavam quando ricos, assim todos os desprezavam quando voluntàriamente se tinham tornado pobres por amor de Jesus Cristo. Consideravam-nos pessoas insignificantes, e quanto mais

humildes e pacientes os viam, mais procuravam ultrajá-los com injúrias. Maria, bem como o marido, recebia-as com alegria, no desejo ardente de participar das humilhações que Jesus Cristo havia sofrido na cruz.

O princípio de sua conversão perfeita, a causa de seu amor sempre mais fervente por Deus, foi a cruz do Salvador. Um dia, a meditação dos sofrimentos a impressionou com tal compunção, que seu lugar na igreja se encontrou inundado de lágrimas. Depois, ela permaneceu longo tempo sem poder olhar uma imagem da cruz, nem falar ou ouvir falar de Jesus Cristo, sem que caísse em desmaio que ia até o êxtase. Havia recebido de Deus o dom das lágrimas a tal ponto, que não lograva reter-lhes o curso. A magreza extrema, a que a tinham reduzido os longos jejuns e longas vigílias, não a impedia de derramá-las em abundância. Dizia aos que temiam que estivesse enfêrma que tais lágrimas eram o seu alimento; que longe de lhe fazerem mal, lhe aliviavam as penas. Quase sempre era a vista do que Cristo havia sofrido pelos pecados dos homens que a fazia derramá-las. Por seu turno, empenhava-se em nada fazer que pudesse obrigá-la a derramá-las por si própria. Vigiava com tanto cuidado a alma e os sentidos, e conservava o coração em tão grande pureza, que seu diretor jamais nela notou palavra indecente, olhar mal regrado, ação um tanto mais livre, nem riso imoderado, nem gesto que não fôsse modesto. Quando, à noite, examinava severamente tudo o que havia feito durante o dia, e julgava haver-se excedido na menor coisa, confessava-se imediatamente ao padre, com viva contrição.

O amor do Salvador a fazia amar a cruz. Tinha feito a Deus o sacrifício dos bens, e fazia perpètuamente o sacrifício do corpo com mortificação contínua. Usava do alimento sòmente para não morrer; comia uma vez por dia e em pequena quantidade: no verão, na hora das vésperas, no inverno, na primeira hora da noite. Não bebia vinho e não comia carne; seus alimentos mais comuns eram frutas, ervas e legumes; por muito tempo costumava comer um pão negro, tão sêco e duro, que lhe magoava a garganta, à medida em que o tomava. Três anos a fio jejuou a pão e água, desde a exaltação da santa cruz até a Páscoa, e isso sem em nada diminuir o trabalho manual. Algumas vêzes, durante trinta e cinco dias, repousava afetuosamente com o Senhor, em doce e bem-aventurado silêncio, não tomando qualquer alimento corporal, e não proferindo mais que esta palavra: Quero o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo. Havendo-o recebido, permanecia em silêncio com o Senhor. Nesses dias, sentia o espírito como que separado do corpo, encontrando-se como que num vaso de lama, tal era o seu desprendimento das coisas sensíveis, e arrebatada acima delas. Enfim, após cinco semanas de arrebatamento, para grande espanto de todos, voltava a si, falava aos presentes e tomava alimento.

Quanto mais enfraquecia o corpo pelos jejuns, mais o espírito se lhe fortificava na prece. Orava de dia e de noite com assiduidade infatigável; orava sem cessar, ou no silêncio do coração sem emprêgo da palavra, ou exprimindo pela bôca os sentimentos do coração. Mesmo quando fiava ou executava outro trabalho manual, tinha sempre o saltério aberto diante

dela para cantar os louvores de Deus e tê-lo sempre presente no pensamento. Não passava ano que não fôsse em peregrinação a Nossa Senhora d'Oignies; ali, sempre obtinha algumas graças de Deus pela intercessão da santa Virgem. Essa igreja situava-se a uma légua de Nivelle, e o caminho era quase inviável em tôdas as estações: Maria percorria-o com os pés nus, mesmo nos maiores rigores do inverno. Não comia nada durante todo êsse dia e passava tôda a noite em oração na igreja, não se alimentando senão no regresso, após as vésperas. Estava, por outro lado, acostumada a vigilar assim na igreja de Willenbrock, bairro de Nivelle, onde morava; vigilava em oração, com a licença do sacristão, até que, não mais podendo resistir ao sono, apoiava a cabeça na parede para tomar um instante de repouso. O leito que tinha, e onde quase nunca se deitava, apenas continha um pouco de palha, como todo confôrto.

Em comunhão perpétua com Deus, com os anjos e santos, Maria teve grande número de visões sobrenaturais e de revelações. O cardeal Jácomo de Vitri, seu diretor espiritual e biógrafo, cita diversas. Havia recebido de Deus um maravilhoso discernimento para distinguir o que vinha realmente de Deus do que procedia da natureza ou do anjo das trevas.

Permaneceu alguns anos reclusa em Willenbrock; mas não podendo mais suportar a multidão dos que vinham por devoção vê-la de Nivelle, pediu a Deus que lhe desse a conhecer lugar mais favorável para não se ocupar senão d'Êle. Não encontrou local mais favorável a êsse propósito do que em Oignies, tanto por estar afastado das estradas como

por ser pobre. Ademais, havia já visto algumas servas de Deus, com as quais esperava servi-lo com mais fervor ainda. Para lá se dirigiu com permissão do marido, e de Gui, seu cunhado, que havia escolhido por pai espiritual, ao qual unia o célebre Jácomo de Vitri, que foi depois cardeal-arcebispo de Túsculo. Ali viveu sem obstáculo na perfeição a que aspirava. Enfim Deus, tendo-a cumulado de graças em profusão contínua, fê-la chegar ao término que havia marcado para concluir os trabalhos de sua vida mortal.

Jácomo de Vitri, tendo recebido ordem do papa Inocêncio III de pregar a cruzada contra os maniqueus albigenses, foi obrigado a deixá-la no mesmo ano em que ela morreu. Predisse-lhe ela que não a reveria senão para assisti-la no último instante; e fêz o seu testamento, legando-lhe o cinto usado e o velho lenço regado com lágrimas. Consolou-se da ausência de tal diretor, com a expectativa da transmigração próxima e a presença do bispo Foulque de Tolosa, que, expulso de sua sede pelos albigenses, viera refugiar-se em Liège.

Sua última enfermidade foi extremamente longa e acompanhada de dores atrozes. Mas as consolações espirituais lhe igualavam e, mesmo, ultrapassavam os sofrimentos. Durante os três últimos meses de vida, não tomou senão onze vêzes alimento: a repugnância não cessava senão com a recepção do sacramento da eucaristia. Mostrava a alegria que lhe inundava o coração com hinos e cânticos, que entoava contìnuamente em língua romana e em ritmo ou rima. Poucos dias antes da morte, mandou transportar o leito para

a igreja, ao pé do altar, a fim de que os objetos de sua piedade lhe fôssem mais sensíveis. Continuou a entoar os cânticos de alegria, o *Magnificat* e o *Nunc dimittis,* em meio aos sofrimentos, até que, no domingo, dia 23 de junho de 1213, entregou a alma a Deus, com a idade de trinta e seis anos. (1)

* * *

(1) Acta SS., 23 junii.

OS SANTOS MÁRTIRES DA NICOMÉDIA (*)

Ano 303

Os santos mártires da Nicomédia sofreram sob Diocleciano, quando no início da perseguição. Sôbre êstes mártires deixou-nos Eusébio (1) o seguinte:

"Assim que foi afixado na Nicomédia o edito contra as Igrejas, um homem, não obscuro, mas dos mais consideráveis entre os dignatários dêste mundo, possuído de grande zêlo por Deus, e levado pela fé ardente, arrancou e rasgou o exemplar colocado bem a vista de tôda gente no lugar mais público, como se tal fôra das mais ímpias coisas, e, pois, digno do maior desprêzo.

"Dois imperadores estavam presentes naquela cidade, o mais antigo de todos (2) e aquêle que ocupava o quarto pôsto do poder depois dêle (3).

"O cristão que arrancara e rasgara o edito em praça pública era o primeiro dos do país que se fazia notar desta maneira. Imediatamente, como era natural, pela audácia que teve, passou por grande suplício, mas, magnânimo, guardou a serenidade e a calma até o último suspiro.

---

(1) **Eusébio, His. Ecl., liv. VIII, c. V e VI.**

(2) **Diocleciano.**

(3) **Galério.**

"Acima de todos os que foram celebrados como dignos de admiração e louvados pela alta coragem, seja entre os gregos, seja entre os bárbaros, a época presente colocou os divinos e gloriosos mártires que foram os servidores imperiais, companheiros de Doroteu. Os mestres julgaram-nos dignos da maior distinção e lhes dedicaram a afeição que aos próprios filhos dedicavam.

"Êstes cristãos, todavia, estimaram como tesouro verdadeiramente maior do que a glória e o prazer do mundo, os opróbrios carregados pela religião, os sofrimentos, os mais variados gêneros de morte, enfim, inventados pelos mestres. Veremos o que suportou um só dêles, que fim teve, e, por êste, estaremos capacitados para avaliar o que aos demais ocorreu.

"Fêz-se com que comparecesse um da citada cidade diante dos príncipes que acima mencionamos. Obrigaram-no a sacrificar. Como se recusasse, ordenaram que o suspendessem, completamente nu, e, com chicotes, lanhavam-lhe todo o pobre corpo, para que, vencido, fôsse constrangido a fazer o que lhe fôra ordenado.

"Como sofresse o castigo sem se quebrantar, puseram-se a banhar-lhe as carnes, onde os ossos apareciam, tintos de sangue, com vinagre, ao qual juntaram certa porção de sal. Desprezou o herói também êste tratamento. Então, arrastaram para perto dêle uma grande grelha, acenderam um grande fogo, e sôbre ela expuseram o que restava daquele corpo, não brutal e ràpidamente, temerosos de que logo morresse, mas a pouco e pouco, para que expirasse depois de ter experimentado todo o horror duma morte lenta e atroz.

"Estava, porém, aquêle sofredor resolvido a tudo arrostar sem um gemido e, assim, vencido pelas torturas, rendeu a alma.

"Tal foi o martírio dum dos servidores imperiais, realmente digno do nome que lhe haviam dado os pais: chamava-se Pedro.

"Os suplícios dos outros não foram menores. Para encurtar a narrativa, diremos sòmente que Doroteu e Gorgônio, bem como muitos outros que serviam nos palácios imperiais, tiveram igual sorte ou foram estrangulados, recebendo o prêmio da divina vitória.

"Naquela época, quem então presidia a Igreja da Nicomédia era Antímio; por causa do testemunho que rendia a Deus, foi decapitado, a êle se juntando uma numerosa multidão de mártires.

"Um incêndio declarou-se, sem que se saiba como, nos palácios imperiais, naqueles dias mesmos. A uma mentirosa notícia, de que os autores do sinistro eram os cristãos, êstes, em massa, sem distinção, a uma ordem imperial, foram, uns mortos pela espada, outros pelo fogo, mas todos com indizível coragem — homens e mulheres. Outros ainda, amontoados em grandes barcos, foram precipitados nos abismos do mar.

"Os servidores imperiais, depois da morte, foram confiados à terra com a honra que lhes convinha. Mas muitos, desenterrados, foram de novo lançados às águas. Era o mêdo que tinham os mestres de que, naquelas tumbas, outros fôssem adorá-los, tomando-os por santos. Tais foram os sucessos ocorridos na Nicomédia, no início da perseguição".

* * *

SANTA EDILTRUDE (*)

Virgem

Santa Ediltrude era filha dum rei do Este inglês. Anna, e irmã de três santas, quais sejam, Sexburga, Edilburga e Withburga.

Nascida em Exning (1), desposou o príncipe Tonberto, mas ambos viveram na mais completa continência.

Três anos depois, o príncipe faleceu. Ediltrude, então, retirou-se do bulício da côrte, dedicando-se tão-sòmente à oração e à penitência.

Razões de Estado, porém, obrigaram-na a contrair novas núpcias. Casada, pela segunda vez, com Egfrido, jovem príncipe de Northumbria, bem mais moço do que a Santa, Ediltrude, também com êle, levou vida de continência, até o dia em que o espôso, rebelando-se, mostrou-se desejoso de quebrar o voto que fizera.

Ora, Ediltrude a Deus votara a virgindade e, pois, desesperada, foi aconselhar-se com São Wilfrido, o qual achou conveniente que a jovem princesa se refugiasse num mosteiro.

---

(1) Suffolk.



Santa Ediltrude. Segundo uma gravura do século XVI.

Assim fêz a santa virgem, e, tendo tomado o véu, depois dum curto noviciado retirou-se definitivamente para Ely.

Conta-se que foi muito perseguida e acossada por emissários do marido, mas Deus velava por aquela serva, de modo que nunca nada de mal lhe sucedeu.

Em 672, fundou Ediltrude um duplo mosteiro na ilha de Ely, ao qual regeu até a morte. Austera, alimentando-se pouquíssimo e apenas uma só vez por dia, salvo nos dias de festa ou quando enfêrma, vestindo-se grosseiramente, depois das matinas, cantadas à meia-noite, enquanto as demais repousavam, costumava varar a noite a orar, só cessando e dando-se algum descanso com o raiar do dia.

Tendo predito a morte, que ocorreria quando duma epidemia, faleceu Santa Ediltrude no dia 23 de junho do ano de 680.

A princesa Sexburga, que a sucedeu como abadêssa, constatou que a corrupção não se assenhoreava do corpo virginal da irmã.

Santa Ediltrude operou milagres depois do falecimento. Foi muitíssimo invocada contra dôres de garganta e torcicolos.

* * *

SÃO LITBERTO (*)

Bispo

São Litberto era filho dum nobre do Brabante, também Litberto, e de Osburga, sendo educado pelo bispo Geraldo, seu tio e predecessor na sé de Cambrai.

Sucessivamente, São Litberto foi diretor da escola da diocese, secretário do bispo e seu arcediago.

Quando Geraldo faleceu, em 1051, Litberto foi eleito pelo clero e pelos fiéis para ocupar o pôsto que o tio tão bem levara, eleição que, satisfeito, o imperador Santo Henrique ratificou.

Consagrado em Reims, depois da ordenação celebrada em Chalons-sur-Marne, Litberto, em 1054, partiu em peregrinação para Jerusalém, com numeroso grupo de fiéis. De volta, no ano seguinte, ergueu o Santo em Cambrai, sugestionado pela paisagem de Jerusalém, uma igreja a que chamou do Santo Sepulcro, igreja em que ia sempre orar, deveras agradado.

O mosteiro de Santo André, começado pelo tio Geraldo, terminou-o Litberto. Um dos bispos mais zelosos e piedosos, costumava, à noite, quando tudo era silêncio, sair, descalço, e percorrer igreja por

igreja, nelas longamente rezando e pedindo pelo rebanho que guardava.

Depois de vinte anos mais ou menos de episcopado ativo, adoeceu. Acamado por três penosos anos, faleceu na vigília de São João Batista, em 1076, sendo enterrado na querida igreja do Santo Sepulcro, a predileta.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO DE JULLY (*)

Confessor

Nascido na Inglaterra, de boa família, Pedro estudou teologia no país natal, depois do que, para aperfeiçoar-se, buscou a França, que o prestígio da terra de Joana d'Arc era grande, estendendo-se por tôda a Europa, norte da África e parte da Ásia.

Ligando-se por estreita amizade a um outro jovem, Estêvão Harding, com êle fêz uma peregrinação ao túmulo dos santos Apóstolos.

De volta da Itália, fixaram-se em Molesme, mosteiro fundado em 1075 por São Roberto. Seduzidos pela observância cisterciense, ali ficaram, tornando-se célebres no país como taumaturgos e pregadores.

Perto de Molesme havia um mosteiro, o de Jully. À morte do capelão, Pedro foi chamado pela comunidade, e, como prior, ali acabou a vida, no ano de 1136.

* * *

BEM-AVENTURADO LANFRANC (*)

Bispo e Confessor

O bem-aventurado Lanfranc foi bispo de Pavia, na Lombardia. Nascido naquela cidade, na família Beccaria, foi sempre homem de bom gênio, pacífico e amigo da quietude. E, engraçado, durante os cinqüenta anos, que foi o tempo de duração do seu episcopado, teve de lutar sem tréguas, sacrificando o amor pela solidão, contra certas pretensões laicas, como a anexação de bens eclesiásticos.

Às vêzes, porém, corria buscar o silêncio e a soledade, onde, a sós, retemperava-se, para novas cargas. Geralmente recolhia-se no mosteiro do Santo Sepulcro, que pertencia a Valombrosa, um ramo da árvore beneditina.

Sempre a lutar, esgotado, faleceu em 1194.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS CORSINI (*)

Confessor

Tomás Corsini nasceu na Itália, em Orvieto, na Úmbria. A uma visão, em que Nossa Senhora lhe apareceu, convidando-o a combater sob sua bandeira, levou-o a pensar nos servitas de Maria.

Todavia, hesitou. Que era verdadeiramente aquela visão? Seria algo ilusório ou teria mesmo vindo do céu?

Estava assim Tomás Corsini hesitante, rogando a Deus para que o esclarecesse, quando, pela segunda vez, teve a mesma visão.

Desta feita, completamente cônscio do que lhe fôra ordenado por Maria, buscou, pressuroso, os servitas da mais próxima comunidade.

Solicitando, humildemente, que lhe concedessem admissão como simples irmão converso, o bem-aventurado Tomás, ali, afastou-se de tudo aquilo que pudesse vir colocá-lo em evidência. E, ora a pedir esmolas, ora a ajudar o irmão-pedinte, levou a vida.

Humildemente, penitentemente, faleceu em 1345, tendo a sublime ventura de ter ao lado, na terrível passagem desta para a vida eterna, a Nossa Senhora, Mãe de Deus e dos homens, poderosíssima advogada do gênero humano.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS GARNET (*)

Mártir

Eis aqui mais um jesuíta inglês que deu a vida pelo catolicismo.

Sobrinho dum provincial da Companhia de Jesus, aos dezessete anos estava na França, onde principiou os estudos no colégio de Santo Omer.

Em janeiro do ano de 1595, partiu para a Espanha, juntamente com outros estudantes comandados por um padre jesuíta. Anos mais tarde, era ordenado padre.

Enviado à missão da Inglaterra, com o bem-aventurado Marcos Barkworth, pouco depois era prêso, a pretêxto de que estava ao par de nomes que se envolveram na agitação de novembro de 1605.

Em vão, procuraram arrancar-lhe o que quer que seja. Por oito meses, viveu numa infecta masmorra, sem qualquer confôrto, falta de ar, a dormir pelo chão úmido e frio.

Afinal, como nada dêle se conseguisse, com outros quarenta e seis sacerdotes, foi exilado.

Depois que tudo serenou, voltou o padre Tomás Garnet à Inglaterra. Semanas mais tarde, um padre apóstata denunciou-o.

Acusado de alta traição, porque, sendo ordenado padre por uma autoridade romana ousara entrar na Inglaterra, o que era contra a lei, foi condenado à morte, a não ser que prestasse o nefando juramento de supremacia.

Preferiu acabar pendurado da fôrca o bem-aventurado Tomás — e assim foi, desaparecendo no ano de 1607.

* * *

BEM-AVENTURADO JOSÉ CAFASSO (*)

Confessor

Dom José Cafasso, padre secular da diocese de Turim, é aquêle que os salesianos carinhosamente festejam como o mestre do grande fundador — São João Bosco.

Nascido na diocese de Asti, no dia 15 de janeiro, numa família cristianíssima, foi batizado no dia seguinte.

Jovem, bem jovem, todo dado à oração e ao catecismo, quando completou os dezesseis anos tomou o hábito clerical. No mês de setembro do ano de 1833, era padre, e, três anos depois, conquistava a cadeira de teologia moral no colégio eclesiástico de Turim, primeiramente como auxiliar, pouco mais tarde como professor. E professor foi o bem-aventurado José Cafasso até a morte.

Em 1848, sucedeu ao fundador do colégio. Passou, então, a dirigi-lo, fazendo da igreja de São Francisco de Assis, anexa ao dito colégio, uma igreja modêlo em todos os sentidos.

Data daquele ano o auxílio que prestou aos inícios da piedosa sociedade de São Francisco de Sales, onde João Bosco foi aluno dos mais queridos.

Penitente ao extremo, Dom José Cafasso trazia sempre consigo um rude cilício, comia pouquíssimo — o estritamente necessário para entreter a vida.

Grande devoto de Nossa Senhora da Consolação, faleceu santamente no dia 23 de junho de 1860, com quarenta e nove anos.

A causa de Dom José Cafasso foi introduzida em Roma em 1906, e, em 1925, foi beatificado.



No mesmo dia, em Dijon, São Jacob, bispo de Toul e confessor, no século VIII. As *Gestas* dos bispos de Toul só lhe consagram algumas linhas. A 22 de maio de 757, foi um dos signatários do privilégio da abadia de Gorze. Em agôsto de 762, estava em Attigny. Foi o restaurador da abadia de São Deodato. Enfêrmo quando em Roma, guardou o leito ao chegar em Dijon, onde faleceu, sendo enterrado na igreja de São Benigno. Celebram-lhe a festa, atualmente, as dioceses de Nancy, de São Deodato e de Langres.

Na diocese de Limoges, São Domnoleto, confessor, no século VI.

Em Saint-Paul-Trois-Chateaux, São Martinho, bispo (século VII?).

Em Lobbes, Santo Hidulfo, confessor. Conde de Hainaut, Hidulfo transferiu todo o poder de que era detentor a serviço da religião. Auxiliou São Landelino a fundar o mosteiro de Lobbes, no qual se refugiou no fim da vida, quando, de acôrdo com a espôsa, Santa Aye, tomou a resolução de abandonar o mundo. Faleceu em 707.

Em Vannes, São Bili, bispo e confessor (séculos IX-X).

Em Onhaye, na Bélgica, São Walter, mártir. Cura de Onhaye, São Walter repreendia os vícios dum sacerdote da vizinhança, que o assassinou a pauladas, quando ambos atravessavam o Mosa (século XIII).

No mesmo dia, a vigília de São João Batista.

Em Roma, São João, sacerdote, que, sob Juliano, o Apóstata, foi decapitado na antiga via *Salaria*, diante do ídolo do sol. — Seu corpo foi enterrado pelo bem-aventurado Concórdio, sacerdote, perto do lugar chamado *os concílios dos mártires*.

Em Roma, Santa Agripina, virgem, martirizada sob o imperador Valeriano. Seu corpo, transportado para a Sicília, operou muitos milagres.

Em Sutri, na Toscana, São Félix, sacerdote; o prefeito Túrcio mandou que lhe batessem a bôca com um seixo, até que entregasse o espírito.

Em Filadélfia, na Arábia, São Zeno, mártir, e São Zenas, seu escravo, que, beijando as correntes com as quais o senhor estava ligado, e rogando-lhe licença para tomar parte em seus tormentos, foi aprisionado pelos soldados, e recebeu, pelo martírio, coroa semelhante à do senhor.

* * *

24.º DIA DE JUNHO

NATIVIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA (*)

1.º Século

Cinco séculos já haviam passado sem que se suscitasse profeta em Israel. Por quê? Porque a vinda daquele que os profetas haviam anunciado estava próxima.

Os tempos se cumpriram. Jacó havia predito que o Messias viria quando o cetro ou o poder soberano saísse de Judá. O povo de Judá não tinha mais o poder soberano: residia agora nas mãos do idumeu Herodes, que o recebera dos romanos.

Os romanos eram os verdadeiros senhores. Sucederam-se quatro impérios, de Daniel a Jesus Cristo. O quarto império, o dos romanos, estendia-se sôbre todos os povos. Após longas, longas e sangrentas guerras, reinava paz, uma paz universal.

Estava para vir o Deus da paz. Todos o esperavam. Não sòmente os judeus, mas os gentios também. Nessa espectativa geral, eram sobretudo os justos que redobravam as preces e votos.

Havia outro homem em Jerusalém. Chamava-se Simeão. Justo e piedoso, esperava a consolação de Israel. O Espírito Santo, que nêle fazia morada fê-lo saber que não veria a morte antes de ver a Jesus, o Cristo.

Na mesma esperança, uma santa viúva, Ana a profetisa, não abandonava o templo, onde jejuava e orava dia e noite.

O sacerdote Zacarias, oferecendo o incenso diante do santuário, vira um anjo, o anjo que lhe anunciou que seria pai do Precursor, profeta que precederia imediatamente ao Senhor.

"Zacarias disse ao anjo:

"— Como conhecerei isto? Porque sou velho, e minha mulher está avançada em anos.

"Respondendo o anjo, disse-lhe:

"— Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus; e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. Eis que ficarás mudo, e não poderás falar até o dia em que estas coisas sucedam, visto que não acreditaste nas minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo" (1).

E o povo, saindo Zacarias do templo, percebeu que vira misteriosa aparição. E a esperança de conhecer em breve o Messias nasceu em todos os corações, confortadoramente.

A misteriosa aparição de Zacarias começou a revelar-se. E um filho lhe nasceu de Isabel. Quem

---

(1) Lc. 1, 18-20.

era aquela criança? Contavam-se dela coisas maravilhosas. Uma virgem de Nazaré fôra saudar a mãe. À saudação, estremecera êle de alegria nas entranhas maternas. E a mãe, cheia do Espírito Santo, profetizou da virgem de Nazaré coisas extraordinárias.

Quem era aquela criança? Que nome lhe dariam? Não teria o nome do pai, Zacarias, que quer dizer *lembrança de Deus*, mas João, ou seja, *cheio de graça*. E logo ao pai se lhe soltou a língua, e cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo:

"Bendito seja o Senhor Deus de Israel,
porque visitou e resgatou o seu povo;
e suscitou uma fôrça para nos salvar,
na casa de seu servo Davi,
conforme anunciou pela bôca dos seus santos,
de seus profetas, desde os tempos antigos;
que nos livraria de nossos inimigos,
e das mãos de todos os que nos odeiam;
para exercer a sua misericórdia a favor de nossos pais,
e lembrar-se da sua santa aliança,
segundo o juramento que fêz a nosso pai Abraão,
de nos conceder que,
livres das mãos dos nossos inimigos,
o sirvamos sem temor,
andando diante dêle com santidade e justiça,
durante todos os dias da nossa vida.
E tu, menino, serás chamado o profeta do Altíssimo,
porque irás adiante da face do Senhor a preparar os seus caminhos;
para dar ao seu povo o conhecimento da salvação,
para remissão dos seus pecados,

pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus,
graças à qual nos visitou do alto o Sol nascente (2),
para alumiar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte;
para dirigir os nossos passos no caminho da paz".

"Ora, o menino crescia e se fortificava nos desertos até o dia da sua manifestação a Israel" (3).

Na ausência de indicações exatas da parte de São Lucas, é difícil precisar a idade com que São João Batista buscou o deserto. É provável que, embora jovem, estava o santo Precursor suficientemente apto para prover-se a si próprio, o que leva a crer que contava de dez a doze anos. Os pais, naturalmente, já haviam falecido.

Que vida levava São João no deserto? Diz o padre Buzy:

"É inútil demorar-se a descrever o gênero de vida do Precursor no deserto... É certo que o precoce anacoreta viveu por conta da divina Providência".

Mais adiante, comenta:

"Algumas ervas na primavera, raízes, mel, frutas silvestres, tais eram, pouco mais ou menos, as riquezas de que fruia. Mas se o corpo era tratado com rigor, a alma alimentava-se abundantemente com os divinos festins da oração e da reflexão" (4).

E veio o ministério de São João e o batismo de Jesus.

---

(2) O Messias, que é a luz do mundo.

(3) Lc. 1, 68-80.

(4) Buzy, «São João Batista. Estudos históricos e críticos».

"No ano décimo-quinto do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e Filipe, seu irmão, tetrarca da Ituréia e da província da Traconítida, e Lisânias tetrarca da Abilina, sendo pontífices Anás e Caifás, o Senhor falou a João, filho de Zacarias, no deserto. E êle foi por tôda a terra do Jordão, pregando o batismo de penitência para remissão dos pecados, como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: *Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas* (5). Todo o vale será terraplanado, e todo o monte e colina será arrazado, e os caminhos tortuosos tornar-se-ão direitos, e os escabrosos planos; e todo o homem verá a salvação de Deus.

"Dizia pois João às multidões, que vinham para ser por êle batizadas:

"— Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que vos ameaça? Fazei, portanto, frutos dignos de penitência, e não comeceis a dizer: Temos Abraão por pai. Porque eu vos digo que Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos de Abraão. Porque o machado já está pôsto à raiz das árvores. Tôda a árvore que não dá bom fruto, será cortada e lançada no fogo".

"E as multidões interrogavam-no, dizendo:

"— Que devemos pois nós fazer?"

"Respondendo, dizia-lhes:

"— O que tem duas túnicas, dê uma ao que não tem; e o que tem que comer, faça o mesmo".

"Foram também publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe:

---

(5) Is. 40, 3-5.

"— Mestre, que devemos nós fazer?"

"Êle lhes respondeu:

"— Não exijais nada além do que vos está fixado".

"Interrogaram-no também os soldados, dizendo:

"— E nós que faremos?"

"Êle lhes disse:

"— Não façais violência a ninguém, nem denuncieis falsamente, e contentai-vos com o vosso sôldo".

"Estando o povo na expectativa, e pensando todos nos seus corações que talvez João fôsse o Cristo, João respondeu, dizendo a todos:

"— Eu, na verdade, batizo-vos em água, mas virá um mais forte do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia dos seus sapatos; êle vos batizará no Espírito Santo e no fogo; tomará na sua mão a pá, e limpará a sua eira, e recolherá o trigo no seu celeiro, mas a palha queimá-la-á num fogo inextinguível".

"E pregava muitas outras coisas ao povo, instruindo-o" (6).

"E êle, João, tinha o seu vestido feito de peles de camelo, e um cinto de couro em volta dos rins; e o seu alimento era gafanhotos e mel silvestre" (7).

E "ia ter com êle Jerusalém e tôda a Judéia e tôda a região do Jordão, confessando os seus pecados (8). Todos corriam escutá-lo, mas nem todos buscavam o batismo: "Todo o povo que o ouviu, mesmo os publicanos, deram glória a Deus, fazendo-se bati-

(6) Lc. 3, 1-18.
(7) Mt. 3, 4.
(8) Mt. 3, 5-6.

zar com o batismo de João. Os fariseus, porém, e os doutôres da lei frustraram o desígnio de Deus a respeito dêles, não se fazendo batizar por êle" (9).

E que exigia São João Batista dos discípulos? Um arrependimento moral, uma conversão interior, uma pureza tôda espiritual, do que a recepção do batismo seria o sinal.

— — — —

"Eis o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe:

"— Quem és tu?"

"Êle confessou a verdade e não a negou; e confessou:

"— Eu não sou o Cristo".

"Êles lhe perguntaram:

"— Quem és pois? És tu Elias?"

"Êle respondeu:

"— Não sou".

"— És tu o profeta?" (10).

"E respondeu:

"— Não".

"Disseram-lhe então:

"— Quem és, pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?"

"Disse-lhes êle:

"— *Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor,* como disse o profeta Isaías".

---

(9) Lc. 7, 29-30.

(10) Segundo a opinião dos judeus, um enviado de Deus devia preceder o Messias.

"Ora, os que tinham sido enviados eram fariseus. Interrogaram-no, dizendo:

"— Como batizas, pois, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?"

"João respondeu-lhes, dizendo:

"— Eu batizo em água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis. Êsse é o que há de vir depois de mim, ao qual não sou digno de desatar a correia das sandálias".

"Estas coisas passaram-se em Betânia, da banda de além Jordão, onde João estava batizando" (11).

João e Jesus iam encontrar-se:

"Então foi Jesus da Galiléia ao Jordão e apresentou-se a João, para ser batizado por êle. Mas João opunha-se-lhe, dizendo:

"— Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?"

"Respondendo Jesus, disse-lhe:

"— Deixa por agora, pois convém que cumpramos assim tôda a justiça" (12).

Êle, então, deixou-o (13).

"Depois que foi batizado, Jesus saiu logo da água. E eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo descer como pomba, e vir sôbre êle. E eis que se ouviu uma voz do céu, que dizia:

"— Êste é o meu filho amado, no qual pus as minhas complacências" (14).

"No dia seguinte, João viu Jesus que vinha ter com êle, e disse:

---

(11) Jo. 1, 19-28.

(12) Ou seja: Que façamos tudo aquilo que agrada a Deus.

(13) Deixou-o aproximar-se.

(14) Mt. 3, 13-16.



São João batiza Jesus Cristo no Jordão. Segundo uma pintura a fresco de André del Sarto, em Florença. Século XVI.

"— Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo. Êste é aquêle, de quem eu disse: — Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes de mim, e eu não o conhecia, mas vim batizar em água, para êle ser reconhecido em Israel".

"João deu testemunho, dizendo:

"— Vi o Espírito descer do céu em forma de pomba, e repousou sôbre êle. Eu não o conhecia, mas o que me mandou batizar em água, disse-me:

"— Aquêle, sôbre quem vires descer e repousar o Espírito, êsse é o que batiza no Espírito Santo. Eu o vi, e dei testemunho de que êle é o Filho de Deus" (15).

O batismo de Nosso Senhor marcou o apogeu do ministério de São João. Dali em diante, o Precursor, a pouco e pouco, voluntàriamente, foi-se apagando até que desapareceu. Os discípulos mesmos que tinha, principiaram a seguir o novo Mestre:

"Ao outro dia, João lá estava novamente com dois dos seus discípulos, e, vendo Jesus que ia passando, disse:

"— Eis o Cordeiro de Deus".

"Ouvindo as suas palavras, os dois discípulos seguiram Jesus".

Eram, aquêles dois, João, o Evangelista e André. André, depois, para o Mestre, atrairia o irmão, Simão Pedro, e João a Tiago, dito o Maior.

"Jesus, voltando-se para trás, e vendo que o seguiam, disse-lhes:

"— Que buscais vós?"

"Êles lhe disseram:

---

(15) Jo. 1, 29-34.

"— Rabi (16), onde habitas?"

"Jesus disse-lhes:

"— Vinde ver".

"Foram, e viram onde habitava e ficaram com êle aquêle dia. Era então quase a hora décima. André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera, e que tinham seguido Jesus. Êste encontrou primeiro seu irmão Simão, e disse-lhe:

"— Encontramos o Messias" (17).

"Levou-o a Jesus. Jesus, fixando nêle o olhar, disse:

"— Tu és Simão, filho de João, tu serás chamado Cefas, que quer dizer Pedro ou Pedra" (18).

Depois, seguiram-se outros: Filipe, Natanael, que se crê seja Bartolomeu, e os demais discípulos de Nosso Senhor.

"Depois disto, foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia. Habitava com êles, e batizava. João estava também batizando em Enon, junto a Salim, porque havia ali muita água, e o povo concorria, e era batizado, porque João ainda não tinha sido pôsto na prisão".

Com efeito, algum tempo depois, João se apagaria mais ainda, indo batizar mais e mais longe:

"Levantou-se uma questão entre os discípulos de João e um judeu acêrca da purificação. Foram ter com João, e disseram-lhe:

---

(16) Isto é, **Mestre.**

(17) Que quer dizer: **Cristo.**

(18) Jo. 1, 35-42.

"— Mestre, o que está contigo da banda de além Jordão, de quem tu deste testemunho, ei-lo que está batizando, e todos vão a êle".

"Respondeu João, e disse:

"— O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não fôr dada do céu. Vós mesmo me sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado adiante dêle. O que tem a espôsa é o espôso (19), mas o amigo (20) do espôso, que está de pé e o ouve, enche-se de gôzo com a voz do espôso. Pois meu gôzo está cumprido. Convém que êle cresça e eu diminua" (21).

— — — —

Como São João Batista se encontrou com Herodes? A história não o diz, mas os textos evangélicos dão bem a impressão duma entrevista cara a cara, em que o Precursor repreende o tirano:

"Porém, Herodes tetrarca, sendo repreendido por êle por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e por causa de todos os males que tinha feito, acrescentou a todos os outros crimes também êste: mandar meter João num cárcere" (22).

Diz São Marcos:

"Com efeito, Herodes tinha mandado prender João, e teve-o a ferros no cárcere, por causa de Hero-

---

(19) **O espôso é Jesus, que veio desposar a Igreja.**

(20) **O amigo do espôso é o próprio João, que foi adiante para preparar as núpcias.**

(21) **Jo. 3, 25-30.**

(22) **Lc. 3, 19-20.**

díades, mulher de Filipe, seu irmão, com a qual tinha casado ilìcitamente. Porque João dizia a Herodes:

"— Não te é lícito ter a mulher de teu irmão".

"Herodíades tinha-lhe rancor e queria fazê-lo morrer, mas não podia, porque Herodes, sabendo que João era varão justo e santo, olhava-o com respeito, protegia-o, e quando o ouvia, ficava muito perplexo, mas ouvia-o de boa vontade" (23).

Na prisão, São João Batista certamente teve várias entrevistas com o déspota, e, apesar de contido, devia ter ficado ao par dos acontecimentos que se relacionavam com o Messias, graças aos discípulos que entravam e saíam. Só assim poderia ter enviado a Jesus uma deputação:

"E como João, estando no cárcere, tivesse ouvido falar das obras de Cristo, enviou dois de seus discípulos, a dizer-lhe: — És tu aquêle que há de vir, ou devemos esperar outro? Respondendo Jesus, disse-lhe: — Ide, e contai a João o que ouvistes e vistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados; e bem-aventurado aquêle que não encontrar em mim motivo de escândalo" (24).

João, aqui, não duvidava de que Jesus fôsse o Messias. Mandou os discípulos com tal embaixada ao Salvador para que ficassem igualmente convencidos da mesma verdade. E Jesus, que fêz Êle? Jesus respondeu-lhes indiretamente, mostrando que

(23) Mc. 6, 17-20.

(24) Mt. 11, 2-3.

n'Êle se realizaram os caracteres do Messias, preditos pelo profeta Isaías:

"Então se abrirão os olhos dos cegos e se desimpedirão os ouvidos dos surdos. Então saltará o coxo como um veado, e desatar-se-á alegremente a língua dos mudos" (25).

E:

"O Espírito do Senhor repousa sôbre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova aos infelizes, a curar os de coração despedaçado, a anunciar a redenção aos cativos e a liberdade aos encarcerados; a publicar o ano da graça do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus, a consolar todos os que choram" (26).

Em São Lucas também há a passagem em que João Batista envia a Jesus dois dos seus discípulos:

"Referiram a João os seus discípulos tôdas estas coisas. E João chamou dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus a dizer-lhe: — És tu o que há de vir ou devemos esperar outro?

"Naquela mesma hora, Jesus curou muitos de enfermidades, de males, de espíritos malignos, e deu vista a muitos cegos. Depois, respondendo, disse-lhes:

"— Ide referir a João o que vistes e ouvistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos

(25) Is. 35, 5-6.

(26) Is. 61, 1-2. Ver Lc. 4, 16 e seg.

pobres é anunciado o Evangelho; e bem-aventurado aquêle que se não escandalizar a meu respeito".

Imediatamente após a partida dos discípulos de João, fêz Nosso Senhor um magnífico elogio do Precursor, dizendo às turbas:

"— Que fôstes vós ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? (27). Mas que fôstes ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Mas os que vestem roupas preciosas, e vivem entre delícias, são os que vivem nos palácios dos reis. Mas que fôstes ver? Um profeta? Sim, digo-vos eu, e mais ainda que profeta. Êste é aquêle de quem está escrito: *Eis que eu envio o meu anjo adiante de ti, o qual preparará o teu caminho diante de ti* (28). Porque eu vos digo: Entre os nascidos das mulheres, não há maior profeta do que João Batista; porém, o que é menor no reino de Deus é maior do que êle".

"Todo o pôvo que o ouviu, mesmo os publicanos, deram glória a Deus, fazendo-se batizar com o batismo de João. Os fariseus, porém, e os doutôres da lei frustraram o desígnio de Deus a respeito dêles, não se fazendo batizar por êle" (29).

Entre todos os homens que até então tinham sido investidos por Deus duma missão providencial, nenhum foi levado a uma função tão eminente, tão alta como o foi São João Batista. Mas o menor no reino dos céus, isto é, no Novo Testamento, é maior do que êle. João Batista, como precursor do Messias,

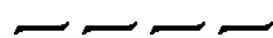
---

(27) Ou seja: Um homem sem constância nos seus ideais?

(28) Mal. 3, 1.

(29) Lc. 7, 21-30.

pertence ao Velho Testamento, e, como discípulo de Jesus, pertence ao Novo. Na passagem acima, é considerado só como precursor, e, como tal, é êle inferior em dignidade ao mais pequeno dos discípulos de Jesus, visto que a religião cristã excede muito a religião mosaica (Pe. Matos Soares, Bíblia, Comentários).



Era chegada a última hora do santo Precursor.

"Chegando um dia oportuno, (30) Herodes, no aniversário do seu nascimento, deu um banquete aos grandes da côrte, aos tribunos e aos principais da Galiléia. E tendo entrado na sala a filha da mesma Herodíades, dançou e agradou Herodes e aos seus convivas. O rei disse à moça:

"— Pede-me o que quiseres, dar-te-ei, ainda que seja metade do meu reino".

"Ela, tendo saído, disse a sua mãe:

"— Que hei de eu pedir?"

"Ela lhe respondeu:

"— A cabeça de João Batista".

"E, tornando logo a entrar apressadamente junto do rei, pediu, dizendo:

"— Quero que imediatamente me dês num prato a cabeça de João Batista".

"O rei entristeceu-se (31); mas por causa do juramento e dos convivas, não quis desgostá-la, e imediatamente mandou um verdugo, com a ordem de

(30) Oportuno para os sanguinários projetos de Herodíades.

(31) Entristeceu-se porque estimava João Batista, e ficou receoso de que o acusassem de perjuro e inconstante.



Decapitação de São João Batista. Segundo uma pintura sôbre madeira de Memling, em Burges. Século XV.

trazer a cabeça de João. Êle foi e o degolou no cárcere, levou a sua cabeça num prato, deu à moça, e a moça a deu a sua mãe. Tendo ouvido isto, os discípulos foram e tomaram o seu corpo, e o depuseram num sepulcro" (32).

Era na primavera do ano 29, e João Batista devia ter menos de trinta e um anos, tendo ficado prêso por oito ou nove meses.

O culto do Precursor remonta ao século IV. A mais célebre e antiga igreja elevada no Ocidente em honra de São João Batista é a basílica do Latrão, cuja fundação ultrapassa a Constantino.

No Oriente, São João Batista é representado com asas.

* * *

(32) Mc. 6, 21-29.

OS MÁRTIRES DE ROMA SOB NERO (*)

Ano 64

Nero, para acabar com a velha Roma e edificar uma capital mais formosa, diz-se, ordenou que incendiassem a cidade. Assistiu, então, a dedilhar a lira e a entoar cânticos com a *voz divina,* à sua destruição. Tendo acusado os cristãos daquele sinistro, mandou que os besuntassem com resina, acabando aquêles mártires por servir de tochas vivas para alumiar os jardins imperiais. Outros, expostos aos cães ou crucificados, receberam a coroa do martírio.

— — — —

"Nero Cláudio César é um dos doze césares historiados sob essa designação por Suetônio, que lhe consagrou o capítulo LVII de seu curioso trabalho, rico em particularidades sôbre a vida íntima dos imperadores romanos de que teve conhecimento no reinado de Adriano (117-138), como palaciano e contemporâneo, testemunha ocular de fatos ou ouvindo referências e colhendo elementos de reputadas procedências.

"Nascido provàvelmente nos derradeiros anos do govêrno de Nero, viveu durante o mando de Galba, Oton, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano, de que trata em sua obra (e mais os césares Caio Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero) e sob os *Antoninos* Nerva, Trajano, Adriano, (em 121 era secretário dêste), morrendo em data incerta.

"Suetônio não é historiador digno de figurar ao lado de Tito Lívio ou de Salústio, legando-nos entretanto, minucioso material relativo à vida pública e privada dos imperadores, fixando aspectos do caráter, dos vícios e virtudes de cada um. Suetônio, na *Vida dos Doze Césares,* menciona o escândalo como se estivesse fazendo simples reportagem, comum na condenável imprensa sensacionalista dos nossos dias, no que se opõe ao grande analista Caio Cornélio Tácito (nascido em 54 ou 55 e morto octogenário entre 134 e 135), que pintou a corrupção dos costumes de Nero conservando-se dentro das conveniências e comedimentos.

"Não seria apropriado, nem mesmo com a linguagem nobre e elevada de Tácito, tirar dos seus *Anais* as narrações das desordens dêsses tempos, em que o lôdo se purifica com o sangue dos cristãos perseguidos na luta dêstes contra o aviltamento da dignidade humana, adversos ao paganismo que dissolvia a moral e se opunha à verdade pela vontade de tiranos que rebaixavam a Humanidade.

"Nero iniciou e acabou seu reinado sob mau signo. Não lhe cabia o trono, mas a Britânico, filho de Cláudio, que foi envenenado pela própria espôsa, Agripina, desejosa de governar juntamente com seu filho Nero (filho adotivo de Cláudio, que casara pela

segunda vez com Agripina). E estreando no govêrno fêz envenenar Britânico, repudiou a primeira espôsa, Otávia, irmã de Britânico, e mandou assassiná-la. Outros crimes seriam praticados, sendo que o último, contra a sua própria pessoa, pelo suicídio.

Nem o exemplo da mãe nem os do preceptor Lúcio Anen Sêneca (nascido nos começos da era cristã e obrigado a morrer em 66 por Nero, que lhe ordenou abrir as veias) podiam forjar bom caráter em Nero. Sêneca foi um torturado pela consciência, depois de perder a simpatia do antigo e poderoso discípulo.

"Dizia: *Viverei como se deve viver*, e reconhecia que não podia falar de si ao falar da virtude, *quando lhe era possível* ... Embora filósofo, a ambição e a fome do ouro fizeram de Sêneca o ministro de Nero, que desrespeitou a distinção entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o honesto e desonesto. Não deixa de auxiliar o Imperador na sinistra emprêsa do naufrágio do navio que transportava Agripina, para que esta se afogasse, e como se salvasse, sugeriu sua liqüidação sumária pelos pretorianos (soldados), afinal, levada a têrmo com o assassínio da mãe do Imperador pelo liberto Aniceto. E cabe a Sêneca a tarefa de redigir a mensagem *comunicando e justificando o atentado*, concluindo que a morte da mãe de Nero era ... *uma grande felicidade para o Estado* ...

"Quem caminha pelo pantanal pisa em terreno pouco firme e muito perigoso.

"Nero era extremamente vaidoso, sensível aos elogios e às intrigas ... Num dia que o bom-senso e, possìvelmente, o remorso visitaram a consciência de Sêneca, teve êste a ousadia de observar a Nero

a má repercussão de suas atitudes, participando de representações teatrais e de corridas de carro. Tanto bastou para que se arruinasse o prestígio do mestre e se excitasse o ódio do discípulo com as afirmações de que aquêle zombava da poesia, do canto, do modo de dirigir carros, do mérito dêste.

"Falar mal de Nero como político equivalia a falar mal de qualquer político que não leva a mal a intriga da oposição... mas negar-lhe talento artístico, ridicularizar-lhe a voz, menosprezar-lhe a técnica de guiar carros era lavrar a sentença de morte. Nero não perdoou. Enviou-lhe um centurião com a ordem de abrir as veias imediatamente. Morreu corajosamente, falando aos amigos sôbre a *fragilidade das coisas humanas*. Morreu ditando um discurso com elevação de sentimento.

"Nero é suficientemente conhecido. Êmulo de Calígula, em edição piorada, não pode ser mais louco do que êste, que costumava vestir-se à maneira dos deuses e semideuses, como Júpiter, Apolo, Hércules, mas sim pela extensão e dolorosa significação de suas faltas.

"Os gregos foram pensamento enquanto os romanos se salientaram por preocupações que não traduziam preferências intelectuais. Durante as refeições, em Atenas, era comum ouvir-se o conviva entoar uma canção, porque dificilmente se encontraria grego que ignorasse o canto ou a música.

"Em Roma, o que predominava, eram o excesso, a orgia nos banquetes, o desregramento, embora um

ou outro aventurasse ler versos para os quais os ouvidos não estavam atentos.

"Nero, poetastro tão teimoso quanto qualquer mau poeta desejoso de alcançar a *perfeição* à custa da alheia paciência, lembra os gregos que acompanhavam o *próprio canto com a lira.*

À poesia e aos debates literários, os romanos preferiam o jôgo de dados (*phimus* ou *fritillus*), mas nos banquetes costumava aparecer um flautista aproveitado para o momento do sacrifício aos deuses do lar, posteriormente empregavam-se músicos e cantores para alegrar os festins, e como se não bastassem, transformavam-se as salas de banquete em verdadeiros circos com espetáculos que incluíam saltimbancos, pantomimas, mágicos, bailarinas, palhaços, anões e até luta entre gladiadores... Tais eram as diversões sociais.

"Mas o que apaixonava os romanos eram os jogos públicos, herdados, possìvelmente, de seus antigos vizinhos do norte, os etruscos. No tempo de Caio Júlio César (morto em 44 a. C.) o Grande Circo Romano podia receber cento e cinqüenta mil pessoas e, quando da reconstrução dêste, por causa do incêndio que o destruíra, a capacidade atingiu duzentos e cinqüenta mil assistentes.

"Os circos romanos não tinham a forma de circunferência. Apresentavam comprimento três vêzes maior que a largura, tendo nos remates dos lados três colunas juntas que marcavam o ponto de conversão dos carros e do giro dêstes nas corridas entre os dois grupos de colunas. Pelo centro, estendia-se um muro baixo, onde se viam estátuas, altares, etc. Para outros espetáculos, lutas principalmente, os romanos apresentavam o Circo com a colocação

de teatros de madeira, móveis, que faziam girar sôbre eixos, de modo a formar *uma figura oval ao redor da arena que ficava no centro,* donde a denominação anfiteatro.

"Dessa experiência resultou a construção do *Colosseum* no reinado de Vespasiano (79-81), cujas ruínas chegaram aos nossos dias. Nesse anfiteatro *colossal* a lotação é calculada em quarenta e cinco mil a noventa mil espectadores.

"Muitos eram os dias reservados aos jogos homenageando deuses e deusas, assinalando vitórias dos generais romanos, ou para aplacar a ira dos deuses quando Roma estava ameaçada de perigos ou doenças ... Em setembro citam-se os *Ludi Romani* ou *Ludi Magni* em honra a Júpiter, Juno e Minerva (começavam no dia 4 e chegavam a se estender por cinco dias). Em abril eram os *Floralia* e os *Magalesia* (aquêles nos primeiros dias, e os segundos nos últimos dias do mês), homenageando-se deuses e deusas. Em julho eram os *Ludi Apollinaris* ... Uma têrça parte do ano ficava tomada pelos jogos.

"Nesses cento e poucos dias (sessenta e seis dias no tempo de Augusto destinavam-se a jogos públicos que duplicaram a cento e trinta e cinco, no tempo de Marcos Aurélio) a vida de Roma se transferia para o circo, onde existiam os *Ludi Circenses,* para o Teatro, onde se representavam os *Ludia Scoemici,* e para o Anfiteatro, onde se exibiam os gladiadores nos *Munera Gladiatoria,* pois a entrada era livre e a alimentação garantida pelo Estado, que dava *pão e circo.*

"Muitos romanos, entretanto, abandonavam a cidade nesses dias e iam descansar nos arredores, buscando paz e tranqüilidade, mas a massa, os foras-

teiros ou estrangeiros afluíam em grande número, formando multidões que disputavam lugares.

"Dissemos que a entrada era gratuita, porém, acrescentemos a exploração que se fazia com a prévia ocupação de lugares durante a noite anterior para cedê-los mediante avultada quantia. Além disso, havia os reservados para senadores, patrícios, embaixadores, estrangeiros, magistrados, vestais, etc.

"Além das corridas de carros, havia outras diversões: provas de atletismo, como se chamam hoje, lutas navais simuladas, na água que se represava, para êsse fim, na arena, caça a animais ferozes por homens adestrados, chegando-se a lançar na arena centenas de leões, panteras, leopardos e elefantes, e os combates entre as diversas espécies de gladiadores, em grupos de adversários ou, individualmente, frente a frente.

"Os *reciários*, em lugar das armas próprias dos gladiadores, dispunham de uma rêde e de um tridente e deviam inutilizar a ação do gladiador lançando-lhe a rêde para feri-lo com o tridente, enquanto os *andábatas* tinham os olhos vendados pelo capacete, sem orifícios, que lhes cobria a cabeça.

"Dominado o adversário, ficava a vida pendente do pronunciamento da assistência, que o condenava à morte volvendo o polegar para o chão ou lhe garantia a vida acenando com lenços.

"No tempo de Nero, as perseguições aos cristãos deram ensejo ao Imperador para fazer dêstes vítimas dos jogos públicos, atirando-os à arena nas circunstâncias mais diferentes.

"O monoteísmo cristão, rigoroso com o cumprimento dos deveres religiosos e morais, exigindo dos seguidores vida pura e elevada, havia de encontrar decidida oposição por parte do politeísmo romano, em que deuses e deusas nacionais, nos tempos da decadência, misturavam-se com outros de origem estrangeira, principalmente do Oriente (do Egito vieram os que mais adeptos tiveram: Isis, Osiris e Serapis).

"Os romanos do tempo de Nero, como dos séculos que marcam o caminho para a ruína e queda do Império, adorando deuses tão *humanos* quanto os homens, porque nasciam *à imagem e semelhança dos homens,* com os seus defeitos, suas imperfeições, seus vícios, e traduzindo-os em aspectos particulares pelas paixões, interêsses, etc., que representavam, não podiam compreender fàcilmente o alcance de uma religião cuja base era a fé em Cristo, a esperança de uma Vida Futura feliz para os bons, que amavam Deus e o próximo, e na caridade como prática de humildade, de reconhecimento aos favores da Divina Providência e de amor ao próximo por amor a Deus.

"Como fazer de um romano egoísta um cristão altruísta? Os imperadores sentiam-se ameaçados no seu poderio por súditos que lhes negavam a qualidade de deuses. As perseguições surgiram terríveis, alimentadas pelo ódio, pelo apêgo às coisas materiais e pelas próprias tradições das velhas crenças e ritos romanos.

"Se o Cristianismo enobrecia o trabalho, como um patrício ocioso podia considerar-se honrado consagrando-se ao trabalho? Se o Cristianismo voltava o pensamento para um só Deus, como um romano rodeado de deuses por todos os lados, e de todos duvidando, podia suprimi-los e confiar exclusiva-

mente num só, compreendido tão ùnicamente pela fé, a fé intensa, a fé suprema?

"No tempo de Nero, existia o problema agravado pelo reinado de um homem desconhecedor de freios morais, incapaz de falar da virtude, falando de si, como ocorria com seu mestre, Sêneca. E os cristãos venceram pelo exemplo do sacrifício e do amor. O Cristianismo salvou do desaparecimento o tesouro da cultura latina porque a Igreja foi a sucessora de Roma, guardando aquelas tradições que lhe haviam dado grandeza e provocado admiração, dominando-as com os princípios, ensinamentos e doutrina, enfim, que criaram um novo mundo com uma única fisionomia espiritual.

"Cristo, Amor e Verdade, reinaria e imperaria através dos séculos, triunfando sôbre as perseguições que temendo o bem lutam pelo mal. Nero é bem um símbolo dessa luta, o mal que destrói e que se destrói, que surge com o crime e desaparece com o crime" (1).



Tácito é a principal fonte sôbre os Mártires de Roma sob Nero.

Diz o historiador que, propalando-se que o imperador mesmo fôra o autor do incêndio de Roma, desejou êle destruir tais rumores. Assim, primeiramente, fixou a atenção sôbre os judeus, depois achou que melhor coisa faria se se voltasse contra os cristãos, "que submeteu às mais refinadas torturas".

(1) Alfredo Gomes, **No tempo de Nero**, Introdução do **Quo Vadis?** de H. Sienkiewicz (Adapt.).

E diz, textualmente:

"Apoderaram-se, primeiramente, dos que confessavam, depois, vítima de delações, uma multidão imensa, menos como incendiários que como inimigos da humanidade. A morte dêles transformou-se em divertimentos. Uns, cobertos de peles de animais selvagens, foram estraçalhados por cães; outros foram fixados a cruzes, ou tornaram-se tochas ardentes, caído o dia, para alumiar a noite. Nero franqueara os jardins para êste espetáculo. Dava jogos de circo, misturando-se à turba, vestido de condutor de carro ou, dando-se ares de importância, pavoneando-se na viatura.

"Assim, se bem que aquela gente fôsse culpada, digna dos últimos suplícios, causava compaixão, porque era imolada, não pelo bem público, mas pela crueldade de um só".

* * *

SÃO LUPICÍNIO (*)

Ermitão e Confessor

Século VI

São Lupicínio vivia nas ruínas de um lugar denominado *Lipidiacum*, em Berry, onde construíra rústica cela.

Por uma pequenina janela, que fechava por uma cortina, recebia o alimento. De um cano, longo e esguio, vindo de uma fonte nas proximidades, tinha água fresca e corrente.

São Lupicínio levava a vida a cantar salmos. Por penitência, todos os dias, levantava e deslocava enorme pedra. Para não dormir durante a noite, apoiava a cabeça sôbre dois espeques pontiagudos.

Tal regime o levou cedo daquela vida de mortificações. A cela, logo, viu-se tôda tinta de sangue. E, diz-se, os doentes da vizinhança, sorrateiramente, tocando as paredes, curavam-se dos males que tinham.

Quando o santo ermitão sentiu que lhe era chegado o fim, permitiu que lhe abrissem a porta da cela pela primeira vez. Fracamente, saudou o povo, que o idolatrava, abençoou-o, e depois pôs-se a orar, fervorosamente, dizendo:

— Eu te rendo graças, ó Senhor Jesus Cristo, que me salvaste dos enganos dêste mundo e te dig-

naste proteger-me neste século, para que o autor do mal em mim nada encontre que lhe pertença".

Terminada a oração, dirigiu-se novamente ao povo, que se acotovelava diante da rústica cela santa, e o convidou a, com êle, render glória a Deus. Foi o fim: mansamente deitou-se, fechou os olhos e expirou, calma, suavemente.

Morto São Lupicínio, numerosíssimos milagres atestaram-lhe a santidade. Levaram-lhe as relíquias os habitantes de Tressilac.

* * *

SÃO ROMBALDO (*)

Mártir

São Rombaldo era anglo-saxão. Tendo ido a Roma, o que fêz a pregar o Evangelho pelo percurso todo, ali visitou, com grande unção, o túmulo dos santos Apóstolos.

De volta da Itália, através da Gália, penetrou na Bélgica, fixando-se numa ermida perto de Malines, sob a proteção do conde Adon, cuja mulher, ardentemente, desejava ter um filho.

Rombaldo prometeu que o teria, e, quando o filho de Adon nasceu, a espôsa escolheu o santo homem para batizá-lo.

Liberto, o filho do conde, um dia, brincando perto de um curso d'água, resvalou, afundou-se na corrente e morreu afogado. Desolados, o pai e a mãe da criança desesperavam-se, quando Rombaldo, aproximando-se do pequeno, que haviam recuperado do rio, ressuscitou-o, restituindo-o aos pais atônitos.

Em reconhecimento, o conde anexou à ermida um vasto domínio, onde se fundou um mosteiro.

São Rombaldo foi assassinado por dois bandidos, aos quais repreendia, tais os vícios e desmandos, no dia 24 de junho de 775. Atirado às águas do rio,

não tardaram descobri-lo. Enterrado na igreja do seu mosteiro, o corpo do santo mártir foi muitíssimo visitado.

O mosteiro, que logo se chamou de São Rombaldo, tornou-se um colegiado, sendo erigido em metrópole quando o papa Paulo IV, em 1559, criou o arcebispado de Malines.

* * *

BEM-AVENTURADA RAINGARDA (*)

Viúva

Raingarda era casada com Maurício de Montboissier. Montboissier era um castelo que se erguia, enorme, nas montanhas de Auvergne, na comuna de Brousse.

Reingarda teve oito filhos, filhos que haviam de dar glória à família. Heráclio, um dêles, foi arcebispo de Lião; Pedro, apelidado o Venerável, tornou-se abade de Cluny; Pons, abade de Vezelay; Jordão de Chaise-Dieu e Armando de Manglieu. Outro, Oton, morreu prematuramente; Hugo, que teve duas filhas, Pôncia e Margarida; e, finalmente, Eustáquio, que foi o perpetuador do nome da família.

Depois da morte do marido, Raingarda viu-se aconselhada por todos para que contraísse novas núpcias. Desde há muito, porém, desejava a bem-aventurada encerrar-se em alguma piedosa fundação, e, agora, chegara a ocasião. Pensando em Fontevrault e em Marcigny, acabou por optar por êste último convento, já que ali a clausura era mais rigorosa.

Retirada do mundo, não sem ser repreendida por todos os amigos, Raingarda, no convento, submeteu-se a tôdas as religiosas com a mais profunda humildade. Assim, não tardou a ser querida de tôda

a comunidade, que a via crescer em santidade, a desempenhar as funções mais vis.

Feliz, quieta e apagada, logo foi feita despenseira, e os pobres que batiam às portas da casa jamais se sentiram mais providos.

Com afã, Raingarda também se ocupava dos doentes: com a responsabilidade da administração do convento, quase sempre necessitava sair, e, sabendo de enfermos que guardavam penosamente o leito, passava a visitá-los, confortando-os e exortando a ter paciência.

Quando, depois da grande atividade que exerceu e da vida austera que levou, sentiu-se no fim dos dias, alegremente pediu a extrema-unção e o viático. Desejosa de morrer sôbre cinzas, as irmãs satisfizeram-na. E, sôbre cinzas estendida, faleceu. Era no dia 24 de junho do ano de 1135, e a bem-aventurada viúva contava mais de sessenta anos.

* * *

SÃO BARTOLOMEU (*)

Ermitão

Bartolomeu nasceu no condado de York, em Whitby. Depois de uma visão, em que lhe apareceram Jesus, Maria, São Pedro e São João, o Evangelista, partiu para a Noruega, onde recebeu o diaconato, o sacerdócio, e, três anos depois, em Northumbria, o encargo de uma igreja.

Tomando o hábito monástico em Durham, depois de uma segunda visão, quando então lhe apareceu São Cutberto, a convidá-lo para o suceder na ilha deserta, Bartolomeu, com o assentimento do superior, partiu, atendendo o pedido do santo bispo de Lindisfarne.

Jejuando, orando longamente, dando-se a duras mortificações, santificando-se cada vez mais, tendo por companhia ùnicamente as aves do mar, que lhe visitavam o áspero retiro, ali na ilha de Farne faleceu, supõe-se, em 1193.



No mesmo dia, em Monchy-le-Preux, São João, confessor. Pastor, o santo confessor cumpriu milagres. Era invocado pelos que padeciam com hérnias. Ignora-se a época em que viveu (séculos XIV, XV?).

Em Autun, São Simplício, bispo e confessor, no século IV. De nobre família e muito rico, simples leigo, viveu com a espôsa na mais perfeita continência. Escolhido pelo povo, morto o bispo Egemônios, ocupou a sé de Autun, tendo-se salientado pela luta que moveu, com sucesso, contra o paganismo.

Em Roma, São Fausto e outros vinte e três mártires.

Em Satala, na Armênia, sete irmãos mártires, Orêncio, Herói, Farnácio, Firmino, Firmo, Ciríaco e Longino, soldados, aos quais o imperador Maximiniano mandou tirar as armas porque eram cristãos: separados, em seguida, dos outros, e encerrados em lugares diversos, morreram, sucumbindo às misérias e sofrimentos.

Em Creteil, na diocese de Paris, os santos Agoardo e Agliberto, martirizados com uma infinidade de cristãos de um e outro sexo.

Em Lobes, São Thiou, bispo.

Em Stilo, na Calábria, São João, chamado Tereste, que se distinguiu pela santidade e exatidão em tôdas as observâncias da vida monástica.

* * *

25.º DIA DE JUNHO

SANTA FEBRÔNIA

Virgem e Mártir — Pelo fim do Século VI

Havia em Sibápolis, na Síria, um mosteiro de freiras, cuja piedade e vida penitente despertavam a admiração dos próprios pagãos. Contavam-se mais de cinqüenta religiosas, a maior parte pertencendo às principais famílias da sociedade. A superiora ali tinha introduzido, com a idade de três anos, uma de suas sobrinhas, chamada Febrônia, e a educara com os maiores cuidados no amor da virtude. A sobrinha, chegando aos dezenove anos, era das pessoas mais bem formadas de todo o império romano, seja pelos predicados exteriores, seja pelas qualidades de espírito. Mas o que lhe aumentava infinitamente o mérito era a humildade profunda, a modéstia admirável, a pureza e inocência de coração que dela faziam um anjo sôbre a terra. Também renunciara solenemente às esperanças do mundo, e em boa hora havia resolvido não ter outro espôso senão Jesus Cristo.

A tia, que nada de mais caro tinha no mundo que êste precioso tesouro, jamais a deixava ser vista por estranhos; mas por mais precauções que tomasse, não deixavam de falar dela lá fora, e muitas pessoas

haviam tentado, em vão, penetrar no mosteiro para julgar, por seus próprios olhos, do mérito da piedosa virgem. Entretanto, uma jovem viúva, de família muito distinta, que ainda não passava de catecúmena, solicitou à superiora com tanta insistência e lhe deu razões tão tocantes do desejo ardente que tinha de vê-la, que conseguiu entrar no convento, revestindo-se com hábito de religiosa, e aparecer em companhia das santas freiras; Febrônia, que jamais consentira em mostrar-se nem dirigir a palavra a pessoa alguma estranha, acolheu a pretensa religiosa com grandes mostras de caridade. Com ela se entreteve e descreveu com tanta unção a felicidade da vida religiosa, que Hierica (era o nome da mulher), a qual estava a ponto de contrair segundas núpcias, renunciou imediatamente ao mundo, e resolveu passar o resto da vida no retiro. Imediatamente quis receber o batismo, e a família, impressionada com mudança tão súbita em suas disposições, converteu-se também à religião cristã.

Essa conquista de Febrônia devia, em breve, ser seguida de vitória mais brilhante ainda. Diocleciano perseguia então a Igreja com excessiva crueldade; milhões de mártires cimentavam com o sangue a fé de Jesus Cristo. O prefeito Lisímaco e Selene, seu tio, inimigo jurado dos cristãos, foram enviados a Sibápolis com ordens severíssimas da parte do imperador. À notícia de sua chegada, o alarme foi grande; cada qual procurava fugir ou esconder-se; a superiora do mosteiro declarou às companheiras que estavam livres de retirar-se se quisessem, para colocar em segurança a vida. Quanto a ela mesma, estava resolvida a esperar a morte no convento, muito feliz de terminar a vida com o martírio. "Tôda a minha

dificuldade é saber o que acontecerá com Febrônia. O que acontecerá comigo, respondeu imediatamente a santa jovem com firmeza! Ficarei aqui sob a proteção do meu divino espôso. Nada temo. Fiz a Jesus Cristo o sacrifício do coração; faço-lhe ainda o da vida. Nada desejo mais ardentemente do que derramar meu sangue por êle."

Entrementes, uma companhia de soldados enviados por Selene, e comandados por Primo, primo-irmão do prefeito Lisímaco, se apresentou às portas do convento. Arrombaram-nas com violência e lançaram-se sôbre as religiosas. Já a superiôra ia ser imolada quando Febrônia, lançando-se aos pés dos soldados, conjurou-os a fazê-la morrer primeiro. À vista da coragem e da ousadia de pessoa tão jovem e tão delicada, ficaram imóveis; detiveram-se, hesitaram, até que, vindo Primo, ordenou se retirassem, dizendo então a Febrônia: Por que não fugistes, como a maior parte das companheiras? Ide: dou-vos a liberdade; ponde-vos a coberto dos insultos que poderão advir-vos.

Primo voltou a Lisímaco para prestar-lhe contas do que acabava de fazer, e disse-lhe: Encontrei no convento aquela que os deuses vos destinam por espôsa. É uma jovem, que pelo aspecto, me parece de alta categoria; por outro lado, é de beleza incomparável. Mas, respondeu Lisímaco, ouvi minha mãe dizer que as jovens encerradas nos mosteiros são espôsas de Jesus Cristo. Não poderia, pois, pensar em casar-me com aquela a que te referes.

Enquanto Primo e Lisímaco confabulavam, um soldado que os havia escutado mandou dizer a Selene que Primo ia casar o sobrinho com uma jovem cristã. Selene encolerizou-se. Mandou trazer imediatamente

Febrônia. Ela apareceu diante do juiz, mas com tal expressão de contentamento e de paz estampada no semblante, que o tirano permaneceu como que estatelado.

— Sois livre ou escrava? perguntou-lhe, primeiramente.

— Sou escrava, respondeu a santa.

— E quem é vosso senhor?

— Jesus Cristo, meu Senhor e meu Deus, a quem me devotei desde o berço.

— É pena que vos tenham impingido desde tão longo tempo os princípios da seita cristã. Despojai-vos, hoje, de todos êsses erros. Sacrificai aos deuses e êles farão vossa felicidade. Desde hoje vos tornareis minha sobrinha, esposando Lisímaco, que está diante de vós, e que vos cumulará de honras e riquezas. Que lhe tirem as correntes! acrescentou.

Adotando um tom grave e sério que contrastava maravilhosamente com a candura e modéstia habituais, Febrônia segurou nas mãos as correntes que tão orgulhosa estava de carregar:

— Peço-vos, senhor, disse ela, não me tireis um ornamento que faz minha felicidade e glória; e para não vos fatigar com longos discursos, sabei que não consentirei jamais na proposta que acabais de fazer-me. Não, jamais adorarei os demônios. E não acrediteis que, por ser eu mulher, consigais quebrantar-me a resolução com ameaças e tormentos. Estou pronta a sofrer os maiores suplícios, antes de renunciar a Jesus Cristo, meu único espôso para sempre.

A essas palavras, Selene, fora de si de despeito e cólera, mandou dilacerar a golpes de azorragues a generosa Febrônia, cujo corpo sangrento em breve

se transformou numa só chaga. Em seguida, ordenou fôsse estendida sôbre uma grelha de ferro e queimada a fogo lento. Os pagãos, testemunhas da barbaridade, afastavam com horror o rosto de espetáculo tão atroz; mas Febrônia parecia insensível e não tinha voz senão para bendizer o Senhor porque a julgara digna de sofrer por êle; parecia no cúmulo da alegria em meio aos tormentos que suportava. Tanta intrepidez levou ao auge o furor do tirano. Mandou quebrar-lhe os dentes e dilacerar o seio num recrudescer selvagem de ódio e crueldade. Mas tudo foi inútil: nada logrou quebrantar a coragem da santa jovem. Por fim, Selene mandou cortar-lhe a cabeça.

Lisímaco e Primo, ambos favoráveis aos cristãos, sobretudo o primeiro, cuja mãe era cristã, haviam sido testemunhas do combate e triunfo de Febrônia. Comentavam dolorosamente o heroísmo que havia mostrado, quando vieram anunciar-lhes o fim de Selene, que, tendo enlouquecido, quebrara a cabeça contra um pilar. Tomado de horror ao ouvir êsse acontecimento trágico: Não faltava mais do que isto, disse Lisímaco ao amigo, para levar ao cúmulo o triunfo de Jesus Cristo e de sua serva. Ide, eu vos peço, buscar o corpo da heroína; recolhei também a terra tinta com o seu sangue; encerrai os restos preciosos numa rica caixa mortuária, e se alguém quiser opor-se, dizei que agis em meu nome.

Desde êsse momento, cessaram a perseguição, e abraçaram um e outro a religião de Jesus Cristo. (1)

* * *

---

(1) Ver a **Vida dos Santos**, publicada em Erivan, t. I, p. 451. Esta vida de Santa Febrônia está resumida no martirológio romano.

SÃO SOSIPATRO (*)

Confessor

I.º Século

Sôbre São Sosipatro, diz-nos São Lucas (1):

"Depois que o tumulto cessou, chamando Paulo os discípulos, e, fazendo-lhes uma exortação, despediu-se, e partiu para ir à Macedônia. Depois de ter percorrido aquelas regiões e de ter feito muitas exortações, passou à Grécia, demorando-se aí três meses. Quando se dispunha a navegar para a Síria, foram-lhe armadas ciladas pelos judeus e, por isso, tomou a resolução de voltar pela Macedônia. Acompanharam-no Sopatro, filho de Pirro, de Beréia".

No final da Epístola aos Romanos, um Sosipatro aparece em meio aos companheiros do grande Apóstolo:

"Saúda-vos Timóteo, meu cooperador, e Lúcio e Jason e Sosipatro, meus parentes" (2).

---

(1) Act. 20, 1-4.

(2) Rom. 16, 21.

Meus parentes. Que parentesco era êste? Nada nos permite asseverar, senão que um parentesco todo espiritual.

Quase todos os comentadores identificam Sopatro e Sosipatro, e autores há, bem antigos, que afirmam que o nosso Santo foi bispo de Icônio.

Os gregos celebram-lhe a memória no dia 28 de abril.

* * *

SANTA LÚCIA e COMPANHEIROS (*)

Mártires

Século III

Lúcia era uma virgem cristã, pela qual o rei bárbaro Auceu se apaixonou. Pedida em casamento, a jovem recusou-lhe a mão, porque a Deus, desde há muito, votara a virgindade.

Tão pronta e enérgica fôra a recusa, que o bárbaro, impressionado, ao invés de prendê-la e torturá-la, como se propusera, resolveu deixar-lhe a liberdade. Impôs-lhe, todavia, uma condição: rogar a Deus a vitória em todos os combates em que se envolvesse com o inimigo.

Vinte anos depois, Lúcia sentiu-se desejosa de retornar à terra natal, para ali sofrer o martírio, que o desejava com todo o ardor. Auceu consentiu. E não só consentiu, como a acompanhou.

Prêsa a jovem, foi levada a Roma. Diante de Elius, o prefeito, foi severamente intimada a sacrificar aos deuses, condição única para salvar a vida. Lúcia não esperou por mais nada. Estava às portas daquilo que ardorosamente desejava: o martírio, morrer por Jesus amado.

Foi, então, decapitada. E Auceu, calmamente, achegando-se do prefeito, solicitou-lhe a graça de também partilhar da coroa da santa virgem.

Elius admirou-se de que um homem não cristão desejasse morrer por aquêle que fôra crucificado sob Pôncio Pilatos. Sondou-o. E Auceu, sempre calmamente, respondeu-lhe:

— Eu creio que a efusão de meu sangue me fará cristão!

Como Lúcia, Auceu foi decapitado.

Outros cristãos, denunciados na mesma hora, tiveram igual sorte. Eram êles Antônio, Irineu, Teodoro, Dionísio, Apolônio, Apâmio, Prânico, Coteus, Orion, Pápico, Sátiro, Vítor e mais oito, cujos nomes, infelizmente, não chegaram até nós.

* * *

SANTO AMANDO (*)

Ermitão e Confessor

Fim do Século VI

Santo Amando ou Armando era do Limousin. Em Genouillac, viveu, por algum tempo, no mosteiro que o abade Salane dirigia. Dêste mosteiro, três anos mais tarde, saiu, seguindo para Peyrelevade com São Sour e São Cipriano, para viver na solidão.

No deserto, os três oravam e jejuavam, dando-se às mais duras mortificações. Em determinadas horas do dia e da noite, cantavam hinos sacros, o que faziam alto e bom som.

Não demorou muito, os curiosos deram de aparecer. São Sour não apreciou aquêle movimento, burburinho que vinha interromper o serviço prestado a Deus. Impacientado, deixou os companheiros, indo fixar-se mais longe, a quatro léguas de um lugar chamado Sarlat, em Terrasson.

Logo depois, Amando e Cipriano seguiam-lhe o exemplo. Cipriano refugiou-se na Dordonha e Amando no Coly.

Naquela solidão, Amando, a pouco e pouco, foi recebendo discípulos. Iam chegando, atraídos pela santidade do ermitão, construíam celas aqui e ali, e passavam a imitar o santo confessor. Assim nasceu o mosteiro de Santo Amando, mosteiro que, no século XII, foi ocupado pelos cônegos regulares da ordem de Santo Agostinho.

* * *

SÃO GOHARD e COMPANHEIROS (*)

Mártires

São Gohard (1) foi sacrificado pelos normandos, quando de uma invasão, em Nantes (843). Guiados por um traidor, os facinorosos, que vinham atacando e saqueando igrejas e mosteiros, penetraram na catedral de São Pedro e São Paulo, onde se festejava a natividade do Santo Precursor de Nosso Senhor. O templo estava repleto. Os normandos, numa grita ensurdecedora, invadiram-no de todos os lados. E, ali, no sagrado recinto, assassinaram friamente a São Gohard, que era o celebrante, o clero, os monges que assistiam à cerimônia e mais o povo.

Ateando fogo à catedral, depois de pilhá-la com furor, deixaram os mortos num mar de sangue.

As relíquias de São Gohard, recolhidas piedosamente, foram levadas para a cidade em que nascera, Angers, relíquias que desapareceram com a Revolução.

* * *

---

(1) Também Gunhardo, Gunhard, Gundard ou Guichard.

SÃO SALOMÃO (*)

Rei e Mártir

Salomão, rei da Bretanha, conseguiu a coroa do reino matando o primo Erispoe, ao qual abateu por detrás de um altar, onde se refugiara. Morto o primo, arrancou-lhe a coroa da cabeça, colocando-a na sua.

Salomão, que foi rei querido, valente e estrategista, brilhou pelos feitos das armas, lutando com denôdo principalmente contra Carlos, o Calvo e os normandos.

Justo, admirado, protetor de religiosos, obteve as relíquias de São Maixento. Um dia, sem que abdicasse, retirou-se a um mosteiro, que construíra em Plelan-le-Grand.

Alguns súditos, consideráveis senhores do reino, revoltando-se contra aquela atitude, foram atacá-lo. Salomão, corajosamente, enfrentou-os inicialmente, mas, como estava só, fugiu, indo esconder-se a oeste do país. Ali, num lugar que até hoje se chama Martírio, perto de Landerneau, alcançaram-no os assassinos, derrubando-o para sempre (874).

Piedoso, penitente, dado a mortificações, mereceu a glória de ser alçado aos altares, com o título de mártir.

* * *

SÃO PRÓSPERO DA AQUITÂNIA (*)

Confessor

São Próspero nasceu na Aquitânia em fins do século IV, tendo recebido educação literária e filosófica. Pelo poema *De um Espôso à Espôsa,* é de crer que fôsse casado. A certa altura da vida, desprezando as riquezas do mundo, escreveu:

"Como poderia deixar de sofrer se espero tantos bens que o Deus de bondade me prepara? Que coisa poderia separar-me d'Êle? Não poderia, se me encerrassem em escuro cubículo, e se me acorrentassem, dali a Deus elevar o meu espírito? Não temo o exílio: o mundo é a casa comum de todos os homens. Podem levar-me a passar fome, a fome corporal, mas isto pouco me inquieta, porque a palavra de Deus será o meu alimento. Não é de mim mesmo que me vem tal fôrça. É de ti, ó Jesus, que em minha bôca pões estas palavras. De ti vem a graça para que possa cumpri-las. De mim, oh, de mim nada posso esperar, porque tôdas as minhas esperanças em ti estão! Tu nos manda lutar. Lutamos, e tu nos dá a vitória".

Em 426, quando foi da controvérsia semipelagiana, São Próspero estava na Provença. O pelagianismo, que exagerava a fôrça do livre arbítrio, negando a necessidade da graça, a transmissão do

pecado original, a distinção entre o natural e o sobrenatural, o pelagianismo, dizíamos, levou o nosso Santo a escrever longa carta sôbre a graça, a um Rufino, defendendo com grande calor a Santo Agostinho, ao qual, mais tarde, pedia esclarecimentos para poder continuar com a luta que empreendera. Daí os tratados do santo bispo de Hipona *Da Predestinação dos Santos* e *Do Dom da Perseverança,* inicialmente uma só obra.

Segundo Genádio, São Próspero da Aquitânia foi secretário do papa São Leão, eleito em 440. Foi quem redigiu as cartas do pontífice contra Eutíquio.

São Próspero faleceu depois de 455.

* * *

SÃO MÁXIMO DE TURIM (*)

Bispo e Confessor

São Máximo, que assistiu, em 451, a um concílio de Milão, cujas Atas subscreveu em oitavo lugar, e um concílio romano, cujo processo-verbal assinou imediatamente depois do papa Hilário, deixou-nos rica coleção de discursos, que, diz-se, são comparáveis aos de Santo Agostinho. Nestes discursos, ardorosamente combate o pelagianismo, então bastante arraigado no norte da Itália.

Animado de grande zêlo pastoral, deixou importantes pontos de apoio para os liturgistas e para a história da teologia fartos subsídios — dogma, instituições e prática.

Num trecho de seus escritos, lê-se, numa passagem dogmática a propósito do Natal:

"Deus, sacerdote e vítima, Deus na ressurreição, sacerdote na oblação. Tudo isto, reconhecemo-lo no Cristo: é Deus, porque vem do Pai; pontífice, porque se ofereceu; vítima, porque por nós morreu".

Grande orador, eloqüente, ardoroso nos sermões, humilde e casto, São Máximo é padroeiro menor de Turim, tendo falecido depois de 465.

O santo bispo é representado ao lado de uma cabra, a qual mostra a um dos inimigos. Sôbre tal representação, conta-se o seguinte: São Máximo cos-

tumava orar num oratório um tanto afastado, onde, supunham os adversários, era levado por maus propósitos. Um dia, alguém se propôs segui-lo, para espionar ao que se dava. Eis senão quando, o espião, tomado por mortal sêde, viu surgir o santo bispo a puxar uma cabra, de cujos úberes pejados tirou o leite que matou a sêde ao indiscreto.



SANTO ADALBERTO DE EGMOND (*)

Confessor

Santo Adalberto, como diácono, auxiliou Santo Willibrod na evangelização da Frísia. Mais tarde, tornou-se abade de Epternach.

Tendo erigido uma igreja em Egmond, na Holanda do Norte, ali lhe progrediu o culto, espalhando-se ràpidamente por tôda a Europa Central.

Santo Adalberto, ao qual erradamente se deu o título de arcediago de Utrecht, e que era invocado nas litanias do século X (saltério de Santo Wolbodon *Anal. bol.*, t. LV, 1937; breviário de São Bavon de Gand). Faleceu depois do ano de 714.

A abadia de São Paulo de Oosterhont restaurou recentemente a vida beneditina em Egmond, ali fundando um priorado que foi dedicado ao nosso santo confessor.

* * *

SANTA TIGRE (*)

Virgem

Fim do Século VI

Santa Tigre (1) aparece nas páginas do *De Glória Martyrum* de Gregório de Tours, onde êste Santo conta como a virgem agiu para obter relíquias de São João Batista.

Lemos no capítulo XIV:

"Uma certa mulher, vinda da cidade de Mauriana, desejava relíquias do Precursor e se propôs, por juramento, que do sepulcro não se iria sem satisfazer tal propósito. Como os habitantes do lugar, porém, afirmavam que aquilo era impossível, ela se prosternava todos os dias diante do sepulcro, a rogar que o Santo concordasse em lhe dar alguma coisa.

"Naquilo, passou a mulher um ano inteirinho, depois um segundo, contìnuamente a orar e rogar.

"No princípio do terceiro ano, vendo que as súplicas que fazia nenhum efeito produziam, deitou-se ao lado da tumba e declarou solenemente que dali não se ergueria senão depois de ter recebido alguma parte das santas relíquias.

(1) Ou Tecla.

"No sétimo dia, quando então já a dominava a inanição, um polegar, envolto em grande luminosidade, apareceu sôbre o altar.

"Reconhecendo no prodígio um presente de Deus, a mulher levantou-se, apanhou e colocou num relicário de ouro o que do Senhor merecera receber. E, com grande alegria, fêz-se para o país donde viera".

No escrito de São Gregório de Tours, como se vê, não há detalhes. Não se lê o nome da *mulher* nem onde se encontrava o sepulcro de São João Batista. Foram os autores que completaram o escrito, séculos depois, que nos transmitiram o nome daquela *mulher*. O mais antigo documento, que data do século IX, é que nos fornece o nome, Tigre, que no século XIII apareceu como Tecla.

Segundo vários escritores, Santa Tigre não levou um dos polegares tão-sòmente, mas três dedos, e em Mauriana foi erigida magnífica igreja para receber e abrigar tão santas relíquias.

Mauriana, depois disso, passou a chamar-se São João de Mauriana, que o rei Gontrão erigiu em episcopado.

Santa Tigre, supõe-se, terminou os dias numa ermida. Quanto ao ano em que nasceu, desconhecemo-lo, o mesmo acontecendo com o em que faleceu. A viagem que empreendeu ao Oriente deve tê-la realizado quando ia em meio o século VI.

Até hoje a diocese de São João de Mauriana celebra a festa desta santa virgem.

* * *

SÃO GUILHERME DE MONTEVIRGINIA (*)

Abade

São Guilherme nasceu em Verceil no ano de 1085. Foi o fundador do mosteiro de Montevirginia (1119).

Piemontês, perdeu os pais quando bem jovem ainda. Aos catorze anos, fêz uma peregrinação a São Tiago de Compostela. Em 1106, achava-se em Melfi, na Itália meridional.

Iletrado, mas dono de extraordinária memória, aprendeu, de cor, o salmo CIX, adquirindo, daí por diante, maravilhoso, surpreendente conhecimento da Escritura santa.

De 1108 a 1109, vivendo no Monte Solicoli, ali levou vida de penitente, em companhia de um velho soldado.

Desde que, miraculosamente, restituiu a vista a um cego, tornou-se célebre, sendo procurado com insistência. Deixou, então, o Monte Solicoli, indo refugiar-se ao lado de um santo homem, que se chamava João, o de Pulsano.

Pouco mais tarde, tomado pelo grande desejo de ir a Jerusalém, deixou o amigo. Mas, assaltado por ladrões, entre Tarento e Otrante, desistiu do intento, pensando que Deus o queria na Itália mesma.

Foi assim que, não longe de Avelino, no *Monte Virgiliano,* agora Montevirginia, São Guilherme se estabeleceu, propondo-se levar vida eremítica.

Muita gente, porém, sequiosa de coisas de Deus, ali afluiu, procurando o santo homem, para com êle viver.

Em 1124, o bispo de Avelino consagrava uma igreja que se dedicou a Nossa Senhora. E no Montevirginia a vida tornou-se de grande austeridade: três dias por semana, todos deviam contentar-se tão-só com verdura e pão. E as populações dos arredores passou a ser evangelizada.

O rei Rogério II de Nápoles, que admirava a inteligência e a prudência de São Guilherme, desejou-o ao seu lado, fazendo-o conselheiro. E as virtudes que o ornavam, ao Santo só serviu para atrair inimigos, e inimigos mortais.

Para perdê-lo, acordaram, certa vez, em lançar-lhe uma cortesã, por todos considerada irresistível, que, procurando seduzi-lo, recebeu o mais incrível dos convites, qual seja o de ambos se deitarem num leito de carvões enrubecidos ao máximo.

A belíssima cortesã ficou aterrada. E antes que pudesse pensar numa resposta, viu o santo abade dirigir-se aos carvões da chaminé do aposento em que se encontravam e nêle estender-se com a maior confiança, com uma calma aterradora.

Tocada, a mulher pôs-se a chorar sentidamente, meditando no mal que ia fazer a um santo. E, admirada de que nada lhe sucedesse, pedindo perdão converteu-se. Logo mais, contritamente, tomava o véu.

São Guilherme faleceu em 1142, na mais célebre das suas fundações: São Salvador do Goleto.

Em 1785, Pio VI estendeu-lhe o culto por todo o mundo católico.

Dos numerosos mosteiros que o santo abade estabeleceu, resta sòmente o de Montevirginia. Ali, o santuário, com a imagem da Virgem, é lugar de freqüentíssimas peregrinações. A Nossa Senhora de São Guilherme é grandemente venerada, principalmente pelos camponeses da região.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO DE ESPANHA (*)

Cartuxo, Confessor

Crê-se que o bem-aventurado João nasceu em Almancepos, Almanza, na província de Leão, na Espanha do Norte.

Jovem, bem jovem ainda, estava já a estudar na França, em Arles, onde um rico homem o tomou como pensionista.

João foi sacristão por seis anos. Era na Cartuxa de Montrieux, onde se tornou prior e se notabilizou como restaurador e construtor. Mais tarde, tal o renome que adquirira, passava para a Grande Cartuxa, quando a dirigia Santo Antelmo, o qual o escolheu para presidir a uma fundação perto do lago de Gênova — uma nova cartuxa, que se chamou Repouso.

A pedido de Santo Antelmo, o bem-aventurado João de Espanha redigiu as constituições que regeriam os irmãos da nova casa, casa que o confessor governou por nove anos. Falecido em 1160, em 1650 transferiram-lhe as relíquias para a sacristia da igreja, uma vez que, antes de morrer, João desejara ser enterrado entre dois pastôres, no lugar em que ambos foram mortos por uma avalanche, e aos

quais então rendera honras fúnebres. Tratou daquela transferência um sobrinho de São Francisco de Sales, Carlos Augusto.



No mesmo dia, em Nápoles, o bem-aventurado Guido de Maramaldi, confessor, um dos grandes dominicanos italianos do século XIV. Nobre, desejou revestir-se com o hábito dos pregadores, sendo noviço modêlo, depois excelente teólogo e grande pregador. Lecionou no convento de Nápoles. Nomeado inquisidor geral pela Santa Sé para o reino de Nápoles, neste pôsto arriscou a vida. Faleceu em Nápoles no ano de 1391.

Em Arles-sur-Couze, Auvergne, São Dizant, bispo de Saintes, no século VI.

Em Jaca, na Espanha, Santa Eurósia, virgem e mártir. Jovem e nobre cristã, perseguida por um mouro, refugiou-se numa caverna, onde, descoberta, foi assassinada, provàvelmente no ano de 714.

Em Alexandria, São Galicano, mártir, personagem consular, que recebeu a honra do triunfo e que o imperador Constantino amava ternamente. Convertido à fé de Jesus Cristo pelos santos João e Paulo, retirou-se com Santo Hilarino para a cidade de Óstia, onde se dedicou inteiramente à hospitalidade e ao serviço dos enfermos. A nova se espalhou em breve por tôda parte e de todos os lados vinham pessoas ver pessoalmente quem já fôra patrício e cônsul, e agora lavava os pés dos pobres, aprontava as mesas onde deviam comer, servia os doentes, e se aplicava a todos os exercícios da caridade e da piedade cristãs. Foi depois, sob Juliano, o Apóstata,

expulso da cidade, e constrangido a refugiar-se em Alexandria, onde o juiz Rauciano, que queria obrigá-lo a sacrificar aos ídolos, não recebendo dêle senão desprêzo, mandou matá-lo pelo gládio, tornando-o mártir do Senhor.

Em Besançon, Santo Antídio, bispo e mártir, massacrado pelos vândalos pela fé de Jesus Cristo.



26.º DIA DE JUNHO

SANTO ANTELMO

Bispo de Belley

Nascido pelo ano de 1107, pertencia Antelmo à primeira nobreza da Sabóia. Seus pais fizeram-no estudar desde a juventude, e lhe proporcionaram dois benefícios consideráveis, um em Gênova e outro em Belley: eram as principais dignidades dessas duas igrejas.

Davam-lhe elas grande consideração e propiciavam-lhe vultosos rendimentos, dos quais usava magnìficamente, tendo prazer em receber os que iam vê-lo e prestar-lhes tôda a sorte de serviços; a circunstância granjeou-lhe muitos amigos. Era também muito liberal para com os pobres, e tinha vida pura, mas ocupada com os cuidados temporais. Passada a primeira juventude, dedicou-se a visitar os religiosos, particularmente os cartuxos, mais por curiosidade do que com o propósito de converter-se. Tendo se dirigido, certa vez, com outros jovens de sua idade, para o convento dos cartuxos das Portas, cujo prior era o venerável Bernardo, êste santo, que já fizera grande número de conversões, exortou Antelmo a pensar na salvação; alguns outros cartuxos fizeram o mesmo. Antelmo não se deu por convencido, recomendando-

se sòmente às suas orações e retirando-se. Chegando à casa logo abaixo do convento dos cartuxos, foi retido, para lá passar a noite, pelos irmãos conversos e o procurador Boson, que era seu parente, e homem de aplicação maravilhosa. No dia seguinte, subiu novamente ao convento, visitou os alojamentos dos monges, e ficou de tal maneira impressionado com o seu gênero de vida e palavras, que pediu para ser recebido entre êles. Exortaram-no a regular os negócios e marcar data para regressar; mas êle disse: Resolvi permanecer aqui desde hoje; deixarei o com que pagar minhas dívidas; tenho bons amigos para arranjar tudo. Pediu, então, o hábito, e abraçou a observância com grande fervor.

Era ainda noviço quando foi enviado ao grande convento de cartuxos, onde o número de monges era pequeno. Ali, entregou-se à oração, à meditação, aos trabalhos manuais, à mortificação, praticando todos os dias a disciplina; tinha um grande dom de lágrimas. Feito procurador, desincumbiu-se muito dignamente do encargo, seja pela conduta dos irmãos conversos, seja pelas esmolas e pelo cuidado do temporal. Em seguida, fizeram-no prior. O venerável Guigues, após haver exercido tal cargo durante vinte e sete anos, morreu em 1136, deixando tal reputação, que simplesmente o chamavam o bom prior. Seu sucessor foi Hugues, sexto prior do grande convento que, após ter governado dois anos, se demitiu e fêz eleger em seu lugar Santo Antelmo, em 1138. Alguns anos antes, as avalanches de neve, caindo do alto das montanhas, e arrastando terra e pedras, haviam aniquilado vários conventos sob a ruína de suas celas. Êsse acidente arrebatou num só dia a maior parte da santa comunidade, e os poucos monges

que restavam desleixaram a observância após a morte do bem-aventurado Guigues. Santo Antelmo empenhou-se, pois, em restabelecê-la, segundo as constituições escritas do santo prior. Empregou a doçura e a severidade; expulsou alguns indóceis que lhe resistiam; ao mesmo tempo reparou as construções e recolocou o mosteiro em estado florescente. Um dos dois irmãos o havia precedido na comunidade santa; o segundo o seguiu, bem como o pai. Santo Antelmo recebeu ainda no número dos irmãos conversos um dos maiores senhores do tempo o conde Guilherme de Nevers, o mesmo que os bispos e senhores de França haviam designado, pela bôca de São Bernardo, para governar o reino com o abade Suger, durante a viagem do rei Luís, o Jovem, ao oriente.

Após haver governado doze anos o grande mosteiro, Santo Antelmo mandou colocar em seu lugar Basílio, que foi o oitavo prior, e reentrou para o silêncio de sua cela. Mas algum tempo após, Bernardo, prior do convento das Portas, pediu-lhe que lhe sucedesse, não se julgando mais em condições de governar a casa em virtude da idade avançada. Antelmo tornou-se prior das Portas. Encontrando dinheiro e trigo, fêz grandes distribuições aos camponeses da vizinhança, para lhes dar de que semear em um ano de carestia, e não deixou de aumentar os rendimentos do mosteiro, derrubando matas. Nessa época, 1158, Gui, conde de Forez, havia assaltado a cidade de Lion, pilhando-a e fazendo sentir sua indignação principalmente contra o clero, pretendendo que a Igreja havia usurpado à sua família a senhoria da cidade, ao menos a maior parte dela. Nessa ocasião o arcebispo Heráclio e os principais de seu clero refugiaram-se no mosteiro das Portas, onde o prior

Antelmo os recebeu de braços abertos e os tranqüilizou liberalmente enquanto durou a tempestade. Havendo governado a casa durante dois anos, retirou-se novamente, e voltou à cela no grande mosteiro dos cartuxos.

Tal era Santo Antelmo, quando teve ocasião a glória de combater corajosamente pela unidade católica, contra o antipapa Otaviano que, cego pela ambição diabólica, invadiu a Sé do príncipe dos apóstolos, e, o que foi mais execrável ainda, entregou a Igreja ao poder imperial. Essas reflexões são do biógrafo contemporâneo de Santo Antelmo.

Em 1163, o bispado de Belley, na Borgonha, ficou vago e o partido mais poderoso do capítulo elegeu um jovem nobre e o colocou na posse da casa episcopal; mas a outra parte elegeu um monge, e o enviou ao papa Alexandre, que estava então em França, para confirmar a eleição. O papa adiou a resposta aos deputados, não duvidando que a outra parte também mandaria os seus; foi o que aconteceu. Entretanto, alguns cônegos mais moderados, conquanto em pequeno número, querendo unir os dois partidos, propuseram a eleição de Antelmo. Todos concordaram com alegria, mesmo o que havia sido eleito anteriormente; porque era parente de Santo Antelmo. Mas sabiam todos que seria difícil tirá-lo da solidão; foram prontamente procurar o papa Alexandre, que, cheio de alegria, os felicitou por haverem encontrado tão boa solução, e lhes disse que seriam felizes sob a direção de tal pastor. Fêz com que os primeiros deputados, ainda que com dificuldade, também consentissem, e havendo-os reunido, escreveu a Santo Antelmo, ordenando-lhe, pela autoridade da Santa Sé Apostólica, se encarregasse da

igreja de Belley, e mandou o prior e os religiosos do grande mosteiro de cartuxos entregá-lo aos que o pedissem, e se recusasse, a constrangê-lo pela autoridade.

Mas Santo Antelmo soube o que se passava, e, à chegada dos que o deviam buscar, resolveu fugir, e ocultou-se. Os cartuxos procuraram-no tão bem que o encontraram; e levando-o à comunidade reunida, os religiosos expuseram-lhe a ordem do papa e lhe mostraram as cartas. O prior acrescentou-lhes a sua ordem, os religiosos a sua exortação, os deputados os seus rogos, em nome de tôda a igreja de Belley. Mas Antelmo permaneceu firme na recusa, protestando que não sairia jamais do êrmo. Enfim, por um piedoso artifício, propuseram-lhe a escolha, ou obedecer ao papa e aceitar, ou ir encontrar o próprio papa, que, lhe diziam, conhecendo vossa resolução definitiva, não vos fará violência. Com tal esperança êle se pôs a caminho; mas os deputados não o abandonaram.

Quando chegou aos pés do papa Alexandre, foi recebido com honra por êle e tôda a côrte; porque ali era conhecido como homem de grande mérito. Em audiência com o papa, disse-lhe que fôra pedir-lhe a graça e suplicar-lhe que não o obrigasse a fazer o que não era vantajoso nem a êle nem à igreja que o pedia; que era um ignorante, homem sem experiência, miserável; enfim, que havia feito o voto de não sair do seu êrmo. Tais palavras foram acompanhadas de muitas lágrimas. O papa respondeu:

— Não queirais, meu filho impor-vos com más desculpas; conhecemos vossa capacidade. Por que desencorajar-vos? É mister obedecer. O que escrevi, escrevi. Prestai atenção a esta passagem da Escri-

tura: Não obedecer é como imolar aos ídolos; não querer submeter-se é como um pecado de divinação. Considerai até onde se estende a virtude da obediência, da qual fizestes profissão. Fizestes o voto de renunciar a vós mesmo e seguir a Jesus Cristo; deveis agir, por conseguinte, pela vontade dêle, não pela vossa. Com estas e outras palavras tentou o papa encorajá-lo e persuadi-lo. Antelmo ficou confuso, permanecendo em silêncio, sem ousar nada dizer. Enfim, no dia da Natividade da santa Virgem, o papa Alexandre o sagrou solenemente bispo. Reteve-o junto de si por algum tempo; e como os prelados da côrte se entretinham familiarmente com Santo Antelmo sôbre assuntos diversos, êste lhes citava a sagrada Escritura muito a propósito, o que os fêz dizer entre si: Certamente não é nenhum ignorante nem homem sem cultura, como nos quis fazer acreditar, mas prudente e douto. Querendo retirar-se o mais depressa possível, o papa o despediu graciosamente com a sua bênção e alguns pequenos presentes. (1)

O estado episcopal não diminuiu as austeridades corporais de Antelmo. Rezava o ofício divino, não na capela, mas na catedral, com os cônegos, para emprestar-lhe maior dignidade. Empenhou-se em purificar o clero, e, após exortações caridosas, depôs seis ou sete sacerdotes concubinários. Não demonstrava menos zêlo pelo bem do povo. Pela negligência do conde Humberto de Sabóia, os malfeitores se multiplicavam, não sòmente na diocese de Belley, mas em tôda a Sabóia. Sem receio, vexavam os clérigos, as viúvas, os órfãos e os pobres. Sòzinho, Antelmo empreendeu a tarefa de reprimir-lhes os banditismos,

(1) Ver a Vida de Santo Antelmo. Acta. SS., 26 junii.

o que nenhum bispo ainda havia tentado. Ameaçou primeiramente os culpados, e fulminou-os com a excomunhão. Ameaçaram-no, por sua vez, a êle, que não estava menos pronto a sofrer o martírio pela justiça; mas, finalmente, viram-se obrigados a submeter-se, muito a contragosto, a fazer penitência. Uma prova temos no próprio conde da Sabóia.

Êste príncipe havia aprisionado injustamente um padre da diocese de Belley; o santo reclamou-o, e, à sua recusa, excomungou o preboste que o havia mandado prender. Em seguida, fêz sair da prisão o sacerdote, por intermédio do bispo São João de Maurienne. Os homens do preboste assassinaram o sacerdote, e Santo Antelmo, que, por outro lado, tinha uma querela com o conde Humberto, no tocante aos direitos de sua igreja, ameaçou-o de excomunhão, se não desistisse dos injustos empreendimentos, e se não desse satisfação pelo assassínio do sacerdote. Em cólera, o conde ameaçou-o, por seu turno. O bispo reiterou as admoestações; o conde zombou dêle, dizendo que tinha um privilégio do papa para não ser excomungado. O bispo excomungou o príncipe em sua presença mesmo. O príncipe, furioso, o ameaçou com todos os males, e os cortesãos acrescentaram que deveria ser punido imediatamente. O bispo, mais intrépido do que nunca, excomungou-o segunda vez, entregou-o a Satanás e feriu-o com o anátema. Todos os assistentes tremiam pelo bispo, que não tremia. O conde queixou-se ao papa Alexandre da infração de seu privilégio. O papa ordenou ao bem-aventurado Antelmo por São Pedro, bispo de Tarentaise, e a outro bispo, que levantassem a excomunhão, como se houvesse sido feita levianamente. Deu-lhe ao mesmo tempo comissão para absolver o conde, caso

se recusasse a fazê-lo, pois lhe conhecia a firmeza. Os bispos instaram com Antelmo para que obedecesse ao soberano Pontífice e apaziguasse o conde. Mas êle respondeu: Quem está ligado justamente não deve ser desligado senão se fizer penitência para dar satisfação ao que ofendeu. São Pedro mesmo não recebeu o poder de ligar ou desligar aquêle que não deve sê-lo. Estai certos, portanto, de que não retirarei a sentença que pronunciei justamente, a menos que dê satisfação de sua ofensa.

Os dois prelados retiraram-se sem ousar ir além. Mas o papa, a par do que se passava, absolveu êle mesmo o conde, e comunicou-o a Antelmo.

Êste ficou tão impressionado que abandonou o bispado e se retirou para a cela do mosteiro, a fim de não pensar mais em servir a Deus senão no silêncio. Todo o país ficou convulsionado com a sua retirada; enviavam-se deputados ao papa, o qual o obrigou a voltar à igreja. Entretanto, o conde, conquanto absolvido pelo papa, não se acreditava verdadeiramente absolvido, nem ousava apresentar-se até que, havendo-se humilhado diante do santo bispo e prometendo fazer a penitência que êle impunha, recebeu dêle a absolvição. Antelmo, que sempre o amara, mesmo no momento em que o separava da Igreja, exortou-o com mais afeição e familiaridade a fazer o bem. Mas vendo-o recair na negligência, faltar às promessas, e, em lugar de reprimir as desordens, permitir cometê-las, fêz-lhe severas admoestações. O conde tomou-se de ódio, e dizia freqüentemente que homem algum sob o céu era tão odioso. Fazia-lhe grandes ameaças, mas respeitava-o, nada obstante, por causa de sua santidade. Se outro lhe houvesse feito mal, teria sido muito fácil. Um dia

em que o bispo instava para que cumprisse as suas promessas e reparasse as injustiças, o conde respondeu: Estou pronto a responder-vos diante de um tribunal secular. O bispo replicou: Vós me citais perante um tribunal da terra, e eu vos cito diante do tribunal do céu, no último dia, diante do justo juiz que é Deus!

Antelmo, por sua virtude, havia adquirido uma autoridade maravilhosa. Tôda a ordem dos cartuxos o considerava superior-geral e todos os priores estavam sob sua dependência: também vigiava com grande zêlo para prevenir o menor relaxamento. Quando se encontrava nos concílios ou nas assembléias para tratar de assuntos temporais, não havia bispo ou outra pessoa que não lhe cedesse: a própria côrte de Roma o respeitava. Também não receava repreender o que encontrava de repreensível, e, como viam que suas correções não tinham por princípio senão a caridade, a maior parte as recebia de bom grado. Quanto aos pecadores, que iam à penitência, era cheio de misericórdia, e misturava suas lágrimas às dêles. A compaixão pelos pobres não podia ser maior. Nada tinha que não fôsse dêles, não reservando para si senão o suficiente para a subsistência, e distribuindo o resto. Sua predileção era por duas comunidades muito pobres da diocese, uma de viúvas e virgens, outra de leprosos. O ano de sua morte foi um ano de fome, quando então regulamentou em boa hora tudo o que faria de esmolas cada dia, até 26 de junho, dia em que passou da terra ao céu.

Na última enfermidade, exortando-o alguém a perdoar ao conde de Sabóia, respondeu: Nada farei, a menos que desista de sua injusta pretensão; prometa jamais pedir nada a esta igreja, e reconheça-se cul-

pado da morte do sacerdote. Ninguém ousava transmitir estas palavras ao conde que estava no local. Houve apenas dois cartuxos, outrora grandes senhores no mundo, que se encarregaram disso. O conde Humberto, tocado pela mão de Deus, derramou lágrimas, foi encontrar o santo homem, reconheceu a culpa, renunciou à pretensão, e pediu perdão. O homem de Deus impôs-lhe as mãos, e, abençoando-o, lhe disse: Que Deus Todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, vos conceda a abundância de sua bênção e de sua graça, vos faça crescer e multiplicar, vós e vosso filho. Como o conde não tivesse senão uma filha, os assistentes creram que o ancião se havia equivocado, e pretenderam dissesse vossa filha. Mas êle repetiu três vêzes com insistência, vós e vosso filho. O futuro justificou a profecia do pontífice moribundo. O conde teve um filho, do qual descende a casa da Sabóia. Santo Antelmo morreu em 26 de junho de 1178, com a idade de mais de setenta anos, e no décimo-quinto ano de seu episcopado. A Igreja honra-lhe a memória no dia de sua morte. (1)

* * *

(1) Acta SS., 26 junii.

SÃO JOÃO E SÃO PAULO (*)

Mártires

Época Desconhecida

João e Paulo, irmãos, foram eunucos de Constantino. Segundo as Atas, ambos, durante uma guerra, conseguiram converter o general Galicano, sob cujas ordens combatiam.

Depois da vitória, aquêle cabo de guerra retirou-se para Óstia, e passou a viver ao lado dum santo homem de grande reputação, chamado Hilário.

Sabedor do que sucedera com Galicano, Juliano, o Apóstata ordenou que o general sacrificasse aos deuses. O militar ràpidamente, antes que o pilhassem, fugiu, buscando o Egito. Ali, pouco depois, capturado por pagãos, sofreu o martírio, entregando a bela alma ao Criador.

Hilário, que se deixara ficar em Óstia, teve a mesma sorte daquele que o procurara e que com êle tão pouco convivera.

Em Roma, João e Paulo determinaram não mais tornar ao palácio. Juliano, irritado, fêz com que fôssem buscá-los. Tarenciano, o encarregado de aos dois homens arrancar a promessa de que sacrificariam aos deuses, encontrou-os na maior disposição de

ânimo, prontos a enfrentar o que quer que seja, menos apostatar. E o imperador, no auge da cólera, mandou que os decapitassem e enterrassem na própria casa em que estavam vivendo, isto porque desejava espalhar a notícia de que os dois haviam sido enviados ao exílio — o que de fato se espalhou pela cidade, imediatamente após o martírio.

Morto Juliano, na campanha contra os persas, dois homens que haviam assistido à morte de João e Paulo revelaram às autoridades, agora sob Joviano e a fé do imperador Constantino, o lugar em que os corpos estavam sepultados.

Diz-se que Tarenciano, convertido, escreveu a história dos dois irmãos, que, antes de morrer, haviam incumbido um sacerdote, Crispo, um clérigo, Crispiano, e uma mulher, Benedita, para que lhes distribuíssem os bens entre a pobreza.

Os críticos não depositam nenhuma confiança na autenticidade desta narrativa que acima bosquejamos, simplesmente porque os fatos contradizem a história, uma vez que o imperador apóstata, sobrinho de Constantino, jamais residiu em Roma e, sob seu govêrno, não ocorreram perseguições sangrentas no Ocidente.

Juliano, que repudiou a fé cristã e procurou restabelecer o paganismo, fê-lo, dizem os historiadores, mais por meios suasórios que pela violência, êle mesmo escrevendo em favor das antigas crenças.

Existe, entre a descrição da Paixão e a basílica dos dois santos mártires, uma certa concordância. A basílica, para o arqueólogo cristão, apresenta difícil e interessante problema. Instalada numa casa particular, elevava-se numa das mais antigas ruas de Roma, na região do monte Célio. As pinturas que a revestem, do século V, lembram Crispo, Crispiano

e Benedita — porque representam dois homens e uma mulher sendo vítimas do martírio.

João e Paulo são duas personagens misteriosas? Quem foram êles? Há os que crêem na Paixão e há os que supõem que os corpos sejam os do apóstolo São João, ou de São João Batista, e do apóstolo Paulo.

No resumo do martirológio, contudo, lê-se: "Em Roma, no monte Célio, os santos mártires João e Paulo, irmãos: o primeiro era intendente, e o segundo primicério da casa da virgem Constância, filha do imperador Constantino; os dois, ao mesmo tempo, foram decapitados e receberam a palma do martírio, sob Juliano, o Apóstata (?).

* * *

SÃO VIGÍLIO (*)

Bispo e Mártir

Vigílio foi eleito bispo de Trento em 385. Em carta a Santo Ambrósio, ao grande Santo anunciou o acontecimento e pediu conselhos pelos quais pudesse nortear-se seguramente. Santo Ambrósio respondeu-lhe com uma longa carta. Conhecia-lhe a santidade de vida e contentou-se com lhe dar conselhos que diziam respeito tão-sòmente à direção que imprimia à própria diocese.

Quando, um dia, foi pregar no vale de Sarca, ao norte do lago de Garde, derribou Vigílio, num santo afã, uma estátua de Saturno, que os pagãos adoravam, e sôbre o pedestal em que o deus se assentava, grimpou-se o santo bispo, para evangelizar o povo, que, àquela ação, jazia pasmado.

Os pagãos, furiosíssimos, lapidaram-no incontinenti (405), e os cristãos o elegeram protetor da cidade.

* * *

SÃO DAVI (*)

Ermitão

São Davi era ermitão na Tessalônica. Não vivia, porém, exclusivamente apartado dos homens, que, constantemente, procuravam-no para conselhos ou para recomendar-se às orações que a Deus elevava.

João Moschus, no seu *Pré-espiritual,* conta:

"No meu país havia um recluso, nascido na Mesopotâmia e chamado Davi, virtuosíssimo, misericordiosíssimo e asceta. Viveu na reclusão perto de setenta anos. Como os soldados guardavam os muros da cidade durante a noite, por causa dos bárbaros, os que montavam guarda do lado em que se encontrava o lugar onde o monge estava recluso, viram, certa noite, sair-lhe da janela da cela grande fogaréu. Julgaram, então, que os bárbaros lhe haviam ateado fogo à cela. Na manhã seguinte, foram vê-lo, e o encontraram são e salvo e a cela perfeitamente intata: ficaram estupefatos.

"Novamente, na noite daquele dia em que foram vê-lo, repetiu-se o sucesso. E, tendo êles visto aquêle fogo, não uma vez nem duas, mas muitas vêzes, digo

comigo mesmo: Se neste mundo Deus concede tal glória aos servidores, que dirá no século futuro, quando os rostos dos justos resplenderão como o sol? Tal foi, meus filhos, a causa que me levou à vida monástica"

São Davi faleceu no ano de 540.

* * *

SÃO DESERTO (*)

Confessor

São Gregório de Tours, no *De Gloria Confessorum,* fala nestes têrmos sôbre São Deserto:

"Na cidade de Chalon-sur-Saone viveu também o sacerdote Deserto, que eu vi no mosteiro de Gourdon, homem magnífico de santidade, o qual, constantemente, pela oração, fêz com que as febres cedessem, as dores de dentes e outros males cessassem. Era recluso, o que quer dizer que não saía da cela, mas, naquela cela, via-o quem quisesse.

"Resplendendo de virtudes, deixou êste mundo. Quando o bom bispo Agrícola o soube, enviou o arcediago para transportar o bem-aventurado ao cemitério da cidade, ao que os monges se opuseram, fazendo com que o sobredito enviado não pudesse cumprir o que lhe fôra ordenado.

"Mais tarde, o bispo construiu no subúrbio um leprosário, reuniu na igreja os abades e todo o clero, e sepultou, com o maior cuidado, na basílica, o bem-aventurado corpo. Ficou, então, demonstrado, tais os milagres, que já vivia com Nosso Senhor".

São Deserto deve ter falecido em 570.

* * *

SÃO BABOLENO (*)

Abade

Supõe-se que o santo abade era natural da Irlanda, tendo sido, inicialmente, monge de Luxeuil.

Em 614, Baboleno fixara-se num mosteiro que fôra construído por um diácono chamado Blidegisilo, a pedido do rei Clóvis II, que lhe doara um vasto domínio. Àquele mosteiro, denominado primitivamente São Pedro de Fosses, depois São Mauro de Fosses, Baboleno conseguiu uma carta de isenção, dada pelo bispo de Paris, Audeberto, no dia 15 de maio de 643, e, mais tarde, de Clóvis III, a imunidade, por um diploma que trazia a data de 27 de abril de 658, privilégio que, pouco mais tarde, foi confirmado por Childeberto III, Dagoberto III e Chilperico II.

Falecido, ao que se supõe, em 670, no dia 26 de junho, o santo abade foi enterrado perto da igreja do mosteiro que soube engrandecer, ao lado do muro que olhava para o Norte.

Em 840, exumaram-se os santos restos, transferindo-os para o interior da igreja, quando o culto que lhe rendiam ia já bem adiantado e se tornara assaz difundido.

* * *

SANTOS SAULVE E SUPERIOR (*)

Mártires

Século VIII

São Saulve viera de Auvergne. Era nos tempos de Carlos Martel, quando os bispos sem sede episcopal passavam dêste para aquêle país a pregar o Evangelho. São Saulve estava neste caso.

Carregado de ricos ornamentos, chegou, certo dia, com um companheiro, em Valencianas. Logo, as riquezas que trazia despertaram a cupidez dum poderoso, mas mesquinho senhor do lugar, o qual assentou, de si para si, que haveria de possuir tão raras coisas.

Com efeito, aquêle péssimo homem, um tal Winegard, apoderou-se de tudo que São Saulve carinhosamente transportava nas andanças, e, dum cálice e duma patena, serviu-se para ornamentar uma sela que encomendara recentemente. Quanto ao Santo e ao companheiro, a êsses, secretamente trancafiou-os numa dependência do seu castelo de Beauvrage, e, secretamente, pouco depois, decapitou-os, enterrando-os, um por cima do outro, no estábulo, à noite.

Ora, os habitantes do lugar principiaram a ficar intrigados com um fato deveras interessante.

Notado primeiramente pelos domésticos do castelo, que passaram a espalhar o sucesso, logo a curiosidade levou o povo a tomar conhecimento do que se propalava e a cismar, ligando o caso ao misteriosíssimo desaparecimento, e brusco desaparecimento, do bispo e do companheiro.

Que acontecera em Valencianas, que levou o povo a comentar tão ardorosamente e tão afincadamente a ponto das autoridades reais nomearem oficiais para investigar o que de verdade existia nas histórias que corriam por tôda a região?

Um touro de Winegard, desde que os dois santos homens desapareceram, deu de passar a noite, no estábulo, a vigiar os companheiros, impedindo-os de se deitarem num determinado lugar. Sempre atento, quando um dos animais procurava o tal lugar do estábulo, espantava-o, furioso, para outras bandas. Correu, então, a história de que, naquele sítio, jaziam enterrados o bispo e o companheiro desaparecidos tão abruptamente.

Com efeito, cavado o chão, descobriram-se os corpos dos dois mártires, jogados como que apressadamente, um por cima do outro. Daí chamarem de Superior ao companheiro de Saulve, que era o corpo de cima, porque lhe desconheciam o nome.

Winegard, descoberto, confessou que matara para se apropriar das delicadas riquezas que o santo bispo carregava.

Enterrados em Brena, onde Carlos Magno fundou um mosteiro, mosteiro e localidade logo passaram a chamar-se de São Saulve.

* * *

SÃO PELÁGIO (*)

Mártir

Pelágio era ainda menino quando foi tomado pelos muçulmanos de Córdova como refém, oferecido que fôra pelo tio, que era bispo de Salamanca. Pelágio, naquela época, contava dez anos.

Dulcédio, o tio, feito prisioneiro durante um combate, sòmente com o oferecimento do sobrinho, conseguiu a liberdade. Ora, o resgate não chegava, e Pelágio foi crescendo entre a mourama. Crescia, porém, reservado, piedoso, doce, afável e amigo de Jesus.

Um dia, um dos mais brilhantes califas de Córdova, Abd-ar-Rahman, notou-lhe a graça do andar, a circunspecção, o ar angélico. Chamou-o. Conversou com êle. Encantou-se com a inteligência, a doçura, o tom de voz, os olhos vivos. Prometeu-lhe, então, a liberdade, um belíssimo cavalo todo ajaezado, magníficos equipamentos, farta bôlsa de dinheiro e posição se se tornasse discípulo do Profeta.

Pelágio respondeu-lhe:

— O que me ofereces, para mim nada significa. Jamais renegarei ao Senhor Jesus. Fui cristão, sou cristão e cristão eu o serei para todo o sempre.

O jovem, naquele momento, decretara a própria sentença de morte. Com efeito, Abd-ar-Rahman, apoplético, condenou-o a morrer pela estrapada: amarrado de pés e mãos, foi içado a um alto poste, donde, várias vêzes, foi precipitado ao chão, morrendo horrìvelmente (925).

Atirado a um rio, os cristãos recolheram-lhe o pobre corpo e o sepultaram caridosamente.

No ano de 967, transferiram-no para Leão, e, em 985, para Oviedo.

O culto de São Pelágio, mártir, espalhou-se com grande rapidez por tôda a heróica Espanha catolicíssima, sempre orgulhosa dos santos mártires que lhe engrandeceram o nome.



SANTO ANTELMO (*)

Bispo e Confessor

Antelmo nasceu no castelo de Chignin, na Savóia, em 1107. Jovem ainda e já era secretário da Igreja de Gênova, o que quer dizer que se ocupava com o temporal e o espiritual do cabido. O bispo de Belley tomou-o como secretário e lhe conferiu o sacerdócio.

Em 1137, ingressou na cartuxa de Portes-en-Bugey, que fôra fundada no ano de 1115.

Assim que se soube na Grande Cartuxa que o vivo administrador de Belley e Gênova fixara-se em Portes, principiaram a movimentar-se os interessados no sentido de atraí-lo para a casa principal. Foi assim que Antelmo se viu encarregado da comunidade do delfinado, para onde o enviaram a trabalhar no mosteiro, que, em 1132, fôra destruído por uma avalanche.

Procurador, com a responsabilidade do temporal e os irmãos conversos debaixo de suas ordens, já em 1139, com o mosteiro de pé, tornava para a casa principal como prior, o sétimo prior da Grande Cartuxa.

Santo Antelmo reconstruíra o edifício arruinado, tratara dum aqueduto, fêz com que se cultivassem as terras em tôrno da comunidade, conseguiu grandes

rebanhos, e não se esqueceu do principal — o progresso espiritual. A observância tornou-se mais rigorosa e ninguém fazia o que quer que seja que pudesse desagradar aquêle bem-amado pai.

Santo Antelmo estabeleceu novas cartuxas. Os jovens que se sentiam atraídos pela vida religiosa, entusiasmados, acorriam procurá-lo, alguns ilustres, cujo nome de família há muito era pronunciado com respeito e veneração. Guilherme II, conde de Nevers, contaminado, desejou, na humildade que o tomava, ser simples irmão leigo; Basílio, de considerável família da Borgonha, procurou, radiante, a Santo Antelmo: mais tarde, seria o sucessor do futuro bispo de Belley, como Geral; o próprio pai do Santo foi procurá-lo, com outro filho, que fôra cruzado e voltara da Terra Santa; e muitos, muitos outros.

A reputação de Santo Antelmo crescia com rapidez espantosa, e, em 1163, o grande papa Alexandre III obrigou-o a aceitar o bispado de Belley, e o consagrou solenemente, no dia 8 de setembro daquele mesmo ano de 63, na catedral de Bourges.

Dinâmico, Santo Antelmo logo se atirou a novos e mais duros trabalhos: restaurou a disciplina; ao clero, encaminhou-o para a vereda que desejava, dando-lhe exemplos; e, principalmente, correu em auxílio de tôdas as misérias.

Depois de ter deixado em Belley o sinal da passagem, sem ruído, humildemente, muito satisfeito, tornou à Grande Cartuxa de sempre e abraçou a vida de simples e quieto monge.

O povo, porém, que o amava e tinha como o bom pastor, o pastor querido, reclamou, gritou, exigindo-lhe a volta. E Santo Antelmo, sem outro recurso, teve de voltar.

Afinal, o santo monge-bispo deixou o mundo, voou para Deus. Era em junho de 1178. Morria no dia 26, e nos venerandos ombros arcados levava setenta e um anos de vida, vida preciosa, de duro labor, tôda, e sòmente, voltada para Nosso Senhor Jesus.

O povo, chorando a perda do bispo muito querido, compareceu em massa aos funerais, que foram um triunfo.

Conta-se que no momento em que o corpo de Santo Antelmo baixava à sepultura, três lâmpadas, na igreja, acendiam-se por si só, brilhando intensamente, mais do que de comum.

Belley, desde a morte do santo bispo muito zeloso, guardou-lhe fidelíssimo culto.

* * *

BEM-AVENTURADAS MADALENA FONTAINE, FRANCISCA LANEL, TERESA FANTOU E JOANA GERARD (*)

Virgens e Mártires

São Vicente de Paulo e Santa Luísa Marillac fundaram uma casa das Filhas da Caridade em 1656, em Arras, casa que, em 1779, foi transferida para a rua dos Tintureiros, no centro da cidade.

Das sete religiosas daquela casa, que, desde 1789, gratuitamente ensinavam meninas e visitavam pobres, levando-lhes o necessário, quatro iriam receber a gloriosa coroa do martírio. Eram as irmãs Madalena, Francisca, Teresa e Joana.

Madalena Fontaine era a superiora. Nascida em Etrepagny, no dia 22 de abril de 1723, depois dos catorze anos principiou a ajudar os pais a educar os irmãos. Paciente, boa, doce e sempre voltada para Deus, Madalena, com vinte e cinco anos, foi admitida por duas filhas da caridade da cidadezinha de Hebecourt.

A 9 de julho de 1748, entrou no noviciado de Paris, conhecido com o nome de seminário. Depois dum ano, foi enviada a Rebais-en-Brie, onde perma-

neceu por dezenove anos debaixo do nome de Gabriela. Ali, ensinava as meninas pobres.

Em 1768, finalmente, foi enviada a Arras, como superiora.

Francisca Lanel, no ano seguinte, juntava-se a Madalena. Nascida em Eu, no Sena inferior, a 24 de agôsto de 1745, aos oito anos, quando a mãe morreu e o pai se casou novamente, estabelecendo-se perto da escola das Filhas da Caridade, ali se matriculou.

Teresa Fantou era de Miniac-Morvan. Nasceu no dia 29 de julho de 1747, e era o mais pequeno membro da família. Iniciou-se entre as Filhas da Caridade em Plouer. Admitida no seminário de Paris, foi, em seguida, enviada a Ham, a Chauny, a Cambrai, depois a Arras.

Joana Gerard, que nasceu no dia 23 de outubro de 1752, em Cumieres, entrou no seminário de Paris em 1776. No ano seguinte, chegava a Arras.

Quando da Revolução, prêsas como suspeitas de que escondiam brochuras e jornais que verberavam contra a República, e por se negarem a prestar juramento a favor dos revolucionários, era uma infâmia! a irmã Madalena foi condenada à morte como *piedosa contra-revolucionária,* e Joana, Francisca e Teresa como *cúmplices da dita Madalena Fontaine.*

Antes que a guilhotina a colhesse, Madalena virou-se para o povo, que a olhava com imensa simpatia, e gritou:

— Cristãos! Escutai-me! Nós somos as últimas vítimas! A perseguição logo cessará! A guilhotina será destruída e os altares de Jesus se levantarão gloriosos!

Mortas as quatro irmãs, em 1794, os corpos foram atirados à vala comum do cemitério da porta de Nossa Senhora, hoje denominado cemitério de Saint-Gery.

A profecia da irmã Madalena cumpriu-se: logo cessaram as execuções.

Bento XV beatificou as quatro filhas da Caridade de Arras aos 13 de junho de 1920.



No mesmo dia, a festa de Santa Perseveranda.

Em Stavelot, São Papoleno, abade de Stavelot, e Malmedy, falecido em 671. A festa foi fixada no dia de hoje, 26 de junho, dada a confusão que se estabeleceu com São Baboleno.

Em Amastris, no Ponto, São João, bispo dos gôdos, falecido em 800.

Em Poitiers, São Maixento, sacerdote e confessor, célebre pelos milagres, falecido em 515.

Em São Pedro sôbre o Dives, São Vamberto, mártir (século IX ou X), que, supõe-se, foi massacrado pelos normandos quando duma invasão.

* * *

27.º DIA DE JUNHO

SÃO LADISLAU

Rei da Hungria

São Ladislau, após a morte de seu irmão Gieisa, foi eleito unânimemente rei da Hungria, não aceitando a corca senão depois da renúncia formal do tio Salomão a todos os direitos. Êste arrependeu-se em breve de ter cedido tão fàcilmente o trono e tentou retomá-lo; mas, batido em diversos encontros, viu-se abandonado de seus partidários e foi fazer penitência num mosteiro, em Pola da Ístria, onde morreu em 1100. São Ladislau foi modêlo de virtudes cristãs, reais e militares. Repeliu até os seus desertos os tártaros que desolavam o reino com incursões contínuas; tornou seus tributários os cumanos, os búlgaros e os sérvios, e reuniu aos seus estados, por herança, a Dalmácia e a Crcácia. Amava a justiça e velava para que fôsse distribuída com exatidão aos súditos, sem distinção; fêz imensas esmolas aos pobres e fundou grande número de mosteiros. Fundou em particular a cidade de Grande Varadim, onde seu corpo é conservado numa sepultura de prata incrustada de pedras preciosas. Temos uma carta do papa Gre-

gório VII ao santo rei Ladislau, onde o felicita pela piedade, pelo zêlo e devotamento, e lhe recomenda alguns fiéis ou vassalos de São Pedro, que haviam sido injustamente exilados, e que o bom rei havia socorrido. São Ladislau morreu em 30 de julho de 1095, quando o chamavam para o comando da primeira cruzada. Em 27 de junho, procedeu-se a transladação dos seus restos.

* * *

NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO (*)

A devoção a Nossa Senhora, sob o título de Perpétuo Socorro, propagou-se ràpidamente depois de 1870, graças ao zêlo da congregação do Santíssimo Redentor.

Os filhos de Santo Afonso de Liguori formaram, desde a origem, uma congregação muitíssimo devota da Santa Mãe de Deus, adotando como emblema daquela devoção a imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Em 1866, a Virgem confiou aos redentoristas o tesouro de uma de suas imagens miraculosas — Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em que Ela leva no braço esquerdo o Menino Jesus, ao qual o arcanjo Gabriel apresenta quatro cravos e uma cruz.

Levada a Roma em fins do século XV por um mercador cretense, foi colocada na igreja de São Mateus *in Merulana*, por volta de 1499.

Honrada ali até 1812, demolida a igreja, passou a um oratório dos agostinianos.

Em 1886, os redentoristas conseguiram de Pio IX a venerável imagem, a qual levaram e colocaram na igreja de Santo Afonso, no Esquilino, entre São João de Latrão e Santa Maria Maior.

Inumeráveis, então, foram as graças que se obtiveram por intercessão de Nossa Senhora, honrada sob aquêle título de Mãe do Perpétuo Socorro, "Senhora da morte e Rainha da vida", como disse Verlaine (1). É o *auxilium christianorum*, aquela que, em se pedindo com fervor, apressa-se a vir em socorro dos pobres filhos que *gemem neste vale de lágrimas*, aquela para a qual não existe o impossível e que tudo consegue do incomensurável Coração do Divino Filho, fonte inexaurível de tôdas as graças, de luz e de salvação.

* * *

(1) Verlaine, **Angélus de midi, Poésies Religieuses.**

Qual não foi a sua surprêsa quando a primavera, cheia de côres e do canto dos pássaros, chegou: um novo loureiro, muito viçoso, todo coberto de buliçosas folhinhas, surgira daquele banco que, por dois anos, trouxera consigo.

* * *

SÃO JOÃO DE CHINON (*)

Confessor

Século VI

Quem nos fornece detalhes sôbre São João, o de Chinon, é São Gregório de Tours, no seu *De Gloria Confessorum*, no capítulo XXIII.

João era da Bretanha e, como sacerdote, habitava uma cela perto da igreja de Chinon. Ali, carinhosamente, plantara loureiros, à sombra dos quais, calmamente, nos dias de verão, lia ou escrevia.

Depois que faleceu, uma das árvores secou. E o guardião da igreja, abatendo-a, de parte da madeira fêz um banco, do qual se serviu por dois anos, dois anos passados com o pensamento na árvore que, plantada por um santo homem, tivera a ousadia de cortar.

Levado por um singular impulso, tomou do banco, aproximou-se do lugar em que crescera o loureiro, uma como cova rasa, e ali o deixou, meio enfiado na terra.

SÃO SANSÃO (*)

Confessor

Sansão nasceu em Roma. Foi menino sossegado, obediente, sempre desejoso de aprender, inteligente, vivo e aplicado.

Tendo estudado medicina, formado que foi, transferiu-se para Constantinopla, onde se notabilizou pela caridade, tratando e curando a pobreza desvalida.

O patriarca, sensibilizado, edificado, achando-o digno do sacerdócio, consultou-o. E, alegre com a disposição do médico, fê-lo padre. Sansão estava com pouco mais de trinta anos.

Um dia, o imperador que protegeu os católicos da África contra os vândalos arianos, Justiniano, adoeceu gravemente. Os médicos foram chamados. Revezando-se, aflitos, não conseguiam inteirar-se do mal que ao imperador consumia. A pouco e pouco, piorava o soberano e ninguém atinava com a causa da enfermidade.

Ouvindo falar de Sansão, Justiniano solicitou-lhe os serviços. O Santo, imediatamente, correu assisti-lo. E, não podendo curá-lo senão Deus, a Deus rogou, silenciosamente, no coração, que o curasse.

Assim, ao imperador aplicou um remédio que o levasse a crer numa cura tôda natural.

Curado, Justiniano compreendeu que se processara o seu restabelecimento por meio dum milagre, e, muitíssimo reconhecido, quis recompensar o Santo règiamente.

Sansão, delicadamente, a tudo recusou, mas, quando o imperador sugeriu a construção dum hospital, onde pudesse dedicar-se aos doentes com mais recursos e mais desembaraço, Sansão, cheio de júbilo, aplaudiu aquêle oferecimento.

São Sansão acabou a vida no exercício da caridade. Falecido em 560, a popularidade que conquistou, sem que a quisesse ou procurasse, durante a vida, cresceu pelos milagres que operou depois que a morte o levou.

O nome do Santo, celebérrimo no Oriente, foi introduzido no martirológio romano por Barônio.

* * *

SANTO ARIALDO E SANTO HERLEMBALDO (*)

Mártires

Arialdo pertencia ao clero de Milão. Estudou nesta cidade, depois em Leon e em Paris. Diácono, combateu o clero daquela época, que desprezava o celibato e traficava com coisas santas.

Depois de 1046, estava no arcebispado de Milão um prelado simoníaco, chamado Guido. Desgostoso com a luta que o Santo empreendia, agora verberando, juntamente com o povo, os maus sacerdotes da região de Como, ordenou um concílio, reunido em Fontanaltto, ao qual exigiu que Arialdo comparecesse.

O futuro mártir recusou-se. Foi, então, excomungado. Apelando para Roma, dois legados foram enviados a Milão, para investigar o caso.

Um dêles era Hildebrando, depois Gregório VII, grande amigo dos príncipes reinantes, o qual acabou afastando de Arialdo a excomunhão que se lhe lançara em Fontanaltto. Houve, então, uma trégua.

Alexandre II eleito papa, Arialdo retomou a luta, agora ao lado dum amigo, Herlembaldo, antigo soldado e peregrino de Jerusalém.

Interditada a cidade, Arialdo teve necessidade de fugir. Olívia, sobrinha de Guido, enraivecida com o que se passava, rancorosa que era, encarregou dois péssimos clérigos para que suprimissem o combativo e santo homem.

Alcançado perto do lago Maior, foi traiçoeiramente subjugado. Supliciado, cortaram-lhe as orelhas, o nariz, os lábios, a língua, o punho direito e, finalmente, para completar a hediondez que se perpetrava, o membro viril.

Era no dia 27 de junho de 1066, e o corpo do Santo foi atirado às águas do lago.

Guido viu-se, então, afincadamente combatido por Herlembaldo. E, em 1072, era afastado da diocese.

No dia 30 de março de 1075, um terrível incêndio devastou Milão. Duas correntes políticas, antagônicas, aproveitando-se daquele *feliz sucesso*, procuraram, uma à outra, impingir a autoria do sinistro. Houve luta, combates de rua, e, numa dessas escaramuças, Herlembaldo, então na cidade, foi pilhado pelo inimigo e friamente assassinado.

* * *

BEM-AVENTURADO BENVINDO DE GUBBIO (*)

Confessor

(1232?)

O bem-aventurado Benvindo de Gubbio tomou o hábito dos irmãos menores em 1222. Foi, desde então, um exemplo vivo de tôdas as virtudes, não se sentindo satisfeito senão quando vestido com o mais miserável dos buréis. Frugalíssimo, comia, e sempre foi assim, apenas o estritamente necessário.

O que mais o alegrava era cuidar dos leprosos, aos quais dedicava especial carinho. E, dizia-se, jamais se vira enfermeiro mais solícito nem reconfortador mais jucundo.

Amava, como ninguém, o silêncio e o retiro, mas, em meio ao povo, quando a isto o impelia a necessidade, mostrava-se cheio da mais contagiante caridade.

Durante a noite, orava e orava, longa, longamente. E, na santa Hóstia, via a Jesus Menino amorável.

A tão doce alma, levou-a Nosso Senhor para o céu quando o bem-aventurado estava em Corneto. As relíquias, transportadas para a diocese de Bovino, descansaram em Deliceto, província de Foggia.

Os papas Gregório IX e Inocêncio XI aprovaram-lhe o culto.



No mesmo dia, na Galácia, São Crescente. discípulo do bem-aventurado apóstolo Paulo. Passando nas Gálias, converteu, pela pregação, um grande número de infiéis à fé católica. Retornando, mais tarde, ao povo a que especialmente fôra dado como bispo, confirmou os gálatas na obra do Senhor até o fim da vida, terminando pelo martírio, quando de Trajano, no I.º século.

Em Córdoba, São Zoel, e outros dezenove santos mártires.

Em Cesaréia, na Palestina, Santo Anecto, mártir, que, durante a perseguição de Diocleciano, sob o presidente Urbano, tendo exortado os outros ao martírio, e derrubado os ídolos com suas preces, foi, por ordem do juiz, açoitado pelos soldados; cortaram-lhe, em seguida, mãos e pés; por fim, foi decapitado, recebendo, assim, a glória do martírio.



28.º DIA DE JUNHO

SANTO IRINEU

Bispo de Lion e Mártir

Santo Irineu era discípulo de São Policarpo, bispo de Esmirna, e quase contemporâneo dos apóstolos. Era sacerdote de Lion, quando o santo bispo Potino ali foi martirizado pela metade do segundo século, com um grande número de fiéis. Êsses mártires, consultados pelos cristãos da Ásia Menor, se haviam cabalmente pronunciado contra a heresia dos montanistas. Mas como não ignorassem que tôdas as Igrejas do mundo estão obrigadas a concordar com a Igreja Romana, escreveram ao papa Eleutério que ocupava, então, o lugar de príncipe dos apóstolos. Escolheram para levar as cartas a Roma o mais ilustre personagem do clero de Lion e Viena, Santo Irineu, que recomendaram vivamente ao papa, louvando seu zêlo pela lei de Jesus Cristo.

Muito se admira quando se pensa que em tempo tão calamitoso, no mais aceso da perseguição, estando já morto o bispo Potino, e, por conseguinte, viúva esta igreja, e quando os principais vultos do clero, presos e encerrados em horríveis calabouços, esperavam de uma hora para outra serem degolados ou atirados às feras, tivessem querido privar esta cristandade desolada de pessoa tão necessária, o que nos

leva a crer que esta legação tinha ainda por objetivo o interêsse de sua igreja. Após a morte de Potino, a principal solicitude dos santos confessores e de todo clero foi dar a êste rebanho atribulado um novo pastor que pudesse preservá-los de completa destruição, e terminada a tempestade, levar ao redil as ovelhas dispersas, e reparar as perdas com novas conquistas. Ninguém mais adequado do que Irineu. Foi, pois, escolhido, de comum acôrdo, pelos mártires e pelo clero para suceder a Potino. Devendo, pois, ir a Roma para receber a ordenação do santo papa Eleutério, encarregaram-no das cartas concernentes aos assuntos da religião e prestando, segundo os requisitos das regras da Igreja, um testemunho autêntico de sua fé, piedade e mérito.

Santo Irineu compôs contra as principais heresias do tempo uma refutação completa em cinco livros. Eis o conteúdo e modo de exposição: a unidade de Deus, criador do céu e da terra, é proclamada por todos os séculos e todos os homens. A Igreja católica é a fiel depositária dessa tradição universal. A santidade é inseparável dessa Igreja. A Igreja é universal. É apostólica. Para confundir todos os hereges, basta a tradição da Igreja romana. Escutemos as palavras do santo:

"Mas, diz êle, como seria longo relatar as sucessões de tôdas as igrejas, há um caminho mais curto. Para confundir todos os que, de qualquer maneira, por apêgo às suas próprias idéias, por vanglória, por cegueira ou por malícia, fazem assembléias ilegítimas, basta-nos indicar-lhes a tradição e a fé da maior, da mais antiga de tôdas as igrejas, a Igreja conhecida em todo o mundo, a Igreja Romana, fundada pelos gloriosos apóstolos Pedro e Paulo, recebida dêstes

mesmos apóstolos, anunciada aos homens e transmitida até nós pela sucessão dos bispos. Porque é com essa Igreja, por causa de sua poderosa principalidade, que devem necessàriamente unir-se e concordar tôdas as igrejas, isto é, todos os fiéis, em qualquer parte que estiverem, e é nela e por ela que os fiéis de todos os países conservaram *sempre* a tradição dos apóstolos." (1)

Segundo Santo Irineu, é a seguinte a série de bispos que governaram esta Igreja até o seu tempo: Lino, do qual Paulo faz menção nas suas epístolas a Timóteo; teve por sucessor Anacleto, e êste a Clemente, que havia visto os apóstolos, com êles conversou, vendo ainda sua tradição e ouvindo a sua pregação. A Clemente sucedeu Evaristo; a Evaristo, Alexandre. O sexto, depois dos apóstolos foi Sixto; após êle Telésforo, que sofreu um martírio glorioso. Em seguida, sucessivamente, Higino, Pio Aniceto, a quem Sotero sucedeu, ocupando a sede agora o sucessor Eleutério. É pelo canal dessa sucessão que nos veio a tradição dos apóstolos na Igreja. E eis uma demonstração completa de que a fé veio até nós una e vivificante que os apóstolos confiaram à Igreja. (2)

---

(1) L. III, c. III, n. 2. Ad hanc enim Ecclesiam, propter potiorem pricipalitatem, necesse est omnem convenire Ecclesiam; hoc est, eos qui sunt undique ficeles, in qua SEMPER ab his, que sunt undique, conservata est ea quae est ab apostolis Traditio. Fleury e outros, depois dêle, suprimiram a palavra SEMPRE. Esta supressão anuncia e explica muita coisa.

(2) Hac ordinatione et sucessione, ea quae est ab apostolis Traditio et veritatis praeconatio pervenit usque ad nos. Et est plenissima haec ostensio, unam et eamdem vivificatricem fidem esse, quae in Ecclesia ab apostolis usque nunc sit conservata e tradita in veritate. Iren., c. III, n. 3.

Tendo, pois, acrescenta o santo, uma demonstração tão ponderável, não é necessário procurar a verdade noutro lugar, uma vez que tão fàcilmente se encontra na Igreja, onde os apóstolos reuniram, como num imenso reservatório, tôdas as águas da divina sabedoria, a fim de que todos quisessem e possuíssem o bebedouro da vida. De sorte que se os mesmos apóstolos não nos houvessem deixado as escrituras, seria bastante a tradição que confiaram àqueles que encarregaram de governar as igrejas. De fato, eis o que observam muitas nações bárbaras, que crêem em Jesus Cristo sem papel nem tinta, tendo a doutrina da salvação escrita no coração pelo Espírito Santo, e guardando fielmente a tradição antiga. Os que creram e crêem ainda sem letras, são bárbaros quanto à linguagem; mas quanto aos sentimentos, aos costumes e à conduta, sua fé os tornou sábios, agradáveis a Deus e fidelíssimos observadores da justiça e da castidade. E se alguém lhes anunciasse em seu dialeto as invenções dos hereges, imediatamente fechariam os ouvidos, e se retirariam, não suportando ouvir as suas blasfêmias. A antiga tradição os torna tão firmes na fé, que essas doutrinas monstruosas não lhes entram no espírito."

Enfim, após haver proposto a tradição viva como regra suficiente e invariável da fé, retoma a prova que tinha o propósito de tratar mais amplamente, a saber, a prova pelas Escrituras.

O piedoso leitor verá principalmente com prazer o que diz sôbre a santa Eucaristia e sôbre o sacrifício da missa, bem como sôbre a virgem Maria.

No quarto livro, após haver mostrado que os sacrifícios exteriores eram inúteis sem a caridade e as



A Ortodoxia envolvida pelos embustes da Heresia. Segundo uma gravura sôbre lenha do Livro das Perseguições dos Cristãos. Século XVI.

virtudes interiores, acrescenta: "Nosso Senhor, aconselhando os discípulos a oferecerem as primícias a suas criaturas, não como se disso tivesse necessidade, mas para não ficarem sem fruto e sem reconhecimento, toma o pão que é obra do Criador, e, rendendo graças, diz: Êste é o meu corpo; da mesma maneira, tomando o cálice, outra obra do Criador, declara que era o seu sangue e ensina a nova oblação do Novo Testamento, que a Igreja recebendo dos apóstolos, oferece a Deus por todo o mundo, segundo o que se diz no profeta Malaquias: Do oriente ao ocidente meu nome é glorificado entre as nações, e em todos os lugares se oferece ao meu nome a vítima e o sacrifício puros.

"Há oblações aqui como as havia lá. Havia sacrifícios no antigo povo, há sacrifícios na Igreja; há apenas uma espécie de mudança, porque não são mais os escravos que oferecem, mas homens livres. Não há senão a Igreja que oferece esta oblação ao Criador, oferecendo-lhe com ação de graças a sua obra: os judeus não o oferecem mais. Quanto aos hereges, como poderão estar certos de que o pão, sôbre o qual foram rendidas as ações de graças, é o corpo de seu Senhor, e o cálice seu sangue, se não o reconhecem por Filho do Criador? Como ainda dizem que a carne que se alimenta do corpo e sangue do Senhor, se corromperá e não receberá a vida? Que mudem de opinião, ou cessem de oferecer o que foi dito. Com respeito a nós, não é crença coerente. Porque como o pão que vem da terra, recebendo a invocação divina, não é mais um pão comum, mas a eucaristia composta de duas coisas, uma terrestre (a carne), e outra celeste (a alma e a divindade), assim nosso corpo,

recebendo a eucaristia, não mais é corruptível, mas tem a esperança da ressurreição. (1)

Depois que o cálice e o pão recebem a palavra de Deus e se transformam na eucaristia do sangue e do corpo de Jesus Cristo, pelos quais a substância de nossa carne cresce e subsiste, como negam êles que a carne seja susceptível do dom de Deus, que é a vida eterna, ela que é nutrida do sangue e do corpo do Cristo, e que é seus membros? Mas do mesmo modo que o ramo da videira depositada em terra frutifica quando fôr a época, e o grão de trigo, caído em terra e decomposto, se levanta numeroso pelo Espírito de Deus que contém tôdas as coisas; que em seguida um e outro são utilizados pelo homem; e que, recebendo a palavra de Deus, se transformam em eucaristia, que é o corpo e o sangue do Cristo do mesmo modo nossos corpos, que são nutridos dela, depositados na terra e dissolvidos, ressuscitarão em seu tempo, dando-lhe o Verbo de Deus a imortalidade para a glória de Deus Padre. (2)

Não é possível exprimir-se mais claramente a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue, bem como a natureza adorável do novo sacrifício.

O paralelo que faz entre Eva e Maria não é menos notável. "Do mesmo modo que Eva, diz, espôsa de Adão, mas ainda virgem, foi, por sua desobediência tanto para ela como para todo o gênero

(1) L. IV, c. XXXIII.

(2) L. V. c. II.

humano, uma causa de morte, Maria, espôsa de José. mas virgem, foi, por sua obediência, tanto para ela como para todo o gênero humano, causa de salvação. As correntes da escravidão que nos haviam sido forjadas por Eva virgem por sua incredulidade, Maria virgem as rompeu com sua fé. Uma foi seduzida com a conversação de um anjo, a ponto de fugir de Deus, violando-lhe o preceito; a outra é disposta, pela conversação do anjo, a conceber e trazer em seu seio o próprio Deus, submetendo-se à sua palavra. Se aquela desobedeceu a Deus, esta foi dócil em obedecer-lhe; de sorte que, de Eva ainda virgem, a virgem Maria se tornou a advogada, e o gênero humano, devotado à morte por uma virgem, foi salvo por uma virgem, compensando-se a desobediência de uma com a obediência de outra, e a astúcia da serpente vencida pela simplicidade da pomba. (1)

A humildade de nosso santo não resplandece menos nesta obra do que sua caridade. Os autores, tanto antigos como modernos, admiraram-lhe a profunda erudição nas ciências divinas e humanas, a vivacidade de espírito, a nobreza de expressões, a elegância de comparações, para dizer em duas palavras, a doutrina e a eloqüência. Vejamos com que modéstia Irineu fala de si mesmo: · Não temos o hábito de escrever, não estudamos a arte da retórica; mas a caridade nos obriga a fazer-vos conhecer as doutrinas, que, ocultas até o presente, acabam de ser reveladas por efeito da divina providência. Permanecendo, como permanecemos entre os celtas, obrigados a falar as mais das vêzes uma língua bárbara,

---

(1) L. III, c. XXXIII; l. V. c. XIX.

não espereis de nós nem a arte da eloqüência que não aprendemos, nem a fôrça e as graças do estilo, que ignoramos. Recebei com caridade o que a caridade nos fêz escrever sem ornamento, numa linguagem simples, mas conforme à verdade. Mais capazes do que nós, essas fracas sementes que recebeis de nossa parte, vós as fareis carregar frutos abundantes na vasta extensão do vosso gênio; o que nós indicamos em poucas palavras, vós o desenvolvereis, e o que nós exprimimos fracamente adquirirá sôbre vossos lábios a fôrça que lhe falta. (1)

Santo Irineu, após haver defendido a fé contra os hereges da época, após havê-la propagado nas Gálias pelos homens apostólicos que enviou de um lado a outro, como por exemplo os Santos Ferreol e Ferrúcio a Besançon, os Santos Félix, Fortunato e Aquileu, a Valência, selou, por fim, com o seu sangue durante a perseguição de Severo. O que torna sua glória ainda mais resplandecente é que quase todo o povo morreu mártir com êle. Uma antiga inscrição, que se vê em Lion, na entrada de sua igreja, traz o nome de dezenove mil homens, sem contar as mulheres e os filhos. Seu sangue corria em rios nas praças públicas. (2)

* * *

(1) Praefat., I.º, 28 junii.

(2) Acta SS., 28 junii.

SÃO PAULO I (*)

Papa

São Paulo I, romano, foi papa de maio de 757 a junho de 767. Era irmão do papa Estêvão II, ao qual sucedeu no trono de São Pedro.

Tendo comunicado o resultado da eleição a Pepino, o Breve, rei dos Francos, ao qual o irmão dera o título de *Patrício dos Romanos,* aquêle soberano, em 785, convidava-o para apadrinhar a filha Gisela.

Batizada a princezinha, Pepino, delicadamente, ao pontífice enviou o *sabanum,* ou seja, a toalha que envolvera a menina ao sair da pia batismal.

Paulo I, diante daquela delicadeza, sentiu-se muito reconhecido, e, desde aquêle dia, não mais tratou o rei de *majestade* e sim de *compadre* (*compater*).

O papa, por sua vez, retribuindo a gentileza de Pepino, tomou da toalha e depositou-a em Santa Petronilha, um novo santuário do Vaticano, aos pés de uma santa que o rei venerava muito particularmente.

Paulo I reinou quando no Oriente se alevantava a questão iconoclasta, a qual fêz com que fugissem

para Roma muitos monges ortodoxos, monges que o pontífice recebeu de braços abertos e aos quais, segundo o *Liber pontificalis,* permitiu a celebração da liturgia na língua e rito próprios.

São Paulo I faleceu no dia 28 de junho de 767, no mosteiro adjacente à basílica de São Paulo Fora dos Muros, onde costumava passar o verão.

Virtuoso, carinhoso, sentia vivo prazer quando em visita aos pobres e aos doentes.

Sôbre o túmulo que o abrigou, lê-se o epitáfio seguinte:

Hic requiescit Paulus
papa.

* * *

SANTO ARGEMIRO (*)

Mártir

Santo Argemiro era de Cabra, na Espanha, e filho de pais cristãos. Era na época da dominação moura, e o rei infiel lhe havia dado o cargo de censor, de Córdova, importante pôsto, deveras disputado pelos homens daqueles tempos.

Depois de muito tempo, deixou Argemiro aquela função, retirando-se a um convento "para servir a Deus e trabalhar pela própria salvação no repouso da oração e da contemplação".

Denunciado, quando se iniciou fera perseguição, o Santo foi obrigado a comparecer diante do juiz, que procurou levá-lo à abjuração.

Com veemência, Santo Argemiro negou-se a virar as costas ao Senhor Jesus. Foi, então, estirado ao cavalete, onde, suportando as torturas firmemente, tiraram-lhe a vida com um certeiro golpe de espada.

Era no dia 28 de junho, na vigília dos apóstolos Pedro e Paulo, no ano de 856, quando reinava Mohamed II.

Tendo o corpo ficado exposto num cadafalso por dois dias, foi afinal recolhido e enterrado na igreja de Santo Acisclo, ao lado dêste mártir e de São Perfeito.

* * *

SANTOS PLUTARCO, SERENO, HERÁCLIDO e HERON (*)

e

SANTAS HERAÍS, POTAMIANA e MARCELA (*)

Mártires em 202

Diz o martirológio: "Em Alexandria, durante a perseguição de Severo, os santos mártires: Plutarco, Sereno, Heráclido, catecúmeno, Heron, neófito, e um outro Sereno; com as santas mulheres Heraís, catecúmena, Potamiana, e Marcela, sua mãe. Entre êles brilhou principalmente a virgem Potamiana, que sustentou numerosos e rudes combates pela virgindade, suportou tormentos refinados e inauditos, sendo, afinal, queimada com a mãe (cêrca de 202)".

Plutarco, irmão de Héraclas, bispo de Alexandria, foi um dos primeiros discípulos de Orígenes, o mesmo acontecendo com Sereno e Heráclido e Heron.

Outro mártir que pertence a êste grupo é Basilido, também discípulo de Orígenes. Soldado, foi conquistado para o martírio pela heroicidade de Potamiana. Vê-lo-emos no dia 30 dêste, uma vez que foi martirizado naquele dia de junho de 202.

* * *

SANTA TEODECHILDA (*)

Virgem

Século VI

Santa Teodechilda foi a fundadora do célebre mosteiro de São Pedro, o Vivo, de Sens, o qual, na Idade Média, foi um grande centro de vida intelectual.

Teodechilda pertenceu à família real merovíngia. Querem alguns pesquisadores que era filha de Clóvis e de Clotilde. Tendo votado a Deus a virgindade, viveu, entretanto, sem ser religiosa.

Numa guerra, Clóvis aprisionou o duque da Aquitânia, Basolo, e o enviou a Sens, sob pesada guarda. Teodechilda, penalizada, conseguiu do pai que o cativo pudesse ser instalado em São Pedro, o Vivo, onde vivesse menos humilhantemente.

Basolo, reconhecido por tal caridade, diz-se, cedeu voluntàriamente ao mosteiro algumas terras de Mauriac, em Auvergne.

Teodechilda, encantada com a doação, tratou de organizar nova fundação: em Mauriac, verdadeiramente, existiu, por muitos séculos, um priorado

que sempre estêve na dependência de São Pedro, o Vivo.

Falecida com setenta e cinco anos, a santa virgem foi sepultada à esquerda do altar-mor da igreja do mosteiro de São Pedro, que carinhosamente erguera e tanto amara.

* * *

SANTO HEIMRAD (*)

Confessor

Heimrad, inicialmente, foi capelão da senhoria em que nasceu, pertencente à Suávia. Amante das peregrinações, deixou a terra natal e demandou Roma, depois Jerusalém, a mendigar pela rota. De volta, estêve a errar pela Turíngia, Hesse e Westfalia.

Em Mayence, estêve na abadia de Hersfeld. Sempre desejoso de andar a êsmo, vagou por muitas terras, acabando, afinal, por fixar-se em Hesse-Nassau, onde viveu paupèrrimamente, a fazer penitência até o dia da morte, ocorrida no ano de 1019.

Morto o santo confessor, inúmeros milagres tiveram ocasião, e, logo, um mosteiro, que se dedicou a São Pedro, a São Paulo e ao nosso Santo, ergueu-se sôbre o túmulo em que descansou.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO SOUTHWORTH (*)

Mártir

João nasceu em excelente família do Lancastre. Estudado em Douai, fêz-se sacerdote. Depois da ordenação, procurou os beneditinos, mas decidiu que seria padre secular.

Assim, aos 13 de dezembro de 1619, enviaram-no à missão da Inglaterra, a pátria, deixada quando principiou os estudos superiores.

Desconhecem-se detalhes da atividade que desenvolveu de 1620 a 1627. Neste último ano, por exercer funções sacerdotais em terras britânicas, foi prêso, e, depois de vários interrogatórios, condenado à morte. Graças, porém, à rainha Henriqueta da França, casada com o rei Carlos I da Inglaterra, aquela sentença foi revogada, e o bem-aventurado ganhou a liberdade, liberdade que, banidas as graças do reino, findaria cinco anos depois.

Foi assim que, em 1632, João Southworth viu-se novamente encarcerado, mas, sempre sob a proteção da boa Henriqueta, gozando de certas regalias.

Durante a epidemia de 1636, ao lado de um jesuíta, o futuro mártir Henrique Morse, passou, com

ordens superiores, ao serviço dos católicos do Westminster, onde cêrca de quatrocentas famílias lhe sentiram o zêlo, sendo assistidas.

Depois que o jesuíta adoeceu, João, sòzinho, redobrou de esforços, trabalhando dia e noite, incansàvelmente, sempre desdormido, até que o trancafiaram na prisão, porque, ao mesmo tempo que cuidava dos necessitados, ia convertendo os doentes às centenas.

Mais uma vez, contudo, a rainha conseguiu restituí-lo à liberdade.

Em 1654, chegava-lhe o fim, definitivamente. Condenado como reincidente, foi encaminhado para Tyburn e supliciado. O bem-aventurado João Southworth contava então sessenta e dois anos.

Morto no dia 28 de junho, recolheu-lhe o corpo o embaixador da Espanha, que o sepultou.

Atualmente, as relíquias do bem-aventurado mártir encontram-se na catedral de Westminster.



No mesmo dia, em Utrecht, São Benigno, bispo e mártir (?). Teobaldo, conde de Blois, deu a Balderico, bispo de Utrecht, em 964, as relíquias de um São Benigno, bispo e mártir. Não se sabe se se trata dêste São Benigno. As relíquias, veneradas em Utrecht, desapareceram quando do protestantismo invasor.

Em Lião, São Zacarias, bispo, no início do século III. Consta que foi quem sepultou o prede-

cessor, Santo Irineu. São Zacarias foi o terceiro bispo de Lião.

No mesmo dia, a vigília dos apóstolos Pedro e Paulo.

Em Roma, São Leão, papa, segundo do nome.

No mesmo dia, São Papias, mártir, que, durante a perseguição de Diocleciano, após haver sido flagelado, lançado numa caldeira de óleo fervente e graxa, padecido outros suplícios horrendos, foi coroado, perdendo a cabeça.

* * *

29.º DIA DE JUNHO

SÃO PEDRO

Primeiro dos Apóstolos e Primeiro Papa

João Batista devia preceder a Jesus Cristo, como servo que anuncia ao senhor. Não sòmente o anunciou mas também o apontou com o dedo. Estando nas margens do Jordão com dois de seus discípulos e olhando Jesus que passava, disse: Eis o cordeiro de Deus. Os dois discípulos, ouvindo-o falar assim, seguiram a Jesus, e permaneceram com êle naquele dia.

Ora, André, irmão de Simão Pedro, filho de Jona, ou João, da cidade de Betsaida, era um dos dois que haviam ouvido João falar assim, e que haviam seguido a Jesus. Encontrou primeiramente seu irmão Simão e lhe disse: Encontramos o Messias (isto é, o Cristo). E o levou a Jesus. Ora, Jesus, vendo-o, lhe disse: Tu és Simão, filho de Jona; tu serás chamado Cefas, isto é, Pedra. Jesus conheceu-o do primeiro relance e sabia a que o destinava. Começa a formar a Igreja; e lhe designa o fundamento: Tu te chamarás Pedro. Serás êste rochedo imutável sôbre o qual construirei a minha Igreja. Quando um Deus dá um nome, o efeito segue o nome: êle tinha certamente algo em vista com respeito a Pedro na-

quele momento, mas que ainda não declarava, e que se revelaria depois; porque tudo ainda estava no início; nem São Pedro seguiu inteiramente a Jesus Cristo, nem Santo André permaneceu com êle senão um dia. É suficiente que entendamos que as preparações haviam chegado ao fim, e que a grande obra tem início, uma vez que os discípulos de João aproveitam o testemunho para reconhecer Jesus e levar-lhe outros discípulos.

Jesus abandonou a cidade de Nazaré, perto de Caná, indo estabelecer-se definitivamente em Cafarnaum, onde havia já permanecido algum tempo, antes de sua última viagem a Jerusalém. Desde então, começou a pregar e a dizer: Cumpriram-se os tempos; o reino de Deus está próximo; fazei penitência, e crêde no Evangelho, na boa nova que vos é anunciada. E sua reputação espalhou-se em todo o país. E ensinava nas sinagogas; e todos celebraram os seus louvores. (1)

Ora, andando ao longo do mar da Galiléia, Jesus viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam as rêdes ao mar; porque eram pescadores, e êle lhes disse: Vinde após mim, e vos farei pescadores de homens. Imediatamente, abandonando as rêdes, êles o seguiram. Indo-se daí, viu dois outros irmãos numa barca, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, com Zebedeu, seu pai, que remendavam as rêdes. Êle os chamou. Imediatamente o seguiram, abandonando o pai na barca, com as rêdes e os obreiros. (2)

---

(1) Evangelho de São Mateus, IV, 13-17.

(2) Mat. IV, 18-22, Marc. I, 16-20.

Eis os que deviam cumprir as profecias, anunciar a nova aliança, fazer triunfar a cruz, estabelecer por tôda parte o império do Cristo. Não quer os grandes desta terra, nem ricos, nem nobres, nem poderosos, nem mesmo doutos, oradores e filósofos? Não é assim. Vêde as etapas seguintes. Os grandes virão em multidão juntar-se ao humilde rebanho do Salvador. Os imperadores e os reis dobrarão a cerviz



**São Pedro.
Segundo bronze do
Museu cristão do
Vaticano.
Século III.**

soberba para levar o jugo. Ver-se-ão as fasces romanas abatidas pela cruz de Jesus. Os judeus farão a lei aos romanos; êstes receberão, em seus próprios estados, leis estrangeiras que ali serão mais fortes do que as suas próprias; verão, sem inveja, um império erguer-se de seu império, leis acima de suas leis. Os oradores virão, e preferirão a simplicidade do Evangelho, e essa linguagem mística à magnificência de seus discursos vãmente pomposos. Os espíritos refinados de Roma e de Atenas virão aprender a falar nos escritos dos bárbaros. Os filósofos se renderão

também. E, após haverem debatido e se atormentado, deixar-se-ão, finalmente, apanhar nas rêdes de nossos celestes pescadores, onde, presos felizmente, abandonarão as armadilhas de vãs e perigosas sutilezas, onde procuravam prender as almas ignorantes e curiosas. Aprenderão, não a raciocinar, mas a crer e a encontrar a luz numa inteligência cativa.

Acompanhado de seus discípulos, Jesus foi a Cafarnaum, e, entrando imediatamente na sinagoga, no dia do sábado, ensinava os assistentes; curou um homem possesso de um espírito imundo. E, saindo da sinagoga, Jesus foi com Tiago e João para a casa de Simãc e de André. Ora, a sogra de Simão estava enfêrma, com uma febre alta; pediram imediatamente por ela. E aproximando-se, Jesus tomou-a pela mão, e ordenou à febre: no mesmo instante a febre a deixou; ela levantou-se e pôs-se a servi-los.

Pela tarde, depois do pôr-do-sol (porque era dia de sábado, no qual os judeus nada faziam até essa hora) trouxeram-lhe todos os doentes e possessos. Tôda a cidade se reunira diante de sua porta. Jesus impôs a mão a cada qual e curou a todos de maneira que se cumpria o que havia dito o profeta Isaías: tomou sôbre si as nossas enfermidades, e se encarregou de nossos doentes. O demônio saiu do corpo dos possessos, gritando e dizendo: Tu és Cristo, Filho de Deus. Mas êle o ameaçava, e o impedia de dizer que sabia que êle era Cristo. Sendo o diabo, pai da mentira, não queria Jesus dêle receber testemunho, nem sequer verdadeiro. (1)

No dia seguinte, levantando-se muito cedo, saiu e se dirigiu para um lugar deserto, e lá orou. Simão e

---

(1) Mat. VIII, 14-17. Marc. I, 20-34. Luc. IV.

os que com êle estavam, seguiram-no. E, quando o encontraram, disseram-lhe: Todos te procuram. E êle lhes disse: Vamos às aldeias e às cidades da vizinhança, a fim de que eu pregue ali também, porque para isto vim a êste mundo. E percorreu tôda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando tôdas as enfermidades entre o povo. E sua reputação espalhou-se por tôda a Síria; e apresentaram-lhe todos os doentes e aflitos e tôda sorte de males e sofrimentos, possessos, lunáticos, paralíticos; e êle os curou. E grande multidão o seguia da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e da outra margem do Jordão. (1)

Decápolis era um país de dez cidades, do outro lado do lago ou do mar de Genesaré ou Tiberíades.

Ora, aconteceu que a multidão se acotovelava em tôrno dêle, para ouvir a palavra de Deus, e êle estava de pé, perto do lago de Genesaré. Viu duas barcas às margens do lago; os pescadores haviam descido e lavavam as rêdes. Subindo numa das barcas, que era a de Pedro, pediu que o conduzisse a alguma distância da terra; assentando-se em seguida, ensinava o povo de cima da barca. E, quando cessou de falar, disse a Simão: Avança para dentro do mar e lança as rêdes para pescar. Simão respondeu: Senhor, trabalhamos tôda a noite sem nada apanhar; mas com a vossa palavra lançarei a minha rêde. Tendo-o feito, apanharam tão grande quantidade de peixes que as rêdes se rompiam. Êle fêz sinal aos companheiros, que estavam na outra barca, para ajudá-lo. Vindo êles, encheram as duas barcas de modo que afundavam.

---

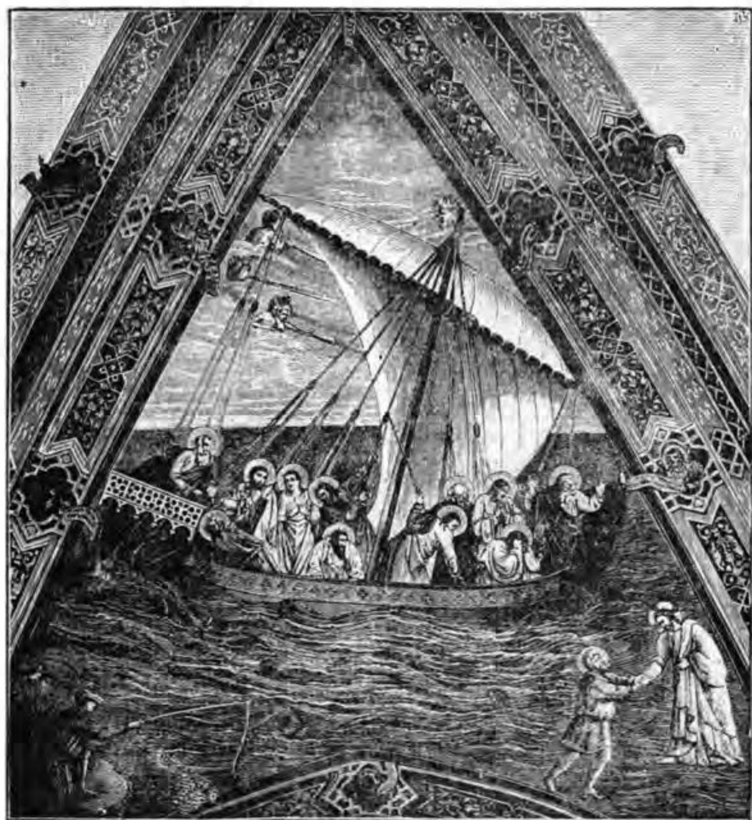
(1) Mat., IV, 23-5. Marc. I, 35-39. Luc., IV, 42-44.

Simão Pedro, vendo isso, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, afastai-vos de mim, que sou um pecador. Porque estava tomado de espanto, todos os que com êle se achavam, por causa da captura dos peixes que haviam feito, bem como Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E Jesus disse a Simão: Não temas; doravante, serás pescador de homens. Levando as barcas para a margem, tudo abandonaram e o seguiram. (1)

Simão havia sido levado uma primeira vez a Jesus por seu irmão André, e havia recebido o nome de Pedro. Mais tarde Jesus chamou também os dois irmãos, bem como Tiago e João. Abandonaram, então, as rêdes e o seguiram habitualmente. Mas como viviam da pesca, voltavam algumas vêzes ao mister. Talvez empregassem nisso a noite, a fim de seguir o Senhor durante o dia. Após a pesca milagrosa, abandonaram não sòmente as rêdes, mas tudo; expressão que dá a entender que dessa vez sua vocação é definitiva, e que, doravante, se prenderiam a Jesus inseparàvelmente.

Se queremos considerar tôdas as circunstâncias dessa pesca miraculosa, veremos tôda a história da Igreja, figurada com os traços mais nítidos. É à barca de Pedro que Jesus sobe; é na barca de Pedro que se senta ensinando a multidão dos povos; é na barca de Pedro que instrui o gênero humano. É a Pedro que ordena avançar em pleno mar; êsse mar, é o mundo; mar profundo e tempestuoso, cheio de tumultos e agitações, onde os indivíduos e os povos vogam à deriva, impulsionados pelos ventos das doutrinas, e se devoram, uns aos outros, como os peixes. É a

(1) Luc. V, 1-11.



Jesus Cristo caminhando sôbre as ondas toma Pedro pela mão para livrá-lo de perecer. Segundo uma pintura a fresco de Taddeo Gaddi, em Florença. Século XIV.

Pedro que Jesus manda lançar a rêde neste abismo. É a Pedro que é dado apanhar esta multidão inumerável de tôdas as tribos, tôdas as línguas, sábios e ignorantes, ricos e pobres, povos e reis, êstes grandes peixes, êstes monstros marinhos que fendem as águas com grande tumulto. Nesse grande número, haverá espíritos inquietos e impacientes que não se conterão nos limites, nem se encerrarão na obediência. A curiosidade os agita, a inquietude os avassala, o orgulho os transporta; rompem as rêdes, fogem, constroem cismas e heresias; extraviam-se em questões infinitas; perdem-se no abismo das opiniões humanas. Mas a multidão não encherá menos as duas barcas, a sinagoga e o paganismo: a sinagoga de onde Pedro lançou a rêde; o paganismo, vazio até então, mais do que se enche com a pesca de Pedro. Ficarão mesmo tão cheios, que parecerão submergir. A multidão dos fiéis será tão numerosa, os maus estarão de tal maneira misturados aos bons, os escândalos se tornarão por vêzes tão grandes, que será difícil aplicar-lhes a correção necessária, e a Igreja parecerá perto da submersão, pelo próprio pêso; mas não: ela abordará às margens da eternidade; Jesus está com ela.

Ora, após um ano de milagres e pregações, acontece que Jesus subiu a uma montanha para orar, e passou tôda a noite em oração. Quando o dia amanheceu, chamou os discípulos, e êles vieram. Escolheu doze dentre êles, os quais queria, para tê-los junto de si e mandá-los pregar. Deu-lhes o nome de apóstolos, o que significa enviados, e lhes concedeu o poder de curar os enfermos e expulsar os demônios. Eram êles: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João, filhos de Zebedeu, a quem

chamou de Boanerges ou filhos do trovão; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Judas, seu irmão, chamado Tadeu; Simão, o cananeu, chamado Zelote; e Judas Iscariotes, aquêle que deveria traí-lo. Depois, descendo com êles, deteve-se num lugar em forma de planície, com o grupo de discípulos, e uma grande multidão de povo de tôda a Judéia, de Jerusalém, e das plagas marítimas, e de Tiro e de Sidão, que haviam vindo ouvi-lo e para serem curados de suas enfermidades. E os que estavam atormentados pelos espíritos imundos foram curados. E a multidão procurava tocá-lo, porque uma virtude dêle saía e curava todos. (1)

Ora, Jesus, vendo essa multidão, fêz-lhes um sermão que começa com as oito bem-aventuranças. O sermão da montanha é um resumo de todo o Evangelho, como as oito bem-aventuranças são o resumo do sermão.

"E Jesus percorria tôdas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os doentes e enfermos. Ora, vendo a multidão de povo, dela teve compaixão, porque estava acabrunhada de males e andando sem destino, como ovelhas sem pastor. Então disse aos discípulos: A messe é grande, mas poucos são os obreiros. Rogai ao Senhor da messe que mande obreiros à sua messe. (2)

E, tendo chamado os doze apóstolos, deu-lhes poder sôbre os espíritos impuros, para expulsá-los, e para curar tôda a sorte de doencas e enfermidades. Ora, eis os nomes dos doze apóstolos. O primeiro,

---

(1) Marc. III, 13-19. Luc. VI, 12-16.

(2) Mat. IX. 35-38.

Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, chamado Tadeu; Simão, cananeu, e Judas Iscariotes, que o traiu. Jesus enviou êstes doze, dois a dois, após haver-lhes ministrado suas instruções.

Entretanto, os apóstolos, de volta da missão, reuniram-se em tôrno de Jesus, relatando-lhe o que haviam feito e o que haviam ensinado. E êle lhes disse: Vinde recolher-vos em um lugar solitário, e repousar um pouco. Porque, como havia muitas pessoas que iam e vinham, quase nem tempo tinham para comer. Subindo, pois, a uma barca, dirigiram-se para um lugar deserto do território de Betsaida, no outro lado do mar da Galiléia, que é o de Tiberíades. Houve alguns que os viram partir, e muitos o seguiram. Acorreu gente de tôdas as cidades. Seguiam-no em massa porque viam os milagres que fazia nos doentes. Saindo do barco, Jesus viu a grande multidão, e dela se apiedou porque era como um rebanho sem pastor. Recebeu-os e subiu a uma montanha, onde se sentou com os discípulos. Ora, a Páscoa, que era a festa dos judeus, estava próxima. Jesus começou a ensinar-lhes muitas coisas. Falava-lhes do reino de Deus e restituía a saúde aos que tinham necessidade de cura. Alimentou, em seguida, a multidão com cinco pães e dois peixes, despediu a todos e refugiou-se na montanha, após haver obrigado os discípulos a atravessar o mar com o povo.

Já era tarde quando os discípulos desceram ao mar. Subiram à barca e avançavam para Cafarnaum, no outro lado do mar. Ora, já era noite, e Jesus ainda não chegara. Entretanto, o mar se encapelava,

agitando a barca entre as vagas. O vento soprava forte e o mar levantava-se em fúria. Vendo que avançavam com dificuldade, Jesus veio a êles na quarta hora da noite, andando sôbre as ondas, e queria passá-los. Quando haviam remado mais uns vinte e cinco estádios, aproximadamente cinco quartos de légua, perceberam Jesus que andava sôbre as águas, e se aproximava da barca, e tiveram mêdo. É um fantasma, diziam atemorizados, e o temor fê-los dar um grande grito; porque todos o haviam visto e o pavor foi geral. Mas imediatamente êle lhes falou, e lhes disse: Acalmai-vos, sou eu; não temais. Senhor, disse-lhe Pedro, se sois vós, ordenai que eu vá até vós sôbre as águas. Vinde, disse-lhe Jesus. E Pedro, descendo da barca, andou sôbre a água, para ir até Jesus. Mas vendo que o vento era forte, teve mêdo, e, começando a afundar, exclamou: Senhor, salvai-me, que pereço! Estendendo-lhe a mão Jesus lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste? Então os discípulos desejaram receber Jesus na barca, e êle subiu. Quando Jesus e Pedro puseram os pés na barca, o vento cessou, o que os admirou ainda mais. Porque em sua dificuldade e perturbação, nem sequer se lembravam da multiplicação dos pães, cego que lhes estava o coração. Imediatamente a barca aportou ao lugar a que se destinavam. Então os que estavam na barca, aproximando-se dêle, o adoraram, dizendo: Verdadeiramente sois o Filho de Deus.

Após haverem atravessado assim o lago, dirigiram-se ao país de Genesaré. Os habitantes reconheceram prontamente Jesus, e levaram-lhe os seus doentes, nos leitos, a tôda a parte em que ouviam que estava. Em todos os lugares em que entrasse,

aldeias ou cidades, colocavam os doentes nos lugares públicos, e pediam-lhe que os deixasse, ao menos, tocar a borda da veste. E todos que o tocavam, ficavam curados. (1)

O milagre da multiplicação dos pães, que ocorreu pelo tempo da Páscoa judaica, figurava o milagre máximo da Páscoa cristã, que Jesus ia anunciar.

Na sinagoga de Cafarnaum, anunciou, com efeito, a instituição da santa eucaristia, e disse entre outras palavras: Quem comer da minha carne e beber do meu sangue, terá a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Porque minha carne é verdadeiramente uma comida, e meu sangue é verdadeiramente uma bebida. Quem comer da minha carne e beber do meu sangue, permanecerá em mim, e eu nêle. Desde então, muitos dos discípulos dêle se retiraram, e não mais iam com êle. Jesus disse, então, aos doze: E vós, não quereis também ir? Simão Pedro lhe respondeu: Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. E nós cremos e reconhecemos que és Cristo, Filho do Deus vivo.

Algum tempo depois, Jesus abandonou Betsaida com os discípulos e foi para a cidade de Cesaréia de Filipe. A caminho, orava a sós com os seus discípulos. E lhes fêz esta pergunta: Quem dizem que é o Filho do homem? Responderam-lhe: Alguns dizem que é João Batista; outros, que Elias, ou, Jeremias, ou alguns dos profetas. E vós, disse-lhes então Jesus, quem dizeis que sou? Pedro, respondendo, lhe disse: Tu és Cristo, Filho de Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Bem-aventurado, Simão, filho de

---

(1) Mat. XIV, 13-36. Marc. VI, 30-56. Luc. IX, 10-17. João, VI, 1-21.

João; porque não foi a carne, nem o sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está no céu. E eu também te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares sôbre a terra será também ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. (1)

É um só que fala a um só: Jesus Cristo, Filho de Deus, a Simão, filho de João; Jesus Cristo, que é a verdadeira pedra e forte por seu próprio poder, a Simão, que não é pedra senão pela fôrça que Jesus Cristo lhe comunica; é a êle que Cristo fala, e falando-lhe, nêle age, e lhe imprime o caráter de sua firmeza; e eu, disse êle, te digo, tu és Pedro; e, acrescenta, sôbre esta pedra edificarei a minha igreja; e, conclui, as portas do inferno não prevalecerão contra ela. A fim de prepará-lo para essa honra, Jesus Cristo que sabe que a fé que nêle se tem é o fundamento da Igreja, inspira a Pedro uma fé digna de ser fundamento dêsse admirável edifício. Tu és Cristo, Filho de Deus vivo. Por esta alta pregação da fé, atrai a si a inviolável promessa que o faz o fundamento da Igreja. A palavra de Jesus Cristo, que do nada faz o que lhe apraz, dá essa fôrça a um mortal. Que não se diga, que não se pense que êsse ministério de Pedro termina com êle; o que deve servir de sustentáculo a uma Igreja eterna não pode jamais ter fim. Pedro viverá em seus sucessores; Pedro falará sempre em sua cátedra; é o que dizem os Padres; é o que confirmam seiscentos e trinta bispos no concílio de Calcedônia. Jesus Cristo cumpriu os seus desíg-

---

(1) Mat. XVI, 13-19. Marc. VIII, 27-29. Luc. IX, 18-20.

nios e disse a Pedro, eterno pregador da fé: Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja; e acrescenta: Eu te darei as chaves do reino dos céus. Tu, que tens a prerrogativa da fé, terás também as chaves que designam a autoridade do govêrno; o que ligares sôbre a terra será ligado no céu, e o que desligares sôbre a terra, será desligado no céu. Tudo está submetido a estas chaves; tudo, reis e povos, pastôres e rebanho. (1)

É assim que o mais douto e eloqüente bispo da França comentou, diante dos colegas reunidos, a promessa de Jesus Cristo a São Pedro. Promessa, predição, é mister notá-lo bem: promessa inviolável, predição infalível, mas ainda não cumprida. Êle falou no futuro: construirei, darei. Essas palavras não têm pleno efeito senão quando são pronunciadas no presente: Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Desde então, o que Pedro experimentar de fraquezas, não afeta em nada as prerrogativas que lhe são anunciadas, mas que ainda não recebeu. Ainda não havia sido instituído chefe da Igreja, mas sòmente designado para sê-lo.

Depois que Pedro confessou, alto e bom som, a divindade do mestre, e recebeu dêle tão magníficas promessas, "Jesus proibiu terminantemente aos discípulos dizerem a alguém que era Cristo. Desde então, começou a revelar-lhes que era necessário fôsse a Jerusalém, para lá sofrer muito; ser rejeitado pelos senadores, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas ou doutôres da lei; ser levado à morte, e ressuscitar ao terceiro dia. E falava abertamente tais coisas. Então Pedro, chamando-o à parte, começou

(1) Bossuet. Sermão sôbre a unidade da Igreja.

a repreendê-lo, dizendo-lhe: Senhor, longe de ti esteja fazer estas coisas. Não, isto não te acontecerá! Mas Jesus, voltando-se disse a Pedro: Retira-te de mim, Satanás; tu me és um escândalo, porque não me apontas as coisas de Deus, mas as do homem. Depois, chamando a si o povo e os discípulos, lhes disse: Quem quiser vir após mim, tome a sua cruz e siga. Porque aquêle que quiser salvar a vida, perdê-la-á; e aquêle que perder a vida, por amor de mim, e do Evangelho, salvar-se-á. Com efeito, que adianta ao homem ganhar todo mundo, se perder a sua alma? Ou ccmo poderia resgatá-la? Porque se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras entre esta raça adúltera e pecadora, o Filho do Homem dêle se envergonhará também quando vier, acompanhado dos santos e dos anjos, na glória de seu pai. Porque o Filho do homem deve vir na glória de seu Pai com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras. E acrescenta: Em verdade, em verdade vos digo, entre os que aqui estão presentes, há alguns que não experimentarão a morte, que não viram o reino de Deus vir em poder, e o Filho do homem em sua realeza. (1)

Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Esta palavra é dura; sim, à primeira vista; mas no fundo, é glória e recompensa. Se um rei mortal dissesse aos homens: Se alguém dentre vós quiser vir ao meu palácio, renuncie ao que é, para tornar-se o que sou, rejeite os andrajos para tomar minhas vestimentas e armas, e siga-me como um amigo fiel, partilhe dos meus trabalhos para partilhar da minha glória e do meu

(1) Mat. XVI, 20-28. Marc. VIII, 30-39, Luc. IX, 21-27.

reino, quem dêstes homens não se julgaria no cúmulo da felicidade? E eis o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, que diz a todos: Se alguém quiser vir após mim, não sòmente ao combate, mas também à vitória, e a uma vitória certa, a um triunfo eterno: após mim ao céu, após mim, na minha glória, após mim em meu reino, renuncie a si mesmo, renuncie a si, para se encontrar em mim; renuncie-se mau, para reencontrar-se bom; renuncie-se pecador, para reencontrar-se justo; renuncie-se imperfeito, para reencontrar-se perfeito; renuncie-se, sendo espírito limitado e incerto, para reencontrar-se infinito e infalível; renuncie-se, vontade depravada e impotente que é para reencontrar-se direito e todo-poderoso; renuncie à carne terrestre e corruptível, para reencontrar o corpo celeste, glorioso e incorruptível; numa palavra, renuncie-se como homem para encontrar Deus, para encontrar Jesus Cristo. Para êste fim, tome sua cruz, suporte com coragem os trabalhos, os sofrimentos, a espécie de morte que necessitará esta divina transformação de si mesmo. Siga-me, guiado por meu exemplo, sustentado por minha fôrça. Tal é o mistério da abnegação cristã. Pedro não o compreendia ainda. Por um apêgo demasiadamente humano ao mestre, procura afastá-lo do que deve operar pela glória de Deus e a salvação dos homens; eis por que é chamado Satanás, isto é, adversário. Mas compreendê-lo-á mais tarde: então se rejubilará por haver sido julgado digno de sofrer ultrajes pelo nome de Jesus e de morrer, como êle, numa cruz.

O Senhor havia acrescentado que alguns dos que estavam presentes não experimentariam a morte antes de terem sido testemunhas de sua glória. Esta palavra não tardou em cumprir-se.

"Cêrca de oito dias após, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão. E os levou sòzinhos à parte, sôbre uma montanha, onde subiu para orar. E enquanto orava o aspecto do semblante se lhe transformou, e êle se transfigurou diante dêles. Sua face tornou-se resplandecente como o sol, suas vestes brancas como a luz, brilhantes como o relâmpago, de uma brancura viva como a da neve, tão branca que tecelão algum dêste mundo poderia fazer iguais. E eis que apareceram dois homens que com êle se entretinham. Eram Moisés e Elias. Apareceram em estado de glória e falavam de sua saída do mundo, que ia acontecer em Jerusalém. Mas Pedro, e os que com êle se achavam, estavam profundamente adormecidos. Quando acordaram, viram sua glória os dois homens que com êle estavam. Moisés e Elias iam deixá-lo, quando Pedro disse a Jesus: Senhor, é bom aqui permanecer. Se quereis, faremos três tendas, uma para vós, outra para Moisés e uma para Elias. Porque não sabia o que dizia, tanto estavam atemorizados. Falava ainda, quando apareceu uma nuvem luminosa que os cobriu com sua sombra. E tiveram mêdo quando os viram entrar na nuvem. E da nuvem veio uma voz que dizia: Êste é o meu filho mui amado, no qual pus as minhas complacências. Escutai-o. Enquanto a voz se fazia ouvir, encontrou-se Jesus com êles, sòzinho agora: A estas palavras, os discípulos, tomados de temor, caíram com o rosto em terra. Mas Jesus, aproximando-se, tocou-os e lhes disse: Levantai-vos, e não temais. Então, erguendo os olhos, e olhando para todos os lados, viram que estavam a sós com Jesus. (1)

(1) Mat. XVII, 1-8. Marc. IX, 1-7. Luc. IX, 28-36.

Deus e os homens, o céu e a terra, são testemunhas da transfiguração de Jesus Cristo. O Padre eterno faz ouvir a voz. Moisés e Elias aparecem; Moisés, por quem havia sido dada a lei, que Jesus cumpria; Elias, o maior taumaturgo entre os profetas da antiga aliança, cujas promessas Jesus cumpria. Moisés e Elias, que haviam visto, um e outro, a glória de Deus sôbre o monte Horeb; Moisés e Elias, um dos quais não havia experimentado a morte, e outro, levado a uma morte estranha e misteriosa, sepultado pelo próprio Deus: entre as três testemunhas que Jesus Cristo traz consigo, e que tinha o costume de distinguir entre os outros apóstolos, está Pedro, a rocha, ao qual havia prometido, oito dias antes, fundar sôbre êle a Igreja: Pedro, o chefe dos apóstolos; são os filhos do trovão, Tiago o primeiro mártir entre os doze, e João, que Jesus amava, destinado à execução dos julgamentos de Deus sôbre Jerusalém, e a receber altas revelações sôbre a futura história da Igreja e do mundo. Pedro dirá mais tarde: Não é seguindo fábulas doutas que fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; mas após termos sido testemunhas de sua majestade. Porque êle recebe de Deus Padre a honra e a glória, quando, da nuvem, onde a glória soberana resplandecia com tanto esplendor, esta voz foi ouvida: Êste é meu filho muito amado, no qual pus as minhas complacências: escutai-o. E nós mesmos ouvimos esta voz que vinha do céu, quando estávamos sôbre a montanha santa. (1)

Eis o que dirá Pedro em sua segunda epístola. Mas sôbre o Tabor, no momento da transfiguração,

---

(1) II, Pet. I.

a alegria, a surprêsa, o temor, puseram-no fora de si: diz, sem saber o que diz, faremos três tabernáculos, três tendas; queria colocar Jesus Cristo, e Moisés e Elias, cada um à parte; Deus reuniu todos sob um mesmo tabernáculo, sob uma mesma nuvem luminosa, dizendo a palavra que atribui tudo a Jesus: Êste é meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências: escutai-o. Moisés e Elias desaparecem; Jesus permanece só, fim da lei e dos profetas; Jesus, cujos sofrimentos Moisés e Elias predisseram; Jesus, que deve ser crucificado, a única coisa que saberão pregar os apóstolos.

E quando Jesus e seus discípulos voltaram a Cafarnaum, os que recebiam o tributo de duas dracmas vieram a Pedro, e lhe disseram: Vosso mestre não paga o tributo? Êle lhe respondeu: Sim. E quando entrou na casa, Jesus o chamou e disse: Simão, que te parece? De quem recebem os reis da terra os tributos e os impostos? De seus próprios filhos ou dos estrangeiros? Dos estrangeiros, respondeu Pedro. Jesus lhe disse:

Os filhos estão, pois, livres. Mas para que não se escandalizem, vai ao mar e atira o anzol; o primeiro peixe que subir, toma-o; na bôca encontrarás a moeda; toma o dinheiro e dá-o por mim e por ti. (1)

Deus havia ordenado por Moisés, que tôdas as vêzes que fizesse o recenseamento dos filhos de Israel, cada homem pagasse duas dracmas de capitação, as quais seriam empregadas na manutenção do tabernáculo, depois do templo. Parece mesmo que, com o tempo, os judeus pagaram essa capitação todos os

(1) Mat. XVIII, 23-26.

anos. Daí as grandes somas que, segundo o testemunho de Cícero, enviavam todos os anos a Jerusalém, de tôdas as partes do império romano. (1)

Tôdas as circunstâncias indicam que era desta tributação que se tratava. A Galiléia, na qual se situa Cafarnaum, não fôra ainda reduzida a província romana, como a Judéia pròpriamente dita, mas era governada por um tetrarca, o rei Herodes Antipas. Ainda não se recolhia o impôsto direto aos imperadores romanos, como em Jerusalém, e na Judéia, que se encontravam sob o govêrno de Pôncio Pilatos; mas recolhia-se o didracma para o templo, como em todos os outros lugares. E isso faz sentir tôda a justeza do arrazoado de Jesus Cristo com Pedro; pois os reis não recebem tributo senão dos estrangeiros, e não de seus próprios filhos, e o tributo que se recolhia para o templo, para a casa de seu Pai, não lhe dizia respeito, a êle, seu filho único.

Os apóstolos haviam discutido qual dêles seria o maior: Jesus ensina-lhes a discutir qual seria o menor e o mais humilde, a imitar a simplicidade das crianças, a respeitá-las como os pupilos dos santos anjos, a evitar, como o maior dos males, induzi-los ao pecado pelo mau exemplo; a perdoar voluntàriamente as injúrias, a exercer a correção fraterna. A êsse respeito, estabelece a soberana autoridade da Igreja nas contestações que se originam entre os fiéis: quem não a escutar, deve ser considerado um pagão e um publicano. A razão está no poder que Jesus Cristo conferiu aos apóstolos por estas palavras: tudo o que ligardes sôbre a terra será ligado

(1) Cícero, Pro Flacco.

no céu, e tudo o que desligardes sôbre a terra será desligado também no céu. Essas palavras haviam sido anteriormente dirigidas a Pedro. "Era manifesto o propósito de Jesus Cristo, diz Bossuet, conceder primeiramente a um só o que em seguida queria conceder a vários; mas a conseqüência não afeta o início, e o primeiro não perde o seu lugar. Esta primeira palavra: tudo o que ligares sôbre a terra, dita a um só, já colocou sob o seu poder cada qual dos que também receberam a concessão: Tudo o que ligardes; porque as promessas de Jesus Cristo, bem como os seus dons, são sem repetição; e o que é uma vez dado indefinida e universalmente é irrevogável. Ademais, o poder dado a vários, traz sua restrição na partilha, ao passo que o poder dado a um só e sôbre todos, e sem exceção, traz a plenitude. (1)

Ora, no primeiro dia dos ázimos, no qual cumpria imolar a páscoa, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: Onde quereis que façamos os preparativos para comer a páscoa? Êle enviou dois de seus discípulos, Pedro e João: Ide, disse, preparar-nos a páscoa, a fim de que a comamos. Êstes disseram ainda: Onde quereis que a preparemos? Êle lhes respondeu: Ide para a cidade. Quando ali chegardes, encontrareis um homem carregando uma bilha de água. Segui-o para a casa onde entrar, e, ali entrando, direis ao pai de família desta casa: Eis o que diz o mestre: Meu tempo se aproxima, farei a páscoa em tua casa com os meus discípulos; onde fica o lugar em que posso comer com êles? E êle vos mostrará uma grande sala alta, tôda atapetada.

---

(1) Bossuet, Unidade da Igreja.

Fazei-nos os preparativos. Seus discípulos foram à cidade, e, chegando, encontraram as coisas como lhes havia dito, e fizeram os preparativos da páscoa.

Tendo Jesus comido a páscoa da antiga lei, levantou-se da mesa e tirou as vestes; depois, tomando uma toalha, colocou-a em volta do corpo. E, derramando água numa bacia, começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los na toalha que tinha. Chegou a vez de Pedro. Mas êste lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés? Jesus respondeu: Não compreendes agora o que faço; mas compreenderás mais tarde. Pedro lhe disse: Jamais me lavarás os pés! Jesus retrucou: Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo. Então, Pedro disse: Senhor, não sòmente os pés, mas também as mãos e a cabeça! — Jesus respondeu: Quem já se banhou não tem necessidade senão de lavar os pés, e estará puro. E vós estais puros; mas não todos. Porque sabia quem devia traí-lo, e por isso disse: Nem todos vós estais puros. Tendo lavado os pés dos discípulos, repôs as vestimentas, e, sentando-se à mesa, lhes disse: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais mestre e senhor; e tendes razão, porque o sou. Se pois vos lavei os pés, eu, vosso mestre e senhor, deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Porque vos dei o exemplo, para que façais o mesmo que fiz. (1)

Como Jesus amou verdadeiramente os seus, não sòmente até o fim da vida, mas até um excesso de amor. Era costume no Oriente tomar banhos freqüentes: quem saía do banho não tinha necessidade de lavar senão os pés: era a função do mais humilde

(1) João, XIII, 1-15.

servidor. Jesus desempenhou-a com relação aos discípulos. E esta amorosa humilhação, para proporcionar-lhes inteira pureza de corpo, não era senão a imagem de uma humilhação, de um amor muito maior, para proporcionar-lhes integral pureza da alma: e um e outro para dar a êles no mistério de sua humilhação e de seu amor. Porque logo após instituiu o sacramento da santa Eucaristia, e os apóstolos comungaram pela primeira vez.

"Suscitou-se nova disputa entre os discípulos, qual dêles seria o maior. Mas êle lhes disse: Os reis das nações as tratam com império; e os que têm poder sôbre elas são chamados benfeitores, ou evergetas. Não façais vós assim; — mas aquêle que é o maior entre vós, se torne o menor; e aquêle que governa seja como o que serve. Por que, quem é maior, aquêle que senta à mesa ou o que serve? Não é o que senta à mesa? E eu, entretanto, sou entre vós aquêle que serve. Sois vós que sempre permanecestes firmes em minhas tentações. Por isso vos preparo o reino, como meu Pai me preparou, a fim de que comais e bebais à minha mesa, no meu reino, e senteis sôbre tronos para julgar as doze tribos de Israel.

"O Senhor disse em seguida: Simão, Simão, eis que Satanás pediu para vos joeirar, como se joeira o trigo. Mas eu orei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça; e tu, quando estiveres convertido, (1) fortalece teus irmãos. (2)

---

(1) Segundo doutos intérpretes temos aqui um hebraísmo que significa: **E tu, por tua vez, E tu, voltando-te para os outros;** como quando Davi diz a Deus: **Deus, tu conversus vivificabis nos.** Jansen. Maldonat.

(2) Luc. XXII, 24-32.

Os apóstolos haviam discutido sôbre quem teria o primeiro lugar. Jesus, em sua resposta, ensina-lhes que sua ambição os expunha ao maior perigo; que não havia esperança para êles, senão nêle sòmente, e que Pedro seria seu futuro chefe. É a êste que se dirige: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu, *vós*, no plural, vós todos que disputais a preeminência: Satanás pediu para vos joeirar, vos agitar, vos lançar no ar, vos precipitar para baixo, fazer de vós, numa palavra, tudo o que quiser. Que perigo! Mas eu orei por ti, por ti em particular, por ti com distinção. Não que Jesus haja negligenciado os outros; mas, como explicam os santos Padres, por que, fortalecendo o chefe, queria impedir que os membros vacilassem. Eis porque diz: Orei por ti, e não, orei por vós. E que a oração que fazia por Pedro incluía também os outros apóstolos, a continuação do discurso o manifesta claramente, uma vez que acrescenta: E tu, quando estiveres convertido, fortalece teus irmãos.

Quando diz: orei por ti, que tua fé não desfaleça, não fala dessa fé morta que pode permanecer nos pecadores, porque esta não impede que se seja joeirado por Satanás; trata-se da fé que opera pela caridade, a qual, diz êle, pedi que não desfaleça em ti. Jesus Cristo pediu desta forma: Sei, meu Pai, que sempre me escutais. Quem pode duvidar que São Pedro tenha recebido, com a oração, uma fé constante, invencível, inquebrantável, e tão abundante, que, por outro lado, foi capaz de fortalecer, não sòmente o comum dos fiéis, mas ainda seus irmãos

os apóstolos e os pastôres do rebanho, impedindo que Satanás os joeirasse. (1)

E esta palavra lembra manifestamente a que diz: Tu és Pedro, mudei o teu nome de Simão no de Pedro, em sinal da firmeza que te quero comunicar, não sòmente por ti, mas ainda por tôda minha Igreja; porque quero construí-la sôbre esta pedra. Quero colocar em ti, de maneira eminente e particular, a pregação da fé, que será o fundamento, e as portas do inferno não prevalecerão contra todos os esforços de Satanás, até ser inquebrantável. E isto outra coisa não é senão o que Jesus Cristo repete aqui: Satanás pediu para vos joeirar; mas Pedro, orei por ti, tua fé não desfalecerá, e tu, confirma teus irmãos.

Êle é, pois, novamente encarregado de tôda a Igreja; é encarregado de todos seus irmãos, uma vez que Jesus Cristo lhe ordena os fortaleça na fé que acabava de tornar invencível com a sua oração.

Esta palavra: fortalece teus irmãos, não é uma ordem em particular a São Pedro; é um cargo que erige e que institui em Igreja perpètuamente. A forma que Jesus Cristo deu aos discípulos reunidos em tôrno de si é o modêlo da Igreja Cristã até o fim dos séculos. Desde o momento em que Simão foi colocado à testa do colégio apostólico, em que foi chamado Pedro, e em que Jesus o instituiu fundamento da Igreja, pela fé que devia anunciar em nome de todos, desde êsse momento a construção está pronta, estabelece-se a designação de um primado na Igreja, na pessoa de São Pedro. Dizendo aos seus apóstolos: estarei convosco até o fim dos séculos, mostrou que a forma que havia estabelecido entre êles passaria à poste-

(1) Bossuet. Meditação.

ridade. Uma eterna sucessão foi destinada a São Pedro, como também foi estabelecida uma duração semelhante aos outros apóstolos. Devia haver sempre um Pedro na Igreja para confirmar seus irmãos na fé: é o meio mais próprio para estabelecer a unidade, que o Salvador desejava mais do que as outras coisas; e essa autoridade era tanto mais necessária aos sucessores dos apóstolos, porque a sua fé era menos firme do que a dos seus autores.

Após vários discursos, Jesus acrescenta:

Eis que se aproxima a hora, e ela já chegou, em que sereis dispersados, cada um para o seu lado, e me deixareis só. Mas eu não estou só, porque meu Pai está comigo. (1) Sim, eu serei para todos vós, hoje à noite, um motivo de escândalo; porque está escrito: ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas. Mas depois de ressuscitar, preceder-vos-ei na Galiléia. (2)

Disse-vos estas coisas, para terdes a paz em mim. Sofrereis grandes tribulações no mundo; mas tende confiança, eu venci o mundo. (3)

"Mas Pedro, tomando a palavra, lhe disse: E quando todos os outros estiverem escandalizados por tua causa, eu jamais estarei. Jesus lhe replicou: Em verdade, em verdade te digo que tu, ainda hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vêzes, ter-me-ás negado três. Pedro insistia ainda: e quando mesmo tiver que morrer contigo, não vos renegarei. E todos os discípulos diziam o mesmo. (4)

---

(1) João, XVI, 23-32.

(2) Mat. XXVI, 31 e 32. Marc. XIV, 27 e 28.

(3) João, XXVI, 23-32.

(4) Mat. XVI, 33-35. Marc. XIV, 29-31.

Os apóstolos falavam sinceramente. Não conheciam ainda tôda a fraqueza, tôda a indigência humana. Jesus havia-lhes dito: Pedi e recebereis. Esqueceram-se de pedir: julgavam-se suficientemente fortes, nada obstante as advertências de seu mestre. Seriam abandonados à sua presunção, para aprender que, sem êle, nada podiam. Não é senão por êle que vencerão o mundo.

Jesus, ao dirigir-se ao monte das Oliveiras, disse aos discípulos: Permanecei aqui, enquanto vou orar; rezai também, para não cairdes em tentação. Em seguida, deixando os outros, tomou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir mêdo e tristeza. Minha alma está triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E, avançando, afastou-se a alguma distância. E, ajoelhando-se, com a face por terra, orava. Levantando-se da prece, voltou aos discípulos e os encontrou adormecidos de tristeza. E disse a Pedro: Simão, tu dormes. Não pudeste vigiar uma hora comigo? Vigiai e orai, a fim de não entrardes em tentação: o espírito é pronto, mas a carne é fraca.

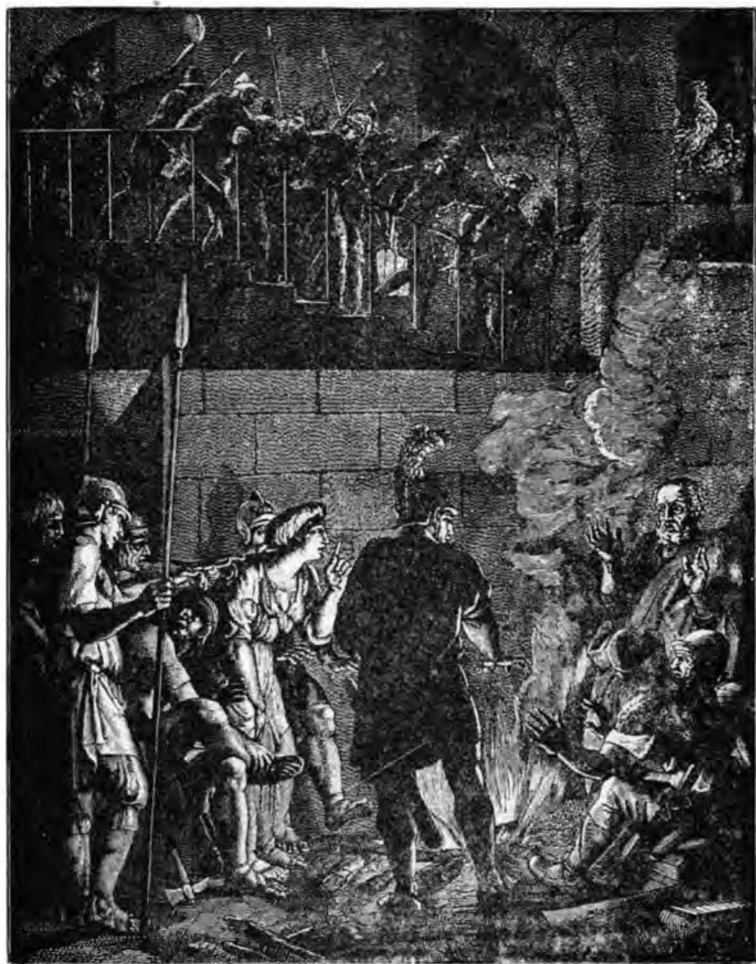
Pouco após chegou um grupo de pessoas armadas conduzidas pelo traidor Judas, que puseram as mãos em Jesus e o arrastaram. Ora, os que estavam com Jesus, vendo o que se passava, lhe disseram: Senhor, atacaremos com espadas? E Simão Pedro, que tinha uma espada, atacou o servo do sumo sacerdote, e lhe cortou a orelha direita. O servo chamava-se Malco. Mas Jesus disse a Pedro: Repõe o gládio na bainha; porque os que ferem com o gládio, pelo gládio perecerão. Não beberei o cálice que meu Pai me apresentou? Pensais, acaso, que se eu pedisse

a meu Pai não me enviaria doze legiões de anjos? Como se cumpririam então as Escrituras que dizem que é necessário que isto aconteça? (1).

Jesus foi conduzido primeiramente a Anás, e em seguida a Caifás. Ora Simão Pedro seguia Jesus de longe com outro discípulo. Êste discípulo, conhecido do sumo sacerdote, entrou no átrio do pontífice com Jesus. Mas Pedro permanecia de pé, à porta. O discípulo conhecido pelo sumo sacerdote falou aos guardas e fêz Pedro entrar até o átrio do sumo sacerdote. Os criados e oficiais estavam ao pé do fogo, pois fazia frio, e se esquentavam. Pedro entrou, e sentou-se com os oficiais para ver o fim, e esquentava-se com êles.

"Entretanto uma serva do sumo sacerdote, de guarda na porta, vindo até onde Pedro se esquentava, considerou-o atentamente à luz do fogo, e disse: Tu também estavas com Jesus de Nazaré. Mas êle negou-o diante de todos, dizendo: Mulher, não o conheço; não sei de quem queres falar. E, saindo para o vestíbulo, o galo cantou. Mas quando ia pela porta, outra serva o notou e disse aos circunstantes: E êste também estava com Jesus de Nazaré. E pouco depois, vendo-o outro, disse: Tu também pertences àquela gente. Êles então lhe disseram: Não és tu também um de seus discípulos? Êle negou segunda vez, com juramento, dizendo: Não sou; não conheço êsse homem. Cêrca de uma hora após, um dos criados do sumo sacerdote, parente daquele, a quem Pedro decepara uma orelha, lhe disse: Não te vi eu com êle, no jardim? Outro afirmava: Certamente estava

(1) Mat. XXVI, 50-56. Marc. XIV, 46-52. Luc. XXII, 49-53. João, XVIII, 2, 12.



Pedro nega Jesus Cristo. Segundo um quadro de Poussin.
Século XVII.

também com êle, pois é galileu. Enfim, os que do pátio aproximaram-se de Pedro e disseram: Certamente também és daquela gente, porque és galileu: tua linguagem bem o demonstra. Pedro, então, o negou pela terceira vez. Pôs-se a imprecar e a jurar: Não conheço o homem de quem falais. Imediatamente, o galo cantou pela segunda vez. E Pedro lembrou-se da palavra de Jesus: Antes que o galo cante duas vêzes, tu me negarás três; e saindo, chorou amargamente." (1)

Essa falta de Simão Pedro é semelhante à de Adão e à de Aarão. Adão, o primeiro homem e pontífice do gênero humano, não mais que Aarão, futuro pontífice do povo judeu, e Pedro, futuro pontífice do povo cristão, não pecou senão por fraqueza. Não creu nem ensinou o êrro. Dizemos Pedro, *futuro* pontífice do povo cristão; porque ainda não o era, mas sòmente designado para ser. Devia, antes, aprender com a experiência da fraqueza a compreender as fraquezas dos outros, e a perdoar-lhes, quando arrependidos, como Jesus lhe perdoou quando êle se arrependeu.

As santas mulheres dirigiram-se ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus, mas um anjo lhes apareceu e disse: Não temais; sei que procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado; não está aqui; já ressuscitou, como disse. Vinde e vêde o lugar onde havia sido colocado o Senhor. Mas ide prontamente, e dizei aos seus discípulos, e a Pedro, que ressuscitou; e eis que vos precederá na Galiléia; lá o vereis, como disse.

---

(1) Mat. XXVI, 69-75. Marc. XIV, 66-72. Luc. XXII, 56-62. João, XVIII.

Antes que o anjo se tornasse visível às mulheres, Maria Madalena, que viera com elas, correu a encontrar Simão Pedro, e o discípulo que Jesus amava, e disse: Roubaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram. Pedro veio, então, com êste outro discípulo até o sepulcro. Correram os dois juntos; mas o outro discípulo correu mais célere do que Pedro, e chegou antes ao sepulcro. E, abaixando-se, viu os linhos jogados por terra; entretanto, não entrou. Simão Pedro, que o seguia, veio e entrou no sepulcro, e viu os panos jogados por terra, e o sudário que lhe haviam colocado sôbre a cabeça, o qual não estava com os panos, mas dobrado num canto, à parte. Então o outro discípulo que havia chegado primeiro ao sepulcro, entrou, e viu, e creu (que o corpo havia sido roubado). Porque não sabiam ainda o que a Escritura ensina, que era necessário que êle ressuscitasse dentre os mortos. Os discípulos voltaram para casa.

Mas Maria permaneceu ao pé do sepulcro, chorando, quando o Senhor lhe apareceu e a chamou pelo nome.

Quanto aos outros discípulos, estavam ainda mergulhados na aflição e banhados em lágrimas. Maria Madalena lhes disse: Vi o Senhor, e êle me disse estas coisas. Mas êles não acreditaram. Entretanto, Pedro, correndo ao sepulcro, e se abaixando, não viu senão os panos atirados ao chão. E foi-se, admirando o que se passara. Pouco após o Senhor lhe apareceu; porque nesse mesmo dia os discípulos disseram aos que vieram de Emaús: O Senhor verdadeiramente ressuscitou, e apareceu a Simão. Assim, entre as santas mulheres, a primeira à qual o Salva-

dor apareceu, foi Maria Madalena, da qual havia expulso sete demônios. E entre os discípulos, o primeiro a quem concedeu a mesma honra foi Pedro, que o havia renegado, mas que chorava a falta.

Após várias aparições, Jesus manifestou-se novamente aos discípulos nas margens do mar de Tiberíades; e se manifestou assim: Simão Pedro e Tomé, chamado Dídico, Nataniel, que eram de Canaan, na Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois discípulos de Jesus que estavam juntos. Simão Pedro lhes disse: Vou pescar. Disseram-lhe êles: iremos contigo. E indo-se daí, subiram a uma barca; e nada pescaram naquela noite. Vindo a manhã, Jesus apareceu na margem: os discípulos não notaram que era Jesus. Jesus, então, lhes disse: Filhos, tendes algo de que comer? Êles lhe responderam: Não. Disse-lhes: Lançai a rêde à direita da barca, e encontrareis. Êles a lançaram e não podiam com o pêso, tantos eram os peixes. Então o discípulo, a quem Jesus amava, disse a Pedro: É o Senhor. Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, tomou sua túnica (pois estava nu), lançou-se ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, arrastando a rêde cheia de peixes, pois estavam afastados da terra mais de duzentos côvados. Quando desceram em terra, viram carvões acesos, com peixes em cima, e pão. Jesus lhes disse: trazei alguns dos peixes que acabastes de pegar. Simão Pedro subiu à barca e puxou para a terra a rêde, cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes. Apesar do grande pêso, a rêde não se rompeu. Jesus lhes disse: Vinde e comei. Nenhum dos que se puseram a comer ousavam perguntar: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, então, tomou do pão, e deu-lho, com o

peixe. Foi a terceira vez que Jesus apareceu aos discípulos, desde a sua ressurreição dos mortos.

Após terem comido, Jesus disse a Simão Pedro — Simão, filho de João, amas-me mais do que a êstes? Sim, Senhor, respondeu êle, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas. E lhe disse uma segunda vez: Simão, filho de João, amas-me? Sim, Senhor, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas. E lhe perguntou pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Pedro entristeceu-se porque lhe perguntava pela terceira vez e respondeu: Senhor, conheces tôdas as coisas; sabes que te amo. Jesus respondeu: Apascenta os meus cordeiros. Em verdade, em verdade te digo; quando eras jovem, tu mesmo te cingias, e ias aonde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá, e te levará aonde não queres. Ora, disse isso Jesus para indicar com que morte êle glorificaria a Deus.

"E quando assim falou, lhe disse: Segue-me. Pedro, voltando-se, viu o discípulo que Jesus amava, aquêle que, durante a Ceia, havia repousado sôbre o seu seio, e lhe havia dito: Senhor, quem vos trairá? Pedro, tendo-o visto, disse a Jesus: Senhor, e êste, que se tornará êle? Jesus lhe disse: Se eu quiser que fique assim como é, até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me. O rumor espalhou-se, entre os irmãos, de que êsse discípulo não morreria. Jesus, todavia, não havia dito: Êle não morrerá; mas, se quiser que fique assim até que eu venha, que te importa?

"É êsse mesmo discípulo que presta testemunho destas coisas, e que isto escreveu, e sabemos que seu testemunho é verdadeiro. Muitas coisas ainda Jesus

fêz; e se fôssem relatadas em pormenores, o mundo não caberia de livros". (1)

É assim que São João termina o seu Evangelho. O último fato que relata é a prerrogativa conferida a seu amigo. Pedro e João são os discípulos que Jesus mais amava. A êste confia sua mãe; àquele confia sua espôsa, a Igreja, que é uma aquisição de seu sangue. Fazia apenas um ano que dissera: És feliz, Simão, filho de João: Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja; e te darei as chaves do reino dos céus. Falava no futuro: era uma promessa. Hoje, fala no presente: Simão, filho de João, apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros. É uma instituição imperativa. É hoje que Pedro é efetivamente instituído, por Jesus Cristo, pastor supremo de seu único rebanho; os cordeiros, as ovelhas, as mães e os pequenos, os pastôres e as ovelhas, todos são submetidos ao seu báculo: é a êle que compete apascentá-los, vale dizer, instruí-los, governá-los, segundo o estilo da antiguidade sacra e profana, onde os reis são chamados pastôres dos povos. É hoje sòmente que êle é investido de sua dignidade soberana e das graças que o Senhor quis conceder-lhe. Quando renegou três vêzes o mestre não era ainda chefe da Igreja, mas sòmente designado para sê-lo. A queda foi do homem, não do pastor. Há mais: não será instituído pastor supremo senão expiando as três negações por três atos de um amor maior do que o dos outros. Vigário de Jesus Cristo pela autoridade, sê-lo-á ainda mais pelo gênero de morte: morreu como êle sôbre a cruz, de mãos estendidas e transpassadas pelos pregos.

---

(1) João, XXI, 1-25.

Após a Ascensão do Senhor, os discípulos regressaram cheios de alegria do monte das oliveiras a Jerusalém, e, entrando na casa, subiram ao quarto de cima, onde permaneciam Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Cananeu, e Judas, irmão de Tiago. Todos ali perseveravam unânimemente na oração com as piedosas mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e seus irmãos ou parentes. (1)

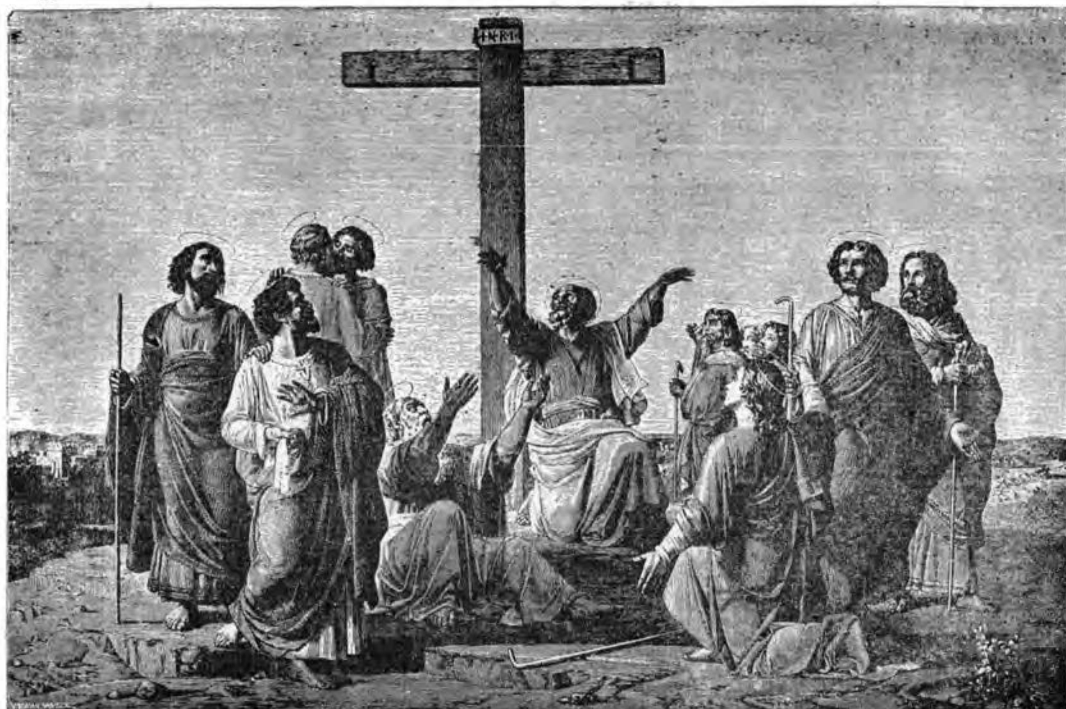
Jesus havia ordenado aos apóstolos que se não afastassem de Jerusalém, mas ali esperassem a promessa do Pai, a virtude do Espírito Santo que devia descer sôbre êles. Foi nesses dias de espera que Pedro empregou, pela primeira vez, a autoridade de que estava revestido. O Salvador havia escolhido doze apóstolos, segundo as doze tribos de Israel; êsse número sagrado não mais estava completo desde a traição de Judas, seguida de seu enforcamento. Convinha dar-lhe um sucessor. "Pedro, sem dúvida alguma, diz o doutor mais célebre de todo Oriente, São Crisóstomo, teria podido, êle só, fazer tal escolha, visto que o Senhor, com estas palavras: *Fortalece teus irmãos,* havia colocado a todos sob seu poder. Todavia, por condescendência, pediu o julgamento à multidão, a fim de tornar-lhe mais venerável aquêle que ela escolhesse, e para não excitar a inveja." (2)

Realizou-se então uma assembléia, onde se reuniram cêrca de cento e vinte homens, e, relembrando a funesta sorte de Judas, bem como o campo de

---

(1) Act., I, 9-14.

(2) Chris. Homil. 3, in Act. apost. n. 2 e 3. Ver ainda uma outra homília, que se crê ser de São Gregório de Nissa, Comb. Bibliot. PP. concionat., t. VII, p. 22.



Os apóstolos, reunidos ao pé da cruz, separam-se para levar o Evangelho às nações. Segundo uma pintura de Ch. Gleyre.
Século XIX.

sangue comprado com o preço de sua traição, Pedro decidiu que era mister tomasse outro o seu cargo de bispo; depois, estabeleceu que o eleito deveria sair daqueles que sempre haviam estado com Jesus Cristo, a fim de poder prestar testemunho de sua ressurreição. A assembléia apresentou dois, José Barsabás, chamado Justo, e Matias. Como pareciam ambos igualmente dignos, resolveram, após fervorosa prece, lançar a sorte, que recaiu sôbre Matias; e desde êsse momento o discípulo foi contado entre os apóstolos, e tornou-se participante de tôdas as suas prerrogativas. (1)

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo desceu sôbre os apóstolos, e Pedro fêz a primeira pregação, que converteu três mil homens. Havendo curado um paralítico de nascimento, fêz uma segunda prédica, que não foi menos eficaz do que a primeira; porque, sem contar as mulheres e as crianças, que deveriam ser numerosas, converteram-se cinco mil homens.

Pedro e João falavam ainda ao povo, quando surgiram os sacerdotes, o comandante militar do templo e os saduceus, que não podiam tolerar ensinassem ao povo, e ensinassem a ressurreição dos mortos na pessoa de Jesus. E havendo-os aprisionado, lançaram-nos num calabouço até o dia seguinte, porque já se fazia tarde. No outro dia, reuniram-se em Jerusalém os príncipes, os senadores e os doutôres da lei, com Anás, o sumo sacerdote, Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da casta pontifical. E fazendo-os virem à sua presença, interrogaram-nos: Por que poder e em nome de quem fizestes isso?

(1) Act. I, 15-26.

Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Príncipes do povo, e senadores de Israel, escutai: Desde que se nos pergunta qual a razão por que fizemos bem a êste homem impotente, e se quer saber de que maneira foi curado, sabei vós todos; bem como o povo de Israel, que é em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que vós crucificastes, e que Deus ressuscitou dos mortos; sim, foi em seu nome que êste homem ficou curado diante de vós. Êle é a pedra rejeitada por vós, arquitetos, que foi feita pedra angular. E não há salvação senão nêle porque nenhum outro nome abaixo do céu foi dado aos homens, por aquêle, pelo qual devíamos ser salvos.

Ora, vendo a ousadia de Pedro e de João, conhecendo, por outro lado. que eram homens ignorantes e do comum do povo, ficaram pasmados. Sabiam também que haviam estado com Jesus; e, como vissem de pé junto dêles o homem que havia sido curado, nada tinham a objetar. Entretanto, ordenaram que saíssem do conselho, e puseram-se a deliberar entre si, dizendo: Que faremos a êstes homens? Porque, por seu intermédio, se operou um milagre que é conhecido de todos os habitantes de Jerusalém; isto é manifesto e não podemos negá-lo. Mas para impedir que o rumor se alastre ainda mais entre o povo, devemos proibi-los, com ameaças, de falar nesse nome seja a quem fôr. E, chamando-os, proibiram-nos de falar fôsse de que maneira fôsse, e ensinar em nome de Jesus. Mas Pedro e João, respondendo, lhes disseram: Julgai vós mesmos o que é justo diante de Deus, obedecer a vós ou a Deus; porque, quanto a nós, não podemos senão dizer as coisas que vimos e ouvimos. Mas êles os despediram

com ameaças, não sabendo como puni-los por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera. Porque o homem que havia sido curado tinha mais de quarenta anos. Soltos uma vez, foram até os seus e lhes relataram o que os príncipes dos sacerdotes e os senadores lhes haviam dito. Tendo-os ouvido, levantaram unânimemente a voz a Deus, e quando tinham orado, o lugar onde estavam reunidos estremeceu; e êles se encheram do Espírito Santo; e anunciaram a palavra de Deus com segurança.

Entre os que vendiam os bens e levavam o preço aos apóstolos, por um voto que haviam feito livremente, como explicam os santos Padres, louva-se principalmente a fidelidade de José, levita, cipriota de nacionalidade, que os apóstolos chamaram Barnabé, ou filho de consolação. Mas lembra-se também o castigo com que Deus puniu a fraude de Ananias e sua mulher Safira. Tendo vendido um de seus campos, Ananias resolveu, de acôrdo com sua mulher, reter secretamente uma parte do preço, e colocar o resto aos pés dos apóstolos, como se fôsse tudo. Mas Pedro disse: Ananias, por que tentou Satanás teu coração para mentires ao Espírito Santo, e fraudar sôbre o preço do campo? Em o conservando, não permanecerá teu, e, uma vez vendido não está êle em teu poder? Por que então formulaste êste propósito em teu coração? Não mentistes aos homens, mas a Deus. Ouvindo tais palavras, Ananias caiu e expirou; e um grande temor se espalhou entre os que ouviram falar tais coisas. E alguns jovens, levantando-se, o levaram e sepultaram. Ora, aconteceu, três horas após, que sua mulher, não sabendo o que se passara, entrou. E Pedro lhe disse: Mulher,

dize-me: Vendestes por tanto o vosso campo? Ela respondeu: Sim, vendemos por tanto. Então, Pedro lhe disse: por que combinastes tentar o Espírito do Senhor? Eis que, à porta, estão os que enterraram teu marido, e que também irão levar-te. Imediatamente, ela caiu-lhe aos pés e expirou. Quando entraram os jovens, encontraram-na morta, levaram-na e a enterraram com o marido. E um grande temor se espalhou por tôda a Igreja e sôbre todos que ouviram essas coisas.

Entretanto, o sumo sacerdote era ainda Caifás, e todos os que, como êle, eram da seita dos saduceus, se encheram de cólera. Lançaram mão sôbre os apóstolos e os encerraram numa prisão pública. Mas um anjo do Senhor abriu a porta durante a noite; e, fazendo-os sair, disse-lhes: Ide ao templo e pregai ousadamente ao povo tôdas as palavras desta doutrina de vida. Ouvindo isso, entraram no templo logo de manhã e ali ensinaram.

Ora, Caifás e todo o sinédrio se haviam reunido e enviaram os guardas à prisão, que foi encontrada vazia. Mas chegou alguém que lhes disse: Eis que os homens que havíeis aprisionado estão no templo e ensinam o povo. Então o comandante partiu com os guardas, e os levou sem violência, pois temiam ser apedrejados pelo povo. Quando chegaram à presença do sinédrio, o príncipe dos sacerdotes os interrogou, dizendo: Não vos havíamos expressamente proibido ensinar neste nome? E eis que enchestes Jerusalém com vossa doutrina; e quereis fazer cair sôbre nós o sangue dêste homem. Mas Pedro, respondendo, com os outros apóstolos, disse: É mister

obedecer a Deus antes que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, que vós levastes à morte, pregando-o na cruz. Deus elevou-o a Príncipe e Salvador, para levar Israel ao arrependimento e à remissão dos pecados. E nós somos testemunhas do que dizemos, nós e o Espírito Santo que Deus deu aos que lhe obedecem.

A essas palavras, encheram-se de cólera, e deliberaram levá-los à morte. Mas, após as observações de um fariseu Gamaliel, mudaram de opinião, e, chamando os apóstolos, mandaram açoitá-los e proibiram-lhes falar no nome de Jesus, e os deixaram ir. Êles foram, então, cheios de alegria para fora do sinédrio, porque haviam sido julgados dignos de sofrer um ultraje pelo nome de Jesus. E todos os dias não cessavam de ensinar e anunciar o nome de Jesus quer no templo, quer nas casas. (1)

Após o martírio de Santo Estêvão, o diácono São Filipe, foi à Samaria, onde converteu grande número de pessoas. Ora, quando os apóstolos ouviram, em Jerusalém, que a Samaria havia recebido a palavra de Deus, enviaram Pedro e João, que, ali chegando, oraram por êles, para que recebessem o Espírito Santo; porque ainda não descera sôbre nenhum dêles; mas haviam sido ùnicamente batizados em nome do Senhor Jesus. Então lhes impuseram as mãos, e êles receberam o Espírito Santo.

Quando Simão (o Mago), viu que o Espírito Santo havia sido dado pela imposição das mãos dos

(1) Act. V.

apóstolos, ofereceu-lhe dinheiro e lhes disse: Dai-me também êste poder, para que recebam o Espírito Santo aquêles em quem eu impuser as mãos. Mas, Pedro lhe disse: Pereça o teu dinheiro contigo, já que acreditaste que o dom de Deus pode ser adquirido com dinheiro! Não tens parte nem herança neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Faze, pois, penitência pela tua malícia, e pede a Deus que te perdoe, se lhe fôr possível, êste pensamento de teu coração. Porque vejo que estás cheio de um fel muito amargo e embaraçado no laço da iniqüidade.

Saulo de Tarso havia sido convertido no caminho de Damasco, cidade que abandonara para ir a Jerusalém. "Veio, como êle mesmo disse, *para ver Pedro,* e vê-lo segundo a fôrça do original, como se vai ver uma coisa cheia de maravilhas e digna de ser procurada; contemplá-lo, estudá-lo, diz São João Crisóstomo, e vê-lo como o maior, e como o mais antigo, diz o mesmo Padre. (1) Vê-lo, todavia, não para instruí-lo, pois Jesus Cristo o instruíra pessoalmente por uma revelação expressa, mas para dar a forma aos séculos futuros, e para que ficasse estabelecido, para sempre, que todo douto, todo santo fizesse como São Paulo: é preciso ver a Pedro." Estas as palavras de Bossuet. (2)

Ora, aconteceu que Pedro, visitando, de cidade em cidade, todos os discípulos, chegou aos santos

(1) In Epist. ad Gal., c. 1, n. 11.

(2) Discursos sôbre a unidade da Igreja.

que moravam na Lida, antigamente Dióspolis. E encontrou um homem chamado Enéias, que, desde os oito anos, estava deitado num leito, paralítico que era. E Pedro lhe disse: Enéias, o Senhor Jesus Cristo te curou: Levanta-te e faze tu mesmo o teu leito; e êle se levantou imediatamente. E todos os que habitavam a Lida e os campos de Saron se converteram ao Senhor.

Havia também em Jope, entre os discípulos, uma mulher chamada Tabita, em grego, Dorcas, isto é, cabra selvagem. Grande número de boas ações lhe caracterizavam a vida e ela fazia grandes esmolas. Ora, aconteceu que, caindo enfêrma, morreu, e após ser lavada, foi colocada numa cripta. Mas como Lida ficasse perto de Jope, os discípulos, sabendo que Pedro lá estava, mandaram dois homens pedir-lhe se apressasse em vir junto dêles. E Pedro, levantando-se, foi com êles. E, quando chegou, conduziram-no para a cripta. E lá tôdas as viúvas se reuniram em tôrno dêle, chorando e mostrando-lhe as túnicas e as vestimentas que lhes fizera Dorcas. Pedro, fazendo sair todos, pôs-se de joelhos e orou: depois, voltando-se para o corpo, lhe disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos; e vendo Pedro, sentou-se. Então Pedro, dando-lhe a mão, ajudou-a a levantar-se; chamando em seguida os santos e as viúvas, entregou-lha viva. Ora, êsse milagre ficou conhecido em tôda a cidade de Jope e grande número de pessoas se converteu ao Senhor. E Pedro permaneceu muitos dias em Jope, em casa de um curtidor chamado Simão. (1)

---

(1) Act., IX, 32-43.

Pedro foi o primeiro em converter judeus; será o primeiro em receber os gentios; o primeiro em tôda a parte.

Havia em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião numa coorte da legião chamada italiana, religioso e temente a Deus, com tôda a família, fazendo muitas esmolas ao povo e orando a Deus sem cessar. Viu manifestamente numa visão, cêrca da nona hora do dia, um anjo do Senhor que lhe disse: Cornélio! Vendo, o anjo, êle atemorizou-se, e disse: Como, Senhor? Tuas preces e tuas esmolas subiram ao trono de Deus e fazem lembrança de ti. E agora envia homens a Jope e faze vir um certo Simão, chamado Pedro. Está hospedado na casa de Simão, o curtidor, que fica perto do mar; é êle que vos dirá o que é necessário fazer. E quando o anjo se retirou, êle chamou dois de seus criados e um soldado temente a Deus, do número de seus comandados; e, relatando-lhes a visão, enviou-os a Jope.

Ora, no dia seguinte, quando estava a caminho e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao alto da casa ou sôbre a plataforma, cêrca da sexta hora, para orar. Quando teve fome, quis comer. Mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase: viu o céu aberto, e como que uma grande toalha suspensa pelos quatro cantos, que descia do céu à terra e onde havia tôda a sorte de quadrúpedes campestres, animais selvagens répteis e pássaros do céu. E uma voz chegou a êle: Levanta-te, Pedro, imola e come! Mas Pedro respondeu: Não olho, Senhor, porque jamais comi o que era impuro ou imundo. E a voz, uma segunda vez, lhe disse: Não chames impuro o que Deus purificou. Isto se repetiu

três vêzes, e imediatamente a toalha foi retirada para o céu.

E enquanto Pedro hesitava sôbre a significação da visão, eis que os homens que Cornélio havia enviado, tendo indagado acêrca da casa de Simão, se apresentaram à porta. E, chamando a gente da casa, perguntaram se era ali que se alojava Simão, chamado Pedro. Ainda pensando na sua visão Pedro escutou a voz do Espírito Santo que lhe dizia: Eis três homens que te procuram. Levanta-te, desce e não hesites em ir com êles, porque fui eu que os enviei. Imediatamente, Pedro desceu até os homens e lhes disse: Eis-me aqui; sou aquêle que procurais; dizei-me a causa pela qual me procurais. Êles responderam: Cornélio, centurião, homem justo e temente a Deus, conforme testemunho de tôda a nação judaica, foi advertido por um anjo para que vos fizesse vir à sua casa e escutar o que tendes a dizer. Pedro, então, mandou-os entrar, hospedou-os e, no dia seguinte, partiu com êles. E alguns irmãos de Jope, eram seis, foram com êles. E um dia após chegaram a Cesaréia.

Cornélio, que os esperava, havia reunido os parentes e amigos. Quando Pedro entrou, Cornélio foi-lhe ao encontro, e lançando-se-lhe aos pés, adorou-o. Mas Pedro fê-lo erguer-se, dizendo: Levanta-te, eu também sou homem. E, com êle palestrando, entrou na casa, onde encontrou grande número de pessoas reunidas. E êle lhes disse: Sabeis como é odioso a um judeu unir-se a um estrangeiro, e entrar na sua casa; mas Deus ensinou-me a não chamar profano ou impuro a homem algum. Eis porque vim a vós, no momento em que me chamastes. Pergunto-vos, pois, por que me haveis chamado? Cornélio

respondeu: Estando em oração, há quatro dias, em minha casa, pela hora nona, eis que um homem vestido de branco apareceu diante de mim e me disse: Cornélio, tua prece foi ouvida, e Deus lembrou-se de tuas esmolas. Envia pessoas a Jope e faze vir Simão, chamado Pedro; está alojado em casa de Simão, o curtidor, perto do mar. Quando vier, êle te falará. Mandei meus empregados imediatamente e fizeste-me a graça de vir. Agora, pois, eis que todos estávamos diante de Deus, e de ti, para ouvir tudo o que o Senhor te ordenou a falar-nos.

Então Pedro abriu a bôca e disse: Em verdade, vejo que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em tôda nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável. É o que Deus fêz ouvir aos filhos de Israel, anunciando-lhes a paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos. Sabeis o que aconteceu em tôda a Judéia, a começar pela Galiléia, após o batismo que João pregou; sabeis como Deus ungiu com o Espírito Santo e a fôrça Jesus Cristo, que ia de lugar em lugar, fazendo bem e curando todos os que estavam sob o poder do demônio, por que Deus estava com êle. E fomos testemunhas de tôdas as coisas que fêz na Judéia e em Jerusalém. Entretanto, êles o levaram à morte, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia, e quis que êle se manifestasse, não a todo o povo, mas às testemunhas pré-ordenadas de Deus; a nós, que comemos e bebemos com êle, depois que ressuscitou dos mortos. E êle nos ordenou pregar ao povo e testemunhar que foi instituído por Deus, o juiz dos vivos e dos mortos. Todos os profetas lhe prestaram êsse testemunho, para todos os que nêle cressem receberem por seu nome a remissão dos pecados.

Pedro falava ainda, quando o Espírito Santo desceu sôbre todos os que escutavam a palavra. E os fiéis circuncisos, que haviam vindo com Pedro, ficaram pasmados ao ver a graça do Espírito Santo infundir-se também nos gentios; porque os viam falando diversas línguas e glorificar a Deus. Então Pedro disse: Podemos recusar a água do batismo aos que já receberam o Espírito Santo como nós? E ordenou que os batizassem em nome do Senhor. Então, pediram-lhe que permanecesse alguns dias com êles. (1)

Assim, o primeiro da gentilidade que entrou na Igreja cristã foi um homem de guerra, um centurião romano. Seu nome é o nome da família dos Cipiões e o da mãe dos Gracos, cuja posteridade veremos produzir grande número de santos. E é Pedro que lhe abre a porta da Igreja e do Céu. É a Pedro sòmente que Deus revelou primeiramente o mistério da reunião dos judeus e dos gentios numa só Igreja, num só redil: o mistério mais difícil de crer ao comum dos fiéis educados nas máximas do judaísmo.

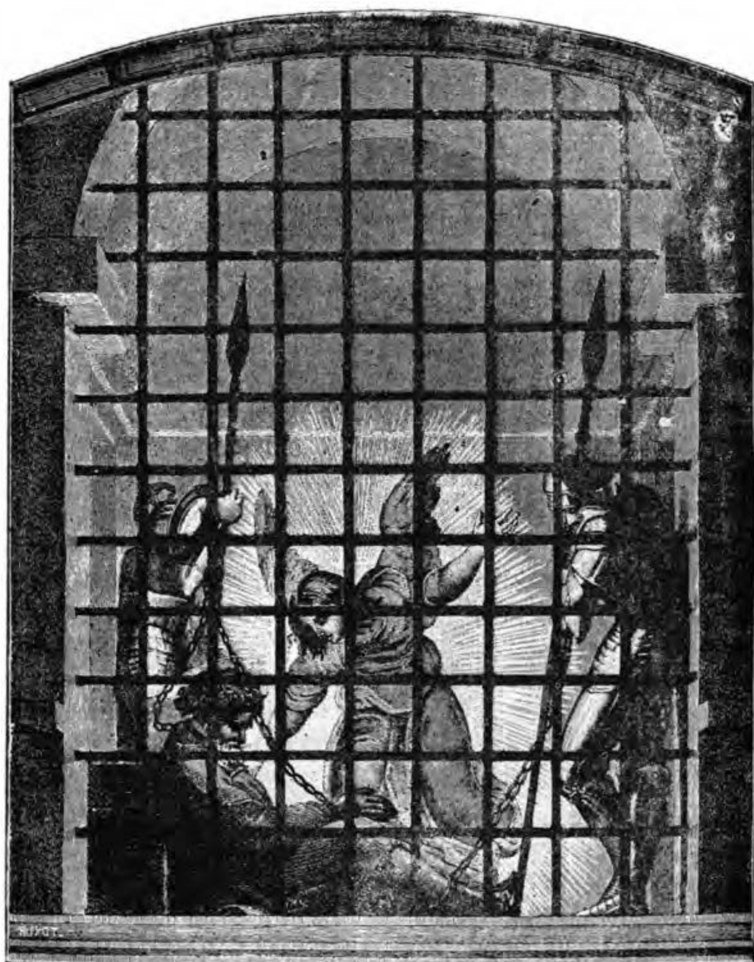
Quanto às viagens do chefe dos apóstolos, depois que êstes se dispersaram, São Pedro fundou primeiramente a Igreja de Antioquia, cidade de que foi o primeiro bispo; em seguida foi à Roma, e pregou o Evangelho às margens do Tibre, e também desta cidade foi o primeiro bispo, até sua morte. Eis o que se lê, no terceiro ano de Calígula, ano quarenta da era vulgar, na crônica de Eusébio, restaurada sôbre a versão armênia. Êstes dois episcopados de São Pedro foram, em todos os tempos, tão célebres na Igreja, que, desde os primeiros séculos, a cátedra

(1) Act., X.

de São Pedro em Antioquia e a cátedra de São Pedro em Roma se tornaram duas festas solenes. Crê-se comumente que êste apóstolo foi sete anos bispo em Antioquia e vinte e cinco anos em Roma. São Jerônimo nos ensina que foi levado à morte trinta e sete anos após a crucificação do Salvador, que os mais doutos dos antigos e modernos colocam no ano 29 da era vulgar, tendo o Salvador nascido quatro ou cinco anos antes desta era. De maneira que o episcopado de São Pedro em Antioquia teria começado cêrca de cinco anos, e seu episcopado em Roma cêrca de doze anos após a morte de Jesus Cristo. Isso não quer dizer que permanecesse contìnuamente em tais cidades; porque vemos, pela sua primeira epístola e pelo testemunho de Eusébio, que antes de ir a Roma, pregou o Evangelho no Ponto, na Galácia, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia Menor, dirigindo-se aos judeus e aos gentios, mas particularmente aos primeiros.

São Pedro foi ainda aprisionado mais de uma vez: vê-lo-emos, em pormenores, em primeiro de agôsto, dia em que a Igreja celebra a festa de São Pedro na prisão.

Em Roma, São Pedro escreveu a primeira epístola às igrejas que havia fundado na Ásia. Sem deter-se em nenhum dogma particular, fala em geral a todos os cristãos de sua vocação, e dos deveres que lhes são inerentes. Conclui com estas palavras: A Igreja que está em Babilônia, que é eleita como vós, e meu filho Marcos, vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com o santo beijo da caridade. A graça esteja com vós todos que estais em Jesus Cristo. Amém.



São Pedro livre da prisão por um anjo. Segundo uma pintura a fresco de Rafael, no Vaticano. Século XVI.

Essa Babilônia, a que se refere Pedro, e cuja Igreja saúda os cristãos da Ásia, é Roma idólatra. Assim o entendeu tôda a cristandade antiga. São João, o amigo particular de Pedro, designa-a com o mesmo nome e lhe dá caracteres que permitem identificá-la: *é a cidade dos sete montes, a grande cidade que impera sôbre todos os reis da terra,* e que *está embriagada do sangue dos mártires de Jesus.* (1)

A mudança de nome nos indica o mistério, o nó de tôda a história humana. Roma, Babilônia, é no fundo a mesma cidade, a capital do mesmo império, a cabeça dêsse império universal que passou sucessivamente dos assírios aos persas, dos persas aos gregos, dos gregos aos romanos, e cujos pés começam atualmente a ser feridos pela pedra desprendida da montanha. O próprio nome Babilônia, que quer dizer confusão, lhe convinha melhor então do que o de Roma, que quer dizer fôrça. Porque a fôrça, concentrada na mão dos césares, não se prestava senão à confusão.

Maravilhoso contraste! Na mesma época, Sêneca, filósofo eloqüente, rico, preside à educação de um novo imperador, e Pedro, pescador da Galiléia, ignorante, sem dinheiro, sem crédito, preside à educação de um novo gênero humano. O discípulo de Sêneca foi Nero; o discípulo de Pedro foi o universo cristão. Lêde as obras de Sêneca e encontrareis, a cada passo, frases admiráveis pelo sentido e pela expressão; procurai um conjunto, e não encontrareis senão uma confusão sem fôrça nem consistência; as partes são tudo e o todo nada é. O pescador Pedro,

(1) Apoc. XVII.

numa só epístola, estabeleceu os princípios eternamente fecundos da regeneração universal, ensinando aos homens que devem ser filhos de Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, e que devem mostrar-se dignos dessa divina adoção. Duas ou três linhas são suficientes para assegurar os fundamentos da sociedade humana. "Temei a Deus, respeitai o rei; amai vossos irmãos, honrai a todos. Por causa de Deus, ou, segundo o grego, por causa do Senhor, submetei-vos a tôda criatura, a tôda constituição humana: seja ao rei, como o mais alto na hierarquia; seja aos governadores, como enviados dêstes, para a punição dos que fazem mal e recompensa dos que fazem o bem." É por causa de Deus, pela glória de sua lei santa, que é mister submeter-nos a tôda a espécie de constituição pública; é por causa de Deus, diz muito bem um dos mais ilustres sucessores de São Pedro, e não contra Deus; porque então se nos depara a palavra de Pedro: é mister obedecer a Deus antes que aos homens. (1)

O apóstolo diz, ao fim de sua epístola: Marcos, meu filho, eu vos saúdo. Trata-se do evangelista São Marcos, seu discípulo e intérprete ou secretário. Escreve o Evangelho a pedido dos fiéis de Roma, que desejavam ter por escrito o que São Pedro lhes havia pregado de viva voz. Seguiu, por isso, mais a ordem das pregações do apóstolo, do que a ordem cronológica dos fatos. E passa em silêncio o que havia de mais honroso para seu mestre, como estas palavras que lhe disse Jesus Cristo: Tu és feliz, Simão, filho de João; e relata, pelo contrário, em

(1) Ep. Nicolau, II, ad episcop.

pormenores as suas três negações. Vê-se que não é o espírito do homem que inspira o mestre ou o discípulo. Pedro, tendo sabido por revelação o que se havia passado, rejubilou-se com a afeição dos fiéis, e autorizou êste escrito para ser lido nas igrejas. (1)

Roma era a capital do mundo, em particular do Ocidente: Pedro ali funda a Igreja Romana e ali coloca a sua cátedra, para apascentar as ovelhas e os cordeiros de Jesus Cristo, de sorte que houvesse, para o universo, um só rebanho e um só pastor. Antioquia era a capital do Oriente: Pedro havia para lá levado sua sede. Alexandria era a capital do Egito e do Midi: Pedro para lá envia Marcos, seu discípulo, para fundar uma Igreja em seu nome. E essas três Igrejas serão chamadas eminentemente patriarcais e apostólicas, por causa da eminente dignidade de Pedro. É tão constante isso, que no século V um imperador e um concílio ecumênico, querendo propiciar a dignidade de patriarca ao bispo da nova Roma ou de Constantinopla, pediram-na nestes têrmos ao sucessor de Pedro: Dignai-vos estender até a Igreja de Constantinopla um raio de vosso primado apostólico." (2)

O que faz ver que, no pensamento da Igreja, o patriarcado não passa de um ramo do primado de São Pedro, cuja plenitude reside na sede de Roma.

Foi de Roma ainda que São Pedro enviou os discípulos para diversas regiões do Ocidente; e é um fato, universalmente admitido entre os antigos, que não foi fundada nenhuma igreja em tôda a Itália, nas Gálias, nas Espanhas, na África, na Sicília e nas

---

(1) Euseb. Hist. l. II, c. XIV.

(2) Carta do Conc. de Calced. a São Letão, t. IV, Concil. col. 817.

ilhas circunvizinhas senão por aquêles que o Apóstolo Pedro, ou seus sucessores, haviam constituído bispos. (1)

Segundo acôrdo entre os apóstolos, Pedro estava especialmente encarregado da conversão dos judeus, e Paulo da dos gentios. Um dia Paulo, no interêsse de seus pupilos, censurou Pedro por exigir demais dos seus com relação à circuncisão e outros pontos semelhantes. Pedro recebeu humildemente a censura, conquanto fôsse chefe de tôda a Igreja e soberano pastor do rebanho. Esta é a reflexão dos Padres, entre os quais, São Cipriano e Santo Agostinho.

A questão reabriu-se, algum tempo depois, e os apóstolos e os sacerdotes reuniram-se em Jerusalém para considerar o problema. Ora, suscitando-se uma grande disputa, Pedro levantou-se e disse: Meus irmãos: sabeis que há muito Deus me escolheu dentre vós, a fim de que as nações ouvissem, por minha bôca, as palavras do Evangelho, e que cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes rendeu testemunho. dando-lhes o Espírito Santo bem como a nós. Não estabeleceu diferenca entre nós e êles, tendo purificado os seus corações pela fé. Agora, por que tentais a Deus, impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós podemos carregar? Mas cremos que é pela graça do Senhor Jesus Cristo que seremos salvos, bem como êles. (2)

Assim falou Pedro. Não decide precisamente, faz mais: mostra que, há longo tempo, e pelo seu ministério, Deus havia decidido a questão e dado a

(1) Epist. Inn. I. ad Decent.

(2) Act., XV, 1-11.

entender que nem os gentios, nem mesmo os judeus estão obrigados à circuncisão, mas obtém a salvação pela fé em Jesus Cristo.

Tôda a multidão se calou; e escutava Barnabé e Paulo, relatando quantos milagres e prodígios Deus havia operado, por seu intermédio, entre as nações. E tendo-se êles calado, Tiago respondeu: Meus irmãos, escutai-me. Simão relatou como Deus começou a considerar favoràvelmente as nações, para escolher entre elas um povo consagrado a seu nome. E as palavras dos profetas com elas estão conforme, segundo está escrito: Após isto, voltarei e reconstruirei o tabernáculo de Davi que ruiu; repararei as ruínas e o reerguerei. A fim de que o resto dos homens e tôdas as nações sôbre as quais é invocado o meu nome, procurem o Senhor, diz o Senhor que faz estas coisas. (1)

Desde a eternidade Deus conhece a obra. Eis porque julgo não ser necessário inquietar os que se convertem a Deus entre as nações; mas escrever-lhes que se abstenham da mancha da idolatria, da fornicação, das carnes sacrificadas e do sangue. Porque, quanto a Moisés, desde os tempos pagãos, há em tôdas as cidades dos homens quem pregue nas sinagogas, onde é lido cada dia de sábado.

Aprouve, então, aos apóstolos e aos sacerdotes, com tôda a Igreja, escolher dentre êles alguns para serem enviados a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, que era dos principais entre os irmãos. E escreveram esta carta: "Os apóstolos, os sacerdotes e os irmãos, aos irmãos dentre as nações que estão em Antioquia,

---

(1) Amos, IX-11.

na Síria, e na Cilícia, saudação: Ouvimos que alguns, vindo dentre nós, vos perturbaram com suas palavras e vos alarmaram a alma, dizendo que era necessário circuncidar-se e guardar a lei, sem que nós lhes houvéssemos dado ordem; aprouve-nos, unidos que estamos num mesmo espírito, enviar-vos pessoas escolhidas, com os nossos caríssimos Barnabé e Paulo, que expuseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos então Judas e Silas, os quais vos farão ouvir as mesmas coisas de viva voz. Porque pareceu bom ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor outras cargas além das que são necessárias: absterdes-vos do que houver sido sacrificado aos ídolos, e do sangue, e das carnes, e da fornicação; disto tudo deveis guardar-vos. Felicidades." (1)

Tal foi a ocasião e a forma do primeiro concílio. Uma grande contestação se levanta sôbre a doutrina em Antioquia. Imediatamente é levada ao lugar onde está Pedro, o príncipe dos apóstolos, com alguns de seus colegas. Êstes se reúnem aos sacerdotes e anciãos. Quem foram êsses sacerdotes e anciãos, São Lucas nos dá a conhecer quando diz que São Paulo os ordenava em cada igreja, pela imposição das mãos, acompanhada de preces e jejuns. Vê-se que eram os primeiros pastôres regularmente ordenados. Segundo o sentimento mais comum e antigo, cada um dos apóstolos, por conseguinte o seu chefe também e sobretudo, tinha o dom da infalibilidade. Mas convinha dar o exemplo aos concílios futuros. Começou-se, pois, pelo exame, pela discussão, que foi grande. Pedro fala e todos se calam: Pedro

(1) Act., XV, 12-29.

coloca como fundamento a revelação que lhe havia sido feita sôbre a vocação dos gentios. Paulo e Barnabé relatam as seqüências maravilhosas dessa vocação. Tiago, bispo de Jerusalém, concordando com a sentença de Pedro, mostra que ela se apóia nos profetas e propõe uma aplicação prática, que devia facilitar a reunião dos dois povos em um. O decreto do concílio é o decreto do Espírito Santo e da Igreja: é enviado às outras igrejas particulares, não mais para ser examinado, mas para ser executado.

O que representava Jerusalém pela presença de Pedro e de alguns dos mais ilustres discípulos, representa Roma como sede dos sucessores do mesmo Pedro, assistido sempre por homens eminentes em dignidade e doutrina. E como a contestação sôbre as cerimônias legais foi levada a Jerusalém onde estava Pedro, do mesmo modo é lei inviolável da Igreja levar a Roma as causas difíceis da fé. E como, ao primeiro som da voz de Pedro, se acalmaram em Jerusalém tôdas as disputas, da mesma maneira devem cessar as contendas, desde que o mesmo Pedro falou pela bôca de seus sucessores. Enfim, como a decisão saída de Jerusalém, ainda que não fôsse formulada num concílio realmente ecumênico, foi, todavia, proposta e aceita como oráculo do Espírito Santo, do mesmo modo os concílios particulares de Roma, sob a autoridade dos pontífices romanos, tem, nas suas definições, a fôrça dos concílios ecumênicos, aos quais nenhum católico recusa uma autoridade soberana e infalível.

Não sabemos se antes ou após São Paulo, ou com êle, no ano 65, São Pedro voltou à Itália e a Roma. O que é certo e atestado por tôda a tradição, é que, pelos últimos anos de Nero, os dois apóstolos

foram a Roma, ali pregaram a fé de Jesus Cristo, ali estenderam a religião, ali conquistaram para o céu grande número de eleitos e sofreram numerosas e violentas perseguições, e receberam enfim, com morte gloriosa, a coroa e a palma do martírio. Sua viagem foi precedida de revelações do Espírito Santo, que lhes ordenou se dirigissem a esta cidade, como campo de seus derradeiros combates e triunfo. Se jamais a Igreja romana havia tido necessidade de sua assistência, tinha-o certamente então.

Nero, desgostoso com a rusticidade e a demasiada simplicidade dos antigos edifícios de Roma, a estreiteza e tortuosidade das ruas, quis, por puro capricho e brutalidade, proporcionar-se divertimento tão original quanto cruel; na esperança ainda de apoderar-se, por êsse meio, dos imensos tesouros e das coisas preciosas que viriam à luz do dia nos escombros, tomou a estranha e bárbara resolução de entregar a metrópole do universo às chamas. O incêndio durou seis dias; as devastações foram tão terríveis, que, dos catorze quarteirões que compunham a Roma de então, quatro sòmente permaneceram intatos, três foram totalmente destruídos, e dos sete restantes, não ficou mais que uma montanha de escombros fumegantes. O tirano contemplava a tragédia do alto de uma tôrre, e, vestido com indumentária teatral, entoava um poema que havia composto sôbre a tomada de Tróia. Mas em breve, desaparecendo talvez um pouco do seu frenesi, arrependeu-se de ação tão detestável, e fêz o que pôde para lavar as mãos da infâmia e tirar ao povo a persuasão de que era êle o autor de tão horrenda catástrofe. Como não era possível, — os romanos estavam por demais con-

vencidos do contrário, — quis fazer cair o ódio sôbre os cristãos.

Vemos, por Tácito e Suetônio, qual a idéia que os pagãos faziam dos cristãos. Êsses dois escritores os representam como seita perniciosa, digna do ódio do gênero humano, fundada na Judéia por Cristo, que Pôncio Pilatos levou à morte, espalhada em seguida em Roma, onde, como numa sentina, se reuniam tôdas as infâmias do universo.

Na certeza de que creriam fàcilmente que gente tão detestável seria capaz de tôdas as abominações, o tirano lançou a culpa do pavoroso incêndio sôbre êles. Mandou prender primeiramente os que faziam profissão mais aberta do cristianismo; e, por seu intermédio, descobriu imensa multidão de outros, que condenou aos mais horríveis suplícios. Uns, cobertos com peles de feras, eram dilacerados e devorados pelos cães; outros pregados na cruz; outros envoltos em piche ou outras matérias inflamáveis, e atados ao longo das ruas, em estacas que lhes transpassavam a garganta; depois, ao cair da noite, ateavam-lhes fogo, a fim de se consumirem insensìvelmente, servindo de tochas noturnas. Durante êsse tempo Nero, vestido de cocheiro, celebrava nos seus jardins, e rodeado da mais vil populaça, conduzia pessoalmente um carro ao clarão dos fachos macabros. (1)

O triste espetáculo, a que faz alusão Juvenal em sua primeira sátira, encheu de compaixão os próprios gentios, que não podiam ver sem pena a imolação dos infelizes, não pela utilidade pública, mas para o cruel divertimento de um só homem.

---

(1) Tácit., Annales, I. XVI. Suet., Nero.

Tal foi a primeira perseguição que enfrentou a Igreja construída sôbre a pedra; o inferno, por intermédio de Nero, tentou prevalecer contra ela; mas é dêsse campo de batalha, de Roma, que depois a Igreja governa o mundo. Os que a atacaram nos séculos seguintes, políticos, hereges, cismáticos, ateus, não conseguiram maior êxito do que o predecessor Nero.

Nero dedicava-se com paixão à magia. Sabemos, por Plínio, que imaginava poder dar ordens, com os seus encantamentos, aos próprios deuses. (1)

Se, para arrancar os mais secretos mistérios da arte, era mister procurá-los nas entranhas fumegantes das vítimas humanas, isso, para Nero, representava um dos encantos do estudo. Os mestres mais hábeis estavam à sua disposição. Os editos mais severos jamais haviam logrado purgar Roma dos caldeus, astrólogos e outra gente dedicada a tão execráveis artes, que encontravam sempre poderosos protetores. Quando o próprio imperador os protegeu, acorreram de tôdas as partes do universo. Tiridates, forçado nessa época, por Córbulo, a ir a Roma para receber, da mão de César, a coroa da Armênia, para ali veio com grande número de magos ou mágicos, seja que eram mesmo dessa profissão, seja que quisesse agradar ao imperador, ao qual comunicou todos os mistérios da seita.

Simão, o mago, não podia deixar passar tão bela oportunidade de fazer admirar seus prestígios em Roma. Seu principal propósito era desacreditar

---

(1) Plin. Hist. nat., l. XXX, c. II.

os milagres dos apóstolos, opor-se aos progressos da religião cristã, depreciar a doutrina de Jesus Cristo e de seus discípulos, e fazer-se considerar um ser superior aos homens, como virtude divina descida do céu para livrar os homens da corrupção e levá-los à imortalidade da glória. Imbuído de tais idéias, o impostor se vangloriou de que se elevaria no ar, em presença do imperador e do povo. E como considerava São Pedro o seu capital inimigo, a fim de cobri-lo de confusão, quis que o conduzisse à fôrça ao teatro, para ver, com os próprios olhos, a glória dêsse Simão que tanto desprezava. E começou a voar, com efeito, levado para o alto por seus demônios, e acompanhado das aclamações de todo o teatro, que, desde então, não mais o considerava homem, mas um deus. Entretanto, Pedro, interiormente prostrado diante de Deus a que estão sujeitos, malgrado seu, todos os poderes do ar, suplicou-lhe humildemente tirasse a fôrça aos demônios e confundisse o soberbo usurpador de sua glória. O Altíssimo ouviu as humildes preces do servo. O mago, abandonado pelos demônios, caiu do alto, quebrou as pernas, e tornou-se alvo das chacotas da multidão.

Após tal acontecimento, Nero começou não sòmente a desprezar os magos, mas ainda a odiá-los e persegui-los; e porque um grande número de filósofos se havia dedicado à piedade, ou então porque êle se tornava dia a dia mais furioso e brutal, quis exterminar até a sombra da virtude, para entregar-se, sem empecilho, à impiedade e ao vício; pôs-se, assim, a perseguir os filósofos, mandou prender e condenou à morte grande número de homens de bem, porque, numa cidade e numa côrte tão corrompidas,

levavam a vida com alguma sobriedade e honestidade, segundo as máximas da filosofia estóica. (1)

Sob qualquer um dos pretextos, os cristãos e, principalmente, os apóstolos, não podiam deixar de ser incluídos na perseguição; porque, por um lado, faziam profissão da mais sublime filosofia, e reconduziam aos homens à prática das mais puras e perfeitas virtudes; e, por outro lado, por causa dos milagres que operavam, eram considerados pelos gentios autores de malefícios e culpados de superstição e de magia. Despertou novamente no coração do tirano o ódio contra os cristãos, especialmente contra São Pedro e a ordem para prendê-lo não poderia tardar. Em conseqüência, os fiéis, temendo pela vida, tão preciosa à Igreja, conjuraram-no com lágrimas a que saísse, incontinenti, de Roma, para subtrair-se às guerras do leão furioso que procurava a sua morte. Por fim, o pastor cedeu às reiteradas instâncias dos cordeiros inquietos. (2) Conquanto soubesse que devia, em breve, derramar em Roma o sangue e perder a vida, poderia duvidar, todavia, que a época de seu martírio estivesse tão próxima, e quis nessa dúvida, consolar os fiéis que o conjuravam a partir com tanto amor e solicitude. Mas, apenas saído da cidade, viu Jesus Cristo dirigindo os passos para o lado de Roma. Tendo-lhe perguntado para onde ia, disse-lhe o Senhor: Vou a Roma, para ser crucificado novamente. São Pedro compreendeu imediatamente o sentido de tais palavras. Jesus Cristo não podia ser crucificado novamente em sua própria pessoa; compreendeu Pedro, sem dificuldade, que se

---

(1) Orsi, t. 1. I. II.

(2) Origen., In Joan., c. XXI. Ambr., Sermo 68.

aproximava o tempo em que isso se deveria cumprir no vigário e voltou a Roma com mais prontidão do que se havia deixado convencer a deixá-la.

Não mais podendo duvidar da morte próxima, não se limitou a exercer os últimos atos de sua solicitude pastoral com relação aos cristãos de Roma; quis também relembrar as suas instruções aos fiéis da Galácia, do Ponto, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, ou melhor, a todos os fiéis em geral, escrevendo-lhes uma segunda epístola. São os últimos adeuses de um pai aos filhos, de um pastor às ovelhas: seus conselhos abarcam todos os séculos.

Nada há de mais grave do que essa instrução derradeira do príncipe dos apóstolos; ali cuida do presente e do futuro; os fiéis de então, premune-os contra as seduções dos agnósticos; os fiéis dos últimos tempos, premune-os contra os incrédulos. Julga as epístolas de São Paulo, inclui-as nas Escrituras divinas; assinala os homens ignorantes e levianos que as deturpam para o mau sentido; relembra que a Escritura não se faz nem se explica pelo sentido privado. Transuda em tôda a epístola a autoridade daquele que deve, para sempre, confirmar os irmãos.

Entretanto, a perseguição estava iminente. O que veio recrudescer-lhe o furor foram as conversões que operaram os dois apóstolos no próprio palácio de Nero e entre as infelizes vítimas de suas devassidões.

Querendo exterminar os cristãos, Nero mandou pregar na cruz o príncipe dos apóstolos e cortar a cabeça de Paulo, com a esperança, sem dúvida, de conseguir derrubar o edifício, após ter abatido as duas colunas principais. São Paulo, como sabemos, já estava na prisão por algum tempo. São Pedro foi

igualmente agarrado e colocado na prisão Mamertina, aos pés do Capitólio, onde, ao que asseguram, converteu à fé os dois guardas Processo e Martiniano, que foram batizados no mesmo lugar, tendo-se aberto milagrosamente uma fonte, cuja água, sem diminuir jamais, jorra ainda agora do seio das pedras. (1)

Segundo São Jerônimo, Pedro morreu no trigésimo-sétimo ano após a crucificação do Senhor Jesus Cristo. Isso remonta ao ano 66 da era vulgar, tendo Jesus Cristo morrido, segundo a opinião melhor fundada, no ano 29, sob o consulado de Geminus. (2)

São Pedro havia, assim, governado a Igreja trinta e sete anos. Quanto ao dia de seu martírio, Eusébio e a maior parte dos antigos dizem ser vinte de junho. Antes de ser pregado na cruz, foi açoitado com varas, como era o costume. É ainda uma antiga tradição que foi crucificado de cabeça para baixo, maneira de crucificar a um tempo mais ignominiosa e mais cruel. Sem dúvida, Pedro, na sua humildade, rejubilava-se em ser mais maltratado do que o Filho de Deus; e pode ser também, como querem muitos, que o tenha pedido aos juízes, ao menos lhes proporcionando uma ocasião, protestando que não era digno de morrer como o divino Mestre.

No mesmo dia e no mesmo ano cortaram a cabeça de São Paulo; dia feliz e glorioso para a Igreja Romana; os dois apóstolos, após haverem derramado no seu seio a doutrina, deram-lhe ainda o sangue, enriquecendo-a com despojos e troféus: troféus e despojos, dos quais Roma cristã se orgulha e se

(1) Acta SS., 29 junii.

(2) De script. de Petro.



Martírio de São Pedro e de São Paulo. Segundo um vitral da catedral de Bourges.

orgulhou sempre com a mais justa razão, do que a Roma pagã dos despojos e troféus do mundo vencido.

As sagradas relíquias do príncipe dos apóstolos foram colocadas sôbre o monte Vaticano, perto do palácio de Nero, e as de São Paulo na via Óstia. Disso temos testemunho célebre num autor eclesiástico, o sacerdote Gaio, que viveu em Roma pouco mais de um século após a morte dos nossos dois santos. Posso mostrar-vos, diz êle, os troféus dos apóstolos. Porque, quer vos dirijais ao Vaticano, quer pelo caminho de Óstia, encontrareis os troféus daqueles que fundaram esta Igreja. (1)

É ainda como troféus e monumentos de vitória sôbre a impiedade que os antigos Padres, especialmente São Crisóstomo e Santo Agostinho, encararam as santas relíquias, quando provaram, contra os judeus e os gentios, a divindade do Filho de Deus, seu infinito poder e a verdade de sua religião, mostrando os imperadores e as primeiras dignidades do império, abandonando o culto dos ídolos, a se prostrarem humildemente sôbre as tumbas dos dois apóstolos que haviam tratado anteriormente como vis malfeitores.

"Os que, diz São Crisóstomo, durante a vida eram arrastados com violência de cá para lá, escarnecidos, aprisionados, sujeitos aos mais cruéis ultrajes, são, depois da morte, mais honrados do que os próprios monarcas. Quereis a prova? Vêde, na real cidade de Roma, correr ao sepulcro de um pescador

(1) Apud Euseb., L. I. II, c. XXV.

e de um tendeiro, sem prestar atenção ao resto, os imperadores, os cônsules e os chefes dos exércitos. (1)

E Santo Agostinho, escrevendo aos habitantes de Madaura, ainda idólatras: Contemplai os templos dos ídolos, uns caídos em ruínas, outros demolidos, êstes cerrados, aquêles destinados a outros fins; os ídolos são quebrados em pedaços, entregues às chamas ou destruídos de qualquer outra maneira. Os poderes do século, que, outrora, por êstes mesmos ídolos, perseguiam o povo cristão, vós os vêdes vencidos e subjugados, não por nossa resistência, mas por nossa paciência, voltarem contra os mesmos ídolos o zêlo e as leis; vêdes o augusto chefe do mais nobre império depositar o diadema e suplicar humildemente, diante do sepulcro do pescador Pedro. (2)

Outra prova do amor e reconhecimento dos primeiros fiéis, e, em particular, dos romanos pelos príncipes dos apóstolos, são as imagens que se encontram em grande número nos cemitérios de Roma, esculpidas freqüentemente sôbre as urnas sepulcrais e sôbre as taças que serviam aos ágapes e repastos de caridade. Sábios antiquários mostraram que êsses vasos são anteriores, não sòmente à paz dada à Igreja por Constantino, mas ainda à última perseguição desencadeada contra ela por Diocleciano. O que não deve parecer estranho aos novos iconoclastas, que pretendem entrar a idolatria na Igreja com a veneração das imagens; porque Eusébio nos fornece um testemunho irrefragável de uma antiguidade não sò-

(1) Crisóstom., in 2 Cor. h. 26.

(2) Epist. m. 323, aliás, 42.

mente parecida, mas ainda mais recuada. E atesta ter visto as imagens pintadas dos dois apóstolos, as quais, diz, foram conservadas até nossos dias. (1)

E adverte que não há motivo para admiração, porque os antigos tinham o costume de honrar assim os seus benfeitores; que, enfim, pelo mesmo motivo, os cristãos de Jerusalém haviam conservado sempre a cadeira de São Tiago, seu primeiro bispo; mostrando, com suficiente clareza, conclui Eusébio, de que maneira, os primeiros cristãos e os de nossos dias — sempre renderam aos santos, e lhes rendem ainda, a honra que lhes é devida pelo seu amor a Deus.

Se, em todos os tempos, os homens tiveram o louvável costume de conservar, com a pintura, os traços das personagens ilustres que fortaleceram com leis, esclareceram com sua doutrina, ou defenderam e engrandeceram com seu valor as repúblicas e os impérios, quem censurará os antigos cristãos de Roma de se haverem proporcionado a felicidade de ter sempre diante dos olhos as imagens daqueles que consideravam justamente fundadores dessa Igreja, como os seus mestres e seus defensores?

* * *

(1) Hist., I, VII, c. XVIII.

SÃO PAULO

Apóstolo

Vimos já, em 25 de janeiro, a conversão de São Paulo e o comêço de seus trabalhos com São Barnabé; em 29 de junho as circunstâncias de seu martírio com Pedro; resta apresentar o conjunto de seus trabalhos e sofrimentos, desde a separação de Barnabé até o martírio.



São Paulo. Segundo bronze do Museu cristão do Vaticano.

Paulo, com Silas, tendo percorrido a Síria e a Cilícia, veio a Derbo e a Listra, onde encontrou um discípulo chamado Timóteo, muito estimado entre os irmãos de Listra e Ícona. Era um jovem que havia estudado as sagradas letras desde a infância. O

pai era grego, mas a mãe, Eunice, era judia, que havia abraçado a fé cristã, bem como Loida, sua avó. Paulo quis tomá-lo por companheiro de suas viagens e de seus trabalhos. Mas antes o circuncidou por causa dos judeus do país, os quais sabiam todos que o pai era grego, e que não teriam podido resolver-se a receber as instruções de um incircunciso. Paulo fêz mais. Julgando pelas disposições do jovem e pelas profecias anteriores a seu respeito, que estava eleito por Deus para o santo ministério, impôs-lhe as mãos, com os sacerdotes da Igreja, e a graça lhe foi, assim, comunicada.

Ora, indo de cidade em cidade, Paulo, Silas e Timóteo davam por regra aos fiéis guardar as ordens que haviam sido estabelecidas pelos apóstolos e sacerdotes que estavam em Jerusalém. Assim, as igrejas confirmavam-se na fé, e cresciam em número, de dia para dia. Quando haviam atravessado a Frígia e a Galácia, província em que parece que São Paulo converteu os gálatas, o Espírito Santo proibiu-os de anunciar a palavra de Deus na Ásia pròpriamente dita, ou Jônia. Vindo para a Mísia, dispuseram-se a passar pela Bitínia; mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. Por isso atravessaram a Mísia e dirigiram-se para a Tróade, no litoral, não longe da antiga Tróia.

Durante a noite Paulo teve uma visão: Viu diante de si um macedônio que lhe pedia:

— Vinde à Macedônia, e socorrei-nos! (1)

No profeta Daniel lê-se que havia um anjo príncipe dos judeus: outro príncipe do reino dos Persas; um terceiro, príncipe dos gregos. Em tôda parte os

(1) Act., XVI, 1-9.

anjos presidem à guarda das monarquias, dos principados, das províncias. É, por conseguinte, verossímil que se tratasse do anjo tutelar da Macedônia, que excitou Paulo a ir para êsse país e estender a mão a êsses povos oprimidos pela tirania do demônio. A Macedônia tinha duas cidades e duas partes principais: a primeira das cidades era Filipo, nome dado em honra do pai de Alexandre, que a havia desenvolvido e fortificado; a segunda era Tessalônica. Quatro séculos haviam passado desde que Alexandre partira dessa cidade, após haver subjugado a Grécia, para cumprir, sem o saber, a profecia de Daniel, derrubando o império dos persas. Eis que se levanta outro conquistador que se apresta a passar da Ásia para a Europa, para conquistar a Jesus Cristo a Macedônia, a Grécia e o resto do Ocidente.

Assim que Paulo teve tal visão, diz São Lucas, que mostra assim que desde então acompanhava o Apóstolo, dispusemo-nos a partir para a Macedônia, certos de que Deus para ali nos chamava, para pregar o Evangelho. Embarcando em Tróada, vieram diretamente para a Samotrácia, e no dia seguinte para Nápoles, em grego Neapolis ou cidade nova, e de lá para Filipo, colônia romana, e a primeira cidade desta parte da Macedônia, onde permaneceram alguns dias. No dia do sábado rumaram para fora da cidade, onde havia um oratório, como os judeus tinham o costume de ter nas cidades em que não havia sinagoga. E, ali se sentando, falaram às mulheres que se haviam reunido. Uma delas, chamada Lídia, comerciante de púrpura, da cidade de Tiatira, que servia a Deus, os escutou; e o Senhor lhe abriu o coração, e a tornou atenta ao que Paulo dizia. Foi batizada, bem como a família, e ela lhes fêz êste pedido: Se



Conversão de São Paulo sôbre a estrada de Damasco. Segundo um cartão de Rafael. Século XVI.

me crerdes fiel ao Senhor, entrai em minha casa e ali permanecei. E os forçou a isso.

Ora, aconteceu que, quando iam ao oratório, encontrou-os uma serva que tinha o espírito de Pitão, e que, com suas adivinhações propiciava grande lucro aos senhores. Pôs-se a seguir São Paulo e os companheiros, exclamando: Êstes homens são servos de Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação. Repetiu a cena durante vários dias. Mas Paulo dela se apiedou e, voltando-se-lhe, disse ao espírito: Ordeno-te, em nome de Jesus Cristo, que saias desta jovem. E êle saiu na mesma hora. Mas os senhores, vendo fugir a esperança de lucro, apoderaram-se de Paulo e Silas, e arrastando-os para a praça diante dos magistrados, a êles os apresentaram, dizendo: Êstes homens são judeus que perturbam nossa cidade e ensinam costumes que não nos são permitidos receber nem observar, uma vez que somos romanos. Então o povo também se amotinou contra êles; e os magistrados, tendo mandado rasgar-lhes as vestes, fizeram-nos açoitar com varas. Com o corpo dilacerado pelos açoites, foram lançados à prisão, recebendo o carcereiro ordem de guardá-los bem. Recebendo a ordem severa, trancou-os numa prisão interna, e encerrou os pés em traves.

Paulo e Silas puseram-se em oração, entoando hinos em louvor de Deus; os outros prisioneiros os escutavam. Mas, sùbitamente, houve um grande tremor de terra, e os fundamentos da prisão se abalaram; ao mesmo tempo, tôdas as portas se abriram, e as algemas de todos os prisioneiros foram rompidas. Despertando o carcereiro, e vendo as portas da prisão abertas, desembainhou a espada, querendo matar-se,

porque imaginava que os prisioneiros haviam fugido. Mas Paulo lhe gritou em alta voz: Não te faças mal, porque estamos todos aqui! Então o carcereiro, pedindo luz, atirou-se para dentro, e tremendo da cabeça aos pés, lançou-se aos pés de Paulo e Silas. E tirando-os dali, lhes disse: Senhores, que é preciso que eu faça para ser salvo? Crê em Jesus Cristo, e serás salvo, tu e tua família. Anunciaram, em seguida, a palavra do Senhor a êle e a todos os que estavam em casa. E o carcereiro lavou-lhes as chagas, e imediatamente foi batizado com tôda a família. Depois, levando-os ao seu alojamento, deu-lhes de comer; e se rejubilou com tôda a casa de haver crido em Deus.

Ao raiar do dia, os magistrados enviaram litores carregando feixes de varas, dizendo: Soltai aquêles homens. Imediatamente o carcereiro veio dizer a Paulo: Os magistrados mandaram que vos pusessem em liberdade: saí, pois e ide em paz. Mas Paulo disse aos litores: Como! Após nos haverem pùblicamente açoitado com varas, sem têrmos sido julgados, nós, cidadãos romanos, nos atiram à prisão, e agora querem fazer-nos sair secretamente? Assim não será! Venham êles e nos tirem pessoalmente da prisão! Os litores relataram as palavras aos magistrados, que se atemorizaram, vendo que eram cidadãos romanos. Vieram, pois, pedir desculpas; e, levando-os para fora da prisão, suplicaram-lhes que saíssem da cidade. Saindo da prisão, dirigiram-se para a Lídia; e, tendo ali visto os irmãos, consolaram-nos e partiram. (1)

---

(1) Act., XVI, 10-40.

Os cristãos de Filipo foram as primícias de São Paulo; por êles teve uma afeição incomparável, como veremos na epístola aos filipenses, a mais amável de tôdas.

Paulo e seus companheiros passaram por Anfípolis e Apolônia, vindo para a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. Segundo o costume, Paulo entrou, e durante três dias de sábado, pregou sôbre as Escrituras revelando-lhes e fazendo-os ver que fôra necessário sofresse Cristo e ressuscitasse dos mortos; e êste Cristo é Jesus que vos anuncio. Alguns creram, e juntaram-se a Paulo e Silas; mas os gregos ou gentios, que já adoravam a Deus, constituíam grande multidão, e o número das primeiras mulheres não era pequeno. (1)

O filósofo e o sábio mais universal da antiguidade, Aristóteles, havia nascido entre Filipo e Tessalônica. Não longe desta última cidade, em Pela, havia educado o mais famoso conquistador. E havia dois séculos os livros de Aristóteles tinham caído no olvido; não se sabe que tenha deixado alguma escola em tôda a Macedônia. Eis que, em poucas semanas, um estrangeiro perseguido e fugindo de cidade em cidade, fundou duas populosas igrejas, não sòmente entre os judeus, seus compatriotas, como também entre os compatriotas do filósofo, mesmo entre as mulheres; duas igrejas onde se professa, tanto por palavras como por obras, uma doutrina e uma moral tão elevadas, que nem Aristóteles, nem Platão poderiam ter esperado! E as cartas que escreverá êsse estrangeiro a essas duas sociedades de sábios e santos, bem diferentes das de Aristóteles, serão lidas,

---

(1) Act., XVII, 1-4.

explicadas, admiradas, postas em prática não sòmente em tôdas as cidades da Macedônia e da Grécia, mas até nas florestas da Germânia e da Bretanha!

Entretanto, os judeus, permanecendo incrédulos em Tessalônica, tomaram da população que estava na praça pública os piores elementos, e, suscitando um motim, convulsionaram a cidade e cercaram a casa de Jasão, procurando Paulo e Silas para levá-los diante do povo. Não os tendo encontrado, arrastaram Jasão e alguns dos irmãos diante dos príncipes da cidade, exclamando: Eis as pessoas que perturbaram o universo! Aqui vieram, e Jasão os recebeu! Todos aquêles agem contra os decretos de César, dizendo que existe outro rei, Jesus! E instigaram a multidão, bem como os príncipes, que os ouviam. Mas tendo Jasão e os outros dado satisfação, os magistrados os deixaram ir. Entretanto, nessa mesma noite, os irmãos fizeram Paulo e Silas partir para Beréia, onde, logo que chegaram, entraram na sinagoga dos judeus.

Ora, êsses judeus de Beréia eram de natureza mais nobre do que os de Tessalônica, e receberam a palavra com a mais viva solicitude, examinando todos os dias a Sagrada Escritura, para verificar se as coisas eram de fato assim; de sorte que grande número dêles abraçaram a fé, e não poucas mulheres gregas de alta classe. Mas quando os judeus de Tessalônica souberam que Paulo havia anunciado a palavra de Deus em Beréia, foram para ali, a fim de suscitar motins. Imediatamente os irmãos fizeram partir Paulo, que dirigiu os passos para o litoral; mas Silas e Timóteo permaneceram em Beréia. Os que conduziam Paulo, levaram-no até Atenas, onde o dei-

xaram, após terem recebido ordens dêle para dizer a Silas e a Timóteo que o fôssem encontrar sem detença. (1)

Atenas era sempre o templo da polidez e das letras humanas. Tinha perdido a importância política; mas os futuros cônsules e os futuros Césares vinham aprender, em suas escolas, a pensar com justeza e falar bem. Também os filósofos e oradores para ali afluíam de tôda parte. Havia mais. Como em Filipo, em Tessalônica, em Beréia, existia em Atenas uma sinagoga de judeus, onde os próprios atenienses aprendiam a conhecer e a servir o verdadeiro Deus. Devia ser muito antiga. Havia já passado mais de um século que o povo de Atenas dedicara uma coroa e uma estátua de ouro ao descendente dos Macabeus, o sumo sacerdote Hircano, para agradecer-lhe a benevolência com que acolhia os que de Atenas iam a Jerusalém.

Ora, enquanto Paulo esperava em Atenas Silas e Timóteo, seu espírito sentia-se emocionado e quase irritado vendo essa cidade tão cheia de ídolos. Discutia então na sinagoga com os judeus e prosélitos; e todos os dias na praça pública com os que encontrava. Alguns filósofos epicuristas e estóicos entraram em disputa com êle. Uns diziam: Que quer dizer afinal êste semeador de palavras? Outros: Parece que anuncia deuses estrangeiros, porque lhes anunciava Jesus e a ressurreição. Enfim, pediram-lhe que fôsse ao areópago, dizendo: Poderemos saber qual é esta nova doutrina que anunciais? Porque ouvimos algumas coisas que nos são estranhas: queríamos,

(1) Act.. XVII. 15.



São Paulo pregando em Atenas. Gravura de Marco Antônio, segundo um cartão de Rafael. Século XVI.

pois, saber do que se trata. Ora, todos os atenienses, e os estrangeiros que moravam em Atenas, não tinham tempo senão para dizer ou ouvir coisas novas. (1)

Não se lê que os discípulos de Platão e Aristóteles, os filósofos platônicos e peripatéticos tenham discutido com o Apóstolo. Como admitissem a existência de Deus, sua providência, a imortalidade da alma, as penas e as recompensas de outra vida, — Platão tinha mesmo um pressentimento da ressurreição dos corpos — como, enfim, uns e outros colocavam em Deus a fonte da moral e das leis, a doutrina de Paulo não devia parecer-lhes estranha nem desprezível. Diferentemente acontecia com os estóicos e epicuristas. Os últimos não reconheciam a Providência, nem a imortalidade da alma, e colocavam a felicidade dos homens na volúpia. Os estóicos ensinavam que o homem não pode ser feliz senão pela sabedoria, isto é, pela virtude. Mas pretendiam que a sabedoria residia nêles mesmos e colocavam sua pretensa sabedoria acima da Divindade. Vê-se fàcilmente quanto distavam as duas seitas, nascidas na volúpia e no orgulho, da doutrina da penitência e da humildade.

Entretanto, Paulo, de pé no meio do areópago, disse: Homens de Atenas, vejo que sois em tudo mais religiosos do que os outros. Porque, passando e contemplando os objetos que adorais, encontrei um altar onde está escrito: Ao Deus desconhecido. Aquêle, pois, que adorais sem conhecer, êste venho anunciar. O Deus que fêz o mundo e tudo o que nêle existe; êle, sendo o Senhor do céu e da terra, não habita nos templos construídos pelas mãos dos

(1) Act., XVII, 16-21.

homens. Não é honrado pelas mãos dos homens, como se tivesse necessidade de qualquer coisa, êle que dá tudo a todos, a vida e a respiração. Fêz nascer do mesmo sangue tôda a raça dos homens para habitar sôbre a face da terra, determinando os tempos de sua duração e os limites de sua existência; a fim de que procurem o Senhor e se empenhem em encontrá-lo, como que tateando, conquanto não esteja longe de nós; porque é nêle que vivemos, que nos movemos e somos. E como alguns dos vossos poetas disseram: Somos de sua linhagem. Uma vez que somos da linhagem de Deus, não devemos crer que a Divindade seja semelhante ao ouro, à prata e às pedras, que tomaram figura pela invenção dos homens. Ora, Deus, vendo essa ignorância, anuncia a todos os homens que façam penitência; porque estabeleceu um dia para julgar o mundo segundo a justiça, por Aquêle que destinou a ser o juiz, do que deu fé, ressuscitando-o dos mortos.

Escutaram-no tranqüilamente. Mas quando ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns zombaram e outros disseram: Ouvir-vos-emos sôbre isto em outra ocasião. Assim, Paulo saiu do meio dêles. Alguns homens, entretanto, juntaram-se a êle e abraçaram a fé; entre êstes estava Dionísio, senador do areópago, uma mulher chamada Damaris, e alguns outros. (1)

Havia quatrocentos e cinqüenta anos que o mais ilustre dos filósofos, Sócrates, fôra acusado das mesmas coisas que São Paulo, e quase nos mesmos têrmos. Sócrates não ousou confessar tôda a verdade, indispôs-se com os seus juízes por sua rudeza,

(1) Act., XVII, 23-34.

e foi condenado a beber a cicuta. Paulo, ao contrário, disse a verdade integral, mas de tal maneira que, ao invés de ofender os juízes, lhes agradou. O louvor que os atenienses mais ambicionavam era o de ser considerado o povo mais religioso. Paulo insinuou-se por aí. O Deus que lhes anuncia, fá-los ver que já o adoram. Quando conclui que os ídolos nada têm de divino, cita com elogio a palavra de seus profetas. Um discurso com tanta habilidade e sentido não podia deixar de agradar ao mais espiritual de todos os povos.

Mas quem era êsse Deus desconhecido dos atenienses? Cremos, com Santo Agostinho, que era o Deus verdadeiro, e que o Apóstolo não incorria em sofisma quando dizia: Anuncio aquêle que adorais sem o conhecer. (1)

Num diálogo atribuído a Luciano, um personagem que o amigo converteu ao cristianismo quis primeiro jurar pelos deuses da mitologia; o cristão o impede, mas quando jura pelo *Desconhecido dos atenienses*, o cristão não mais o impede; pelo contrário, após havê-lo instruído sôbre a natureza do verdadeiro Deus, conclui: tendo pois encontrado o Desconhecido dos Atenienses, levantemos as mãos para o céu e rendamos-lhe graças. (2)

Como os atenienses tinham, desde longo tempo, uma sinagoga em sua cidade, freqüentada por muitos de seus cidadãos, não é inconcebível que adorassem o verdadeiro Deus. Por outro lado, desde quatro séculos e meio os atenienses haviam ouvido mais uma vez Sófocles dizer-lhes estas palavras em pleno teatro,

(1) Aug. I, I, cont, Crescon., c. XXIX.

(2) Philopatris apud Lucian.

palavras freqüentemente citadas pelos Padres da Igreja: Na verdade há um Deus que fêz o céu e a terra, o mar azul e os ventos impetuosos. Mas a maior parte dos mortais, no extraviamento do coração, plasmamos estátuas dos deuses, como para encontrar nessas imagens de madeira, de bronze, de ouro, de marfim, uma consolação dos nossos males. Nós lhes oferecemos sacrifícios, nós lhes consagramos festas, nós imaginamos que nisso consiste a piedade. (1)

São Paulo diz aos atenienses: aquêle que adorais sem o conhecer, no mesmo sentido que Cristo disse à Samaritana: "Vós adorais o que não conheceis; nós, pelo contrário, adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus." (2)

Deus é desconhecido aos pagãos comparativamente aos judeus, aos judeus comparativamente aos cristãos, aos cristãos comparativamente aos santos do céu.

Tendo permanecido longo tempo em Atenas, Paulo foi para Corinto. De tôdas as cidades gregas era a mais comerciante e voluptuosa. Seis séculos e meio antes, os sete sábios da Grécia haviam-se reunido na casa de um dêles, Periandro, senhor absoluto da cidade. O que podia e o que queria a filosofia, viu-se então. A reunião dos sábios não legou à posteridade senão a récita de seu banquete. Periandro ficou tirano de Corinto e Corinto a mais corrupta das cidades. Num só templo de Vênus, havia mais de mil cortesãs consagradas à infame deidade. E temos versos do poeta Simônides em sua honra. Tal era a

(1) Sophocl. Apud S. Justin. De Monarch. et alibi.
(2) João, IV, 22.

cidade em que São Paulo ia pregar o Evangelho, vale dizer, o desprêzo da riqueza e a mortificação dos sentidos. E, tendo encontrado um judeu originário do Ponto, vindo da Itália com Priscila, sua mulher, porque o imperador Cláudio havia decretado a expulsão de todos os judeus de Roma, uniu-se a êles. E como conhecia o mesmo ofício, ficava em sua casa e ali trabalhava. Ora, o seu ofício era o de tendeiro. E falava todos os dias de sábado na sinagoga; persuadia judeus e gregos. Suetônio nos relata que Cláudio expulsou os judeus por causa dos freqüentes tumultos que suscitavam envolvendo Cristo; porque mais tarde ainda os autores pagãos se servem dêsse nome. (1)

Vê-se que os judeus de Roma agiam como os de Filipo e Tessalônica.

A Igreja dessa última cidade teve muito que sofrer. São Paulo soube da situação e enviou Timóteo que havia vindo juntar-se a êle em Atenas. Timóteo, bem como Silas ou Silvano, lhe trouxeram a Corinto notícias mais circunstanciadas, e êle escreveu aos tessalonicenses a primeira de suas epístolas.

Algo de desconhecido à antiguidade ali respira: uma caridade tôda celestial. Temos diversas cartas dos sete sábios da Grécia, que antigamente se haviam encontrado em Corinto; mas nenhuma pode ser comparada às cartas de São Paulo. O único filósofo grego que poderia sustentar algo semelhante é Platão. Êste tem treze epístolas; Paulo tem catorze. Platão tendia, mas de muito longe, para o mesmo fim: a regeneração dos homens. Em suas cartas explica porque não tomou parte em nenhum govêrno: tôdas

(1) Suet. Claud., n. 25.

as constituições políticas de então lhe pareciam más, e sua legislação mais ou menos incurável, sem uma preparação milagrosa, secundada pelas circunstâncias. A filosofia ortodoxa e verdadeira podia sòmente discernir o que era justo, tanto para o Estado como para o indivíduo; e o gênero humano não cessará de ser infeliz até quando, pelo favor divino, filósofos ortodoxos e verdadeiros vierem a governar, ou os que governam se tornarem verdadeiramente filósofos. (1) A verdadeira filosofia, é a constância, a fé, a sinceridade. (2) Para aí chegar, é mister sobretudo conhecer Deus como chefe e autor de tudo o que é e de tudo o que será, bem como o Senhor, Pai do chefe e do autor, e conhecê-lo na medida das possibilidades humanas, a quem é o mais favorecido. (3)

A servidão e a liberdade excessivas são igualmente más; moderadas, são igualmente boas. É moderada a servidão devida a Deus; imoderada a que exigem os homens. Deus é a lei dos homens sábios: a lei dos insensatos é a volúpia. (4)

Tais são as idéias e as palavras de Platão. Para levar os homens a essa situação, procurava, já na Grécia, já na Itália, jovens de natural generoso, por intermédio dos quais pretendia influenciar a multidão. Achava absurdo e impossível dirigir-se diretamente ao povo. Em Siracusa, na Sicília, suscitou Díon, e, a conselho dêste, Dionísio, o Jovem. Entre suas cartas, contam-se três para Díon ou seus amigos, e

(1) Epist., VII.
(2) Ibid. X.
(3) Plat. Epist., IV.
(4) Ibid., VIII.

quatro para Dionísio. É numa carta a êste último que, falando da natureza do primeiro Ser, parece reconhecer nêle três pessoas.

Quanto ao resultado, Dionísio expulsou Díon, e fêz vender Platão como escravo; Díon, por sua vez, expulsou Dionísio, que se viu constrangido a tornar-se mestre-escola em Corinto. Eis como se saiu Platão. E eis que Paulo escreveu sua primeira epístola a uma multidão de homens, de mulheres, de crianças, que, após alguns meses de instrução, professam, amam e praticam o que Platão julgava impossível de persuadir ao povo, e, efetivamente, não logrou convencer senão alguns discípulos escolhidos! E Paulo lhes fala uma linguagem desconhecida na Grécia. Platão, nas suas cartas, é elegante e polido; mas procurar-se-ia ali em vão esta alma, esta caridade, esta superabundância de vida que transborda em Paulo, em pensamentos e sentimentos, como um rio, que, saído de Deus, flui até a vida eterna. Se Platão conquista pela elegância das palavras, Paulo arrebata infinitamente pela eloqüência das coisas.

Os cristãos de Tessalônica receberam a sua carta e espalhou-se o rumor de que o dia do julgamento, do qual fala, estava próximo. Paulo tranqüilizou-os na segunda epístola. Após havê-los felicitado pelo crescimento contínuo de sua fé e de sua caridade, em meio às tribulações que os tornavam dignos do reino celeste, enquanto seus perseguidores se preparavam um castigo eterno, acrescenta: Ora, conjuramo-vos, nossos irmãos, no tocante à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa união com êle, não vos deixeis levianamente quebrantar, nem perturbar, crendo, na

fé de alguma profecia, ou de algum discurso, ou de alguma carta supostamente nossa, que o dia do Senhor está próximo. Que ninguém vos seduza, de qualquer maneira que seja; porque êste dia não chegará antes que sobrevenha a defecção, e seja manifesto o homem do pecado, o filho da perdição, o adversário, que se levantará contra tudo o que se chama Deus ou que se adora, até sentar-se, como um Deus no templo de Deus, querendo passar por Deus. Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas quando convosco estava? Sabeis quem prende, a fim de que seja revelado, em seu tempo. Porque já se opera o mistério da iniqüidade: não há senão aquêle que prende agora, até que seja colocado de lado. E então será descoberto êste perverso, que o Senhor Jesus Cristo destruirá com um sôpro de sua bôca, e que perderá pelo esplendor de sua presença. Êsse perverso deverá vir acompanhado do poder de Satanás, com tôda a sorte de milagres, sinais, prodígios enganadores; e com tôdas as ilusões que podem levar à iniqüidade os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. Eis porque Deus fará com que creiam na mentira, a fim de que todos os que não creram na verdade, mas se alegraram na iniqüidade, sejam condenados." (1)

O perverso a que se refere o Apóstolo, é o Anticristo, o último dos falsos profetas e dos falsos cristos, o último e o mais perigoso dos sedutores, o último e o mais violento dos perseguidores, a quem os outros não fizeram senão preparar o caminho, principalmente Maomé, o fundador do império anticristão. Êle virá quando desaparecerem os últimos vestígios do quarto império ou o império romano, que se ergue como

(1) II, Thessalon., II, 1-12.

obstáculo para que não venha no presente. Assim, pelo menos, pensou a maior parte dos Padres e dos intérpretes. Porque nada há absolutamente certo no sentido obscuro dessas palavras misteriosas; as explicações mais esmiuçadas que o Apóstolo havia dado de viva voz aos tessalonicenses, não chegaram até nós com exatidão.

Na mesma epístola, São Paulo conjura os tessalonicenses a orar por êle, a fim de que a palavra de Deus se espalhe mais e mais, e que seja honrada e glorificada como era entre êles; e também que êle e seus companheiros se livrassem dos homens intratáveis e perversos. Quer referir-se às perseguições que lhe moviam em Corinto. Desde a chegada de Timóteo e Silas, pusera-se a pregar aos judeus com mais fôrça e ardor, para lhes provar que Jesus era Cristo. Mas a obstinação dêstes últimos aumentava paralelamente, bem como sua oposição ao Evangelho, e Paulo, não podendo suportar mais as blasfêmias, rasgou as vestes em sinal de justa indignação, e lhes disse, como a anunciar-lhes as desgraças que iriam cair sôbre êles: "Vosso sangue cairá sôbre as vossas cabeças; quanto a mim, sou inocente. Eis que me volto aos gentios, e, para o futuro, me dedicarei todo a êles." (1)

Entre os judeus que blasfemaram contra Jesus e o Evangelho, estavam talvez Áquila e Priscila, em cuja casa São Paulo habitava. E foi provàvelmente por essa razão que êle a abandonou e se transferiu para a casa de Tito Justo, prosélito convertido, a qual estava contígua à sinagoga a que presidia certo Crispus. Êste, aproveitando-se da vizinhança do

(1) Act., XVIII, 6.

Apóstolo, abraçou a religião cristã com tôda a família, e São Paulo batizou-o com as próprias mãos, honra que tiveram, após êle, sòmente Caio, e a família de Estéfano, chamada pelo mesmo Apóstolo, com Fortunato e Acaico, as primícias da fé e do cristianismo na Acaia. Paulo deixou a Silas e a Timóteo o cuidado de batizar, entregando-se inteiramente à pregação da divina palavra, mister para o qual fôra especialmente chamado por Jesus Cristo.

Tais foram as perseguições, as necessidades, os trabalhos, os temores, as angústias que o assaltaram nessa cidade, a ponto de necessitar de uma visão celeste para recuperar a coragem. Jesus Cristo apareceu-lhe durante uma noite, e o exortou a não ter mêdo, nem calar-se, mas falar com o desassombro habitual; porque, diz êle, estou contigo, e ninguém poderá fazer-te mal; e tenho um numeroso povo nesta cidade. Encorajado por tais palavras, o Apóstolo deteve-se dezoito meses em Corinto. (1) Não se deve entender que não fizesse incursões pelos lugares circunvizinhos, e, por intermédio dos seus companheiros Silas e Timóteo, levar a fé em quase tôda a Acaia, ou ao menos às suas principais cidades. Vemos, com efeito, sua segunda epístola, escrita poucos anos após, endereçada não sòmente aos de Corinto, mas ainda aos fiéis de tôda a Acaia.

Entre as numerosas conversões que São Paulo fêz em Corinto, nenhuma irritou tanto os judeus como a de Sosteno, sucessor de Crispus na presidência da sinagoga. A conversão de duas personagens tão distintas e chefes de sua seita, uma após outra, não podia deixar de levar a ira dos judeus ao extremo

(1) Act., XXVII, 7-11.

furor. Sublevaram-se contra o Apóstolo, e o arrastaram ao tribunal de procônsul de Acaia, acusando-o de ensinar uma religião contrária à lei judaica, e, por conseguinte, não autorizada como sendo a sua, pelas leis dos romanos. O procônsul de Acaia era então Gallion, irmão do filósofo Sêneca. No momento em que Paulo ia responder às acusações intentadas contra êle pelos judeus, o procônsul deteve-o, dizendo aos acusadores: Se se tratar de injustiça ou de um crime, escutar-vos-ei de bom grado e com paciência. Mas se fôr uma questão de doutrina, de palavras e da vossa lei, examinai-a vós mesmos; não quero ser juiz. (1)

Vendo-se livre dessa violenta tempestade, sem haver experimentado qualquer mau trato, conquanto se tivesse constituído o principal objeto do furor dos judeus, Paulo fêz a Deus, para render-lhe graças, um voto semelhante ao dos Nazarenos, voto que os judeus tinham o costume de fazer, quando, pela misericórdia divina, se viam livres de um grande perigo. Os que faziam êsse voto, deviam, durante todo o tempo de seu nazareado, abster-se de vinho, bem como de tudo que pudesse embriagar, e deixar crescer os cabelos o que entre os antigos era sinal de escravidão, penitência e luto. Cumprido o voto, os mesmos deviam ainda, à porta do tabernáculo ou do templo, oferecer o holocausto ou o sacrifício propiciatório, e eucarístico, raspar a cabeça e lançar o cabelo ao fogo que havia servido para o último sacrifício. Paulo, em tudo o que não contrariava o Evangelho, mostrava-se judeu com os judeus e gentio com os gentios, e pensou que não podia fazer em tal ocasião um voto

---

(1) Ibid. XVIII, 12-16.

mais agradável do que os primeiros tinham o costume de fazer, segundo o que prescrevia a lei de Moisés. Conciliava, assim, a afeição dos que tinham menos aversão por êle, e confundia os inimigos, que o perseguiam como destruidor de ritos legais. Após ter permanecido longo tempo ainda em Corinto, e estando a ponto de embarcar para a Síria, no pôrto de *Cencréia,* quis ao menos cumprir em parte o voto, mandando cortar os cabelos, adiando, para quando fôsse a Jerusalém, a oferta dos sacrifícios habituais, e destacou outra pessoa para colocar as mãos sôbre a cabeça da vítima, quando a imolassem em seu nome no átrio do templo. Era permitido aos que, a negócios públicos, estavam longe da cidade santa ou fora da Judéia. O apóstolo ia empreender uma grande navegação, e quis cumprir o voto, temendo incorrer, no navio, cheio de tôda espécie de pessoas, numa poluição legal, o que o teria forçado a recomeçar o tempo de seu nazareado. (1)

Cumprido o voto, São Paulo embarcou em companhia de Áquila e Priscila, e aportou em Éfeso, capital da Jônia. Entrou, segundo o costume, na sinagoga para discutir com os judeus. Mas as primeiras discussões foram tão pacíficas que, como o Apóstolo se aprestasse a partir e continuar o caminho para a Síria, pediram-lhe que permanecesse mais algum tempo. Todavia, não consentiu, mas prometeu-lhes que regressaria. E deixou junto dêles Áquila e Priscila. Fazendo-se novamente ao largo, foi a Cesaréia onde, tendo desembarcado, pôs-se a caminho para Jerusalém. Quando saudou a Igreja e cumpriu as coisas pelas quais principalmente havia

(1) Act., XVIII, 18.

empreendido a viagem, dirigiu-se a Antioquia, onde permaneceu algum tempo. Partindo de lá, atravessou novamente a Galácia e a Frígia, visitando as igrejas que havia fundado nessas províncias e confirmando os discípulos na fé. Foi recebido pelos gálatas como anjo de Deus, como o próprio Jesus Cristo. Teriam querido, se lhes fôsse possível, arrancar os olhos para dar-lhes. (1)

Paulo voltou a Éfeso, com a intenção de deter-se o tempo necessário para fundar uma ilustre igreja. Havia então nessa cidade alguns discípulos que, como Apolo, ainda que cressem em Jesus Cristo, tinham recebido sòmente o batismo de João. O apóstolo, julgando-os batizados em Cristo, perguntou-lhes se já haviam recebido o Espírito Santo. Essa dúvida tinha a sua razão de ser; porque até então não houvera em Éfeso nem apóstolos nem bispos que lhes pudessem impor as mãos e administrar o sacramento da confirmação. Responderam que nem ao menos haviam ouvido falar de que existisse um Espírito Santo. Admirado da resposta, São Paulo lhes perguntou novamente que batismo haviam recebido; e tendo ouvido que era o de João, ordenou fôssem batizados em nome de Jesus Cristo. Em seguida, Paulo lhes impôs as mãos e o Espírito Santo desceu sôbre êles, não sòmente com os efeitos visíveis da sua graça, mas com os sinais extraordinários e manifestos de sua divina presença. Os neófitos falavam distintamente línguas que não conheciam anteriormente, predizendo coisas futuras, interpretando as sagradas Escrituras, e celebrando os louvores a Deus em alta voz e com grande fervor.

---

(1) Act., XVIII, 19-23. Galat., IV, 14 e 15.

Os três primeiros meses após o retôrno a Éfeso, Paulo, teve, como de ordinário, a sinagoga por teatro de suas disputas, pregações e triunfos. Mas quando viu alguns, talvez os principais judeus, sempre mais obstinar-se na impiedade, e blasfemar mesmo em público contra os desígnios do Senhor, abandonou a pérfida sinagoga, para não irritar ainda mais o furor dêsses ímpios, e separou dêles os novos discípulos. Retirou-se para a casa de um cristão chamado Tirano, em cuja escola dava instruções todos os dias. Isso durou dois anos, de sorte que todos os habitantes da Ásia, judeus e gentios, ouviram a palavra do Senhor. Pode-se conjeturar que o Apóstolo não tenha permanecido sempre fixado em Éfeso, mas haja percorrido as outras cidades da Jônia, talvez mesmo tôda a Ásia proconsular. Pode-se dizer ainda que, sem partir de Éfeso, a mesma coisa se efetuou, dado o grande afluxo de pessoas de tôda a Ásia para a cidade, que, pelo seu grande comércio, era reputada o mercado, onde ordinàriamente o procônsul tinha a sua residência; onde ficava, enfim, o famoso templo de Diana, considerado uma das maravilhas do mundo, e que atraía para Éfeso, não sòmente de tôda a Ásia, mas ainda de todo o universo, elevado número de estrangeiros.

Vê-se, pois, que, com razão o apóstolo São Paulo julgou a cidade um teatro digno do seu zêlo apostólico. Para glorificar ainda mais, aos olhos de tantos povos, o fiel ministro e dar maior brilho à sua pregação, Deus dignou-se operar, por seu intermédio, milagres extraordinários. Coisa jamais vista nem ouvida: até toalhas que haviam tocado o corpo do apóstolo serviram ao Todo-Poderoso de instrumento para operar maravilhas, expulsando dos doentes as

enfermidades e dos possessos os espíritos malignos. Os falsos reformadores da Igreja, que tanto vociferaram e vociferam ainda contra o uso das santas relíquias, não poderiam deixar de condenar a devoção dêsses primeiros cristãos, quando aplicavam sôbre os doentes lençóis que haviam tocado o corpo de Paulo. Mas Deus, que teria confundido então o amargo zêlo dos falsos sábios, mediante milagres, pelos quais mostrou que lhe era agradável, em tais práticas, a simplicidade da fé, não deixou de condenar a sua temeridade com milagres semelhantes, operados com a aplicação das relíquias dos santos, segundo testemunho irrefragável que apresentam todos os séculos. (1)

Os judeus tinham também nessa época os seus exorcistas, que iam de cidade em cidade exorcisar os possessos, para angariar dinheiro. Entre êles havia um tal Sceva, chefe de uma das vinte e quatro famílias de sacerdotes. Chegados a Éfeso, e vendo o poder que São Paulo tinha sôbre os demônios, em nome de Jesus Cristo, dispuseram-se a conjurá-los também pelo nome de Jesus que Paulo pregava, conquanto não tivessem o respeito que deviam por Jesus Cristo nem por São Paulo. Isso acontecia já quando vivo Nosso Senhor, que o tolerara, porque era época então de fazer brilhar a sua doçura. Mas não mais quis tolerar que abusassem de seu nome por vaidade ou por interêsse: e serviu-se do próprio demônio para punir a profanação. Porque o possesso disse aos judeus: Conheço Jesus, e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? Ao mesmo tempo, lançando-se sôbre êles, maltratou-os, obrigando-os a fugir nus e feridos.

(1) Orsi, Hist. eccl. t. IV.

O fato chegou ao conhecimento de todos os judeus e gentios que viviam em Éfeso, os quais, tomados de temor, glorificavam o nome do Senhor Jesus. E dentre os que haviam crido, grande número se achegou a Paulo, confessando e declarando as suas ações. Houve também muitos que haviam exercido artes mágicas, os quais trouxeram os seus livros e os queimaram diante de tôda gente; e quando calcularam o preço, verificaram que montava a cinqüenta mil peças de prata. Os habitantes de Éfeso eram muito afeiçoados a essas artes mágicas. (1)

Durante a estada em Éfeso, São Paulo escreveu a epístola aos Gálatas e a primeira aos coríntios, para completar-lhes a instrução e reformar certos abusos que se haviam suscitado entre êles.

Se a permanência de Paulo em Éfeso foi um contínuo martírio, pode-se dizê-lo particularmente dos últimos meses, aos quais devem ser relacionadas estas palavras da segunda epístola aos coríntios, escrita após sua partida da Ásia: "Não queremos, caríssimos irmãos, deixar-vos na ignorância com respeito às tribulações que sofremos na Ásia. Tanto elas nos extenuaram, que críamos, certamente, perder a vida em meio aos perigos, vida que nos era um fardo pesado; e nossa disposição interior se assemelhava àqueles que receberam notificação de sua sentença de morte." (2)

Entre as tribulações novas que sofreu o Apóstolo após haver escrito a primeira epístola, São Lucas descreve a sedição excitada contra êle por um tal ourives, chamado Demétrio, cujo ofício consistia em

(1) Act. XIX.
(2) II, Cor. II.

fazer pequenos templos de prata, que representavam o famoso templo dedicado a Diana, na cidade de Éfeso. Como a curiosidade de ver o soberbo monumento, contado entre as maravilhas do mundo, ou então a devoção pelo ídolo, atraísse de tôdas as partes do universo grande número de viajantes, Demétrio auferia avultados lucros com os pequenos templos, e uma multidão de ourives, que com êle trabalhava, também conseguia soma considerável. Demétrio reuniu-os todos e começou por exagerar, por uma parte, o imenso lucro que lhe advinha da devoção dos povos ao templo e à imagem de Diana, e, por outra, os esforços e o êxito das pregações de Paulo contra o culto dos ídolos, o que levava não sòmente Éfeso, mas quase tôda a Ásia a não mais considerar deuses verdadeiros os que eram obra da indústria humana. Isso permitia concluir que o ofício iria perder importância, o lucro diminuiria consideràvelmente, o templo da grande Diana cairia no desprêzo, e, enfim, ver-se-ia diminuir paulatinamente a majestade da divindade adorada em tôda a Ásia e todo o universo.

A essas palavras, todos se enfureceram, e, elevando as vozes até às nuvens, puseram-se a gritar: Viva a grande Diana de Éfeso! Tôda a cidade se convulsionou num instante. Acorreram ao teatro, lugar habitual das reuniões públicas, arrastando consigo Gaio e Aristarco da Macedônia, que haviam acompanhado o Apóstolo em sua viagem. Paulo queria ir apresentar-se ao povo, mas os discípulos o impediram. Alguns dos principais senhores da Ásia, que eram seus amigos pediram-lhe insistentemente que não se apresentasse no teatro. Todavia, alguns gritavam de uma maneira, outros de outra, porque o ajuntamento de povo estava inteiramente confuso,

e a maior parte nem sabia o porquê da reunião. Os judeus temiam que a tempestade se desencadeasse sôbre êles, pois ninguém ignorava o horror que tinham pelos ídolos. Mandaram, pois, que um tal Alexandre defendesse a causa e voltasse o ódio e o furor do povo contra os cristãos. Alexandre, fazendo sinal com a mão para apaziguar o tumulto e obter atenção favorável, dispunha-se a falar, quando sùbitamente, tendo-o conhecido por judeu, tôda a multidão elevou a voz, e, sem querer escutar qualquer razão, continuou a gritar durante duas horas: Viva a grande Diana de Éfeso! Por fim, um homem prudente apaziguou os clamores, e disse: Mas há alguém que ignore ter a cidade de Éfeso uma devoção especial ao templo da grande Diana, filha de Júpiter? Uma vez que ninguém lhe contesta essa reputação, deveis ficar tranqüilos e nada fazer inconsideradamente. Porque os que aqui trouxestes não são nem sacrílegos, nem blasfemos de vossa divindade. Se Demétrio, e os operários que com êle estão, têm alguma queixa que fazer que sejam ouvidos; temos procônsules: recorram, pois, à sua justiça. Se tendes algo a propor, poderá ser determinado em assembléia legítima. Porque estamos em risco de ser acusados de sedição pelo que se passou hoje, não podendo alegar qualquer razão para justificar êste ajuntamento tumultuoso de povo. Assim falando, despediu a multidão. (1)

Então Paulo convocou os discípulos, dêles se despediu, e pôs-se a caminho para a Macedônia e a Acaia, de onde escreveu a segunda epístola aos coríntios e aos romanos. Após ter permanecido três meses

(1) Act., XIX.

em Acaia, empreendeu nova viagem para Jerusalém, acompanhado de São Lucas. Permaneceram cinco dias em Tróada.

No último dia, que era domingo, os fiéis reuniram-se para partir o pão, o que, na linguagem dos escritores sacros significa freqüentemente a celebração dos santíssimos mistérios. Paulo, que devia partir no dia seguinte, prolongou o sermão até meia-noite no cenáculo ou câmara alta, onde se realizava a reunião e onde ardia grande número de archotes. O dia de domingo, o cenáculo no andar mais elevado da casa, o longo discurso de Paulo acêrca das coisas divinas, a multidão das lâmpadas iluminadas, são circunstâncias que indicam não ser um repasto ordinário o motivo da reunião dos fiéis, mas a consagração solene e a recepção dos mistérios divinos. Enquanto estavam todos atentos à palavra de Paulo, aconteceu que um jovem chamado Êutico, que, para melhor ouvir o Apóstolo, se havia sentado sôbre uma janela, vencido pelo sono, caiu do terceiro andar, onde se localiza o cenáculo, no pátio ou na via pública, e o levaram morto. Paulo desceu imediatamente, lançou-se sôbre o corpo, abraçou-o e lhe restituiu a vida: depois, voltando ao cenáculo, partiu o pão, isto é, celebrou a Eucaristia, continuando a falar até o romper da aurora, deixando os fiéis no auge da alegria, por verem entre êles o jovem ressuscitado.

Durante a permanência de alguns dias em Cesaréia da Palestina, ali chegou o profeta Abab, que, vindo vê-los, tomou a cintura de Paulo, e ligando-lhe as mãos e os pés, disse: Eis o que declara o Espírito Santo: O homem a que pertence esta cintura será assim amarrado em Jerusalém pelos judeus, e, por êles, entregue aos gentios. A profecia emocionou

tanto os companheiros de Paulo e os cristãos de Cesaréia, que o conjuraram a não ir a Jerusalém. Mas Paulo respondeu: Por que chorais e me entristeceis o coração? Estou pronto a sofrer em Jerusalém não sòmente a prisão, mas até a morte pelo nome do Senhor Jesus. Vendo que não logravam persuadi-lo, não mais o importunaram com a insistência e lhe disseram: Seja feita a vontade do Senhor! Encorajados por seu exemplo, não sòmente nenhum dos antigos companheiros o abandonou por temor, mas muitos dos cristãos de Cesaréia a êle se reuniram e o acompanharam a Jerusalém, conduzindo um tal Mnason, originário de Chipre, e antigo discípulo, que se crê comumente pertencer ao número dos setenta e dois, e em cuja casa deviam hospedar-se.

Chegados a Jerusalém, Paulo e seus companheiros foram acolhidos pelos irmãos com mostra de grande júbilo. No dia seguinte foram visitar Tiago, bispo da cidade, com o qual encontraram reunidos todos os sacerdotes. Paulo saudou-os e abraçou-os, relatando-lhes, em pormenores, tudo o que Deus havia feito entre os gentios por intermédio de seu ministério: E êles ouviram tôdas essas coisas, glorificando a Deus, e lhe disseram: Bem vêdes quantos judeus, milhares de judeus, creram; e, entretanto, ainda são zelosos pela lei. Ora, ouviram dizer que ensinais aos judeus, os quais no meio dos gentios vivem, que renunciem a Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem viver segundo os antigos costumes. Que fazer, pois? Certamente esta multidão se reunirá e não deixarão de inteirar-se de que chegastes. Fazei, pois, o que dizemos. Temos aqui quatro homens que fizeram o voto dos nazarenos. Tomai-os convosco; purificai-vos com êles, recebei os tributos

da cerimônia, a fim de que deixem lhes seja raspada a cabeça. E todos saberão que o que ouviram dizer é falso, e que continuais a observar a lei. Quanto aos gentios que creram, escrevemos que não devem observar essas coisas, mas sòmente abster-se das carnes imoladas aos deuses, do sangue e da fornicação. Paulo tomou, então, consigo êstes homens, e, tendo-se purificado com êles, entrou no dia seguinte no templo, fazendo saber os dias em que cumpriria a sua purificação, e quando a oferenda devia ser apresentada por cada um dêles.

Os sete dias que durava a purificação dos nazarenos iam terminar, quando os judeus da Ásia, tendo visto Paulo no templo, sublevaram todo o povo e apoderaram-se dêle, dizendo: Socorro, israelitas! Eis o homem que ensina por tôda parte contra a nação, contra a lei e contra êste lugar; e que, ademais, introduziu gregos no templo e profanou êste lugar santo. Porque, tendo visto na cidade Trofino de Éfeso com Paulo, julgavam que o houvessem introduzido no templo. Imediatamente tôda a cidade ficou convulsionada e o povo acorreu em massa; apoderaram-se de Paulo, conduziram-no para fora do templo, cerrando incontinenti tôdas as portas. E como se dispusessem a matá-lo, o rumor chegou até o tribuno da coorte romana, guarda do templo, que tôda Jerusalém se debatia em convulsão e confusão. Imediatamente, com soldados e centuriões acorreu ao local. Quando perceberam o tribuno e os soldados, os judeus cessaram de açoitar Paulo. Então o tribuno, aproximando-se, apoderou-se dêle; e mandando amarrá-lo com duas correntes, perguntou-lhe quem era e o que havia feito. Mas entre aquela confusa multidão, uma parte gritava uma coisa e outra outra. Nada logrando

averiguar de certo, por causa do tumulto, ordenou que o conduzissem ao campo. Localizava-se lá a fortaleza Antônia que comunicava com o templo. Quando Paulo chegou nos degraus que levam à fortaleza, foi necessário que os soldados o carregassem, por causa da violência do povo; uma grande multidão o seguia aos gritos de: Matai-o!

Quando Paulo ia entrar no campo, disse ao tribuno: É-me permitido dizer uma palavra? O tribuno lhe disse: Sabes falar grego? Não serás acaso aquêle egípcio que, alguns dias atrás, excitou uma sedição e conduziu para o deserto quatro mil sicários? Assim chamavam a uma multidão de assassinos espalhados na Judéia. Paulo respondeu: Sou judeu, de Tarso, na Cilícia, e cidadão desta cidade, que não é desconhecida. Mas permiti-me, peço-vos, falar ao povo. O tribuno lho permitiu; e Paulo, de pé sôbre os degraus, fêz sinal com a mão ao povo. Imediatamente se fêz um profundo silêncio, e êle lhes falou em hebraico, dizendo: (1) Meus irmãos e meus pais, escutai o que tenho a dizer-vos em minha defesa. Quando o ouviram falar em hebraico, acentuou-se ainda mais o silêncio. E êle lhes falou: Sou judeu, nascido em Tarso, na Cilícia; fui educado nesta cidade, instruído aos pés de Gamaliel na verdade da lei de nossos pais, zeloso pela lei como vós sois. Persegui até a morte os desta religião, prendendo-os e lançando-os na prisão, homens e mulheres, como pode dar testemunho o sumo sacerdote e o senado. Contou, em seguida, a história de sua conversão, e acrescentou que, de volta a Jerusalém, encontrando-se em oração no templo, entrou em êxtase e viu o Senhor que lhe

(1) Act. XXI.

ordenou saísse imediatamente da cidade, por não estar ela disposta a receber o seu testemunho. Mas, Senhor, respondi eu, êles sabem que fui eu que lançava na prisão e mandava açoitar nas sinagogas os que criam em vós; e quando foi derramado o sangue do vosso mártir Estêvão, estive presente e aplaudi-o; guardava as vestes dos apedrejadores. Mas êle me disse: Vai, porque te enviarei ao longe para os gentios.

Os judeus o escutaram até aqui; mas ao nome de gentios, elevaram a voz e gritaram: Tirai do mundo êste homem, porque não é permitido que êle viva! E como gritassem, e lançassem os mantos em terra, e fizessem voar a poeira no ar, o tribuno mandou conduzi-lo à fortaleza, e ordenou que o interrogassem, açoitando-o, a fim de saber por que gritavam contra êle desta maneira. Mas quando o amarraram com correias, Paulo disse ao centurião que estava presente: Tendes permissão para açoitar um cidadão romano, que não foi condenado? O centurião, ouvindo isto, foi encontrar o tribuno e lhe disse: Vêde o que ides fazer; êste homem é cidadão romano. Imediatamente o tribuno foi ver Paulo e lhe perguntou: Dizei-me, sois cidadão romano? Paulo respondeu: Sou. O tribuno replicou: Comprei êste direito muito caro. E eu, replicou Paulo, sou-o por nascimento. Vêem-se, com efeito, em Josefo, vários decretos de cidades e de procônsules, que, desde a época de César, havia judeus cidadãos romanos na Ásia, entre outras cidades, em Éfeso e Sardes. Devia-os haver em Tarso, tanto mais que esta cidade sempre tomara o partido de César e de Augusto. (1)

(1) Josefo, Ant., I, XIV, c. x. Dion. I, XLVII, n. 26 a 31.

Os que deviam interrogá-lo retiraram-se prontamente e o tribuno atemorizou-se, vendo que Paulo era cidadão romano, e que o havia mandado amarrar. No dia seguinte, querendo saber mais exatamente de que os judeus o acusavam, mandou tirar-lhe as algemas, e, tendo ordenado que se reunissem os príncipes dos sacerdotes e todo o sinédrio, levou Paulo e a êles o apresentou. (1)

Paulo, olhando, firme e seguro, o sinédrio, disse: Meus irmãos, até êste dia sempre me comportei diante de Deus com tôda a retidão de uma boa consciência. No mesmo instante, o sacerdote Ananias ordenou aos que estavam próximos que lhe batessem na bôca. Então Paulo disse: Deus te ferirá, muralha embranquecida! Como? Assentas-te para julgar-me segundo a lei, e contra a lei mandas que me firam? Os presentes lhe responderam: Maldizes o sumo sacerdote de Deus? Paulo retrucou: Não sabia, meus irmãos, que êste fôsse o sumo sacerdote. Porque está escrito: Não amaldiçoeis o príncipe do vosso povo.

Ora, Paulo, sabendo que entre os presentes, uns eram saduceus e outros fariseus, disse bem alto na assembléia: Meus irmãos, sou fariseu e filho de fariseu; é por causa da esperança de outra vida, e da ressurreição dos mortos, que me querem condenar! Ouvidas essas palavras, suscitou-se uma contenção entre os fariseus e saduceus, e a assembléia ficou dividida. Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjos, nem espíritos; os fariseus, pelo contrário, reconhecem um e outro. Levantou-se um grande rumor, e os doutôres do partido dos fariseus, levantando-se, disputavam vivamente e diziam: Não

(1) Act., XXII.

encontramos culpa neste homem. Que sabemos nós se não lhe falou um anjo ou um espírito? Não combatamos contra Deus. Como aumentasse o rumor, o tribuno que temia fôsse Paulo feito em pedaços, mandou que os soldados o tomassem e levassem para a fortaleza. Na noite seguinte, o Senhor apareceu a Paulo e lhe disse: Tem coragem, Paulo, porque como deste testemunho de mim em Jerusalém, é mister que também dês testemunho de mim em Roma.

No dia seguinte mais de quarenta judeus se apresentaram aos príncipes dos sacerdotes e aos senadores e lhes disseram: Fizemos voto, com grandes imprecações contra nós mesmos, de não tomar qualquer alimento antes de termos matado Paulo. Fazei pois, saber ao tribuno, da parte do conselho, que lhe pedimos para apresentar amanhã Paulo diante de vós, a fim de vos inteirardes mais detidamente de seu caso. Nós, de nossa parte, estamos prontos a matá-lo antes que êle chegue. Paulo foi advertido por seu sobrinho, filho de sua irmã, e fê-lo conduzir ao tribuno, filho de um centurião, que disse: O prisioneiro Paulo pediu-me para trazer-vos êste jovem, que tem algo para vos dizer. O tribuno, tomando-o pela mão, levou-o à parte, e perguntou-lhe o que tinha a dizer-lhe. O jovem lhe explicou a conjuração; e o tribuno despediu-o, proibindo-lhe dizer que houvesse falado com êle. Depois, fazendo vir à sua presença dois centuriões, ordenou-lhes se aprestassem para a segunda hora da noite duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentas lanças, bem como cavalos para Paulo, que, nessa noite mesma seria enviado a Cesaréia com a escolta, a fim de ser entregue em segurança nas mãos de Félix, governador da cidade. Temia que os judeus o seqüestrassem no caminho

para assassiná-lo, de acôrdo com o seu voto sacrílego, e o acusassem de ter recebido dinheiro dêles para facilitar o assassinato. Os soldados, pois, tomaram Paulo, e conduziram-no nessa mesma noite a Antipátrida. De lá, regressando os soldados a Jerusalém, os cavaleiros o levaram no dia seguinte a Cesaréia, onde o apresentaram ao governador, com a carta do tribuno, que fôra redigida nestes têrmos: "Cláudio Lísias, ao excelentíssimo governador Félix, saúde. Os judeus apoderaram-se dêste homem, e estavam a ponto de matá-lo, quando cheguei com os soldados e o tirei de suas mãos, tendo sabido que era cidadão romano. E querendo saber de que crime o acusavam, conduzi-o ao conselho. Verifiquei que era acusado de questões envolvendo a sua lei, mas que não era culpado de nenhum crime que merecesse a morte ou a prisão. E como fui advertido de que os judeus tramavam contra a sua vida, imediatamente vo-lo enviei, e declarei aos acusadores que fôssem propor diante de vós o que tinham a alegar contra êle. Felicidade." O governador leu a carta e perguntou de que província Paulo era. Sabendo que era da Cilícia, disse-lhe: escutar-vos-ei quando tiverem vindo os teus acusadores. E ordenou que o guardassem no pretório ou palácio de Herodes. (1)

Félix ouviu os acusadores e as respostas do Apóstolo. Sabia muito bem que se tratava de assuntos de religião, mas adiou a sentença, e declarou ouvi-los novamente quando Lísias viesse em pessoa de Jerusalém a Cesaréia. O verdadeiro motivo era outro. Achava que Paulo lhe daria dinheiro para obter a liberdade. Porque êste governador Félix, nascido

(1) Act., XXXII.

escravo, era ganancioso, cruel e devasso. Temendo ser acusado pelos judeus de havê-los tiranizado, deixou Paulo na prisão para abrandá-los e assegurar-se de suas boas graças. Seu sucessor Festo, querendo, do mesmo modo, a benevolência dos judeus no início do govêrno, disse ao Apóstolo: Quereis subir a Jerusalém e ser julgado perante mim das coisas de que vos acusam? Paulo, que entrevia onde iria parar semelhante julgamento, e que Festo já se inclinava a entregá-lo aos judeus, os quais haviam tramado assassiná-lo em caminho, respondeu: Estou diante do tribunal de César; nêle devo ser julgado. Nada de mal fiz aos judeus, como sabeis muito bem. Se prejudiquei alguém, ou se fiz algo que mereça a pena capital, não recuso morrer; mas se nada de verdadeiro existe em tôdas as acusações que contra mim levantam, ninguém pode entregar-me a êles. Apelo para César, como cidadão romano. Festo conferenciou com o conselho e respondeu: A César apelaste, a César irás.

Alguns dias após, o rei Agripa veio visitar Festo, e, ouvindo Paulo nesta ocasião, disse em voz alta: Poder-se-ia pô-lo em liberdade, se não tivesse apelado para César.

Paulo foi conduzido por mar para a Itália. O barco soçobrou, mas, como Deus havia prometido a Paulo, nenhum dos passageiros pereceu; todos chegaram, sãos e salvos, à terra. No primeiro momento não sabiam em que plagas haviam aportado, lançados pela tempestade. Os habitantes do país que se apressaram em vir-lhes em socorro, com muita humanidade, disseram que a ilha se chamava Melita, hoje Malta. Os bárbaros, porque assim os chama São Lucas, segundo o costume dos gregos e romanos,

acenderam uma grande fogueira para secar e esquentar os que, numa estação tão fria e após tantos dias de fadigas contínuas, saíam do meio das ondas. Paulo ajuntou uma braçada de gravetos, que lançou ao fogo, quando sùbitamente uma víbora, entorpecida pelo frio mas repentinamente despertada pelo calor, lhe saltou nas mãos. Vendo isso, os bárbaros diziam entre si que, sem dúvida, aquêle homem era um assassino, pois, após ter escapado do naufrágio, a vingança divina o perseguia ainda e não lhe permitia viver.

Mas Paulo atirou a víbora ao fogo, sem sofrer qualquer mal. Os insulares, a quem os efeitos do mortal veneno eram conhecidos, imaginavam que o infeliz ia inchar e cair morto por terra. Mas, após terem esperado longo tempo, vendo que nada lhe acontecia, passaram de um extremo ao outro e disseram que era um deus. Perto dali ficavam as terras da primeira personagem da ilha, Publius, que recebeu em casa o Apóstolo, com os companheiros, e lhes proporcionou generosa hospitalidade por três dias. O pai de Publius estava retido ao leito por duas enfermidades muito perigosas num velho, a febre e a disenteria. Paulo foi vê-lo e, orando, impôs-lhe as mãos e o curou. Após êsse milagre, todos os doentes recorriam a Paulo e recuperavam igualmente a saúde. Também muito a êle se afeiçoaram. Enquanto lá permaneceu, renderam-lhe grandes honras, e, à sua partida, deram-lhe o necessário para a viagem.

Após uma estada de três meses, embarcaram para Puzolas, onde chegaram felizmente. Os cristãos de Roma, informados pelos de Puzolas, experimentavam tão grande desejo de ver e abraçar o Apóstolo, que não puderam deixar de ir ao seu encontro, uns

a mais de trinta, e outros a mais de cinqüenta milhas de Roma. Paulo, vendo-os, ficou consolado, e rendeu graças a Deus, sentindo o coração encher-se de nova confiança.

De sua prisão em Roma, Paulo escreveu várias de suas epístolas; primeiramente a dos filipenses. Os cristãos dessa cidade eram as primícias de seu apostolado na Europa e na Macedônia. Parece também que ninguém lhe era mais caro do que êles. Sòmente êles tinham como que o privilégio de prover às suas necessidades.

Desde que o souberam em Roma, enviaram-lhe Epafrodita, seu apóstolo, isto é, seu bispo, com abundantes socorros. Êste, em nome dos filipenses, serviu-o com solicitude tão assídua na prisão que contraiu uma enfermidade mortal; mas aprouve a Deus livrá-lo da morte, não sòmente como recompensa de sua caridade, mas ainda por compaixão pelo Apóstolo, a fim de que não se ajuntasse a perda de um amigo caro e fiel nos seus trabalhos e combates pelo Evangelho às aflições penosas que Paulo já sofria.

A notícia do mal que afligia Epafrodita repercutiu dolorosamente entre os filipenses. Epafrodita, por sua vez, mais se preocupou com sua aflição do que com a sua enfermidade. São Paulo, mais ocupado com a consolação recíproca do que com sua própria, tão logo o viu restabelecido, apressou-se em mandá-lo de volta à Macedônia, com uma carta aos santos de Filipo, principalmente aos bispos e diáconos; pelos bispos, entendem-se comumente os sacerdotes. Epafrodita era pròpriamente o bispo ou apóstolo dos filipenses.

Essa carta não respira senão ternura e caridade: não se vê uma censura sequer. O que há de mais

notável é a saudação que Paulo dirige aos filipenses. Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os da casa de César. (1)

Êsse César era Nero, então imperador. Assim, pois, na própria côrte onde Sêneca, com tôda a sua filosofia, com tôda a sua eloqüência, com tôdas as suas riquezas, com todo o seu crédito, não soube fazer de Nero senão um monstro, cuja mais execrável perversidade não se peja de justificar, o parricídio nesta mesma côrte, Paulo judeu, Paulo prisioneiro, fêz com que acreditassem em Jesus Cristo, e sua religião. Persuade à continência, modéstia, temperança, misericórdia, caridade, desprêzo dos prazeres, das honras, das riquezas; numa palavra, nessa mesma côrte Paulo forma santos. Tal é a distância de filósofo a Apóstolo.

Uma das mais célebres conversões de Paulo durante seu primeiro cativeiro em Roma, foi a de Onésimo, escravo de Filemon. Tinha furtado do seu senhor; e, para evitar os castigos que merecia, havia fugido para a capital do mundo, quando foi levado pela misericórdia divina aos pés do santo prisioneiro. Filemon era um distinto cristão de Colossa, célebre cidade da Frígia. São Paulo o amava com ternura e muita confiança em sua amizade. Tendo convertido e regenerado Onésimo, não mais quis guardá-lo junto de si, mas o enviou, com uma carta, ao amo, onde lhe pede, com as expressões mais ternas e eficazes, que o receba, não mais como escravo, mas como irmão, e lhe perdoe as faltas e o roubo.

"Eu, Paulo, já velho e prisioneiro de Jesus Cristo, podendo ordenar-vos pela autoridade que

(1) Filip. IV, 22.

tenho sôbre vós, todavia, vos suplico, por meu filho que gerei nas algemas, por Onésimo; êle, que outrora vos foi inútil, mas agora se vos tornou útil, tanto a vós como a mim, eu vo-lo reenvio; recebei-o como meu próprio coração."

Ao mesmo tempo Paulo escreveu aos colossenses, para premuni-los contra a sedução de certos hereges, que, saídos do judaísmo e imbuídos da filosofia platônica, procuravam persuadir aos gentios convertidos à fé, à observância das cerimônias judaicas, e lhes ensinavam um culto falso e supersticioso dos anjos, como se sòmente êles fôssem nossos mediadores junto de Deus. O Apóstolo lhes mostra que Jesus Cristo está sôbre tôdas as coisas. Trata do mesmo assunto com mais elevação ainda na epístola aos efésios. Mas onde a desenvolve em tôda a sua extensão, é na epístola aos hebreus. Prova, pela própria lei, a grandeza de Jesus Cristo acima dos anjos, dos patriarcas e dos profetas; a excelência do seu sacerdócio, a virtude do sacrifício, a mudança da lei pela vinda do Pontífice eterno.

Livre das cadeias que carregara dois anos em Cesaréia e dois em Roma, Paulo executou, sem dúvida, o desejo que manifestou aos filipenses, a Filemon e aos hebreus, e que era ir vê-los. Não parece, pois, que tenha sido nessa época que empreendeu viagem à Espanha, se é que fêz realmente essa viagem, da qual não temos provas certas nem de tradição constante e unânime dos antigos autores. O que há de certo é que, navegando para o Oriente, isto é, para a Palestina, Paulo aportou à ilha de Creta ou Cândia, e após uma longa permanência, deixou a Tito a superintendência geral de tôda a ilha, a fim de concluir o que não lhe fôra possível fazer e principalmente

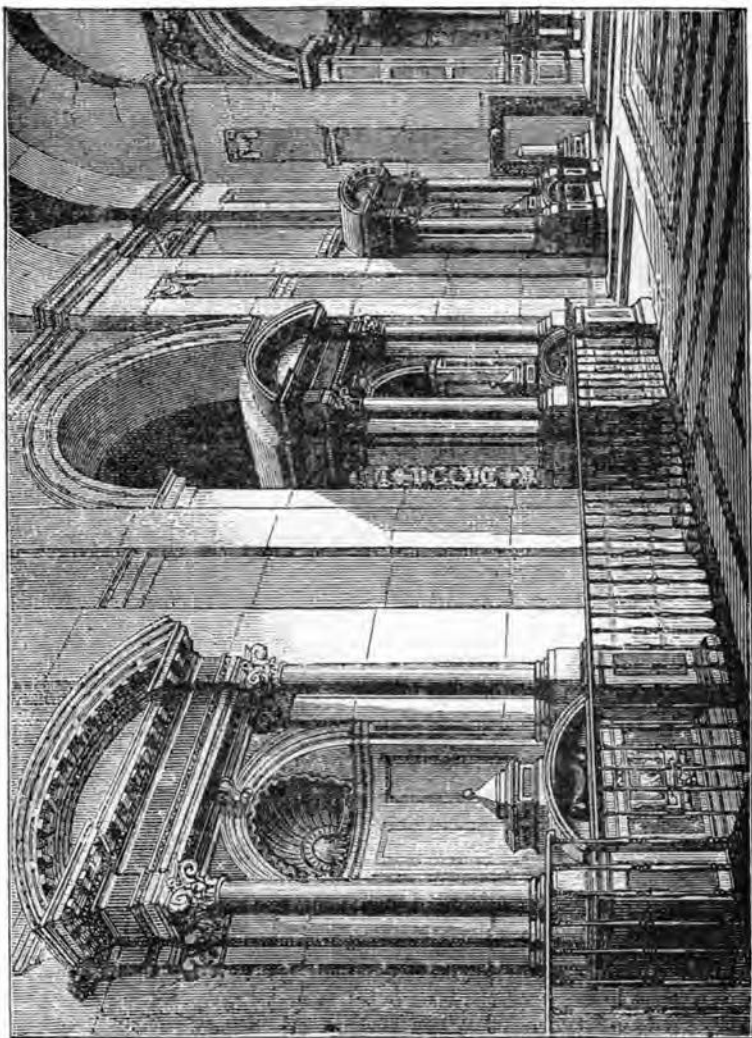
prover as principais cidades de bispos dotados das qualidades necessárias para formar verdadeiros e excelentes pastôres. Da ilha de Cândia, crê-se que tenha passado para a Judéia: não há razão para duvidar que satisfizesse o desejo de rever e abraçar os bem-amados irmãos, segundo promessa que lhes havia feito de ir encontrá-los prontamente em companhia de Timóteo. Da Palestina, o Apóstolo foi a Éfeso, de onde, após ter deixado Timóteo para governar essa igreja, e, após ter visitado as outras da Ásia, particularmente a de Colossa, se dirigiu à Macedônia. Foi de lá, segundo muitos, que escreveu a primeira epístola a Timóteo. Nela vêem-se, bem como na de Tito, escrita na mesma época, coisas notáveis no tocante ao estado e hierarquia da Igreja, e à disciplina eclesiástica daquele tempo.

Antes de tudo, vemos em uma e outra, bem como na segunda a Timóteo, não um colégio de sacerdotes, e ainda menos leigos, mas duas pessoas particulares, a saber: Timóteo e Tito, encarregados pelo Apóstolo de governar, um a Igreja de Éfeso, outro a Igreja de Cândia. É a êles, em particular que prescreve as regras segundo as quais devem portar-se no govêrno eclesiástico, principalmente as ordenações de bispos ou de outros ministros; promover as viúvas no rol das diaconisas, regrar as assembléias públicas dos fiéis, distribuir os bens da Igreja para o sustento das pobres viúvas, e dos sacerdotes ocupados na cura de almas ou no ministério da palavra divina; receber as acusações contra os mesmos sacerdotes; corrigi-los, quando com sua má conduta davam escândalo público; guardar a fé e defendê-la contra os ataques, os insultos e as profanações dos inovadores; reprimir a audácia

e a temeridade dos que procuram introduzir no cristianismo diferentes seitas de perdição.

Quando o Apóstolo escreveu sua primeira epístola a Timóteo, estava resolvido a dirigir-se novamente para a Ásia e ir encontrá-lo em Éfeso. Escrevendo, em seguida, a Tito, ordena-lhe que venha imediatamente juntar-se a êle em Nicópolis, enviando-lhe Artemas e Tícico, talvez para tomarem conta da Igreja em sua ausência. Quis passar o inverno em Nicópolis, razão pela qual quis, ao esperá-lo, que lhe enviasse um certo Zenas, jurisconsulto, de quem não se faz menção em outra passagem, mas cuja memória é célebre em diversos martirológios. Não sabemos de que Nicópolis falou o Apóstolo; pode ser da Nicópolis situada no gôlfo de Ambrácia, no Épiro, como querem alguns; ou, então, a Nicópolis da Trácia, às margens do Nesso, como querem outros. Seja qual fôr, o certo é que Paulo cumpriu a resolução de voltar à Ásia; e é nesta última viagem que alguns crêem tenha êle sofrido, em Antioquia, em Icona e em Listra, as perseguições e os trabalhos a que se refere, na sua segunda epístola a Timóteo.

Após haver satisfeito o desejo de rever e visitar as principais Igrejas da Ásia, o Apóstolo partiu para Roma, tendo, ao que parece, por companheiros de viagem Demas, Crescente, Tito, Lucas, Tícico, Erasto e Trofimo. Com efeito, convidando Timóteo a vir prontamente a Roma, e a levar consigo João Marcos, fá-lo entender que Lucas havia permanecido só com êle, tendo-o abandonado Demas por apêgo aos bens dêste século. Crescente havia partido para a Galácia, ou Gália, pois em grego têm o mesmo nome, e Tito para a Dalmácia, sem dúvida para ali anunciar o Evangelho. Quanto a Tícico, Erasto e Trofimo, o



São Paulo Três-Fontes, em Roma.

primeiro fôra enviado a Éfeso; o segundo havia sido enviado a Corinto, onde exercera antigamente o cargo de questor ou tesoureiro da cidade; e o terceiro tinha permanecido enfêrmo em Mileto. Além de Mileto e Corinto, sabemos ainda que, nessa viagem, o Apóstolo passou pela Troada, porque ali havia deixado, em casa de Carpo, um manto, livros e pergaminhos, que pediu a Timóteo para trazer a Roma.

Quanto ao seu glorioso martírio, já o vimos com o de Pedro.

* * *

SANTA SALOMÉ E SANTA JUDITH (*)

Reclusas

(Século IX?)

Salomé era sobrinha dum rei da Inglaterra. De volta duma peregrinação a Jerusalém, encerrou-se no mosteiro de Ober Altaich, Baviera, cujo abade mandou que se lhe edificasse uma cela perto da igreja, "com janela dando para o côro".

Pouco depois, uma parenta, Judith, viúva, juntou-se a Salomé. Dizia-se que o rei inglês, sem ter notícias da sobrinha, desde que se fôra para Jerusalém, enviara Judith à sua procura.

Judith, agradada da vida religiosa, acabou por fixar-se em Ober Altaich, e o abade fêz com que se edificasse mais uma cela, onde a viúva se encerrou.

Ambas as reclusas viveram na penitência. Mortas, as relíquias foram levadas para Nieder Altaich.

Há os que pensam que Judith seja a romântica e belíssima Edburga aventureira que se converteu. Filha do rei Offa de Mércia, casou-se com um rei saxão do Oeste, ao qual envenenou, correndo refugiar-se ao pé de Carlos Magno. Expulsa, com uma

escrava da côrte, errou pelo país, até que se fixou, convertida, perto de Altaich. É possível que Judith seja a turbulenta Edburga de outrora, dizem os estudiosos pesquisadores. O cronista Asser, que faleceu em 909, encontrou-a a mendigar em Passau, e Passau fica próximo de Altaich.

* * *

SANTA EMA (*)

Viúva

Santa Ema, filha de conde e parente de Santo Henrique, o imperador, foi educada na côrte onde se sobressaiu Santa Cunegunda, a imperatriz.

Casada com Guilherme, um landgrave (1), teve dois filhos: Guilherme e Hartwig. Ambos foram assassinados ao mesmo tempo, quando inspecionavam as minas de ouro e prata, onde o pai os colocara como diretores.

A dor de Santa Ema foi cruciante. E o landgrave, no auge da desesperação, idealizou uma vingança tremenda, na qual pudesse afogar a dor da espôsa e a própria. Ema, todavia, conteve-o. E Guilherme, caindo em si, por penitência, empreendeu uma peregrinação a Roma, no regresso da qual, santamente expirou.

Ema, resignada com a sorte, desfêz-se da fortuna herdada. Distribuiu uma parte aos pobres e a

(1) Título ou dignidade de alguns príncipes alemães. Do alemão: **landgraf.**

outra empregou em piedosas fundações. Ergueu um mosteiro para homens e mulheres; o castelo em que vivia, transformou-o em convento; e uma igreja, consagrada a Nossa Senhora, foi erigida em 1043.

Falecida em 1045, teve as relíquias colocadas na vasta catedral de Gurk no ano de 1174.

* * *

SÃO CÁSSIO (*)

Bispo e Confessor

Antes de ser bispo de Narni, na região de Perusa, na Úmbria, o Santo teve por espôsa a virgem Fausta, com a qual viveu na mais perfeita continência.

Eleito para a sé de Narni, em 536, São Cássio, piedoso e penitente, celebrava a missa todos os dias, o que fazia entre copiosas lágrimas.

Disse-lhe o Senhor: "Cumpre teu dever, leva avante a tua obra. Que teu pé e tua mão jamais recuem. À festa dos Santos Apóstolos, tu virás para mim, e eu te darei a recompensa que mereces".

Com efeito, no dia 29 de junho do ano de 558, na festa dos santos apóstolos Pedro e Paulo, São Cássio celebrou a missa, comungou e faleceu, docemente.

* * *

SANTA MARIA (*)

Mãe de João, cognominado Marcos
I.º Século

A mãe de João, cognominado Marcos, aparece numa única passagem dos Atos dos Apóstolos.

Quando São Pedro foi miraculosamente libertado da prisão por um anjo, depois dum momento de reflexão, foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos, reunidos, estavam em oração (1).

Supõe-se que Maria colocara à disposição dos cristãos de Jerusalém a casa em que vivia, e ali se realizavam reuniões.

Tradições sem qualquer fundamento dizem que a Santa, indo o filho para Chipre, acompanhou-o, ali falecendo.

Santa Maria, mãe de João, cognominado Marcos, foi inscrita no martirológio por Barônio.



No mesmo dia, na cidade fortificada de Argenton, na Gália, São Marcelo, mártir, que foi decapitado pela fé juntamente com um homem de guerra, cha-

(1) Act. 12, 12.

mado Anastácio. (?) Segundo as Atas redigidas no século X, sem qualquer valor histórico, êstes dois mártires seriam dois romanos que tinham ido em auxílio de missionários. As relíquias estão conservadas na igreja de São Marcelo de Bourges. Nesta diocese celebram-lhes a festa no dia 3 de julho.

Em Gênova, a morte de S. Siro, bispo ou Syr, falecido em 330, cujo corpo, desaparecido, foi reencontrado no ano de 1098.

* * *

30.º DIA DE JUNHO

SÃO BASILIDO (*)

Mártir

Basilido foi mártir de Alexandria, quando de Sétimo Severo. Discípulo de Orígines, era nobre, corajoso e de vida irrepreensível.

Soldado, fazia parte da escolta encarregada de guardar a jovem Potamiana, mártir, que vimos no dia 28 dêste.

Potamiana, duramente torturada pelo fero juiz Áquila, foi conduzida à morte. O povo, convulsionado, a gritar, ansioso por se apoderar da santa jovem, foi contido por Basilido, corajosamente.

Tal atitude levantou suspeitas. O bom soldado, chamado pelos superiores, foi convidado a prestar juramento como militar. Como cristão, Basilido recusou-se com firmeza. Foi, então, metido numa cela. Ali, os irmãos que tinha em Deus, foram visitá-lo e acoroçoar.

Três dias depois do martírio de Potamiana, a santa mártir apareceu-lhe numa visão. Era de noite, e por todo o presídio só o silêncio imperava. Apro-

ximando-se dêle, delicadamente colocou-lhe na cabeça uma coroa que trazia nas mãos.

No dia seguinte, arrancado para o ar livre, o valoroso soldado — soldado de Cristo — depois dum brilhante martírio, subiu aos céus, a juntar-se com aquela que tão heròicamente guardara e defendera.

São Basilido foi decapitado em 202.

* * *

SANTA ERENTRUDES (*)

Virgem

Erentrudes — também Ermentrudes e Arentrudes — era aparentada com São Roberto, ou Ruperto, que a instalou, conforme o desejava a santa virgem em Nonnberg.

Santa Erentrudes, que desde a infância votara a Deus a virgindade, foi abadêssa exemplaríssima.

Conta-se que São Roberto, um dia, foi procurá-la. E, chamando-a muito reservadamente, disse-lhe que, bem cedo, ir-se-ia dêste mundo.

Erentrudes, chocada, debulhada em lágrimas, caiu-lhe aos pés, a soluçar, e pôs-se a suplicar-lhe que de Nosso Senhor conseguisse uma grande graça: a de dignar-se levá-la em primeiro lugar, porque, sòzinha, que faria ela neste triste exílio tão pesado?

São Roberto levantou-a docemente, e, pousando na parenta os olhos adoçados, respondeu-lhe:

— Nossa sorte está nas mãos de Deus! É pecado querer ultrapassar a Providência!

Erentrudes, então, suplicou ao bom prelado que, pelo menos, acedesse em pedir ao Senhor que consentisse levá-la logo depois dêle.

Prometendo que assim o faria, São Roberto tranqüilizou-a. E os dois, exultantes, a falar da pátria eterna, deixaram-se ficar longamente em santas considerações, a chorar de alegria.

São Roberto faleceu. E, pouco depois, uma noite em que Erentrudes por êle orava, com os olhos rasos d'água, o bispo lhe apareceu. E, a sorrir, disse à santa abadêssa:

— Vem, querida irmã, vem ao reino que tu conquistaste tão valentemente!

Santa Erentrudes amanheceu enfêrma. E à medida que o tempo passava, ia piorando. Finalmente, a 30 de junho de 718, foi-se para Deus.

As relíquias da santa abadêssa virgem, que estão conservadas em Nonnberg, por ocasião das grandes festas são expostas num formosíssimo relicário de prata.

* * *

SÃO BERTRANDO (*)

Bispo

São Bertrando foi bispo do Mans, de 586 a 623. Nascido em 550, perto de Ruão, recebeu a tonsura clerical em Tours, depois do que, pelas mãos de São Germano de Paris, as ordens sacras e a função de arcediago.

Em 586, sucedeu a Badegisilo, e em 588, era enviado aos bretões, pelo rei Gontrão, como embaixador.

São Bertrando foi pastor boníssimo, sempre preocupado com os pobres. Fundou a abadia de São Pedro e São Paulo da Cultura, em 595; restaurou um mosteiro que se levantara em honra de São Germano; um outro em honra de São Martinho; erigiu a igreja de Santa Cruz do Mans; assistiu ao concílio de Paris, de 614; e, em 616, assinou o testamento, que chegou até nossos dias e é um dos mais preciosos documentos da época merovíngia.

Depois de trinta e sete anos de bispado, pouco mais ou menos, faleceu no dia 30 de junho de 623 (?).

O corpo, então muitíssimo venerado, foi enterrado na Cultura, que se situava num subúrbio do Mans.

Duas igrejas foram consagradas ao santo bispo. A catedral e a Cultura possuem relíquias de São Bertrando.

* * *

SÃO TEOBALDO (*)

Sacerdote e Ermitão

São Teobaldo era aparentado com o São Teobaldo que foi arcebispo de Viena. Filho de Arnoul e de Willa, ou Guilla, ainda Gisla, que deu Gisela, foi-lhe padrinho de batismo o conde Teobaldo III de Blois.

O nosso Santo passou os primeiros anos de vida na piedade e na inocência, sem ouvir os chamados dos prazeres dêste mundo. Desde menino, sentiu-se atraído, sim, pela solidão, e, contìnuamente, ficava absorto nas leituras santas, considerando a vida de Elias no monte Carmelo, de São João Batista ao longo do rio Jordão, de São Paulo e de Santo Antônio na Tebaida. Nestas ocasiões, retirado de todos, penetrava-lhe fundamente na alma o desejo imenso de se afastar de todo o burburinho do mundo, de viver bem longe de vozes humanas, na mais completa solidão.

Logo, principiou a visitar um ermitão, chamado Burchard, que levava a vida numa das pequeninas ilhas do Sena. Contaminado pela santidade do solitário, Teobaldo deixou o século, indo, com um dos amigos, Gualtério, para a abadia de São Remi de

Reims, depois para a Alemanha, ambos a mendigar, com muita humildade.

Agradados com a majestade e a perene quietude da floresta de Pettingen, distante dezesseis quilômetros, mais ou menos, de Luxemburgo, ali se fixaram. E, a ajudar ora êste, ora aquêle, trabalhando a terra, fazendo carvão, ou mourejando nas colheitas, ganhavam alguma coisa, o suficiente para animar a vida.

Virtuosíssimos, passaram os dois amigos, num instante, a ser venerados por tôda a gente da vasta região. E as visitas se sucediam tão amiudadamente, que já nem lhes era possível dedicar sequer uma hora para as coisas de Deus. Assim, resolveram partir da quieta floresta majestosa, e, descalços, uma noite, demandaram outras plagas, alegres, debaixo do céu crivado de estrêlas. E foram andando. Caminharam longamente, a fazer pequenas paradas, a falar das coisas eternas, a pensar, e só, em Jesus Senhor nosso.

Um dia, chegaram a São Tiago de Compostela. Ali, pararam algum tempo, ao cabo do qual, resolvidos a ir a Roma, aligeiraram os passos na direção do centro da cristandade, alegres, sempre alegres, a falar das coisas eternas, a pensar, e só, em Jesus Senhor nosso.

Em Roma, depois de terem visitado muito contritamente todos os lugares de peregrinação, pensaram em Jerusalém. Iriam a Jerusalém. Iniciaram a jornada, animadíssimos, mas, antes mesmo de chegar a Veneza, as fôrças entraram-lhes a descambar: esgotados, depois de dias infindos de andanças, pararam, exaustos, em Salanigo, que ficava perto da abadia de Vangadizza, na diocese de Adria.

Logo, avistaram uma capela, singela, muito castigada pelas intempéries. Dedicada a Santo Hermágoras e a São Fortunato, jazia um tanto ou quanto em ruínas.

Ao lado da igrejinha, Teobaldo e Gualtério edificaram duas tôscas celas diminutas, e, ali, passaram a viver na mais completa soledade, a orar, a cantar salmos, penitenciando-se, a macerar o corpo já macerado.

Dois anos depois, Deus levou o bom Gualtério. Teobaldo, sòzinho, redobrou de austeridades. Comia pouquíssimo. Uma côdea de pão, que alguma alma caridosa lhe levava, ou então, um punhado de grãos, uma tigela risível de legumes. Dormindo na rijeza do chão, Teobaldo sempre procurava os lugares mais incômodos.

Tal gênero de vida devia ser recompensado por Deus. Devia e foi. Anjos, sob as mais graciosas aparências, enchiam-lhe docemente a cela. E os milagres que então principiou a obrar, levaram-no a ser considerado, por tôda a gente do lugar, como um grande santo.

O bispo de Vicenzo elevou-o ao sacerdócio. E a reputação do santo ermitão crescia tanto, que o conde Arnoul, com Gisela, buscaram a Itália para rever o filho.

Quando chegaram, de coração pulando dentro do peito, ambos, impulsionados pela emoção incontida, outra coisa não fizeram senão cair de joelhos diante daquele que lhes saíra da própria carne. E, assim, prosternados, de olhos rasos d'água, mudos,

sem murmurar sequer uma curta exclamação, porque embargados, aos pés do santo filho amado, pequenos, muito pequenos, deixaram-se ficar longamente.

Magro, esquálido, quase transparente, Teobaldo revestia-se duma como luminosidade angelical.

O pai e a mãe, cheios ambos do mais puro desejo de se consagrar à mesma vida, decidiram permanecer ao pé do santo Teobaldo. Gisela ficou definitivamente. E Arnoul tornou: poria os negócios em ordem e depois voltaria para os dois entes amados, para sempre.

Pouco depois, atacado de úlceras, que lhe cobriram o corpo todo, o doce ermitão que os anjos visitavam deixou o mundo, aquêle mundo que, fazia muito, gostosamente deixara para ùnicamente viver para Deus.

O abade de Vangadizza, que há um ano atrás lhe conferira o hábito dos camaldulos, e Gisela, receberam-lhe o último suspiro, as últimas palavras:

— Senhor, tem piedade de teu povo!

Corria o ano de 1066, era a 30 de junho, e o santo homem, naquele retiro, vivera doze anos.

Desapareceram-lhe, então, as úlceras tôdas. Do mal, nem os sinais ficaram no magro corpo castigado.

Sepultado na capela dos santos mártires Leôncio e Carpóforo, na catedral de Vicenzo, no dia 3 de julho, em 1074, secretamente subtraído da tumba, foi levado para a abadia de Vangadizza.

Mais tarde, um irmão de São Teobaldo, Arnoul, que era abade de Santa Colomba de Sens e de Lagny,

pleiteou e conseguiu as relíquias do santo ermitão, as quais foram, pelo próprio irmão abade, levadas para Sens.

Depois dum milagre, ocorrido no bosque de Hetres, construiu-se uma igreja dedicada a São João Batista — origem do priorado que se denominou São Teobaldo das Videiras.

São Teobaldo foi canonizado pelo papa Alexandre II, o que quer dizer que foi elevado ao número dos santos em menos de sete anos depois do falecimento.

* * *

BEM-AVENTURADO ARNOUL CORNEBOUT (*)

Confessor

O bem-aventurado Arnoul Cornebout nasceu em Bruxelas no ano de 1180, numa família deveras modesta, tendo passado a mocidade em dissipações e correrias. Convertido, procurou a ordem de Citeaux, indo apresentar-se na abadia de Villers, no Brabante, onde foi recebido pelo abade Carlos, na qualidade de converso.

Corria o ano de 1202, e, desde aquela admissão, Arnoul viveu, ora na abadia, ora nas fazendas que pertenciam à comunidade.

A 30 de junho de 1228, com quarenta e oito anos de idade, falecia santamente, depois de ter levado vida que se distinguiu pela grande austeridade. Sofria a sêde até quase chegar às portas da morte. Ao flagelar-se, fazia-o com terríveis ramos cobertos de longos espinhos pontiagudos, de modo que todo o corpo se apresentava todo tinto de sangue, da cabeça aos pés.

As relíquias do bem-aventurado Arnoul Cornebout, que ainda em 1599, jaziam na capela de São Bernardo, desapareceram no decorrer da Revolução francesa.

* * *

BEM-AVENTURADO FILIPE POWEL (*)

Mártir

Filipe Powel, nascido no condado de Brecknok, em 1594, foi um dos gloriosos beneditinos inglêses que deram a vida pela religião católica romana, no século XVII, desaparecendo em 1646.

Filipe estudou direito em Londres. Em 1614, estava trabalhando na Bélgica, e, em 1618, em Louvain, foi ordenado padre. Fazendo-se beneditino, foi enviado em missão para a pátria, no dia 7 de agôsto de 1622, quando contava vinte e oito anos.

Tendo mostrado suprema coragem em todo o decorrer da vida religiosa, principalmente na hora da morte, e uma doçura infinita, particularmente para com os homens que o guardavam na prisão, dos quais conseguiu a amizade e o respeito, diz-se dêle que, quando um dos oficiais, muito aflito e desajeitadamente, apareceu para lhe dar a notícia da execução, excusando-se por ser portador de tão triste anúncio, o bem-aventurado, sorrindo, tirou-o do embaraço, e, depois, a exclamar com euforia, gritou:

— Bravo! Que venha! Que o nome de Deus seja louvado!

E, pedindo um copo de vinho sêco, muito forte, para comemorar, bebeu à saúde daquele que lhe viera com tão terrível nova e tornou a exclamar:

— Quem sou eu, para que Deus assim me louve, permitindo que eu morra por seu amor?

Prêso por tentar introduzir o papismo na Inglaterra, Filipe fôra condenado a morrer no último dia do mês de junho de 1646.



Jesus Cristo abençôa os pecadores. Segundo uma miniatura da Bíblia, do século XIV.

A noite de 30 de junho daquele ano, passou-a o bem-aventurado beneditino com o confessor, repousando apenas duas horas. De manhã, levantou-se, terminou as costumeiras devoções, depois celebrou, com muito ardor, a santa missa, a chorar incessantemente.

O trajeto para Tyburn, lugar da execução, foi feito de cabeça erguida. Ao pé do cadafalso, dirigiu-se ao povo, que se aglomerava para apreciar o suplício. Falando alto, compassadamente, explicou a

todos que era padre romano católico, monge da ordem de São Bento — aquela ordem que convertera a Inglaterra do paganismo e da idolatria para o cristianismo.

Passada a corda em tôrno do pescoço, Filipe esperava, a orar, o pensamento em Deus, mas a morte não chegava: o carrasco, tomado de horror, escapara, entremetera-se pelo povo, desaparecera. Afinal, conseguiram quem se desincumbisse do terrível mister.

Morto o bem-aventurado Filipe Powel, desceram-no da fôrca. Despiram. Atiraram ao fogo. Estriparam. Despedaçaram.

Pio XI beatificou-o em 1929, bem como a oito outros mártires beneditinos.

* * *

No mesmo dia, a comemoração de São Paulo, apóstolo (29 de junho).

Em Roma, Santa Lucina, discípula dos apóstolos: depois de ter assistido aos fiéis com os bens que possuía, visitado os cristãos nas prisões e cuidado da sepultura dos mártires, foi enterrada ao lado dêles, numa cova que ela mesma, de antemão, abrira para tal fim (I.º século).

Em Roma ainda, Santa Emiliana, mártir (?).

No mesmo dia, os santos mártires Caio, sacerdote, e Leão, subdiácono (?).

Em Limoges, São Marcial, bispo, com dois sacerdotes, Alpiniano e Austricliniano, cuja vida foi ilustrada por brilhantes milagres (século III).

No território de Viviers, na Gália, Santo Ostiano, sacerdote e confessor (?).

Em Orp-le-Grand, Brabante, Santa Adila, que, no século VII, fundou um hospital servido por religiosas. Faleceu em 670.



FESTAS MÓVEIS

ROGAÇÕES E ASCENSÃO, PENTECOSTES, TRINDADE, CORPO DE DEUS, FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO

São Mamerto, bispo de Viena, institui as procissões das rogações.

Havia terminado o tempo e a função do império romano. Como os assírios, persas, gregos e, mais do que êles todos, havia contribuído para fundir os diversos povos, e prepará-los materialmente para a unidade espiritual, o império do Cristo. Como os assírios, persas e gregos, havia cumprido a missão, sem ter-lhe a idéia nem a intenção. Tal como a acha do carrasco e o martelo do ferreiro, ignorava a mão que o movia. Mesmo quando esta mão se deu a conhecer, contra ela recalcitrou. Quando o Eterno manifestou a vontade de dar ao Filho as nações em herança, o império romano sublevou-se contra o Eterno e seu Cristo. Roma pretendia ser a deidade das terras e das nações; queria que seus imperadores fôssem deuses e adorados sob pena de morte. A antiga Roma combateu, então, contra o Eterno por seus ídolos, dos quais era o primeiro; a nova Roma, Constantinopla, combateu contra Cristo, para arre-

batar-lhe a divindade e prostituí-la a seus imperadores. Mas o Eterno havia dito a Cristo: Tu os governarás com um cetro de ferro, e os quebrarás como um vaso de argila, até que os reis compreendam, e os juízes da terra se instruam. (1)

E vemos os povos e os reis servirem de vara de ferro uns contra os outros; e vemos os imperadores quebrados como vasos de argila, ao menor choque: Roma, cujo nome significa fôrça, apresenta-se como um pote de terra, que, uma vez quebrado, não tem mais consêrto.

Para combater o Eterno e seu Cristo, a antiga Roma tornava os povos mais e mais idólatras: a nova Roma os tornava heréticos. Para punir uma e outra, Cristo empregará povos heréticos e idólatras. Os hunos, os gôdos, os vândalos, os hérulos, que devastam o Oriente e o Ocidente, e que põem fim ao império de Rômulo Augusto, são idólatras ou arianos; e o arianismo viera de Constantinopla; e Constantinopla com o seu império grego, que vemos sucessivamente gerar contra Cristo as heresias de Ário, de Nestório, de Eutíquio e dos iconoclastas, tornar-se finalmente prêsa de um povo ariano e iconoclasta, os maometanos. O acontecimento foi revelado com antecedência pelo apóstolo São João; foi-lhe dito que uma dezena de cornos ou poderes, reis e povos saídos de Roma e de seu império combateriam primeiramente com ela, contra o Cordeiro ou Cristo, e que, em seguida, se voltariam contra ela para afogá-la em fogo e sangue. (2)

---

(1) Psalm. II.

(2) Apoc. XVII.

Com a queda do império romano, vê-se com efeito uma dezena de potestades, ou reinos, formados, ou formando-se com os seus destroços: os gregos, os persas, os sarracenos no Oriente; os vândalos na África, os suevos, os visigodos, os borguinhões, os francos, na Gália; os anglo-saxões na Grã-Bretanha; os hérulos, e em breve os ostrogodos, na Itália. Está dito ainda que o Cordeiro ou Cristo terminaria por vencê-los, quer pela fôrça, quer pela doçura. Os primeiros que cederão à doçura de sua graça serão os francos, primogênitos dos povos católicos, primeira nação de um mundo novo: possa ela mostrar-se sempre digna de sua linhagem!

A queda do império romano não admira; era esperada. Ninguém se inquietou: via-se outro império insusceptível de queda, a Igreja, onde se refugiavam, de tôdas as partes, as mais eminentes pessoas. Glicério, em Salona, gozava, como bispo, da segurança que não pudera encontrar como imperador. Sidônio Apolinário, genro do imperador Avito, ilustrava o trono episcopal, do Auvergne. Viena, então dignamente ocupada por São Mamerto, contará em breve, entre seus bispos, um neto do imperador. O conde Arbogasta, franco de origem, será bispo de Chartres. Reims tinha por bispo Remi, de uma das mais nobres famílias da Gália, mas mais ilustre ainda como apóstolo dos francos.

Nessa época, um santo bispo era o refúgio dos povos, temporal e espiritualmente. Atestam-no São Germano de Auxerre, São Lôbo de Troyes, Santo Epifânio de Pavia, São Sidônio de Auvergne, São Paciente de Lião. Mister se faz acrescentar São Mamerto, de Viena.

Pelo ano de 468, a cidade de Viena foi afligida por várias calamidades que pressagiavam calamidades maiores. Eram incêndios freqüentes, tremores de terra quase contínuos, ruídos lúgubres que se ouviam durante a noite. Veados e feras apareciam em pleno dia nas praças mais freqüentadas da cidade. Seja que fôssem com efeito animais ou espetros, os augúrios que tiravam eram os mais sinistros. Muitos dos principais da cidade de Viena julgaram dever abandoná-la, para não se verem envolvidos nas suas ruínas. Os demais estavam em contínuo pavor, e esperavam, com impaciência, a festa da Páscoa, julgando que seria para êles como que uma reconciliação solene com o Senhor e que o fim de seus pecados seria o de seus males. Não se enganaram, mas para fortalecê-los nos sentimentos de penitência, Deus permitiu que seus alarmas recrudescessem justamente quando os julgavam terminados.

Com efeito, quando todo o povo celebrava na igreja a vigília da Páscoa com redobrado fervor, ouviu-se a notícia de catástrofe mais pavorosa ainda do que as habituais; anunciaram que o palácio, situado no lugar mais elevado de Viena, havia-se incendiado e ameaçava alastrar o fogo por tôda a cidade. O povo, alarmado, deixou a igreja imediatamente, para deter o incêndio ou salvar os bens. O santo bispo Mamerto permaneceu sòzinho, prostrado diante do altar; e suas lágrimas mostraram-se mais eficazes para extinguir as chamas de que os esforços dos habitantes. Nessas tristes circunstâncias o santo bispo formulou a resolução de instituir jejuns e procissões solenes para desarmar o braço vingador de Deus. Deixou passar as festas da Páscoa, sem dizer pala-

vra, para não perturbar a alegria da solenidade. Mas, imediatamente após, comunicou o piedoso propósito que foi unânimemente aprovado. Temia-se que o senado de Viena se opusesse a essa nova instituição, visto que tolerava com restrições as antigas; mas a compunção que transbordava de todos os corações os tornou fàcilmente dóceis. (1)

Escolheram para o jejum os três dias que antecedem a Ascensão. São Mamerto, para experimentar o fervor do povo, marcou, para a estação do primeiro dia, uma igreja bem perto da cidade; no dia seguinte, designou um término mais afastado, para onde devia dirigir-se a procissão, cantando salmos e outras orações. Tal foi, na Igreja de Viena, a instituição das Rogações, que preservou a cidade das infelicidades de que estava ameaçada. Várias igrejas recorreram ao mesmo remédio; e a santa prática, estabelecida primeiramente nas Gálias, foi recebida depois em tôda parte.

A igreja de Auvergne foi uma das primeiras a adotá-la. São Sidônio escreveu a São Mamerto: O rumor corre de que os godos empreenderam marcha contra os romanos. Nós, pobres habitantes de Auvergne, estamos sempre ao sabor dessas irrupções. Não esperamos que nossas muralhas semiqueimadas, nossas velhas paliçadas e demais fortificações, onde há permanente guarda, nos preservem dos perigos. O único socorro são as Rogações que instituístes. O povo de Auvergne começou por praticá-las, senão com o mesmo efeito, ao menos com a mesma devoção; e isso nos sustenta

(1) S. Avit. Homil. ad Rogat.

nos horrores que nos circundam. Sidônio diz numa carta: Antes das Rogações, havia o costume das procissões, mas eram raras, e pouca devoção se vislumbrava. Eram interrompidas por refeições, e não as faziam senão para pedir bom tempo ou chuva. Mas, nas que instituiu o grande bispo, jejua-se, reza-se, salmodia-se, chora-se. Por muito tempo, os três dias das Rogações foram dias de jejum nas igrejas da Gália. (1)

Em nossos dias, em meio ao século dezenove, dir-se-ia que, entre essa dezena de reinos formados sôbre os destroços do império romano, muitos têm pressa em ver o fim de seus dias. Em lugar de instruir-se e tornar-se sábio pelo castigo da Roma idólatra e de Constantinopla herética, muitos se gloriam de ser heréticos ou apóstatas como Istambul, idólatras como a Roma de Tibério e Nero. Em lugar de submeter-se ao Eterno e a terra, em sua Igreja e por sua Igreja, gloriam-se, como Nero e Maomé, de continuar a guerra contra o Eterno e seu Cristo, presente com a Igreja, todos os dias, até a consumação dos séculos. Entretanto, o Eterno disse a seu Cristo: Pede-me, e te darei as nações em herança, e por posse os confins da terra. Reinarás com um cetro de ferro e os quebrarás como vaso de argila. (2) Mais de um dêsses vasos de argila, chamados governos, parece já fendido. Se nos acontecer, pois, vê-lo reduzido a poeira, não devemos admirar-nos. Já está anunciado com antecedência.

Os sábios não são mais timoratos do que os políticos. Muitas vêzes, vangloriaram-se de que, com

(1) Sid., I. VII, Epist. XIV.

(2) Ps. II

os progressos científicos da medicina e da agricultura, não mais há a temer epidemias, fomes nem más colheitas. E por conseguinte, Deus poderia ser dispensado, bem como a santificação do domingo, as procissões para obter tempo favorável. E eis que a cólera se permite espalhar a morte e o luto nas principais cidades do norte, a despeito de tôdas as academias de medicina. E eis que as enfermidades se lançam não sòmente sôbre o homem, mas ainda sôbre as plantas que lhe servem de alimento; e as academias da Europa, academias de medicina, academias de agricultura, não logram curar uma só batata. É mister que aquêle que a fêz a cure, em favor do pobre que a pede e bendiz.

— — — —

PREPARAÇÃO PARA A FESTA DA ASCENSÃO

DESPRENDER-SE DA TERRA

Aqui embaixo, homens se afligem, e afligem uns aos outros. Três chagas, que aumentam uma à outra, atormentam o homem sôbre a terra: a mortalidade do corpo, a ignorância do espírito, o desregramento do coração. Primeiramente tôda a vida mortal se empenha em evitar ao nosso corpo a dor e a morte, e no entanto, jamais evitaremos uma e outra. Não, jamais ficaremos sem sofrer, quer fome, quer sêde, frio ou calor; e para evitarmos morrer, é necessário comer, beber, esquentar-se, esfriar-se, não uma vez por ano ou por mês, mas várias vêzes por dia. De onde nos advêm incontáveis trabalhos, dificuldades, inquietudes, na procura das coisas necessárias a nós, aos nossos, para o presente e para o futuro. E, depois, comemos, bebemos, trabalhamos ou repousamos demais, ou muito pouco: de onde as doenças; é mister recuperar a saúde com remédios, fazer-nos mais mal para ter menos. Mas, à fôrça de repará-la com a arte dos cozinheiros e dos médicos, a máquina esgota-se cai em ruínas, e eis-nos em podridão. E tudo isto ainda é o curso ordinário da natureza; é mister acres-

centar-lhe acidentes extraordinários, imprevistos, que podem, a cada instante, machucar-nos, ferir-nos, estropiar-nos, matar-nos.

Um segundo manancial de penas é a ignorância do nosso espírito. Vindo ao mundo, não sabemos senão chorar. É mister que nos ensinem a andar, falar, pensar, sem o que ficaríamos quase no nível dos animais; em seguida, a ler, escrever, recitar. E quem sabe com que dificuldades? Quem não sabe, por experiência, quanto custa aprender o que se ignora, e quanto é fácil esquecer o que se havia aprendido com muito tempo e dificuldades? Ademais, que é que os homens aprendem com mais freqüência? Coisas que seria melhor ignorar; elas nos ensinam a praticar o mal. Mas saber de onde viemos, ou para onde vamos, que é Deus e nossa alma, que é necessário fazer para servir uma e não perder a outra, eis o que dois terços do mundo ignoram e negligenciam aprender, eis o que o mundo não ensina a ninguém.

Enfim, a ciência, o conhecimento do bem e do mal, também nos causa dificuldades e aflições; dificuldades em fazer o bem que aprovamos, e em evitar o mal que condenamos; aflições, ao ver o mal sempre prevalecer sôbre o bem, seja em nós, seja nos outros. Eis porque a ciência não muda o desregramento do nosso coração, irritando-o até. De sorte que se encontram em nós dois homens, que não cessam de guerrear-se e combater-se. Um, todo espírito e todo celeste, nos diz que tudo é vaidade, com exceção do amor de Deus e do próximo, e a conservação da pureza do coração. Outro, todo carne e terrestre, se revolta sem cessar contra Deus, não ama senão

a si mesmo, nos infla de orgulho, de cólera e nos arrasta a paixões impuras. Queremos e não cumprimos. Sim, tal é a nossa miséria. Não praticamos o bem que amamos, e praticamos o mal que detestamos. E esta guerra de morte contra nós mesmos, que fazia gemer o Apóstolo, dura tôda a nossa vida.



NO CÉU NÃO HAVERÁ MAIS DOR NEM IGNORÂNCIA

Cá embaixo, neste caos de misérias, o prazer consiste na cessação do sofrimento por um instante, ou antes, em mudar de sofrimento. Quando se sofre de uma enfermidade, o prazer consiste em sentir-se melhor. Goza-se da saúde na convalescença. Mas se a saúde dura, não mais se sente o prazer de sentir-se bem; mister se fazem necessidades para ter outros prazeres a satisfazer. Do mesmo modo, quando temos fome, há prazer em comer. A necessidade é satisfeita, há saciedade, aversão, enjôo. E se há necessidade, o sofrimento, a paixão (porque estas três palavras quase se eqüivalem) há remorso, perturbação, infelicidade, e algumas vêzes desespêro. Eis o mundo, com os seus prazeres de momento e suas dores sem fim.

Mas no reino do céu não haverá mais dor nem gemido. O próprio Deus enxugará as lágrimas dos olhos de seus servos e inundará o coração de uma alegria mil vêzes maior que as aflições que tiveram no mundo. Êste corpo, sujeito às enfermidades e à podridão, será cheio de vida, de beleza, de graças: sem defeito e sem mancha, perfeito em tôdas as suas partes, livre para sempre das necessidades e dos sofrimentos, não sofrerá fome, sêde, frio, nem calor; não mais se abaterá com a tristeza e a enfermidade, nem se desfigurará pela velhice; gozará de saúde e ju-

ventude eternas. Porque não será mais esta massa pesada, que se move com fadiga e lentidão; mas semelhante, no brilho e na ligeireza, ao raio do sol, que num instante brilha através dos espaços mais vastos e das trevas mais densas, fulgirá como estrêla, como o corpo de Jesus no Tabor, e se transportará por tôda parte sem fadiga nem obstáculo, tão rápido como o pensamento. Nada mais haverá de corruptível nem terrestre; mas por uma transformação admirável, participará, como anuncia o Apóstolo, da vida imortal, do esplendor celeste, da natureza espiritual, das delícias inefáveis da alma, da qual será a veste de glória e imortalidade. Não sòmente nosso corpo retornará a uma vida nova e mais perfeita, mas Deus criará ainda novos céus e uma nova terra, todo o universo será rejuvenescido e vestido como para um dia de festa.

Quanto à nossa alma, ela não mais se embaraçará nas trevas da ignorância. A verdade não será mais uma lâmpada para guiar-nos num lugar escuro: será um sol sem nuvens, que espalhará o dia pleno por tôda parte. Não teremos mais a dificuldade de estudar, interrogar, aprender. Veremos, contemplaremos, não à luz da lua ou do sol, mas à luz de Deus, à luz da verdade, à luz da luz, na própria luz, na própria verdade, no próprio Deus. O próprio Deus será a luz, o sol, o dia, que iluminará eternamente a cidade santa. Nesse dia, nessa claridade veremos, contemplaremos, admiraremos as maravilhas da criação e as maravilhas da redenção, os mistérios da natureza e os mistérios da fé. Meu Deus, meu Pai, venha a nós o vosso reino!

NO CÉU VEREMOS A DEUS

No céu nosso coração, faminto de amor e gôzo, desfrutará plenamente do que agora procura. Criado ùnicamente para amar uma beleza, uma bondade, uma amabilidade infinita, Deus, numa palavra, e nêle tudo o que é bom, belo e amável, volta-se sem cessar para todos os lados, a fim de encontrar essa beleza, essa bondade, êsse amor infinito, que, ùnicamente, pode satisfazê-lo. Tudo o que disso mostra alguns vestígios, atrai-o e o prende, mas em breve não mais o satisfaz, ou o corrompe e torna culpado. No estágio de felicidade, porém, nada há que procurar, nada para preocupar-se, nenhuma falta ou excesso a temer. Esta beleza, esta bondade, êste amor supremo, puro, infinito, eterno, Deus, numa palavra, nós o veremos; nós o veremos, não mais em enigma, nas suas criaturas, sob o véu dos mistérios; vê-lo-emos face a face, tal como é; veremos a Deus em três pessoas, o Pai, que de tal modo nos amou que entregou o Filho único para salvar-nos; êste Filho bem-amado, que se tornou semelhante a nós; e o Espírito Santo, seu amor mútuo, santificando-nos e tornando-nos filhos de Deus por sua graça e seu amor infundidos em nossos corações!

Veremos a Deus e amá-lo-emos; amá-lo-emos, não mais até certo ponto e por intervalo, mas de todo coração, de tôda nossa alma, de tôdas as nossas fôr-

ças, sem fim e sem medida, sem desgôsto e sem descanso, com amor sempre renovado, com delícias renovadas, com felicidade sempre maior. Então, no excesso de nossa alegria, quereremos dizer aos outros o que vemos, o que sentimos, quanto amamos, quanto somos felizes; e veremos em tôrno de nós milhões de anjos, arcanjos, serafins; milhões de bem-aventurados de tôda tribo, de tôda língua, de tôda época, e todo país; os santos apóstolos, os mártires, as virgens, e, à sua testa, a mãe de Deus; todos, nossos irmãos, nossos amigos, que nos amam e que amamos como a nós mesmos, todos juntos com um só coração, uma só alma; vê-los-emos, ouvi-los-emos, ébrios da mesma felicidade, felicitar-nos-emos de estar com êles, e cantar acompanhados de harpas vivas, em cânticos celestes e em concertos inefáveis, a mesma alegria, a mesma beleza, o mesmo amor eterno, infinito, o mesmo Deus e o mesmo Pai. E quando tivermos aprendido tôdas as línguas dos homens e dos anjos, admiraremos com alegria que ainda nada dissemos do que é, nem da felicidade que gozamos.

Assim a eternidade bem-aventurada começará sempre com novos transportes de alegria. Enfim, seremos felizes, plenamente felizes; estaremos sòmente com felizes que gozam da nossa felicidade como da sua; possuiremos a própria felicidade, com a certeza de sermos sempre felizes, com os que amamos, e que nos amam como a êles próprios em Deus, que é o amor, a caridade, o deleite, infinito, eterno, sempre antigo, sempre novo. Meu Deus. meu Deus, quem me dera ter asas de pomba para voar à vossa santa morada?

— — — —

PROCISSÃO AO CÉU

Nestes três dias, fazem-se procissões para atrair as bênçãos de Deus sôbre os bens da terra. Tais procissões e as outras que fazemos durante o ano nos representam uma que abarca todos os séculos: a procissão dos santos ao céu. Os santos do Antigo Testamento precedem, os santos do Novo Testamento seguem, Jesus Cristo, pontífice eterno, anda entre os dois, e os reúne. Bem na frente aparece o primeiro dos justos, Abel, que carrega como que uma bandeira de cruz; em seguida Adão, o pai de todos os homens; Set, que foi suscitado em lugar de Abel; Henoc, o pregador da penitência no primeiro mundo; Noé, o pai do mundo novo; Sem, herdeiro de suas bênçãos; Abraão, o amigo de Deus, o antepassado de Cristo e o pai dos crentes; Isaac, Jacó, os doze patriarcas, Moisés, Aarão, Josué, os juízes, Samuel, Davi, os profetas, os Macabeus, São João Batista. Aparece enfim Jesus Cristo, seguido dos apóstolos, de uma multidão infinita de mártires, de virgens, de anacoretas, de santos de tôda tribo e de tôda língua, seguido enfim por nós mesmos. Sim, meu Jesus, espero que esteja eu na vossa procissão e chegue ao seu término.

Teremos notado já uma cerimônia particular na procissão do domingo de Ramos? Como tôdas as outras, esta procissão sai da igreja e retorna a ela,

para fazer-nos entender que, tendo saído de Deus, a Deus devemos voltar. Mas em que difere das outras? A primeira parte permanece diante da porta, até que o sacerdote a tenha aberto batendo com a cruz e dizendo: abri-vos, portas eternas, e o rei da glória entrará. Isto nos representa o que acontece na procissão dos séculos. Os santos do Antigo Testamento, chegados à porta, em primeiro lugar, esperaram até que Jesus Cristo, o sacerdote eterno, viesse abrir-lhes a porta com a sua cruz: êle entrou e tôda a procissão após êle.

Agora não sòmente a porta está aberta, mas o caminho está, por assim dizer, livre: a procissão não pára um momento; em todos os séculos houve, em todos os séculos haverá santos que andam diante de nós: não precisamos senão seguir-lhes as pegadas, sem afastar-nos para a direita ou para a esquerda. Agimos dessa maneira?

— — — —

JESUS SOBE AO CÉU

E Jesus, após ter falado aos discípulos pela última vez, levou-os para fora da cidade de Jerusalém até a Betânia, no monte das Oliveiras; e, levantando as mãos, abençoou-os, e, ao abençoá-los, foi se afastando dêles. Viram-no elevar-se para o alto; e uma nuvem ocultou a seus olhos, e êle subiu ao céu, onde está sentado à direita de Deus. E como o vissem subindo ao céu, dois homens vestidos de branco apareceram sùbitamente, e lhes disseram: Homens da Galiléia, por que vos detendes a olhar o céu? Jesus, que vos foi arrebatado aos céus, voltará da mesma maneira que o vistes subir.

Ó minha alma, eis que Jesus se vai! Eis que se eleva diante de seus discípulos, não mais sôbre uma cruz, para ali expirar entre dois ladrões; eleva-se ao céu, cheio de glória e majestade; eleva-se para o meio dos patriarcas, dos profetas, dos santos ressuscitados com êle; para o meio dos anjos e dos arcanjos, que cantam o seu triunfo sôbre o inferno e sôbre a morte. Eleva-se ao céu para entrar na sua glória, sentar-se à direita de seu Pai, esperando para julgar os vivos e os mortos. Eis que sobe ao céu, para ali nos preparar os lugares. Porque disse, ao despedir-se dos bem-amados discípulos: Não se vos perturbe o coração, meus filhos. Crede em Deus, crede em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas: se

assim não fôsse, vô-lo diria, porque vou para preparar os vossos lugares; e quando os tiver preparado, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que estejais onde estou eu.

Ó Jesus, vós subis ao céu! Ah, por favor, levai o meu coração convosco, a fim de que, desde agora, esteja onde estais vós. Subis ao céu abençoando vossos discípulos; abençoai-me também, a mim, pobre órfão! Ah, por favor, preparai-me também um lugar. Vinde tomar-me em vosso amor e vossa misericórdia; porque voltareis: não é uma separação eterna, nós vos reveremos. Pois bem, meu bom Jesus, até logo, até vos rever em vossa glória e em vossa majestade, até vos rever em vosso paraíso, para ali vos contemplar, vos amar eternamente com o Pai e o Espírito Santo. Amém.



PREPARAÇÃO PARA PENTECOSTES

PROMESSA DE JESUS CRISTO A SEUS APÓSTOLOS E À SUA IGREJA

Jesus Cristo, prestes a subir aos céus à vista dos seus discípulos, lhes disse estas palavras: sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em tôda a Judéia e na Samaria, e até os confins da terra. Foi-me dado todo o poder no céu e sôbre a terra: ide, pois, ensinai tôdas as gentes, batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo; ensinai-lhes a guardar tôdas as coisas que ensinei. E eis que estarei convosco até a consumação dos séculos. Ide, ensinai a todos os povos, até a extremidade da terra. Que ordem! E a quem a dá? A doze pobres pescadores. Mas como poderão cumpri-la? Como ousarão tão-só empreendê-la? Eis que estou convosco. *Ecce ego vobiscum sum.* Eis-me, eu, que do nada fiz o céu e a terra, eu que sustento o universo pela palavra de meu poder, eu, diante de quem tôdas as nações são como gôta de água, eis que estou convosco. Ide, pois, sem temor, bem-aventurados apóstolos; ou antes, vinde até os confins da terra, ensinar-nos e batizar-nos, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinai-nos tudo o que Cristo ordenou.

Mas, não estarei enganado? Jesus não estará, talvez, com os seus apóstolos senão até o fim de sua

vida? Tranqüilizemo-nos. Estou convosco, diz êle, até a consumação dos séculos. Os apóstolos morrerão em suas pessoas, mas viverão em seus sucessores, e Jesus estará desta maneira com êles, até o fim do mundo. Haverá talvez interrupções; talvez Jesus se ausente algumas vêzes da Igreja e a abandone? Não. Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. Cada dia, até a consumação dos séculos. Não há um dia de interrupção, nem ausência. Jesus está com os seus apóstolos, ensinando e batizando. Os que querem ser ensinados por Deus deverão tão-sòmente crer, como os que querem ser batizados deverão sòmente dirigir-se a êles.

Meu Jesus, o céu e a terra passarão, mas vossas palavras não passarão. Dissestes a vossos apóstolos ou à vossa Igreja: Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos: creio de todo o meu coração e de tôda a minha alma. Ninguém, pois, venha dizer-me que na vossa Igreja certos tempos há de obscurecimento, tempos em que vos retirais dela. São mentirosos os que assim falam, e quereriam fazer-vos passar por mentiroso. Não, não; o céu e a terra passarão, mas jamais haverá um dia em que não estareis com a vossa Igreja, ensinando a verdade por sua bôca, e comunicando, por suas mãos, a graça dos sacramentos. Creio nisto, Jesus, de todo o meu coração!



JESUS PROMETE O ESPÍRITO SANTO AOS APÓSTOLOS E À IGREJA

Na véspera da morte, Jesus disse aos discípulos: Pedirei a meu Pai, e êle vos dará outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco o Espírito da verdade. Êste consolador, o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará tôdas as coisas, e vos lembrará tudo o que eu vos disse. Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não as poderíeis suportar hoje. Quando o Espírito da verdade estiver convosco, ensinar-vos-á tôda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que estiverem por vir. Êle me glorificará, porque receberá do que é meu, e êle o anunciará. Tudo o que é de meu Pai é meu; eis porque receberá do que é meu, e vo-lo ensinará. Enfim, no dia de sua ascensão, Jesus recorda essas promessas aos discípulos, dizendo-lhes: E enviarei sôbre vós a promessa de meu Pai; ficareis na cidade até que êle seja enviado e fordes revestidos com a virtude do alto, porque recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sôbre vós. Peçamos ao Espírito Santo que nos faça compreender um pouco o sentido destas divinas palavras.

Jesus ia privar os apóstolos de sua presença visível; esta idéia espalhava a tristeza nos seus cora-

ções. Para consolá-los de sua ausência, Jesus lhes prometeu outro consolador, em seu lugar, o Espírito Santo. Se êste outro consolador fôsse inferior a Jesus Cristo, isso não representaria qualquer consolação para os apóstolos, mas uma aflição. O Espírito Santo é, pois, igual a Jesus, Deus como êle; eis porque pode consolá-los pela ausência de Jesus. É mesmo a êle que Jesus reserva a perfeição da obra que havia iniciado, e tornará os apóstolos capazes de suportar as maiores coisas. E êste Espírito consolador lhes ensinará tôdas as coisas, lhes ensinará tôda verdade; e êste espírito permanecerá com êles, permanecerá com a Igreja eternamente. Ó meu Jesus, quanto amais a vossa Igreja! Não contente com estardes vós mesmos com ela todos os dias, até a consumação dos séculos, lhe concedeis ainda outro consolador, o Espírito Santo, que lhe ensina tôdas as coisas, tôda a verdade, e isso eternamente.

Espírito Santo, Espírito de luz e de inteligência, fazei com que compreendamos um pouco estas grandes coisas. Recordai também o que disse Jesus; ensinai-nos o que há de verdadeiro, sòmente o que nos importa saber, e ensinai-nos a conhecer-vos, e os meios pelos quais podemos atrair-vos aos nossos corações, de maneira que permaneçais conosco eternamente.

— — — —

QUE É O ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. O Pai é de tôda a eternidade; o Filho procede eternamente do Pai, como sua inteligência, o Espírito Santo procede eternamente do Pai e do Filho, como o seu amor mútuo, da mesma substância que um e outro. É incriado, é imenso, é eterno, é Todo-Poderoso, é Deus, é Senhor, como o Pai e o Filho; com o Pai e Filho, é um e mesmo todo-poderoso, único e mesmo Deus, um só e mesmo Senhor. É adorado e glorificado conjuntamente com o Pai e o Filho: *Qui cum Patre et Filio simul adoratur et conglorificatur*. Creio, ó Espírito Santo, *credo;* aumentai a minha pouca fé.

Espírito criador, sois igual ao Pai e ao Filho, uma vez que somos igualmente consagrados em nome do Pai. do Filho e do Espírito Santo, e que, como o Apóstolo nos ensina, tendes com êle um só templo, que é nossa alma, nosso corpo, tudo o que somos. Nada de inigual e estranho ao Pai e ao Filho deve ser invocado com êles: não quero ser batizado e consagrado em nome de um servo, não quero ser o templo de uma criatura, o que seria idolatria. Creio de todo o coração e de tôda minha alma, ó Espírito Santo, que sois Deus e Senhor, que sois um só e mesmo Deus com .o Pai, o Filho, e que procedeis eternamente de um e outro! *Credo . . . et in Spiritum*

sanctum, Dominum et vivificantem, qui ex Patre Filioque procedit.

Mas, ó Espírito adorável, eis que o Apóstolo nos exclama: Não sabeis que vossos membros, que vossos corpos são os templos do Espírito Santo, e que não pertenceis a vós mesmos? Na verdade, não o sabia, ou pelo menos nisso não pensava. Espírito de luz e de santidade, fazei que eu o saiba doravante, fazei que disso me lembre freqüentemente. Purificai-me, santificai-me, renovai-me inteiramente, a fim de que seja um templo digno de vós, meu Deus.



OPERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO UNIVERSO

Escutemos Santo Ambrósio, que nos explica as primeiras palavras dos livros santos: No princípio, criou Deus o céu e a terra; e o Espírito de Deus pairava sôbre as águas. Há pessoas, diz êle, que entendem por êste Espírito, o ar que respiramos; mas nós, de acôrdo com os santos e os fiéis, entendemos o Espírito Santo, de sorte que a operação da Trindade se manifesta na criação do mundo. Após ter anunciado que Deus fêz o céu e a terra no princípio, isto é, no Cristo, restava a plenitude da operação no Espírito, segundo o que está escrito: Os céus foram firmados pelo Verbo do Senhor, e seu exército pelo Espírito de sua bôca. O Espírito de Deus pairava, então, sôbre as águas porque elas deviam, por seu intermédio, produzir as sementes das novas criaturas. Enfim, o texto original diz: E o Espírito de Deus fomentava as águas, isto é, vivificava-as, para transformá-las em novas criaturas, e com o seu calor animá-las para a vida. Eis como fala Santo Ambrósio, e com êle vários outros santos. Segundo isso, tudo o que há de vida, de beleza, de perfeição no nosso universo, vem dessa operação misteriosa do Espírito de Deus, pairando sôbre as águas primitivas ou a massa líquida de que se devia formar o mundo.

Mas, além dêsse mundo material, Deus devia criar um mundo espiritual, a sua Igreja. Os profetas prepararam-lhe os fundamentos para a pedra fundamental, que é Jesus Cristo; os apóstolos construíram sôbre ela; mas é o Espírito que animará, que incitará uns e outros. É êle que falou pelos profetas, *qui locutus est per prophetas*. É êle que, em épocas diversas e em diversos países, na Judéia, no Egito, em Nínive, em Babilônia, na Mesopotâmia, anunciava pelos profetas que o Cristo viria, que converteria a êle tôdas as nações. É êle ainda, é o Espírito Santo, que criará, por assim dizer, de novo os apóstolos, e que renovará, por êles, a face da terra. Assim, tudo o que há de verdade e virtude na Igreja, a própria Igreja, é obra do Espírito Santo como do Pai e do Filho.

Espírito criador, vinde a mim, porque em mim também há um mundo que criar. No início, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam a face do abismo; mas vós pairáveis sôbre a face das águas, para comunicar a êste abismo tenebroso as sementes da luz e da vida. Em mim também é vazio e informe; é um abismo tenebroso em que me perco; não sei se sou digno de amor ou de ódio. Espírito de Deus, comunicai a êste informe caos vossa vida e vossa luz: fazei que dela surta uma terra que produza frutos de vida; criai um coração puro, um homem novo que traz em si não sòmente a imagem de Deus por sua natureza, mas sua semelhança por vossa graça.



O QUE O ESPÍRITO SANTO OPERA NAS ALMAS

Os profetas predizem como à porfia as maravilhas que o Espírito Santo opera nas almas. Eis o que, em Isaías, o Senhor diz a Israel: Não temas. Espalharei as águas sôbre os campos esturricados; farei correr os riachos sôbre a terra árida; farei descer meu espírito sôbre tua raça, e minha bênção sôbre a posteridade. Teus filhos crescerão entre as plantas, como os salgueiros à beira dos regatos. Um dirá: Sou do Senhor; outro escreverá com sua mão: Pertenço ao Eterno. Eis que se aproximavam os dias, diz o Senhor em Jeremias, e estabelecerei uma nova aliança com a casa de Israel; gravarei minha lei nas suas entranhas, e escrevê-la-ei em seus corações. Espalharei sôbre vós água pura, diz ainda o Senhor por Ezequiel e sereis purificados de tôdas as vossas manchas, e vos purificarei de todos os vossos ídolos. Dar-vos-ei um coração novo, e colocarei um espírito novo no meio de vós; tirarei de vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Colocarei o meu Espírito no meio de vós; farei com que andeis no caminho dos meus preceitos, que observeis as minhas ordens, e que as pratiqueis.

Que somos nós, então, sem a graça do Espírito Santo? Campos esturricados, terra árida, onde nada prospera, onde tudo languidesce e resseca. A graça

do Espírito Santo é um orvalho que refresca, uma chuva que fecunda o terreno e que tudo faz crescer. Que somos nós, sem a graça do Espírito Santo? Uma vestimenta cheia de manchas. A graça do Espírito Santo é a água que nos purifica.

Que é nosso coração sem a graça do Espírito Santo? Um coração de pedra, insensível e frio, como as tábuas de pedra onde foi gravada a lei de Moisés. É a graça do Espírito Santo que nos tira êste coração de pedra e nos dá um coração de carne. É a graça do Espírito Santo que nos dá os ouvidos do coração para ouvir o que Deus nos diz, olhos para ver, mãos para agir, pés para progredir mais e mais.

Ó Espírito Santo, vinde operar em mim as maravilhas anunciadas pelos profetas. Sou uma terra árida, vinde irrigar-me e tornar-me fértil. Sou uma estátua morta, que não saberia dar um passo; vinde transformar-me em criatura viva, num homem novo, que vê, que ouve, que age, que anda nos caminhos de Deus.



OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO

Quando o espírito impuro quer reentrar numa alma, da qual foi obrigado a sair, toma com êle sete outros espíritos ainda piores do que êle; e se entra, o último estado desta alma será pior do que o primeiro. O Espírito Santo, ao contrário, quando vem a uma alma, vem com sete dons que a tornam sempre melhor e mais semelhante a Jesus Cristo. Êsses dons residem e permanecem invariàvelmente em Jesus Cristo, segundo esta palavra de Isaías: Um rebento nascerá do tronco de Jessé; uma flor se elevará de suas raízes. O Espírito do Senhor repousará sôbre êle: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e de fôrça, espírito de ciência e de piedade: e respirará o temor de Deus. Peçamos ao Espírito Santo que venha também a nós e ali permaneça como em Jesus.

Os Sete dons do Espírito Santo são como uma escada misteriosa, pela qual Deus se comunica em nós e pela qual chegaremos até Deus. O degrau mais próximo de nós é o temor de Deus, que é o início da sabedoria: êste temor filial de desagradar a Deus nosso Pai. Em seguida vem o espírito de piedade, que nos faz amar tudo o que é do serviço de Deus; o espírito de ciência, que nos faz ver o que é necessário fazer, e o que é mister evitar. Para agradar-lhe e merecer o seu paraíso; o espírito de fora

que nos faz vencer os obstáculos que poderiam impedir-nos de chegar até Deus; o espírito de conselho, que nos faz escolher os meios mais adequados ao êxito nesta santa emprêsa; o espírito de inteligência, que nos faz compreender e penetrar nas verdades e nos mistérios da religião; o espírito de sabedoria, que nos faz saboreá-los com amor, de tal sorte que ali encontremos como que um gôsto antecipado das delícias eternas.

Eia! Estou sempre ao pé desta escada misteriosa. Algumas vêzes parece que subo um pouco; depois, caio novamente por terra. Tende piedade de mim, meu Deus, segundo a vossa grande misericórdia; descei até mim, para tirar-me das minhas misérias. Não considereis os meus crimes, apagai as minhas iniqüidades. Criai em mim um coração puro, ó meu Deus, e renovai no fundo de minha alma o espírito de retidão. Não me rejeiteis de diante de vossa face, e não retireis de mim o vosso Espírito Santo. Restituí-me a alegria de vossa salvação, e fortificai-me por vosso Espírito soberano.

— — — —

SÃO PEDRO ENTRA EM FUNÇÃO COMO CHEFE DA IGREJA

Jesus havia ordenado aos apóstolos que não se afastassem de Jerusalém, mas ali esperassem a promessa do Pai, a virtude do Espírito Santo que devia descer sôbre êles. Foi nesses dias de espera que São Pedro empregou, pela primeira vez, a autoridade de que estava revestido. O Salvador havia escolhido doze apóstolos, segundo as doze tribos de Israel: êste número sagrado não estava mais completo, depois que o traidor Judas se enforcara. Era mister dar-lhe um sucessor. Pedro, sem dúvida de espécie alguma, diz São Crisóstomo, poderia ter feito sòzinho a escolha, visto que o Senhor, com estas palavras: *fortalece teus irmãos,* havia colocado todos os outros sob suas ordens. Todavia, por condescendência, deixou o julgamento à multidão, a fim de tornar mais venerável o escolhido, e não excitar a emulação. Admiremos o grande poder dado a Pedro por Jesus: poderia ter escolhido sòzinho o sucessor de um apóstolo. Mas admiremos também a moderação e prudência que mostra Pedro no uso desta grande autoridade. Que maravilhosa transformação já se operara no ignorante pescador!

Pedro reuniu a assembléia onde se encontravam cêrca de cento e vinte homens, e recordou a funesta sorte de Judas, bem como o campo de sangue comprado com o preço da traição, e decidiu ser mister

que outro tomasse seu cargo de bispo; depois, estabeleceu que deveriam escolhê-lo dentre os que tinham estado sempre com Jesus Cristo, a fim de que pudesse testemunhar a sua ressurreição. A assembléia apresentou dois, José Barsabás, chamado Justo, e Matias. Como parecessem ambos igualmente dignos, resolveram, após uma prece fervorosa, lançar a sorte, que caiu em Matias, o qual, desde então, foi contado entre os apóstolos e se tornou participante de tôdas as prerrogativas. Quanto já haviam mudado os apóstolos depois da ressurreição de Jesus Cristo! Ainda na véspera de sua morte disputavam quem seria o primeiro dentre êles. Depois que êle subiu ao céu, reconheceram todos que o primeiro lugar cabia a Pedro, e submeteram-se à sua autoridade. Entre os discípulos que poderiam ser chamados ao lugar vago do apóstolo, não há inveja nem intriga. Peçamos a Jesus que nos conceda a graça de, em circunstâncias semelhantes, ser animados do mesmo espírito que a santa assembléia.

Aprendemos sobretudo isto: Não é o cargo que santifica o homem: mais nos elevamos, mais estamos expostos ao perigo. Judas era um apóstolo, havia sido chamado por Jesus Cristo, e, entretanto, perdeu-se. Fôssemos nós, pois, chamados a um cargo como Judas, pelo próprio Jesus Cristo, como Judas poderíamos perder-nos. Há muito maior facilidade de nos perdermos, se, sem sermos chamados por Deus, nos intrometemos, por conta própria. Prefiramos ser ignorantes a ser julgados insignificantes, ser os últimos de todos. É o modo mais seguro de chegar ao céu.

— — — —

PENTECOSTES ANTIGO E PENTECOSTES NOVO

Cinqüenta dias após terem os filhos de Israel comido o cordeiro pascoal e saído do Egito, Deus lhes deu sua lei sôbre o monte Sinai. Desceu com o ronco do trovão e das trombetas. Tôda a montanha pareceu em fogo, e viu-se brilhar a chama num turbilhão de fumo. Deus gravou o decálogo sôbre duas tábuas de pedra. Pronunciou todos os artigos da lei em voz alta e inteligível, ouvida por todo o povo. Assim foi publicada a lei antiga.

Para publicar a lei evangélica, Deus renovou as mesmas coisas, mas de maneira muito mais excelente. A obra inicia-se com um grande rumor; mas não mais apresenta a violência do trovão, nem o som agudo das trombetas, como se ouvem nos combates; o rumor que Deus envia é semelhante a um vento impetuoso, que figura o Espírito Santo, e que, sem ser terrível nem ameaçador, enche tôda a casa, e chama tôda Jerusalém para o espetáculo que Deus iria representar para o seu bem. Vê-se fogo, mas puro, sem fumo, que não parece atemorizar os discípulos, e cuja flama inocente, sem queimá-los, nem chamuscar o cabelo, repousa sôbre a cabeça. Êste fogo penetra no íntimo, e por êste meio a lei do Evangelho é docemente imprimida, não em pedras insensíveis, mas num coração composto de carne, e

abrandado pela graça. Há uma palavra, mas que se multiplica de maneira admirável. Ao contrário do monte Sinai, onde Deus falou uma só língua e a um só povo, na publicação do evangelho, que devia unir num todo os povos do universo na fé de Jesus Cristo e no conhecimento de Deus, num só discurso se ouvem tôdas as línguas, e cada povo ouve a sua. Assim Jesus estabeleceu sua lei bem diversamente do que Moisés.

Creiamos, esperemos, amemos; e a lei entrará em nosso coração. Preparemos-lhe os ouvidos interiores, uma atenção simples, um temor doce que termine em amor. Do alto do monte Sinai Deus exclamou: Não vos aproximeis, homens ou animais: e todos os que se aproximaram morreram. Sôbre o santo monte de Sião, Deus não se aproxima sòmente em forma de flama luminosa, mas entra no interior do coração; êste bom fogo toma a figura de uma língua, o Espírito Santo vem falar ao coração dos apóstolos; e de seu coração sairá a palavra que deve converter todo o universo.



PREPARAÇÃO PARA RECEBER O ESPÍRITO SANTO

O profeta Elias, após ter tomado o alimento que o anjo lhe trouxera, andou quarenta dias e quarenta noites até Horeb, a montanha de Deus: é o monte Sinai. Ali chegando, ficou morando numa caverna. E a palavra de Deus lhe disse: Sai e vai para o alto da montanha, e eis que o Senhor passou; e um vento violento e impetuoso, varando as montanhas e fendendo os rochedos ia diante do Senhor, e o Senhor não estava no vento; e após êste tremor de terra, um fogo, e o Senhor não estava no fogo; após o fogo, uma pequena aragem ou, como traduzem alguns intérpretes do hebraico, a voz de um silêncio delicado. E Deus ali estava; e Deus estava nessa aragem imperceptível, nessa voz do silêncio, nessa calma delicada, nessa agitação tranqüila. Recolhamos assim nossa alma, e o Espírito Santo virá e o Espírito de Deus ali estará.

Assim se preparavam os apóstolos. Após haverem visto tantas coisas que os tinham agitado, emocionado ao extremo: a entrada triunfal do mestre em Jerusalém, e depois as humilhações inauditas, a própria fuga, a morte na cruz e a ressurreição, as aparições várias, a ascensão ao céu, recolheram-se no silêncio e no retiro; estavam reunidos no mesmo lugar,

ainda mais unidos no pensamento, nos sentimentos, nos desejos. Todos juntos perseveravam unânimemente na oração, com Maria, mãe de Jesus. Durante êsse tempo de recolhimento e oração, o Espírito Santo desceu sôbre êles com a abundância de suas graças.

Oh, quem me dera poder recolher-me como êles! Freqüentemente, levantam-se em mim ventos e tempestades, que parecem tudo agitar. A causa é quase sempre o meu orgulho, a minha impaciência, a minha falta de mortificação. Deus não está nas tempestades. Outras vêzes, levanta-se em fúria o fogo da cólera: Deus não está no fogo.

Ó meu Jesus, que ordenais aos ventos e às tempestades do mar, acalmai o meu coração e minha alma, a fim de que o vosso Espírito ali faça a sua morada para sempre.

Ó Maria, orai por mim, orai por mim, a fim de que também eu receba o Espírito Santo com a abundância de suas graças, para que também eu me transforme em homem novo.



O ESPÍRITO SANTO DESCE SÔBRE OS APÓSTOLOS

Ó minha alma, é hoje o nascimento da Igreja cristã, da Igreja, nossa mãe: é hoje a sua festa, é a nossa festa. Rejubilemo-nos e escutemos o que acontece. No dia de Pentecostes, os apóstolos, unidos pelos mesmos sentimentos, ainda estavam juntos no mesmo lugar, sôbre o monte de Sião, quando sùbitamente se ouviu um grande rumor, semelhante ao de um vento impetuoso que encheu a casa em que se achavam sentados: sôbre as suas cabeças apareceram línguas de fogo. E todos se encheram do Espírito Santo, e começaram a falar diversas línguas, segundo o Espírito Santo lhes permitia falar. Ó bem-aventurados apóstolos, quanto me rejubilo com a vossa felicidade! Rejubilo-me convosco e por vós. Rejubilo-me também por mim. Porque estais cheios do Espírito Santo, para comunicar de vossa plenitude a tôda a terra; falais várias línguas, para comunicar a tôdas as línguas, mesmo as mais rudes e bárbaras, as luzes divinas e o fogo que vos iluminam e abrasam.

Talvez houvesse nessa primeira festa peregrinos de nosso país; porque havia então em Jerusalém judeus tementes a Deus, de tôdas as nações que a terra continha. Partas, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judéia, da Capadócia, do Ponto

e da Ásia, da Frígia e da Panfilia, do Egito, da Líbia cirenaica, cretenses e árabes; havia outros vindos de Roma e do Ocidente: uns eram judeus de origem, outros eram prosélitos ou pagãos convertidos, que adoravam o verdadeiro Deus com os judeus. Tôda essa multidão acorreu ao rumor que se fazia ouvir, ficou estatelada de pasmo, quando cada qual ouvia os apóstolos celebrar em sua língua as maravilhas de Deus. Que acontece aqui? diziam entre si. Outros zombavam: estão encharcados de vinho novo. Num sentido, os zombadores tinham razão: era com efeito um vinho novíssimo; um vinho tão novo que não há outro sôbre a terra, um vinho que embriaga a alma de sobriedade, de pureza, de luzes, de caridade, de zêlo, de fôrça; um vinho que é o próprio Deus. Oh! quando poderei embriagar-me com êsse vinho?

Espírito Santo, Espírito de graças, de luz, e de amor, descei sôbre mim também neste dia; enchei assim tôda a minha casa, o meu espírito, o meu coração, a minha alma, a minha vontade, o meu corpo e todos os seus membros. Abrasai-me também do fogo de vosso amor; ensinai-me também, ignorante como sou, a conhecer-vos, a vos bendizer, a louvar-vos, a glorificar-vos, juntamente com o Pai, o Filho, em todos os séculos dos séculos. Amém.



PRIMEIRA PREGAÇÃO DE SÃO PEDRO

Então Pedro, de pé entre os onze, elevou a voz e disse à multidão: Homens da Judéia, e vós que habitais Jerusalém, considerai o que vou dizer-vos, e prestai atenção às minhas palavras. Comunica-lhes que nem êle, nem seus companheiros estão embriagados, mas que viam cumprida a promessa que Deus fizera pelo profeta Joel, de espalhar um dia sôbre os servos e servas tôda a abundância de seu Espírito. Lembra-lhes as virtudes e os milagres operados no meio dêles por Jesus de Nazaré, que vós, diz, crucificastes pelas mãos dos maus e levastes à morte. Mas Deus o ressuscitou, como havia predito: o que prova com a citação de diversos salmos. Êste Jesus, Deus o ressuscitou, e nós somos testemunhas. Após ter sido elevado ao céu pela mão de Deus, e recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou êste Espírito como vêdes e ouvis. Porque Davi não subiu ao céu; ora, êle mesmo disse: O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que reduza os teus inimigos a escabelo de teus pés. Saiba tôda a casa de Israel, com tôda a certeza, que Deus fêz Senhor e Cristo êste Jesus que vós crucificastes!

Mas é verdadeiramente Pedro que fala? É mesmo êsse discípulo, outrora tão pronto em prometer e o mais fraco em cumprir; que queria morrer, dizia, e que renega três vêzes o mestre; que teme a

prisão e a morte e treme diante de uma serva, e assegura com juramento: Não conheço êste homem? É o mesmo e não é o mesmo; exteriormente é o mesmo Simão, filho de Jona, isto é, filho da pomba, mas regenerado inteiramente pelo Espírito Santo; Simão, que êste mesmo Espírito torna digno hoje do título de Pedro, pela firmeza que lhe empresta. Como mudou! Outrora falara com temerária confiança em si mesmo; hoje é forte pelo Espírito Santo. Ó Espírito divino, mudai-me, mudai-me, como mudastes a Pedro.

Mas eis um novo prodígio: Esta multidão que gritava contra Jesus havia cinqüenta dias: *Tolle, tolle, crucifige eum!* Esta multidão a quem Pedro acabava de lembrar o seu crime, não se encoleriza com a censura; pelo contrário, é tocada de compunção em seu coração. Nossos irmãos, que faremos? diz ela a Pedro e aos outros apóstolos. E faz o que Pedro recomenda. Faz penitência, recebe o batismo, para obter a remissão dos pecados, em nome dêste mesmo Jesus que ela havia crucificado. E três mil se juntam assim aos discípulos e recebem, como êles, o dom do Espírito Santo. Ó Espírito Santo, eu vos adoro de todo o meu coração e de tôda a minha alma! Sois verdadeiramente Deus, porque Deus sòmente consegue transformar os corações. Mudai também os nossos, mudai também o meu. Nós também contribuímos para a morte de Jesus. Fazei que também nós choremos as nossas faltas e as reparemos com uma vida de fervor e amor.

DIFERENÇA ENTRE A TÔRRE DE BABEL E A IGREJA

Quando os filhos dos homens construíam sua tôrre de Babel, Deus lhes confundiu a língua; não mais se entendiam, e viram-se na contingência de separar-se. Quando Deus construiu a sua Igreja para nela reuni-los, os descendentes de Sem, de Cam e de Jafet, vindo de tôda parte, entendem na mesma língua tôdas as suas. A lei de Moisés foi dada por escrito em hebraico, a Israel, numa só língua, a um só povo. A lei de Jesus Cristo, sua Igreja a fala, a publica, desde o primeiro dia a todos os povos e em tôdas as línguas pela voz de seu chefe, pela voz de Pedro. Meu Deus, como vossa providência é admirável, quando sabemos nela meditar!

Não é tudo. Pela confusão das línguas na tôrre de Babilônia, na planície de Senaar, Deus obrigou os descendentes de Noé a separar-se uns dos outros e espalhar-se em tôdas as partes da terra. Então começou longa emigração ou como que longa procissão de povos e famílias. Os últimos da procissão são os assim chamados bárbaros durante a Idade Média. Partidos das planícies do Senaar com linguagens diferentes, não cessam de impelir-se para frente, até que cheguem à Roma cristã, onde Pedro continua a viver e pregar, e ali aprendem a falar a mesma

língua, a crer no mesmo Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; a cantar o mesmo símbolo, a rezar nas mesmas igrejas, a honrar, em São Pedro e seu sucessor, o mesmo pai comum. Então sòmente cessam suas incursões, desistindo de sua selvageria, e tornando-se outros homens, outros povos, outro gênero humano.

Nossos antepassados eram dêsse número; os gauleses, os bretões, os francos, os normandos, os gôdos, os germanos. Foram mudados, fomos mudados com êles, por uma maravilhosa continuação do milagre de Pentecostes.

Babel ou Babilônia quer dizer confusão. Foi lá, efetivamente, que os homens não mais se entenderam, nem com Deus, nem com êles próprios. Igreja quer dizer reunião. É nela, com efeito, que o homem se reúne, se reconcilia com Deus, consigo mesmo, com os outros. O orgulho fêz empreender a tôrre de Babel: a Igreja foi fundada sôbre a humildade. Babilônia é a figura do mundo: a igreja é a cidade de Deus. Qual das duas preferimos hoje? Peçamos ao Espírito Santo que se disponha a banir, para sempre, de nossos corações a confusão, a discórdia de Babilônia, e fortalecer a união, a paz, a caridade da celeste Jerusalém.



SEGUNDA PREGAÇÃO DE SÃO PEDRO

O Espírito Santo havia descido sôbre os apóstolos pela terceira hora do dia, enquanto ofereciam o sacrifício da manhã. Pela nona hora, quando se oferecia o sacrifício da tarde, Pedro e João subiram ao templo. Viram a uma das portas um pobre, paralítico de nascença, que lhes pediu uma esmola. Pedro lhe disse: Olha-nos. E êle os olhava atentamente, esperando receber algo. Pedro disse, então: ouro e prata eu não tenho; mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda! Imediatamente os pés do paralítico se firmaram, e êle se levantou e, andando e saltando, entrou no templo com os dois apóstolos. O rumor de tal prodígio atraiu grande multidão de povo, fora de si, de admiração, porque todos conheciam o paralítico. Admiremos nós mesmos o poder que Jesus dá aos seus apóstolos.

Mas Pedro lhes disse: Homens de Israel, por que vos admirais? E por que nos olhais como se fôsse por nosso poder e nossa santidade que curamos êste homem? O Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó, o deus de nossos pais glorificou seu Filho Jesus, o qual entregastes e renegastes diante de Pilatos, conquanto êste julgasse que deveria ser absolvido. Mas renegastes o santo e o justo, e pedistes que vos desse um assassino. Deus o ressuscitou

dentre os mortos e disto somos testemunhas. Ora, é pela fé em seu nome que firmou êste homem que vêdes e que conheceis. Ó Pedro, perguntais por que me admiro do milagre que fizestes. Pois bem, admiro-me mais ainda da pergunta que me fazeis. Não sois o pescador da Galiléia? Não sois aquêle que tremeu diante da serva, e que disse: Não conheço êste Jesus de quem falais. E agora anunciais ousadamente a todo povo que êste Jesus que êles levaram à morte, ressuscitou, e vós o provais com um milagre? E vos admirais de que me admire?

Esta segunda pregação não é menos eficaz do que a primeira porque, sem contar as mulheres e as crianças, que não deveriam constituir número pequeno, converteram-se cinco mil homens.

Peçamos ao Espírito Santo que nos reúna a êsses primeiros fiéis; que nos converta também, nós, do pecado à penitência, da natureza à graça, do orgulho à humildade, da tibieza ao fervor, da negligência a uma caridade sempre crescente.



OS APÓSTOLOS CITADOS DIANTE DOS MAGISTRADOS

No dia seguinte, os príncipes, os senadores e os doutôres da lei reuniram-se em Jerusalém, com Anás, o sumo sacerdote, Caifás, João, Alexandre, e todos os que eram da linhagem sacerdotal. E mandando vir à sua presença os dois apóstolos, interrogaram-nos: Com que poder e em nome de quem fizestes isto? Então Pedro respondeu: Príncipes do povo e senadores de Israel, escutai: desde que hoje nos perguntam a razão do bem que fizemos a êste homem impotente, e querem saber de que maneira foi curado, sabei, vós todos, bem como o povo de Israel, que foi em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que vós crucificastes, e que Deus ressuscitou dos mortos; sim, foi nesse nome que êste homem foi curado diante de vós. Êle é a pedra rejeitada por vós, arquitetos, que foi feita a pedra angular. Não há salvação em outra; porque nenhum outro nome sob o céu foi dado aos homens, pelo qual deveríamos ser salvos. Ó Pedro, fazeis-me andar de prodígio em prodígio. Havia alguns dias que tremíeis diante das criadas, até renegar por três vêzes ao vosso mestre. E eis que anunciais ousadamente a ressurreição, não sòmente

diante do povo, mas ainda diante dos príncipes do povo. Verdadeiramente o braço de Deus está presente.

Que fazem os magistrados? Mataram o mestre; sem dúvida, não pouparão os discípulos. Estão admirados da ousadia de Pedro e João. Que faremos dêstes homens, perguntam entre si? Não podemos negar o milagre. Que fareis vós? Crêde, convertei-vos com a multidão. Mas não: São demasiadamente soberbos. Proíbem aos apóstolos, com ameaças, falar a quem quer que seja em nome de Jesus; mas Pedro e João lhes responderam: Julgai vós mesmos se é justo diante de Deus obedecer-vos mais do que a Deus; porque, quanto a nós, não podemos deixar de dizer as coisas que vimos e ouvimos. Não podemos, *non possumus,* e os que falam com esta santa segurança são os mesmos homens que empreenderam a fuga quando o mestre foi prêso, tanto o Espírito Santo modificou êstes débeis caniços em tôrres inquebrantáveis.

Voltando ao meio dos fiéis, os apóstolos levantaram com êles a voz e disseram: Senhor, vós que fizestes o céu e a terra, o mar e tudo o que êle contém, que dissestes pelo Espírito Santo, falando pela bôca de Davi, vosso servo: por que as nações tremeram e os povos meditaram coisas vãs. Os reis da terra se levantaram, e os príncipes uniram-se contra o Senhor e seu Cristo. *Adstiterunt reges terrae et principes convenerunt in unum; adversus Dominum et adversus Christum eius.* De fato, Herodes e Pôncio Pilatos, com os gentios e povos de Israel, uniram-se na mesma cidade contra o vosso santo Filho

Jesus, para fazer tudo o que o vosso conselho havia decretado dever ser feito. Agora, pois, Senhor, considerai as suas ameaças e dai a vossos servos a fôrça de anunciar vossa palavra com uma inteira liberdade. E quando tinham orado, o lugar onde estavam reunidos, tremeu: e todos se encheram do Espírito Santo, e anunciavam a palavra de Deus com segurança. Espírito divino, quando formos submetidos a provas semelhantes, dai-nos uma coragem semelhante.



UNIÃO DOS PRIMEIROS FIÉIS

A Igreja nascente já crescera notàvelmente, tendo Pedro convertido três mil homens na primeira pregação, e cinco mil na segunda, sem incluir as mulheres e crianças. Por outro lado, é de crer que os outros apóstolos e os principais discípulos não tenham permanecido ociosos, mas tenham trabalhado com ardor e êxito semelhantes em aumentar o número dos fiéis. Entretanto, essa grande multidão tinha sòmente um coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que lhe pertencia, mas tôdas as coisas eram comuns. Não havia pobres entre êles, porque todos os que possuíam campos e casas, os vendiam, e colocavam o preço aos pés dos apóstolos, e era distribuído a cada qual, segundo as suas necessidades.

Eis o modêlo perfeito de uma congregação, de uma comunidade religiosa. A multidão não tem senão um coração e uma só alma. Como o Espírito Santo é o amor, o laço mútuo do Pai e do Filho, que os une na mesma substância, na mesma vontade, na mesma divindade, da mesma maneira une os fiéis entre si, para formar de todos os corações um só coração, e de tôdas as almas uma só alma, que é êle mesmo. Esta maravilhosa união extermina dois vícios, que são as duas pestes do cristianismo em geral, e das congregações religiosas em particular: a inveja e a dureza. A inveja, que se incomoda com os bens dos

outros; a dureza, que é insensível aos seus males. Considerai como êstes novos convertidos desprezam os bens do mundo: logo após serem cristãos, não mais querem ser ricos. Vêde com que zêlo vendem os seus bens, e como se apressam em vir à presença dos apóstolos para lançar aos seus pés o dinheiro. Não lho entregam nas mãos, como se se tratasse de um presente honesto, mas lho atiram aos pés, como fardo inútil do qual se despojam. Seu único temor é que houvesse algum pobre que não estivesse socorrido: eis porque põem todos os seus bens em comum.

Nossa congregação parece-se com esta congregação? Nossa comunidade parece-se com esta comunidade? Parecemos-nos nós mesmos com êstes primeiros cristãos? Não estou eu ainda possuído do espírito do mundo, onde se disputa, se instauram processos, se faz a guerra, pelo teu e o meu? Espírito de Deus, fazei que eu tenha com todos os meus irmãos um coração e uma alma, e sêde vós mesmos esta alma e êste coração. Amém.



OS APÓSTOLOS NOVAMENTE ARRASTADOS DIANTE DOS MAGISTRADOS

A multidão de fiéis aumentava sem cessar. Tão grande número de milagres se operavam, que levavam os doentes para as ruas, a fim de que Pedro, ao passar, sua sombra ao menos sôbre êles passasse, e fôssem assim curados de suas enfermidades. Tudo isso excitava a admiração do povo e a inveja dos chefes. O sumo sacerdote Caifás e todos os que, como êle, pertenciam à seita dos saduceus, encheram-se de cólera. Lançaram mão sôbre os apóstolos, e os encerraram na prisão pública. Mas um anjo do Senhor abriu, durante a noite, as portas da prisão; e fazendo-os sair, lhes disse: Ide ao templo e pregai ousadamente ao povo tôdas as palavras da doutrina da vida. Ouvindo isso, entraram no templo ao raiar do dia e ali ensinaram.

O sinédrio, ou senado dos judeus, reuniu-se e enviou à prisão esbirros para trazê-los. Encontraram a prisão fechada com cuidado, mas ninguém dentro. Sabendo que estavam pregando no templo, prenderam-nos, mas sem violência: temiam o povo que estava pronto a tomar pedras e defendê-los. Caifás perguntou-lhes, então: Não havíamos expressamente proibido de ensinar neste nome? E eis que enchestes

Jerusalém com vossa doutrina; e quereis fazer cair sôbre nós o sangue dêste homem. Mas Pedro e os apóstolos disseram: É necessário obedecer a deus de preferência aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, que levastes à morte na cruz. Deus elevou-o Príncipe e Salvador, para dar o arrependimento a Israel e a remissão dos pecados. E somos testemunhas do que dizemos, nós e o Espírito Santo que Deus deu aos que lhe obedecem.

Vê-se aqui o cumprimento do que Jesus Cristo disse aos apóstolos: Perseguir-vos-ão, arrastar-vos-ão perante as assembléias e para as prisões; não vos preocupeis em saber o que ides responder, porque eu mesmo ditarei as palavras e vos darei uma sabedoria à qual os vossos inimigos não poderão resistir, e não poderão contradizer. Com efeito, o sinédrio não soube o que responder; não ousou dizer: mentistes, Jesus não ressuscitou; não ousou negar os milagres operados em seu nome. E, entretanto, eram os chefes e os doutôres da nação. Bem teriam querido levar os apóstolos à morte. Limitaram-se a fazê-los flagelar com varas. Os apóstolos foram cheios de alegria, por terem sido julgados dignos de sofrer um ultraje pelo nome de Jesus. Se, como os apóstolos trabalhamos com zêlo em tornar Deus conhecido e amado, o mundo também nos perseguirá, nos arrastará aos tribunais: peçamos ao Espírito Santo que ponha, então, em nossa bôca o que devemos responder. E se tivermos a honra de sofrer um ultraje pelo nome de Jesus, bendigamos a Deus como os apóstolos.

DO GLORIA PATRI

Digamos com tôda a Igreja, digamos com todos os santos, digamos com todos os anjos: Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo! Glória ao Pai, que nos criou; glória ao Filho, que nos remiu; ao Espírito Santo, que nos santifica. Glória ao Pai, que criou o céu e a terra e os governa com sua admirável providência. Glória ao Padre que criou a nós, que nos deu nosso corpo e nossa alma, e que no-los conserva; que faz luzir todos os dias sôbre nós o sol, e nos dá a vestimenta e alimento. Glória ao Pai, que ordenou aos anjos velassem por nós e nos acompanhassem em todos os caminhos, nos levassem em suas mãos, a fim de que não feríssemos os pés contra as pedras. Glória ao Padre, que é verdadeiramente nosso Pai, pela bondade e misericórdia.

Glória ao Filho que do Pai procede e que é igual a êle em tudo. Glória ao Filho, que se tornou semelhante a nós, para remir-nos do pecado e do inferno. Glória ao Filho que, por amor de nós, tomou a forma de escravo e se tornou obediente até a morte, e a morte na cruz. Glória ao Filho, que nos amou mais do que a vida. Glória ao Filho, que tomou sôbre si as nossas iniqüidades e as expiou com o seu sangue. Glória ao Filho, que entre todos os nomes que estão no céu e sôbre a terra, tomou o nome de

Jesus ou Salvador, a fim de nos fazer ver que vem para nos salvar, e não para nos condenar.

Glória ao Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho e lhes é igual em tôdas as coisas. Glória ao Espírito Santo que nos purifica dos pecados, e nos orna com a sua graça. Glória ao Espírito Santo, que nos inspira os santos pensamentos, as santas afeições, as santas resoluções, com a fôrça de cumpri-las. Glória ao Espírito Santo, que nos ensina a rezar, orando êle mesmo no fundo de nossas almas com gemidos inefáveis. Glória ao Espírito Santo, que, pela caridade que infunde em nossos corações, nos une a Deus e a nossos irmãos, faz que nos tornemos como que uma mesma coisa com Deus e nossos irmãos. Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo, três pessoas num só Deus, um só Deus em três pessoas, Trindade adorável, à cuja imagem somos criados, em cujo nome fomos batizados.

Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no início, como é no presente, como será sempre, em todos os séculos dos séculos, Amém.



FOMOS CRIADOS PELA SANTÍSSIMA TRINDADE E À SUA IMAGEM

Esta Trindade incriada, soberana, tôda poderosa, incompreensível, para dar-nos algumas idéias de sua perfeição infinita, fêz uma Trindade criada na terra. Se quisermos saber como é, não olhemos o céu, a terra, os astros, os elementos, nem tôda esta diversidade que nos circunda; entremos em nós mesmos, e a veremos: é nossa alma, nossa inteligência, nossa razão que é esta Trindade dependente na qual é representada esta Trindade soberana. Também na criação dêste universo, a Trindade não aparece senão quando Deus resolveu criar o homem. Deus não disse: Seja feito o homem; mas tôda a Trindade reunida pronuncia em conselho comum: façamos o homem à nossa imagem e semelhança. As três pessoas divinas se reúnem, por assim dizer, e combinam formar a alma racional; porque cada uma das três pessoas deve, de alguma maneira, contribuir em alguma coisa que tem de peculiar para o cumprimento de tão grande obra. Ó minha alma, considera bem de que és feita e a que imagem.

Como a Trindade augusta tem um manancial e uma fonte de divindade, um tesouro de vida e de inteligência, que chamamos Pai, onde o Filho e o Espírito Santo não cessam jamais de haurir, da

mesma maneira a alma racional tem um tesouro, que a torna fecunda, e que chamamos memória. E do mesmo modo que êsse tesouro infinito, vale dizer, o Padre Eterno, contemplando as suas riquezas, produz seu Verbo, que é sua imagem, assim a alma racional, cheia e enriquecida de belas idéias, produz certa palavra interior que chamamos pensamento, e que é a viva imagem das coisas. Enfim, como na produção desta imagem que nos dá a inteligência, em nós, nos comprazemos em ouvir, amamos por conseguinte, esta inteligência; e assim como êste tesouro que é a memória, e da inteligência que ela produz, nasce uma terceira coisa, que se chama amor, ao qual são subordinadas tôdas as operações da nossa alma. Assim como do Pai, que é o tesouro, e do Filho, que é a razão e a inteligência, procede êste Espírito infinito que é o têrmo da operação de um e outro.

Meu Deus, sou um mistério para mim mesmo. Minha alma é uma; e, entretanto, ali vejo três coisas distintas: uma memória ou poder, uma razão ou inteligência, uma vontade ou amor. A inteligência parece proceder da memória, o amor parece proceder da memória e da inteligência; e estas três coisas não são senão uma só alma. Meu Deus, vós vêdes claramente o que ela é; eu, não consigo senão vislumbrar obscuramente. Não posso compreender a mim mesmo: como poderia eu, pois, compreender a vós? Se há em mim maravilhas que me ultrapassam a compreensão, que dizer de vossas maravilhas? Ó Trindade santa, tornai-me digna de ver-vos um dia; de ver-vos em mim, de me ver em vós, mas sobretudo de ver-vos em vós mesmos.

— — — —

FOMOS REGENERADOS EM NOME DA SANTÍSSIMA TRINDADE E À SUA SEMELHANÇA

Admiremos aqui os profundos conselhos da Providência na maravilhosa revelação dos divinos mistérios. Onde é que o homem é reformado? No santo batismo, que é uma segunda criação, onde a graça de Jesus Cristo nos dá um novo nascimento e nos faz criaturas novas. Quando somos formados primeiramente pela criação, a Trindade ali se descobre por estas palavras: Façamos o homem à nossa semelhança; quando somos regenerados, quando o Espírito Santo nos reforma nas águas sagradas do batismo, tôda a Trindade é chamada. Na criação, Deus nos faz à imagem de sua adorável Trindade, pela natureza da nossa alma; e acrescenta uma semelhança sobrenatural pela graça e pela santidade, semelhança que será perfeita no céu, quando virmos a Deus como é. O pecado nos faz perder esta semelhança divina e até lhe obscurece a imagem. No batismo, a imagem é reparada, a semelhança nos é restituída, em nome, isto é, pela graça e pela glória do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

O mistério da nossa regeneração por e para a santíssima Trindade no batismo é ainda mais admirável do que o da nossa criação. Nossa semelhança,

nossa união com as três pessoas ali se torna mais inefável. O Pai nos adota como filhos, o Filho nos incorpora a êle como seus membros, o Espírito Santo nos habita como seus templos vivos. Meu Deus, quem poderá compreendê-lo? Jesus Cristo nos identifica a êle, como membros de seu corpo, carne de sua carne, osso de seus ossos. Tornados assim uma e mesma coisa com o Filho, o Pai nos ama nêle como seus filhos, como se nos tivéssemos tornado de alguma maneira, seu próprio Filho; o Espírito Santo vem morar em nós, como no seu templo, como nos membros de Jesus Cristo, e torna-se como que o Espírito do nosso espírito, como a alma de nossa alma, como a vida da nossa vida.

Meu Deus, eu me abismo em vós! Eu me abismo perante vós, Trindade adorável! Eu me abismo diante de mim! Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo! Meu Deus, terminai a vossa obra. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, pela graça e pela glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que seja eu para sempre um filho amado do Pai, o membro vivo do Filho, o templo animado do Espírito Santo. Assim seja.

IMAGEM E SEMELHANÇA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA IGREJA

Pai santo, diz Jesus a seu Pai, guardai os que me destes. Quem são os que o Pai deu ao Filho? São os fiéis, que, unidos pelo Espírito de Deus, compõem esta santa sociedade que exprimimos com o nome de Igreja. Guardai-os, diz êle, a fim de que sejam um. São um, diz o Filho de Deus, vale dizer que sua multidão não impede uma unidade perfeita; e, a fim de que não fôsse permitido duvidar de que esta misteriosa unidade que reunia o corpo da Igreja fôsse a imagem desta unidade inefável que associa três pessoas divinas, Jesus Cristo explica-o nestes têrmos: Que sejam um, como nós somos; e pouco após: Como vós, Pai, estais em mim e eu em vós; assim vos peço que sejam um em nós; e ainda: Eu lhes dei, diz êle, a glória que vós me destes, a fim de que sejam como nós. Ó grandeza, ó dignidade da Igreja! Ó santa sociedade dos fiéis, que deve ser tão perfeita e tão acabada, que Jesus Cristo não lhe apresenta outro modêlo de unidade do que a que existe entre o Pai e o Filho, e do Espírito Santo que procede de um e outro!

Que sejam um, diz o Filho de Deus, não como são os anjos, nem como os arcanjos, nem como os

querubins, nem como os serafins, mas que sejam, diz êle, um como nós. Como somos um no mesmo ser, na mesma inteligência, no mesmo amor, assim que sejam um como nós, vale dizer, um no mesmo ser, pela sua nova natividade; um na mesma inteligência, pela doutrina da verdade; um no mesmo amor, pelo laço da caridade. É o que faz a santa Igreja em todos os verdadeiros fiéis. Ela nos engendra todos em seu seio maternal, ela nos engendra todos para a vida de Deus, o Pai; ela une tôdas as nossas inteligências na inteligência de Deus, o Filho, pela crença e pelo conhecimento das verdades que nos ensina por intermédio dela; ela une todos os nossos corações no amor e na caridade do Espírito Santo, que nos comunica por seus sacramentos. Assim como os fiéis são muitos, do mesmo modo o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas; mas como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus, assim todos os fiéis são uma só Igreja.

Meu Deus, conservai-nos sempre nesta unidade santa, não sòmente quanto ao corpo exterior da Igreja, mas sobretudo quanto à sua alma. Fazei que com ela sejamos sempre um em vós pela fé, esperança e caridade; fazei, sobretudo, que nela e com ela sejamos um quando no céu nós vos virmos tal como sois; quando virmos, adorarmos, amarmos, sem fim e sem limites, a Trindade de vossas pessoas na unidade de vossa essência e a unidade de vossa essência na Trindade de vossas pessoas. Amém.

PELA COMUNHÃO O FIEL É UM COM JESUS CRISTO

Santa Igreja, casta espôsa do Salvador; alma cristã, que escolhestes por vosso espôso no batismo, na fé, e com promessas mútuas, vêdes o corpo sagrado de vosso espôso, vêdes sôbre a santa mesa onde acaba de ser consagrado? Não mais está em seu poder, mas no vosso: Tomai, disse êle, a vós pertence: isto é o meu corpo entregue por vós: vós tendes sôbre êle um direito real. Mas também vosso corpo não pertence a vós: Jesus quer possuí-lo. Assim, estareis unidos corpo a corpo; e sereis dois numa só carne.

Quem me come, diz o Salvador, permanece em mim e eu nêle. A união é recíproca. Êle permanece em mim; êle não passa, êle permanece. Ó minha alma, concebes esta união? Como o Pai está no Filho e o Filho no Pai, assim, pela santa comunhão, Jesus está em mim e eu nêle; há entre mim e o Filho a mesma união recíproca que há entre o Filho e o Pai. Pudéssemos acrescentar: O mesmo amor! Como meu Pai é vivo, diz Jesus, e eu vivo para meu Pai, assim aquêle que me come viverá para mim. Ó Jesus, não quero respirar senão o vosso amor, não quero ter outra vida senão a que receber de vós.

Ó minha alma, repitamos com fé e com amor, repitamos sem cessar: Jesus está em mim e eu em Jesus. E como Jesus está no Pai e no Espírito Santo, que o Pai e o Espírito Santo estão em Jesus; estando em Jesus, estou no Pai e no Espírito Santo, o Pai e o Espírito Santo estão em mim. Permaneço na Trindade adorável, a adorável Trindade permanece em mim. Ó minha alma, percamo-nos nestes três oceanos que fazem um só oceano, nestes três oceanos que se unem, sem se confundir; percamo-nos ali de alegria e de amor.



AMOR DE JESUS POR NÓS NA EUCARISTIA

Que poderia fazer o melhor dos amigos deixando os que ama? Que poderia fazer a mais terna das mães, quando abraça, pela última vez, um filho que vai ser exposto a mil perigos de perder o corpo e a alma? Ela quereria multiplicar-se, a fim de poder, ficando em casa com os outros filhos seus, acompanhar por tôda parte o filho, acompanhá-lo de maneira invisível: não sòmente acompanhá-lo, mas penetrar e permanecer em sua alma, dirigir todos os seus pensamentos, todos os seus desejos. Pois bem, eis o que faz Jesus por seus amigos, por seus filhos. Desejei ardentemente, diz êle aos amados discípulos, comer esta páscoa convosco, antes de sofrer. E por que êste ardente desejo? Ia dar-se como pão de vida, como alimento que deve nutrir, como bebida que deve embriagá-los até o fim dos séculos.

Sim, diz São Paulo com os evangelistas, Jesus, na noite em que foi traído, tomou do pão, e, tendo rendido graças, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: Tomai e comei, porque isto é o meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, após ter ceiado, tomou do cálice, benzeu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: Tomai e bebei, isto é o meu sangue do novo testamento, isto é o meu sangue que será derramado por vós.

Tôdas as vêzes que o beberdes, fazei-o em memória de mim. Tal é o testamento de Jesus! Tal é a prova de amor que deixa aos que ama, para que se lembrem dêle. Deu-se aos amigos, para unir-se com êles em união mais íntima.

Um Padre da Igreja disse de si mesmo e de seu amigo, que os dois eram uma só alma em dois corpos. Jesus vai muito além. Vai ao coração dos seus em corpo e alma, a fim de torná-los com êle um mesmo corpo, uma mesma alma, uma mesma vida, um mesmo coração, um mesmo amor, um mesmo êle mesmo. Ó amizade divina! Ó união inefável! Ó prodígio de amor! Não, nem anjos, nem os arcanjos, nem os serafins poderiam tê-lo imaginado de modo diferente, poderiam ter imaginado uma maneira diferente de amar. Sòmente Deus, sòmente Jesus, poderia amar-nos desta maneira.

— — — —

DO MISTÉRIO DA TRANSUBSTANCIAÇÃO

Como o Verbo de Deus se uniu em geral à natureza humana, tomando um corpo e uma alma semelhantes aos nossos, quer também unir-se a cada um de nós em particular, dar-nos sua carne e seu sangue, para mudar-nos nêle, a fim de que, tornando-nos com êle como a mesma coisa, entendamos de seu entendimento, queiramos de sua vontade, vivamos de sua vida, sejamos glorificados de sua glória. As maravilhas do alimento corporal são reproduzidas de maneira muito mais maravilhosa ainda no alimento espiritual. Disse êle no início: produza a terra árvores, e árvores frutíferas; e desde êsse tempo, o trigo e a vinha se alimentam da terra, e o homem se alimenta do fruto da vinha e do trigo. E êste alimento se opera pela transubstanciação. O trigo e a vinha mudam em sua própria substância a substância da terra; o homem muda em sua substância própria a substância do pão e do vinho. Por esta misteriosa mudança a substância da terra, que é no seu estado natural e inerte, insípida, sem côr, toma certa beleza e sabor no vegetal; o pão e o vinho tomam no homem uma vida não sòmente animal, mas racional.

A causa dessa sobrenaturalização progressiva é um princípio mais elevado na planta do que na terra,

mais elevado no animal do que na planta, mais elevado no homem do que no resto. Então é que, por uma transubstanciação análoga, o pão e o vinho são mudados no corpo e no sangue não mais de um simples homem, mas de um Homem-Deus, participam necessàriamente de uma vida tôda divina, tornam-se espírito e vida. E então êste corpo e êste sangue, contendo um princípio infinitamente mais elevado do que o homem, tendo-lhe sido dado por alimento, não devem mudar-se nêle, mas mudar-se nêles, fazê-lo tornar-se o corpo de um Deus, fazê-lo permanecer neste Deus, e êste Deus nêle. É então natural que êste Deus o ressuscite no último dia, não para julgá-lo e condená-lo, mas para a sua glória como sendo membro de seu corpo.

Elevemos nosso espírito e nosso coração. Creiamos, mas sobretudo amemos, e conceberemos alguma coisa dêste mistério. Aquêle que ama apaixonadamente quereria estar sempre com o objeto de seu amor; e se ama dois, quereria estar simultâneamente com um e outro. Quem ama apaixonadamente quereria tornar-se semelhante ao que ama e torná-lo semelhante a si: seu amor não conhece distância, mas compraz-se com a igualdade. Quem ama apaixonadamente quereria estar dentro daquele que ama e o objeto de seu amor dentro dêle; quereria ser aquêle a quem ama e que o objeto de seu amor fôsse êle próprio; quereria ser dois, para se amarem um ao outro, e um, para se amar mais ìntimamente, e não ter senão um mesmo poder, uma mesma inteligência, um mesmo amor, uma mesma vida, uma mesma felicidade. A eucaristia é êste mistério de amor. Sò-

mente, aquêle que ama é Deus, isto é, alguém que ama com um poder, uma inteligência, um amor infinito. Desde então, tudo se concebe, tudo se compreende, mesmo o que há de inconcebível e de incompreensível, porque se concebe, porque se compreende que isso deve ser, porque é Deus que ama.



SACRIFÍCIO DA MISSA

Vejo um altar; vai ser oferecido um sacrifício, o sacrifício dos cristãos; o sacrifício da oblação pura, da qual um profeta predisse que devia ser oferecida desde o sol nascente até o poente. Não é êste sacrifício que devia ser oferecido senão no templo de Jerusalém, é um sacrifício que deve ser oferecido entre os gentios e tôdas as nações da terra. Onde está, pois, o aparato do sacrifício? Onde está o fogo? Onde está a faca? Onde estão as vítimas? Não vejo senão um pão sôbre o altar, um pouco de vinho no cálice. Nada mais é necessário para fazer o sacrifício mais santo, mais augusto, mais rico que se possa imaginar. Mas não haverá carne, não haverá sangue no sacrifício? Haverá carne, mas não a carne dos animais degolados; haverá sangue, mas o sangue de Jesus Cristo; e esta carne e êste sangue serão mìsticamente separados.

E de onde virá esta carne, de onde virá êste sangue? Serão feitos do pão e do vinho: uma palavra que fêz o céu e a terra, uma palavra tôda-poderosa virá, que dêste pão fará a carne do Salvador, e dêste vinho o seu sangue. Esta palavra, pronunciada originalmente pelo Filho de Deus, fêz dêste pão seu corpo, e dêste vinho seu sangue. Mas disse aos apóstolos: fazei isto, e os apóstolos nos ensinaram que deveria ser feito até que êle viesse, até o último juízo.

Assim a mesma palavra repetida pelos ministros de Jesus Cristo terá eternamente o mesmo efeito. O pão e o vinho se mudam; o corpo e o sangue de Jesus Cristo tomam-lhe o lugar. Ó Deus, sôbre o altar está o mesmo corpo, o mesmo sangue, êste corpo dado por nós, êste sangue derramado por nós. Que admirável maravilha! É uma maravilha para nós, mas não motivo de admiração para o Filho de Deus, acostumado a fazer tudo por sua palavra.

Jesus disse: Êste é o meu corpo: êste não mais é pão; eis que êle disse: êste é o meu sangue: não é mais vinho o que está no cálice, eis que o Senhor proferiu; é seu corpo, é seu sangue; estão separados, sim, separados: o corpo de um lado, o sangue de outro: a palavra foi a espada, a faca cortante que fêz esta separação mística. Em virtude da palavra, ali estará o corpo e nada além do sangue; se um se encontra com o outro, é por que são inseparáveis desde que Jesus Cristo ressuscitou, porque desde êsse tempo êle não morre mais. Mas para imprimir sôbre êste Jesus que não morre mais o caráter de morte que verdadeiramente sofreu, a palavra vem e coloca o corpo de um lado e o sangue de outro, e cada qual sob espécies diferentes: ei-lo, pois, revestido do caráter de sua morte, êste Jesus, antigamente vítima pela efusão de seu sangue, e ainda hoje nossa vítima de uma maneira nova, pela separação mística dêste sangue de seu corpo!

O CORDEIRO DIANTE DO TRONO DE DEUS

Os céus se abrem: entro no santuário eterno, e vejo ali, com São João diante do trono, o Cordeiro como morto, rodeado de vinte e quatro anciãos veneráveis. É o que vejo no céu, é o que vejo na terra. Lá Jesus como morto, como assassinado, com as cicatrizes das chagas, no meio dos santos; aqui o mesmo Jesus como morto, e revestido dos sinais sagrados da morte violenta que sofreu, rodeado dos seus sacerdotes.

Que nos diz São Paulo dêsse Jesus considerado no céu? Que se apresenta diante da face de Deus por nós; que intercede por nós com sua presença. E que diremos, a seu exemplo, dêsse Jesus colocado sôbre o santo altar? Que sua presença tão-só, e a representação de sua morte, é uma intercessão contínua pelo gênero humano. Acompanhemos, pois esta ação de santas preces, encarreguemos de nossos votos Jesus Cristo presente. Pedimos por Jesus sòmente: ei-lo presente; peçamos por seu intermédio mais do que nunca.

Cordeiro sem mancha, cordeiro que tirais os pecados do mundo, afastai os olhos de vosso Pai dos meus pecados. Compareço diante de seu trono e

vejo-o envolto em clarões e trovões, horríveis e fulminantes vozes contra mim, contra os meus crimes. Onde me esconderei? Estou perdido, estou fulminado! Mas vejo-vos entre dois, Cordeiro sem mancha! Vós desviais os raios, e o fogo da justiça divina se amortece diante de vós: respiro, espero, vivo. Mas êste Cordeiro doce e pacífico me diz, diante do trono: Vai, e não peques mais. Não perdoa senão com esta condição.



COM QUE DEVOÇÃO DEVEMOS ASSISTIR AO SACRIFÍCIO DA MISSA

Suponde que, no momento em que entrais na igreja, um dos primeiros anjos descesse do céu, se colocasse ao vosso lado, a fim de orar convosco e por vós. Com que fervor e que confiança não juntaríeis as vossas preces às suas? No santo sacrifício da missa, não estamos sós a orar; não sòmente o sacerdote no altar, assim como todos os assistentes, tomam convosco e por nós mas ainda tôda a Igreja do céu e da terra, com a qual estamos unidos no mesmo sacrifício adorável. Ademais, Jesus Cristo une-se a nós, ou melhor, nos une a êle, a fim de adorar Deus seu Pai conosco e por nós, para agradecer-lhe pelos benefícios e pedir-lhe perdão pelos nossos pecados conosco e por nós, pedir-lhe suas graças conosco e por nós. E a fim de que suas preces e as nossas sejam mais agradáveis ao Pai, acrescenta o sacrifício de seu corpo e de seu sangue, renova e continua o sacrifício da cruz. Ó minha alma, jamais pensaste nisto?

Mas os anjos assistem-no conosco? Sem dúvida, em grande número. Rodeiam o altar como o trono do Cordeiro, como o trono de Deus. Confundem-se, abismam-se de admiração, ao ver o amor de Jesus por nós. No momento terrível da consagração, quando o Cordeiro sem mancha se imola pelas mãos

do sacerdote, velam a face de temor, e dizem um ao outro, em santo estremecimento: Santo, Santo, Santo o Senhor Deus dos Exércitos! Os céus e a terra estão cheios de sua glória. Mas quando vêem aproximar-se o feliz momento da comunhão, têm-nos uma santa inveja: Como é bom, exclamam, como é bom o Deus da graça e do amor! Como é bom para com os filhos dos homens! Que digo? Invejam-lhe a honra de servir ao altar; êles, que nos servem com tanto zêlo e afeição, com quanta alegria serviriam ao altar o sacerdote do Senhor, ou melhor, o próprio Senhor!

Ó minha alma, quando assistimos à santa missa, estamos como no céu; estamos no meio dos anjos; estamos diante do altar onde o Cordeiro se imola por nós a Deus, seu Pai. E nós nem nisso pensamos! Pensemos doravante! Assistamos à missa como os bem-aventurados anjos. Unamos nossas preces às preces de Jesus; unamos a oferenda de nosso corpo e de nossa alma ao sacrifício de seu corpo e seu sangue, a fim de que nos tornemos, com êle, uma mesma oblação santa e agradável a Deus.



DA COMUNHÃO INDIGNA

Ó Jesus, preservai-nos, preservai-me de uma comunhão indigna. Sòmente o nome já me faz tremer. Sou um miserável, mas não permitais que me torne um Judas. Êste infeliz havia feito um pacto com os vossos inimigos para vos entregar a êles, e procurava uma oportunidade de trair; e, com esta perversidade no coração, não se pejou de sentar-se à vossa mesa santa, de receber de vossas mãos vosso corpo e vosso sangue. Meu Deus, preservai-nos de semelhante crime. Satanás imediatamente entra no coração de Judas, dêle se apodera inteiramente, leva-o a praticar a infame traição, incita-o, em seguida, ao desespêro. Que funesto fim da primeira comunhão indigna. Jesus, tende piedade de nós! Não permitais que incidamos em semelhante infelicidade! Mesmo se nos acontecer esta terrível desgraça, não permitais que desesperemos de vossa infinita misericórdia!

São Paulo fala sôbre isto de maneira terrível. Após haver lembrado à memória dos fiéis que Jesus Cristo tinha dito que o que dava a comer era o seu corpo, o mesmo que devia ser ferido e rasgado na cruz, e que o cálice que lhe dava a beber era, pelo sangue vertido que continha, o instrumento da aliança e do testamento que o Salvador fazia para a sua salvação, conclui que os que comem êste pão e bebem

o cálice do Senhor indignamente são réus de seu corpo e de seu sangue. E o que é ser réu, senão não sòmente profaná-los, mas ainda lhes fazer um ultraje da mesma espécie que lhe fizeram os judeus, quando dilaceraram um e derramaram outro? E eis por que bebem e comem a sua condenação; porque são semelhantes a êsses pérfidos, que não sabem distinguir entre o corpo de Jesus Cristo e o dos ladrões que haviam crucificado com êle, e não sabem distinguir entre o pão consagrado e o que se atira aos mais vis animais. São Paulo, orai por nós, a fim de que não tenhamos a desgraça de encontrar nosso julgamento e nossa condenação onde devemos encontrar a salvação e a vida.

Ó minha alma, consideremos bem o que isto significa. Já tivemos a desgraça de comungar indignamente? Não desesperemos. Reparemos o crime com humildade e sincera confissão. Mas talvez tenhamos feito muitas comunhões tíbias ou frias. Reparemo-las com comunhões dia a dia mais fervorosas. Façamos, doravante, cada uma de nossas comunhões como se fôsse a última.



DOMINE, NON SUM DIGNUS

Senhor, não sou digno de que entreis em mim; mas dizei uma só palavra, e minha alma será salva. De quem são estas belas palavras? De um soldado, de um centurião, ou capitão de cem homens. Tinha o servo doente: pediu aos senadores judeus que solicitassem a cura a Jesus. E Jesus lhe disse: Irei e curá-lo-ei. Mas quando se aproximava de sua casa, o centurião enviou os amigos diante dêle, e os seguiu para dizer: Senhor, não vos incomodeis, porque não sou digno de que entreis em minha casa. Também não fui julgado digno de vos ir encontrar pessoalmente; mas dizei uma só palavra e meu servo será curado. Jesus admirou tais palavras e disse ao povo que o seguia: Na verdade, eu vo-lo digo, não encontrei tamanha fé em Israel.

Meu Jesus, já que estas palavras vos agradam tanto, vou repetir-vos de todo meu coração. Senhor, não sou digno de que entreis em minha alma, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva. Sim, Senhor, eu vo-lo digo sinceramente, não sou digno. Na verdade, mediante vossa santa graça, fiz o que pude para me preparar para a vossa recepção. Mas o que é isto tudo em comparação ao que mereceis? Vós sois tão grande, eu tão pequeno; vós sois tão santo, e eu tão pecador! Mas, Jesus, dizei uma pequena palavra, e minha alma será salva; ela será

salva, e por que? Para não vos receber! Não, por favor; mas para vos receber mais depressa, mais freqüentemente, mais ardentemente. Não vos enganeis, meu bom Jesus; sou cego, sim, mas se vos pedir a vista, é para vos ver; se vos pedir o ouvido, é para ouvir-vos; se vos pedir a faculdade de andar e de correr como um cervo, é para ir a vós; se vos pedir a saúde, é que minha saúde sois vós. Sim, vós, e vós sòmente Jesus, que sois minha salvação, minha saúde, minha vida, minha alegria, minha felicidade. É por isso que venho a vós, e vós vindes a mim. Ó Jesus, estejamos sempre juntos!

Que o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo güarde minha alma para a vida eterna. Sim, ó Jesus, vinde a mim, guardai minha alma na vossa graça e no vosso amor, guardai minha alma, não um dia ou dois, mas sempre, até a vida eterna.

Colocai sôbre minha alma uma como que tampa que nada possa romper, a fim de que meu coração seja sempre vosso sòmente.



FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Ó meu coração, ó minha alma, rejubilai-vos! Esta é a festa do coração, a festa do coração de Jesus, dêste coração que ama a Deus e que nos ama, mas que ama a Deus como Deus é digno, que nos ama como não somos dignos. Coração cheio de doçura, de graça, de humildade, de misericórdia, de amor; coração que é a própria doçura, a própria humildade, a própria graça, a própria misericórdia, o próprio amor. Oh, rejubilemos! Êste coração não está fechado para nós: uma lança o abriu e o abriu para sempre, e o abriu para nós todos. Oh, se eu tivesse sido esta bem-aventurada lança, não teria saído, teria ficado no interior, ali fixado minha residência, feito ali o meu paraíso!

Bom Jesus, vós tendes um coração e me amais; eu também tenho um coração, e vos amo; mas o meu coração está cheio de misérias, e o vosso cheio de misericórdia; meu coração é frio em amar, e o vosso é o próprio amor. Entretanto, quereria amar-vos como me amais vós. Como fazer? Façamos uma troca: eu vos dou o meu coração: tomai-o, não mo restituais mais; em troca, dar-me-eis o vosso, sim o vosso coração, a fim de que eu doravante vos ame, não sòmente de todo o meu coração, o que é sempre pouco, mas de todo o vosso coração, mas de tôda a

vossa alma, mas de tôdas as vossas fôrças. Ó Jesus, uni-vos comigo na oração: Amém! Assim seja.

Bom Jesus, estou hoje convosco, como Pedro sôbre o Tabor. Quase não sei o que digo, mas sinto-me tão bem convosco, que para ali ficar sempre, quero levantar três moradas: uma nas santas chagas de vossos pés, para chorar minhas faltas; outra nas santas chagas das vossas mãos, a fim de ser defendido contra todos os meus inimigos; mas a terceira, minha bem-amada morada, será no vosso lado aberto, será no vosso coração, será aprender a amar-vos. É ali que quero trabalhar e repousar, vigiar e dormir; é ali que quero estudar, ler, escrever, lecionar; é ali que quero viver e morrer. Ó meu Jesus, dizei ainda uma vez: Amém! Assim seja.

— — — —

A COMUNHÃO FREQÜENTE

Escutemos um santo que viveu não faz muito tempo, e que falou a mesma língua que nós: escutemos o santo bispo de Genebra, Francisco de Sales. Se os mundanos vos perguntam por que comungais tão freqüentemente, dizei-lhes que duas espécies de pessoas devem comungar freqüentemente: os perfeitos, porque fariam mal em não se aproximar da fonte e manancial da perfeição; os fortes, para não se tornarem fracos, e os fracos, a fim de se tornarem fortes; os doentes, a fim de serem curados, e os sãos, para que não caiam enfermos; e que vós como imperfeito, fraco e doente, tendes necessidade de comungar freqüentemente com vossa perfeição, vossa fôrça e vosso médico. Dizei-lhes que os que não se ocupam muito dos negócios mundanos devem comungar freqüentemente porque têm a comodidade, e quem trabalha muito deve também comer alimentos sólidos e freqüentemente. Dizei-lhes que recebeis o santo sacramento para aprender a recebê-lo bem, porque não fazemos bem uma ação na qual não nos exercitamos freqüentemente. Comungai, pois, freqüentemente e o mais freqüentemente que puderdes, com o conselho de vosso pai espiritual.

O mesmo santo dá para isto as seguintes regras: Para comungar de oito em oito dias é necessário não ter pecado mortal nem qualquer afeição ao pe-

cado venial, e ter um grande desejo de comungar; mas para comungar todos os dias, é mister além disso, ter vencido a maior parte das más inclinações e não o fazer senão com o conselho do pai espiritual. Assim, para comungar uma vez por semana, é necessário estar não sòmente em estado de graça, mas ainda não mais conservar a vontade de cometer voluntàriamente qualquer pecado venial; enfim, é mister ter um grande desejo de comungar, porque, como o alimento corporal não aproveita a quem não tem fome, assim êsse alimento celeste não aproveita senão na medida do desejo de recebê-lo. Mas para comungar mais freqüentemente, e sobretudo cada dia, é mister não sòmente estar em estado de graça e resolvido a não cometer voluntàriamente qualquer pecado venial, mas ainda ter dominado a maior parte das más inclinações de seu caráter. Estas disposições, mais perfeitas do que as primeiras, são também mais raras, talvez menos, entretanto, do que se pensa. A boa vontade auxiliada pela graça torna isso fàcilmente possível.

Divino Salvador, cada dia vos ofereceis a nós, quereis ser nosso pão cotidiano; possa eu receber-vos cada dia! Aumentai em nós a fé, a esperança e a caridade; aumentai em nós o horror a todo pecado, o desprendimento de tôdas as coisas terrestres; aumentai em nós a fome e sêde de vossa santa eucaristia. Vinde em nós para nos ajudar a receber-vos mais devotamente e mais freqüentemente.



O MANÁ DO DESERTO, FIGURA DA EUCARISTIA

Ao sair do Egito, o povo de Israel viajou durante quarenta anos num deserto imenso e árido, onde não havia cidade, nem árvore, nem fonte; atravessou-o sempre rodeado de inimigos e obrigado a andar em ordem de batalha, e chegou à terra prometida através de mil obstáculos. Que os alimentou neste horrendo deserto? Que os sustentou em meio a tantos combates? O pão dos anjos, o maná do céu, que o Senhor fazia cair à sua passagem. Êste mundo, esta vida é um deserto para o cristão: é mister que o atravesse para chegar à terra prometida do céu. Que o sustentará? O maná verdadeiro, o verdadeiro pão do céu, aquêle que disse: Eu sou o pão da vida; vossos pais comeram o maná do deserto e morreram. Mas eis o pão descido do céu, para que todo aquêle que o comer, não morra, mas viva eternamente. Na verdade, se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes do seu sangue, não tereis a vida em vós.

O Senhor fazia descer o maná à passagem de Israel seis dias da semana: cada manhã os israelitas iam recolhê-lo antes da aurora. E no sexto dia Deus queria que recolhessem em dôbro, a fim de que não ficassem nenhum dia sem fortificar-se com o pão celeste. Assim, todos os dias Jesus Cristo desce

sôbre todos os altares do universo, e fica presente dia e noite sob as espécies de pão. Por que? Para nos mostrar que é nosso pão cotidiano, o alimento diário de nossas almas. É êsse pão da alma que êle nos ensina a lhe pedir todos os dias na Oração Dominical, bem mais do que o alimento do corpo. Também os primeiros cristãos comungavam geralmente todos os dias, e a Igreja deseja que os possamos imitar.

O maná devia recolher-se antes da aurora e antes do levantar do sol, para nos fazer saber que, se queremos ùtilmente recolher em nossos corações o maná verdadeiro, devemos comportar-nos, não com negligência, mas com fervor sempre novo. O maná era um alimento delicioso por êle mesmo. Mas o que nêle havia de mais admirável, é que para uns, os que aspiravam sòmente à terra prometida, tomava todos os gostos que podiam ser desejados; enquanto, aos outros, parecia insípido. Da mesma maneira, para as almas fervorosas, que não aspiram senão ao céu, a santa comunhão encerra delícias inefáveis; enquanto para as almas tíbias, divididas entre Deus e o mundo, ela parece sem gôsto.



ÍNDICE

JUNHO

17.º dia de junho

18.º dia de junho

19.º dia de junho

20.º dia de junho

21.º dia de junho

22.º dia de junho

23.º dia de junho

24.º dia de junho

25.º dia de junho

26.º dia de junho

27.º dia de junho

28.º dia de junho

29.º dia de junho

30.º dia de junho

FESTAS MÓVEIS

Rogações e Ascensão, Pentecostes, Trindade, Corpo de Deus, Festa do Sagrado Coração